



**UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**

**SECÇÃO AUTÓNOMA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

**PERCURSOS ESCOLARES E PROFISSIONAIS E TOXICODEPENDÊNCIA  
(Contributo para a compreensão do processo de produção pessoal em jovens adultos  
toxicodependentes)**

*Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre  
em Ciências da Educação, pela Universidade Nova de  
Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia, orientada  
conjuntamente pelo dr. António Jorge Andrade e pela Prof.  
Dra. Teresa Ambrósio,*

**Maria Isabel Prata Duarte**

**Monte da Caparica, 1995**



## RESUMO

Nesta investigação partimos da ideia, gerada na nossa experiência profissional, de que muitos jovens adultos actualmente toxicodependentes manifestaram, ao longo da sua vida, capacidades potenciais de realização pessoal e profissional que depois não desenvolveram, nem utilizaram para a criação do seu projecto de vida.

O nosso objectivo é procurar compreender porque é que, no processo da sua construção pessoal, estes indivíduos não puderam organizar-se no sentido de utilizar essas capacidades em prol de uma realização pessoal e profissional e, pelo contrário, se organizaram de uma forma defensiva mas, simultâneamente, destrutiva.

Para isso, partimos de uma conceptualização do indivíduo como um sistema aberto, com capacidades auto-organizativas, desenvolvendo-se numa relação de influência recíproca com o meio ambiente, determinado mas também determinante de si próprio e das suas circunstâncias. Utilizando uma metodologia autobiográfica, em que recolhemos e analisámos a narração dos percursos escolares e profissionais de dois sujeitos toxicodependentes, procurámos apreender o processo dinâmico de formação da pessoa e o significado que nele toma o consumo de drogas.

Não pretendendo tirar conclusões gerais em termos de evolução característica dos toxicodependentes, a análise das narrações autobiográficas permitiu clarificar a relação do indivíduo com as suas capacidades pessoais e com as instâncias educativas/formativas. Nos percursos escolares e profissionais dos nossos sujeitos apareceram como centrais as questões das escolhas vocacionais e profissionais, da procura da autonomia e do reconhecimento, quer pelo próprio, quer pelos outros, das capacidades pessoais. O consumo de drogas, no percurso de vida, teve um significado de elemento construtor da identidade adolescente, singularizante, perdendo esse valor à medida que novas exigências do desenvolvimento se foram apresentando.

Situamos esta abordagem no interface entre a educação, no sentido lato de processo de formação da pessoa, e a psicologia clínica enquanto disciplina que procura a singularidade de cada construção individual. Pensamos que ela pode contribuir para a criação de modalidades de intervenção inovadoras, tanto a nível da educação escolar e da formação profissional dos jovens, como na reinserção social de ex-toxicodependentes.

## **ABSTRACT**

The objective of this study is to understand why some drug abusers, that showed, during the course of their lives, potential capacitys for personal and professional achievement, were not able to develop these capacitys, or to use them to create a personal life projet and, on the contrary, organized themselves in a defensive way wich is, at the same time, destructive.

To reach this objective our research was focused on the school and professional history of two subjects, to apprehend the processes of personal formation, the relationship they set up with their capacitys and with the formative environment.

The results of the analysis of the two life-history suggest that in the school and professional history of our subjects some questions were central, namely vocational and professional choice, the quest for autonomy and the quest for recognition, by the subject and by the others of the subject capacitys. Abusing drugs seems to have a positive meaning in the process of identity formation, at the begining, a way of getting singularity, loosing this meaning when the development demands were changing in a more adult way.

Nós é que não estamos prontos.

Os objectos da nossa felicidade existem há dias, anos, talvez séculos; esperam que a luz se faça em nossos olhos para os vermos, e que o vigor chegue aos nossos braços para os agarrarmos. Eles esperam e espantam-se de há tanto ali estarem inúteis.

Marguerite Yourcenar in *O Tempo Esse Grande Escultor*



## ÍNDICE

### **Introdução Geral**

1. As Razões de uma Escolha	8
2. Objectivos do Trabalho e Problemática	10

### **Parte I. Aspectos Teóricos e Conceptuais**

#### **Capítulo 1**

##### **O Processo de Construção da Pessoa**

Introdução	14
1.1. O Desenvolvimento do Indivíduo	15
1.2 . Dependência e Autonomia no Desenvolvimento	19
1.2.1.O Processo de Separação-Individuação segundo M. Mahler	20
1.2.2. A Separação-Individuação na Adolescência	21
1.2.3. Dependência e Autonomia na Idade Adulta	23
1.3. O Processo de Construção da Identidade	23
1.3.1. Identidade, Exploração e Investimento	27
1.4. Motivação e Comportamento - Perspectiva de Nuttin	29
1.5. Uma Concepção Sistémica da Pessoa	31
1.6. A Escola, Sistema Ecológico do Desenvolvimento	32
Conclusão	35

#### **Capítulo 2**

##### **Perspectivas Sobre a Toxicodependência**

Introdução	37
2.1. História Recente das Drogas	38
2.2. Modelos de Abordagem do Fenómeno Droga	40
2.3. Definição de Toxicodependência da O.M.S.	41
2.4. Estudos Sobre a Personalidade	42
2.5. Abordagem Comportamental e da Aprendizagem	49
2.6. Estudos Sobre a Família	50
2.7. Estudos Sobre os Grupos de Pares	53
2.8. Droga e Escola	55
2.9. Contributo da Antropologia	56

2.10. Sociologia da Desviância: Trabalhos de Becker	58
2.11. As Subculturas das Drogas	60
Conclusão	62

## **Parte II - Percursos Escolares e Profissionais e Toxicodependência**

### **Capítulo 3**

#### **Problemática e Metodologia**

Introdução	65
3.1 Problemática	65
3.2. Metodologia	67
3.2.1. Utilizações da Abordagem Autobiográfica	68
3.2.2. Questões Sobre a Utilização da Abordagem Autobiográfica na Investigação	72
3.2.3. Escolha dos Sujeitos	77
3.2.4. Recolha das Autobiografias	79
3.2.5. As Categorias de Análise	81
Conclusão	85

### **Capítulo 4**

#### **Análise dos dados**

4.1. Caracterização do Contexto Social dos Sujeitos	86
4.2. Análise da Narração de Lúcio	88
4.2.1. Organização da Narração	88
4.2.2. Os Períodos da Vida	89
4.2.3. Acontecimentos	94
4.2.4. Percurso Escolar	96
4.2.5. Percurso Profissional	100
4.2.6. Pessoas Significativas Referidas por Lúcio	105
4.3. Análise da Narração do Manuel	109
4.3.1. Organização da Narração	109
4.3.2. Os Períodos da Vida	110
4.3.3. Acontecimentos	117

4.3.4. Percurso Escolar	120
4.3.5. Percurso Profissional	125
4.3.6. Pessoas Significativas Referidas por Manuel	130
 <b>Capítulo 5</b>	
<b>Conclusões</b>	
5.1. Conclusões da Análise da Narração do Lúcio	133
5.2. Conclusões da Análise da Narração do Manuel	137
5.3. Limitações do Estudo	143
5.4. Implicações para a Investigação e para a Intervenção	144
5.5. Notas Finais	145
 <b>Agradecimentos</b>	148
 <b>Bibliografia</b>	149
 <b>Índice de Autores</b>	159
 <b>Índice Temático</b>	162
 <b>Anexos</b>	166

## ÍNDICE DE QUADROS

1. Acções e Acontecimentos na Autobiografia de Lúcio	91
2. Resumo do Percurso Escolar de Lúcio	95
3. Resumo do Percurso Profissional de Lúcio	99
4. Transacções (Lúcio)	
5. Acções e Acontecimentos na Autobiografia de Manuel	114
6. Resumo do Percurso Escolar de Manuel	119
7. Resumo do Percurso Profissional de Manuel	124
8. Transacções (Manuel)	127

## INTRODUÇÃO GERAL

## **INTRODUÇÃO GERAL**

### **1. As Razões de Uma Escolha**

As razões que nos levaram a escolher como tema da nossa dissertação de Mestrado os percursos escolares e profissionais de toxicodependentes, integrados no seu trajecto global de vida, estão ligadas ao nosso próprio trajecto profissional. Tendo terminado a licenciatura em Psicologia em 1984, começámos nessa altura a trabalhar na área da toxicodependência, no Centro de Estudos e Profilaxia da Droga - Direcção Regional Sul, numa equipa de prevenção secundária, colaborando ocasionalmente na prevenção primária. Entretanto iniciámos também actividade na formação, o que nos permitiu manter o contacto com dois tipos de juventude da mesma geração, "os que se drogam" (ou drogaram) e "os que não se drogam", procurando que a actividade clínica e formativa se fossem interligando na criação da nossa perspectiva pessoal da prática profissional.

No início da segunda metade dos anos 80, o consumo de droga ainda não tinha alcançado o carácter epidémico que tem actualmente. A população que nos procurava era sobretudo de consumidores de haxixe, ou jovens iniciados recentemente na heroína. Foi só no final da década de 80 que a toxicodependência de heroína chegou aos centros de tratamento e tornou muito mais difícil a nossa tarefa.

No final de 1987 passámos a trabalhar na equipa da Comunidade Terapêutica da mesma instituição, onde nos preocupámos em procurar formas de intervenção eficazes e que permitissem intervir a nível da globalidade do indivíduo. Foi na Comunidade Terapêutica, onde os jovens passam um período longo, de pelo menos um ano, que se foi tornando mais claro o processo evolutivo que constrói a toxicodependência e até que ponto ele se realiza num contexto de vida que não difere muito do dos outros jovens da mesma geração.

Entretanto, a avaliação dos insucessos do tratamento despertaram-nos para uma questão que nunca tínhamos pensado. Nas nossas preocupações com a reinserção social, na fase final da estadia na Comunidade Terapêutica, tínhamos preocupações

relativas ao emprego e à sua qualidade satisfatória. Ora a verdade é que muitas das recaídas não se davam em momentos de desemprego, pelo contrário, aconteciam em momentos em que aparentemente a vida dos ex-toxicodependentes estava equilibrada, desse ponto de vista, para quem olhasse do exterior. Não se tratava de jovens que se revelassem incompetentes ou muito irregulares no seu trabalho. Pelo contrário, muitos deles eram extremamente competentes e reconhecidos como tal pelos empregadores. Ao procurar compreender este fenómeno, apercebemo-nos que a cultura psicológica da Comunidade Terapêutica se tinha ocupado muito pouco das capacidades de realização profissional dos seus clientes. No entanto elas existiam, tinham-se revelado em momentos do seu percurso de vida. Os próprios jovens se ocupavam muito pouco delas, era possível chegarem ao fim da estadia sem terem falado do seu percurso escolar ou profissional, sem terem pensado nas áreas para que se tinham sentido vocacionados durante a sua formação, quais eram as suas aptidões especiais. Esta desvalorização dos aspectos produtivos do indivíduo, que como sabemos são uma importante dimensão da identidade psicosocial, parece-nos ter como consequência enormes dificuldades na reinserção social, porque a actividade profissional e/ou a continuação da formação escolar não são integrados como uma parte fundamental do desenvolvimento pessoal, são muitas vezes considerados apenas como uma exigência desagradável da condição adulta.

Os trabalhos feitos nesta área têm tido um carácter essencialmente epidemiológico, procurando dar conta da dimensão do fenómeno da toxicodependência em meio escolar e meio laboral e reunir dados para a elaboração de programas de prevenção primária. São estudos em extensão. Pareceu-nos então importante realizar um estudo em profundidade, que contribuisse para a compreensão dos processos de produção pessoal nos indivíduos que se tornam toxicodependentes. Investigar o que se passou, na relação com as instituições educativas e com o mundo profissional, no percurso de vida dos indivíduos actualmente toxicodependentes, pode dar conta da forma como eles se relacionaram com as suas capacidades de realização pessoal e profissional. Interessa-nos perceber porque não foram capazes de as usar para elaborar um projecto de vida satisfatório para eles próprios e de que forma interagiu esta dificuldade com o processo de construção da identidade e da autonomia.

É um trabalho que queremos continuar, porque nos parece poder ser o ponto de partida para formas de conhecimento e intervenção inovadoras. Pretende situar-se no interface entre a educação e a psicologia clínica, entendidas a primeira no sentido

lato de desenvolvimento e formação da pessoa, e a segunda, como disciplina que procura compreender a singularidade da construção pessoal.

A maior parte dos profissionais que trabalham com toxicodependentes já tomaram consciência que o emprego ou a formação profissional, por si só, não resolvem os problemas que se colocam na reinserção social e que estão directamente ligados à alta taxa de recaídas. Defendemos convictamente a ideia de que da formação destes jovens tem de fazer parte a criação de uma perspectiva diferente sobre o seu percurso formativo, de "religamento" com as suas potencialidades, de forma a que a escola ou o trabalho se integrem num projecto de vida de que possam ser os sujeitos.

## **2. Objectivos do Trabalho e Problemática**

Se experimentar drogas ilícitas é um comportamento generalizado na nossa sociedade, abusar do consumo ou ser toxicodependente diz respeito apenas a uma parte relativamente pequena da população. Pensamos que o fenómeno tem tomado socialmente uma grande importância porque se observa em camadas jovens da população, aqueles de que uma sociedade precisa para ter futuro. Mas também porque a droga congrega fantasmas pessoais e sociais ligados às questões da liberdade e da dependência, do bem e do mal, da normalidade e da diferença. Ela pode ser um bode expiatório óptimo para imensos mal-estares pessoais e sociais, desresponsabilizante dos sujeitos e dos grupos, facilitadora do não questionamento dos modos de vida que estamos a construir para nós próprios.

Pretendemos, com este nosso trabalho, dar mais um contributo para relativizar a droga e para a integrar no percurso evolutivo de cada indivíduo que, a partir de determinada altura se torna toxicodependente. Amaral Dias escreveu que os toxicodependentes são pura e simplesmente "jovens pior armados para fazer face, sob o plano pessoal, familiar e social, às realidades, às dificuldades e às solicitações que constituem o quotidiano dos seus contemporâneos (Dias, 1980, p.206). Nós acreditamos que muitas vezes para além de ser uma questão de ter ou não piores armas, é também uma questão de reconhecer como armas aquilo que se tem e aprender a usá-las livremente, por si próprio.

**Porque é que muitos dos toxicodependentes não puderam fazer este reconhecimento, limitando-se a si próprios de uma forma repetitiva e**



**realizando um trajecto de vida que se tornou auto-destrutivo, é o que procuraremos compreender através da realização deste trabalho.**

Para o realizar partimos de uma conceptualização do indivíduo como activo, um sistema aberto com capacidades auto-organizativas, alargando e organizando simultâneamente o seu meio de vida. Nesta concepção o desenvolvimento ocorre sobretudo no sentido integrativo, de aumento da neguentropia e diminuição da entropia do sistema, quer dizer, no sentido de alcançar uma capacidade crescente de ser uma pessoa diferenciada, autónoma, suficientemente organizada para se poder manter aberto na relação com o mundo físico e social, realizando trocas sem pôr em risco a sua organização singular.

Quando na relação neguentropia-entropia os processos desintegrativos predominam há um risco de desorganização do sistema. Ele fica empobrecido, as suas acções são muito mais previsíveis e a tendência para a repetição representa uma tentativa de manter a organização ameaçada contra a entropia crescente. Pela repetição das acções evita-se a evolução no sentido da abstracção, mas também a desorganização total (Lerbet, 1981).

Utilizando esta perspectiva, pensamos que a toxicodependência pode tomar um sentido de dificuldade, de regulação da relação entropia-neguentropia. Formulamos a hipótese de que o toxicodependente não foi capaz de utilizar os processos integrativos de interiorização e descentração para lidar com experiências intensas na sua vida, potencialmente desorganizantes.

A toxicodependência surge assim como uma medida defensiva do sistema-pessoa, mas com uma característica paradoxal fundamental: é que esta medida de defesa é origem de entropia, pela repetição estabiliza o sistema mas, simultâneamente, contribui para a sua destruição, a prazo.

Esta situação torna-se ainda mais paradoxal quando temos constatado, pela nossa experiência, que muitos indivíduos, actualmente toxicodependentes, manifestaram, ao longo do seu percurso de vida, capacidades potenciais de realização pessoal e profissional que depois não desenvolveram, nem utilizaram para a criação dos seus projectos de vida.

Ora nas primeiras três décadas de vida as aprendizagens escolares e a iniciação à vida profissional têm um lugar fundamental na construção da pessoa, pois permitem encontrar vias de realização das capacidades pessoais, socialmente reconhecidas e narcisicamente satisfatórias. As produções desta natureza dão ao indivíduo simultaneamente um sentimento de autonomia (ser capaz de fazer por si próprio) e de pertença ao mundo dos seus semelhantes, pois encontra um papel a desempenhar no meio deles. Desde a idade escolar, o sentimento de ser capaz de produzir alguma coisa socialmente reconhecida, que participe do modo de realização adulto constitui-se como elemento construtor da autonomia e da identidade (Erikson, 1968).

Considerando a necessidade de realização pessoal, uma necessidade básica (Nuttin, 1985) e a educação/formação, a "função neguentrópica da evolução humana" (Pineau, 1986, p.125), confrontados com indivíduos que pareciam ter capacidades potenciais de realização, ainda activas em determinados períodos, organizando-se da forma defensiva que referimos atrás, focalizamos a nossa investigação no processo de construção pessoal nos percursos escolares e profissionais, sem no entanto os desligar da globalidade do percurso de vida, onde forças igualmente formativas actuam.

Estas considerações conduziram-nos à seguinte **questão de partida**:

**1. Porque é que os indivíduos toxicodependentes não puderam organizar-se no sentido de utilizar capacidades, que parecem ter tido em determinados momentos da vida, em prol de uma realização pessoal e profissional e, pelo contrário se organizaram de uma forma defensiva mas, simultaneamente, destrutiva?**

Complementares a esta, formulámos outras questões:

**2. Como se realizou a evolução para a toxicodependência, para além do concreto do aumento dos consumos?**

**3. Qual é o sentido da toxicodependência no equilíbrio da pessoa? Que lugar é que ela ocupou?**

**4. Terá havido acontecimentos importantes na vida do indivíduo que provocaram desequilíbrios muito intensos ou rupturas no processo de formação da pessoa?**

**5. Como regulou o indivíduo, no seu percurso escolar e profissional, o equilíbrio entre os processos de dependência e autonomia?**

Para encontrar possibilidades de resposta consideramos necessário abordar os processos gerais do desenvolvimento do indivíduo, sobretudo aqueles que o conduzem à construção de motivações pessoais e à possibilidade de realização da autonomia, e enquadrar no movimento evolutivo da infância, da adolescência e do início da idade adulta, percursos de vida singulares que realizaram, ou não, as potencialidades do indivíduo.

Assim, numa primeira parte deste estudo propusemo-nos abordar:

1. O desenvolvimento do indivíduo, procurando chegar ao sujeito, aquele que tem um papel fundamental no seu próprio desenvolvimento, determinado pelas contingências externas mas também determinante de si próprio em larga medida.
2. As diferentes perspectivas sobre a toxicodependência, que procuram a compreensão do fenómeno nas dimensões da personalidade do indivíduo e no seu contexto social próximo bem como aquelas que procuram integrar uma perspectiva social e cultural, procurando assim evidenciar a transdisciplinaridade que caracteriza cada vez mais os estudos sobre a toxicodependência e a importância da compreensão dos processos de construção.

Numa segunda parte, analisando as autobiografias educativas e profissionais de dois ex-toxicodependentes, a partir das suas acções, das transacções que estabeleceram com as pessoas próximas e dos acontecimentos da sua vida, procuramos evidenciar a relação que estabeleceram com as suas capacidades, no seu processo de produção pessoal e qual foi o significado da droga neste processo.

**PARTE I**

**ASPECTOS TEÓRICOS E CONCEPTUAIS**

## PARTE I- ASPECTOS TEÓRICOS E CONCEPTUAIS

### Capítulo 1 - O Processo de Construção da Pessoa

#### Introdução

É ao longo do seu desenvolvimento, na interacção com os outros e com o mundo à sua volta, que o indivíduo se constrói como pessoa e constrói sentidos para a sua vida, definindo e orientando os caminhos, os projectos e as expectativas àcerca do que pretende e espera ir realizando.

Na elaboração do nosso trabalho utilizamos o conceito de desenvolvimento na sua acepção mais ampla, de evolução e mudança durante toda a vida, conduzindo, não a um estado ideal de maturação e equilíbrio, mas a equilíbrios sucessivos, dinâmicos e provisórios. Tal como o sentido pessoal para a vida, muitas vezes reconstruído, redireccionado, re-elaborado pela experiência e pela reflexão.

Entretanto o desenvolvimento, ou melhor, a própria sobrevivência, não seria possível sem a relação com os outros. O bebé começa por ser completamente dependente e indiferenciado, não se conhecendo a si próprio como distinto do mundo que o rodeia. A construção do Eu é concomitante da construção do não-Eu e também de mecanismos mediadores, de transformação e integração dos elementos do *dentro* e do *fora*. A pessoa não existe sem aquilo que recebe do meio, mas também não é apenas aquilo que recebe. Parafraseando Sartre, o homem faz alguma coisa com aquilo que fizeram dele.

Este capítulo tem por objectivo o aprofundamento desta conceptualização de base do indivíduo em desenvolvimento, criador na sua capacidade auto-organizativa, mas também contextualizado e contingente, activo, interactivo e transactor.

Apresentamos em primeiro lugar algumas concepções do desenvolvimento, da natureza dos processos de mudança que nele ocorrem e da relação indivíduo-ambiente. Em seguida aprofundamos alguns modelos teóricos que dão conta do desenvolvimento focalizando diferentes dimensões da personalidade. São as dimensões da dependência, da autonomia, da identidade e da motivação que considerámos poderem contribuir para a compreensão do indivíduo no seu processo de diferenciação pessoal, de criação da sua singularidade, sem o reduzir a um ser puramente psicológico, pelo contrário, integrando os aspectos comportamentais, de realização de acções e os aspectos sociais. Finalmente apresentamos uma concepção sistémica da pessoa, que nos dá uma perspectiva mais global. Na última parte do capítulo, referimo-nos especificamente ao papel da escola e do início da vida profissional no desenvolvimento da pessoa, uma vez que é na relação com estes subsistemas ecológicos que vamos focalizar a nossa investigação.

### **1.1.O Desenvolvimento do Indivíduo**

O conceito de desenvolvimento implica a noção de "crescimento", essencialmente ligada à maturação biológica, mas integra o papel das interacções com o ambiente físico, social e socio-cultural, das experiências e das capacidades auto-reguladoras do organismo, nos processos de mudança ao longo da vida.

Segundo Baltes (1979), o desenvolvimento tem sido considerado, tradicionalmente, como mudança comportamental com características de a) sequencialidade; b) unidireccionalidade; c) apresentando um estado final; d) irreversibilidade; e) transformação qualitativa estrutural e f) universalidade.

De acordo com o mesmo autor (Baltes, 1979)<sup>1</sup>, a extensão do conceito de desenvolvimento a todo o ciclo de vida evidenciou restrições desta conceptualização tradicional e introduziu novos quadros teóricos, a nível da natureza e da direcção do desenvolvimento, da sua explicação e das dimensões de mudança.

---

<sup>1</sup>Baltes, Paul, é um dos fundadores da corrente de psicologia que surgiu nos E.U.A. nos anos 70, designada por "life-span developmental psychology", que aplica a concepção de desenvolvimento a toda a existência da pessoa, em oposição às correntes da psicologia do desenvolvimento que estudaram sobretudo o tempo da infância e da adolescência, considerando que nesta última se alcançava um estado final que se mantinha em toda a idade adulta.

No adulto o desenvolvimento não implica evolução para um estado de funcionamento ideal, significa a existência de mudança psicológica ao longo de toda a vida. Com o avançar da idade, os efeitos desta sobre a organização psicológica tornam-se menos perceptíveis, ao mesmo tempo que se acentuam as diferenças inter-individuais (Hurtig et al., 1986). O desenvolvimento aparece assim claramente multidireccionado, multideterminado e multidimensional, processando-se por continuidades e descontinuidades.

Com o alargamento do conceito de desenvolvimento a todo o ciclo de vida, os construtos das mudanças ligadas ao desenvolvimento foram expandidos ou novos construtos foram definidos. Os comportamentos de vinculação, por exemplo, passaram a ser estudados não só no seu processo de estabelecimento, mas também nos processos de manutenção, transferência e dissolução. Outras dimensões, como a relação da pessoa com a finitude e o desenvolvimento de estilos de vida, adquirem uma nova importância quando ligados a todo o ciclo de vida (Baltes, 1979).

O desenvolvimento realiza-se num contexto (ambiente) de que o indivíduo faz parte e com o qual interage, numa relação de influência recíproca.

Baltes (1979) classifica os sistemas de influência do desenvolvimento em:

1-Influências normativas ligadas à idade: os factores ligados à dimensão biológica e ambiental que têm uma grande correlação com a idade cronológica. Têm a ver com a maturação biológica e com o desempenho de papéis sociais ligados à idade (por exemplo ser criança, adolescente, adulto...).

2-Influências normativas ligadas à história: as influências biosociais experimentadas pelos grupos de indivíduos da mesma idade pertencendo à mesma cultura.

3-Influências não normativas: aquelas que não ocorrem com todas as pessoas nem ocorrem de acordo com padrões ou sequências invariantes. São as influências ligadas às carreiras ocupacionais ou às crises acidentais do ciclo de vida.

Estes três sistemas interactivam e o peso da sua influência é variável ao longo do tempo, gerando-se assim a complexidade e a diversidade do desenvolvimento individual. Os processos de mudança, multidimensionais e multidireccionados, são descontínuos e o seu início e o seu fim não são sincrónicos.

No estudo dos sistemas externos de influência no desenvolvimento, a perspectiva ecológica entende ambiente não como determinante unidireccional das condutas,

mas como espaço de possibilidades, dependentes da percepção do indivíduo, do significado pessoal que lhe atribui e dos modos de investimento pessoal.

Hall<sup>2</sup> no estudo do ambiente do desenvolvimento, definiu zonas espaciais concêntricas ao indivíduo, com que este se relaciona, diferenciadas pelo tipo de contacto e de informação sobre os outros que tornam possíveis: distância íntima, distância pessoal, distância pessoal e distância pública. A definição destas distâncias está ligada a variáveis culturais, pessoais, de idade e de situação.

Brofenbrenner (1979) define o ambiente como um arranjo de estruturas concêntricas, cada uma contendo a seguinte, numa relação com o indivíduo caracterizada pela reciprocidade: os sistemas ecológicos exercem influência sobre o indivíduo, mas este também modifica e influencia o seu ambiente.

Classifica estas estruturas ecológicas do indivíduo em quatro tipos de sistemas:

-*microsistema*, composto pelas relações entre o sujeito em desenvolvimento e um determinado *setting* caracterizado pelos seus participantes, pelos papéis de cada um, pelas actividades e pelo local;

-*mesosistema*, composto pelas interrelações entre os diferentes *settings* que compõem o universo do sujeito em determinado momento;

-*exosistema*, de que fazem parte os *settings* em que o indivíduo não participa activamente, mas em que podem ocorrer acontecimentos que afectam ou são afectados pelo que acontece nos *settings* em que o indivíduo é participante activo;

-*macrosistema*, composto pelas instituições sociais alargadas, características de uma cultura ou subcultura, com sistemas de crenças e ideologias. A sua estrutura determina não só certas condições concretas da vida do sujeito em desenvolvimento, como as ideologias e as organizações dos sistemas de que faz parte (Brofenbrenner, 1979).

O desenvolvimento, para este autor, implica uma concepção progressivamente alargada, diferenciada e válida do ambiente ecológico por parte do sujeito, mas também um envolvimento mais amplo em mais *settings* de vida e um maior domínio do ambiente externo.

---

<sup>2</sup>Hall, E. (1966) trad. francesa: *La dimension cachée*, Seuil, Paris, 1971, referido em Hurtig et al. (1986), p.136.



Pereira (1979), considera que na Psicologia actual predomina uma concepção do homem em desenvolvimento, como estruturador de informação e otimizador de estratégias. A estrutura do organismo, em cada momento, trata a informação, que recebe ou selecciona da situação em que se encontra, e desencadeia a estratégia mais adequada à relação com o meio. A direcção do desenvolvimento, nesta concepção, não é apenas determinada pela racionalidade ou pela sobrevivência, mas pelo próprio desenvolvimento, pela necessidade do indivíduo de se auto-estruturar mais perfeitamente e mais criativamente<sup>3</sup>.

O indivíduo é pois considerado como eminentemente activo na modulação da sua relação com ambiente. Stokols<sup>4</sup> encontrou referência a quatro processos de base realizados pelo indivíduo, nas teorias que estudam este em relação com o ambiente: interpretativos, operativos, avaliativos, reactivos. O indivíduo interpreta o ambiente em função das informações que tem, das motivações e das significações afectivas; age (opera) sobre o ambiente, avalia as suas características e forma uma opinião sobre elas; finalmente é afectado pelos constrangimentos e normas do ambiente (reage).

A evolução das teorias sistémicas deu um novo contributo à conceptualização da relação do indivíduo com o ambiente, também no que diz respeito aos processos de desenvolvimento.

Um sistema pode ser definido como uma inter-relação de elementos que constituem uma entidade ou unidade global (Morin, 1984). Na definição de sistema estão incluídos os conceitos de relação e organização.

Uma primeira concepção de sistemas caracteriza-o como aberto, capaz de auto-regular-se através de mecanismos de retroacção (feed-back). A capacidade importante do sistema é "metabolizar" inputs que transforma em outputs. Ele é apresentado como procurando o equilíbrio (homeostase) actuando a mudança no sentido contrário à homeostase. As influências exteriores podem provocar desequilíbrio no sistema que utiliza os seus mecanismos de feed-back para corrigir os desvios assim provocados.

---

<sup>3</sup>A teoria de Rogers sobre o desenvolvimento da personalidade, que considera que existe no organismo uma tendência para o crescimento, entendida como actualização do máximo das suas capacidades com objectivos de auto-realização, é uma das teorias que se pode integrar neste modelo do desenvolvimento.

<sup>4</sup>Stokols, D. (1978) Environmental psychology in *Annual Review of Psychology*, 29, 253-295, referido em Hurtig et al. (1986), p.137.

As teorias da auto-organização, definindo os sistemas vivos como sistemas que geram e especificam continuamente a sua própria organização e as suas próprias fronteiras, introduzem uma dimensão de autonomia que conduz à reformulação da relação do sistema-indivíduo com o sistema ambiente. Os sistemas auto-organizados são sistemas complexos, hierarquizados, com um nível de redundância alto, que permite a utilização não só da ordem, mas também do ruído, como factor organizativo. O sistema é capaz de reagir ao ruído, mantendo a sua identidade mas modificando-se de forma a integrar o ruído na sua própria organização, utilizando-o para se complexificar (Atlan, 1979). O desenvolvimento é, nesta perspectiva, o "conjunto de processos que tende a complexificar um sistema aberto" (Lerbet, 1986, p.104).

## **1.2 - Dependência e Autonomia no Desenvolvimento**

O desenvolvimento, ou melhor, a própria sobrevivência não seria possível sem a interacção com o ambiente. O bebé começa por ser completamente dependente e indiferenciado, não se conhecendo a si próprio como distinto do mundo que o rodeia. A autonomia pode ser definida como uma tarefa desenvolvimental<sup>5</sup> que se inicia nesta fase de indiferenciação inicial e que se vai realizar ao longo de toda a vida da pessoa (Fleming, 1993).

Embora por vezes apareçam na literatura como equivalentes, pensamos que é importante salientar que autonomia e independência são conceitos diferenciáveis. Anzieu (1990) considera que a autonomia é interna e se baseia na capacidade de auto-organização auto-referenciada da pessoa. Ela supõe conseguida a saída da criança do estado simbiótico com a mãe e adquirida a distinção entre o fora e o dentro. Para este autor a independência tem a ver sobretudo com as condições sociais, externas.

---

<sup>5</sup>O conceito de tarefa do desenvolvimento é originalmente de R. Havighurst, significando que as sociedades impõem aos seus membros a realização de tarefas específicas em determinados períodos da vida, com base quer em elementos biológicos, quer psicológicos, quer socioculturais, mas com uma natureza que é culturalmente especificada (Fonseca, A.M.(1994), *Personalidade, projectos vocacionais e formação pessoal e social*, Porto Ed., Porto)

### **1.2.1 - O Processo de Separação - Individuação segundo M. Mahler**

Margareth Mahler (1982) descreveu o primeiro período de construção da autonomia, que designou de processo de separação-individuação, a partir da simbiose inicial entre a mãe e o bebê. Cerca dos 4-5 meses o bebê começa a dar atenção aos estímulos exteriores (embora ainda não tenha a percepção clara dessa exterioridade) e a explorar o rosto da mãe e logo de seguida os objectos que esta usa. Com estas condutas começa a distinguir as experiências de contacto daquelas que são originadas no seu próprio corpo (subfase da diferenciação) e tem prazer em, dentro das suas limitações motoras, afastar-se a pequenas distâncias da mãe, assim como vai começando a discriminar entre a mãe e as outras pessoas. Sobreposta a esta fase de diferenciação, Mahler descreve a primeira parte da fase de exploração, acompanhando o início da capacidade do bebê para se movimentar para longe da mãe, que vai aumentar progressivamente e permitir uma exploração mais intensa.

Três manifestações do desenvolvimento interagem, nesta fase para o conhecimento da separação e para a individuação: a diferenciação corporal rápida bebê-mãe; o estabelecimento de um vínculo específico com a mãe e o crescimento e funcionamento dos aparelhos autónomos do ego, em íntima proximidade da mãe.

A criança começa a ser capaz de aventurar-se para longe da mãe e por vezes absorve-se de tal modo na sua actividade, que parece esquecida da presença materna. Porém gostam de vê-la ou ouvi-la, mantendo-se esta como a "base familiar para o reabastecimento emocional" que permite a continuação da exploração. A capacidade de locomoção é o sinal comportamental, segundo Mahler, que marca mais visivelmente o "nascimento psicológico".

Observa-se na criança um grande prazer e vivacidade nas suas actividades exploratórias, e na descoberta das suas novas capacidades. A admiração que estas provocam no mundo dos adultos, com quem ela deseja partilhá-las, aumenta o seu narcisismo e pode ser responsável, segundo a autora, por um lado por um progresso do funcionamento autónomo, por outro lado por provocar uma grande intensidade do sentimento de grandeza e de auto-estima da criança.

A partir daqui esta começa a ter uma percepção maior da sua separação e da existência separada da mãe e das outras pessoas, percepção que é estimulada pela capacidade de locomoção mais perfeita, mas também pelo desenvolvimento

cognitivo. Começa então a observar-se uma necessidade maior da presença materna. Mahler chama, a esta fase do processo de separação-individuação, crise da reaproximação, que se inicia entre os 16 e os 18 meses. Observou que este período se caracterizava pela "alternância, algumas vezes rápida, do desejo de rejeitar a mãe e o de apegar-se a ela com coercitiva e determinada tenacidade, em palavras e actos, sequência evolutiva que a palavra ambigüência descreve com muita exactidão" ou mesmo "um desejo simultâneo em ambas as direcções, ou seja, a ambivalência característica dos bebés de 18 a 22 m ("Mahler, 1982, p.128).

A quarta sub-fase, dos 22 aos 36 meses é a da consolidação da individualidade. A criança atinge um definido sentido de identidade, com uma representação mental do seu self claramente separada das representações dos objectos. A constância do objecto é alcançado por esta separação e pela integração dos aspectos bons e maus da mãe, na sua representação interna. A disponibilização intrapsíquica desta imagem permite à criança ter uma muito menor necessidade da presença materna.

A vivência bem sucedida do processo de separação-individuação, para Mahler, está muito ligada à disponibilidade da mãe, quer para responder às necessidades de aproximação da criança, quer para admirar e encorajar os movimentos autónomos.

### **1.2.2 - A Separação - Individuação na Adolescência**

Para Blos(1967), na adolescência é vivido um segundo processo de separação-individuação, com o resultado final de aquisição de um self autónomo, com limites bem determinados. Nesta fase trata-se já não da separação em relação à mãe real, conseguida através da internalização da sua imagem, mas da separação dos objectos internos infantis. Tal como descreve Mahler, na fase de reaproximação na criança, o adolescente também experimentaria atracção por forças regressivas de dependência, situação em que poderia encontrar a ilusão de grandiosidade e a segurança infantis, e pelo desejo de experimentar as suas capacidades e autonomizar-se. É à luz destas duas tendências, que Blos compreende os esforços de distanciação do adolescente em relação aos pais, por vezes extremamente agressivos, bem como a oposição e o negativismo. Eles são tanto mais fortes quanto mais forte é o desejo inconsciente de regressão. Para diminuir a ansiedade de separação e sentimentos de perda criados pelo afastamento dos pais, o adolescente necessita de estabelecer laços extra-familiares, ganhando importância, neste processo, os companheiros da mesma idade.

A separação-individuação conseguida na adolescência implica a perda do Eu parental que funcionou como auxiliar do Eu infantil, ficando a descoberto a estrutura egóica, cujas qualidades dependeriam do modo como decorreu o primeiro processo, na infância. O desinvestimento das figuras parentais é acompanhado de um investimento narcísico, que alimenta, por auto-estimulação, o sentido da identidade que é indispensável à manutenção dos limites do Eu e à preservação da continuidade. Observa-se nos adolescentes um "sentimento do eu exaltado", uma experiência muito intensa do eu, que compensa o desinvestimento dos objectos externos (Blos, 1962).

Com o abandono da megalomania e da ilusão mágica infantil o self objectiva-se e ganha estabilidade, na fase final da adolescência. A clara discriminação entre os limites da representação do self e dos outros separa o indivíduo, dá-lhe consciência dos seus limites e permite-lhe procurar autónomamente a realização dos seus interesses próprios. O ideal do eu, instância psíquica que adquire a sua organização na adolescência, a partir do complexo de Édipo negativo, toma para si algumas das funções reguladoras do super-ego, o que implica que a auto-regulação favorece mais o equilíbrio narcísico, se torna mais pessoal e menos tirânica.

O conceito de individuação, para Josselson<sup>6</sup> permite articular processos centrais da adolescência: a autonomia e a formação da identidade. Fleming (1993) sintetiza assim o pensamento desta autora: "a autonomia, a individuação e a formação da identidade são fenómenos intimamente ligados e interdependentes: a individuação envolve a separação psicológica da "realidade" pais e dos pais introjectados; o processo de individuação decorre ao longo da vida e envolve mudanças no grau de autonomia vs ligação (connectdeness); durante a adolescência subsiste a necessidade de ligação aos pais, tal como subsiste a ambivalência sobre a autonomia; a essência destes processos refere-se à consciência progressiva da necessidade de reorganizar o mundo interno de acordo com as mudanças desenvolvimentais" (Fleming, 1993, p. 49).

---

<sup>6</sup>Josselson (1980) Ego Development in Adolescence, in Adelson J. (ed.), *Handbook of Adolescent Psychology*, New York, Wiley, referida em Fleming, M. (1993), p.48-49.

### **1.2.3 - Dependência e Autonomia na Idade Adulta**

Na idade adulta a luta pela autonomia não tem a urgência ou a vulnerabilidade da infância e da adolescência. É uma capacidade que se supõe adquirida no início deste período da vida. Baltes e Silverberg (1994) utilizam o termo interdependência para significar a articulação entre dependência e autonomia nos adultos. O estabelecimento de ligações de cooperação e apoio é garantia de suporte para a realização de tarefas de desenvolvimento.

Vemos que a questão da individuação e da autonomia remetem também para a dependência e a ligação. Se ao longo do desenvolvimento a autonomia é progressivamente aumentada, a dimensão da ligação e portanto da dependência em certo grau, é complementar, funcionando como fonte de segurança e de confiança que permite à pessoa ser mais autónoma. A natureza da dependência e da autonomia transforma-se ao longo do ciclo de vida, assim como as formas pelas quais se manifestam na conduta. Esta transformação tem a ver com o desenvolvimento pessoal, mas também com o contexto social e cultural (Baltes e Silverberg, 1994).

### **1.3 - O Processo de Construção da Identidade**

Como já foi referido atrás, a formação da identidade está estreitamente ligada ao desenvolvimento da autonomia. Os aspectos individuados e autónomos da pessoa são integrados na identidade. Esta pode ser definida como um sistema de representações e sentimentos que caracterizam e singularizam o indivíduo. É um conceito psico-social, introduzido na reflexão psicológica por Erikson, que liga aquilo que o indivíduo é às influências que recebeu e retirou do meio e à sua reformulação e transformação dessas influências, de modo a alcançar um sentimento de ser único, mas pertencendo a um grupo social.

Do sentimento de identidade fazem parte os sentimentos de ser separado e original, quer dizer de ser diferenciado dos outros, quer no sentido da autonomia quer no sentido da singularidade pessoal; de ter continuidade no tempo: o indivíduo no presente pode reconhecer-se naquilo que foi no passado e projectar-se no futuro; de unidade ou coerência dos diferentes aspectos da sua personalidade e da sua existência (Tap, 1986).

No entanto a identidade comporta igualmente sentimentos contrários, de diversidade e de mudança, por que o crescimento não é só contínuo e os caminhos não são únicos. Neste sentido tem uma dimensão conflitual, tanto no nível intrapessoal como interpessoal.

Esta dimensão conflitual está ligada às mudanças geradas pelo desenvolvimento do próprio indivíduo e pelas novas exigências do meio. O primeiro expande as necessidades e as capacidades da criança e depois do adolescente, amplia o seu campo relacional e dá-lhe consciência, quer das suas dependências potencialmente alienantes, quer da sua maior autonomia. Por sua vez o meio adapta-se às mudanças da criança e, à medida que ela cresce, trata-a de uma maneira diferente, transmite-lhe valores e reprime ou encoraja aspectos do seu modo de ser e de funcionar. Torna-se mais exigente.

Na perspectiva de Erikson (1976) a saída do conflito estabelece sentimentos positivos, que contribuem para a vitalidade mental e para a constituição de um sentimento de identidade pessoal, ou, em alternativa, quando a saída positiva não se torna possível, estabelecem-se sentimentos negativos que vão originar distúrbios no processo de desenvolvimento e de construção da identidade.

Portanto, desde o início, o crescimento implica mudanças, quer no indivíduo quer nas suas relações interpessoais e cada momento novo do desenvolvimento acarreta vulnerabilidades em certos aspectos e é, potencialmente, uma crise, "no sentido de ponto decisivo e necessário, quando o desenvolvimento tem de optar por uma ou outra direcção, escolher este ou aquele rumo, mobilizando recursos de crescimento, recuperação e nova diferenciação" (Erikson, 1976, p.14). Cada um desses momentos realiza bases na formação do sentimento de identidade, que tem a sua mais intensa crise na adolescência, para se estabelecer, na sua formulação mais definitiva, no início da idade adulta.

É através dos conflitos e das crises que o processo de construção da identidade se realiza, integrando representações conscientes, acessíveis à reflexão e inconscientes, de que o indivíduo não se dá conta.

Erikson (1976) liga a construção da identidade às fases do desenvolvimento psicosexual descritas por Freud e ao estabelecimento, durante estas, de diferentes modalidades de relação com o mundo exterior.

Assim, a primeira fase é concomitante da fase oral do desenvolvimento psicosexual, em que a experiência do bebê é vivida sobretudo através da boca, incorporando o que vem do meio. A satisfação das necessidades do bebê e o reconhecimento mútuo entre ele e a mãe, que inicia o processo de diferenciação Eu/Outro, permite o estabelecimento dum primeiro sentimento de confiança básica, a partir do qual a criança se sente segura dos outros e satisfeita consigo própria. O sentimento oposto, de desconfiança, instala-se se o bebê se sente frustrado para além do tolerável, se o meio não lhe dá o reconhecimento de que ele necessita.

Na fase seguinte, fase anal, em que a capacidade de controle da criança sobre o que o seu corpo produz se consolida, simultâneamente com uma maior capacidade de movimentação, estabelece-se uma modalidade muito conflituosa de relação com o meio, em que ela procura afirmar a sua vontade contra a vontade dos outros. O conflito, neste período, é entre o sentimento de autonomia e os sentimentos de dúvida e vergonha, quando, na luta travada, não é deixado à criança o espaço para realizar por si o controle, que se torna agora possível, de algumas das suas funções.

O conflito da fase fálica, em que a criança se torna mais activa, curiosa e exploradora, é entre a iniciativa e a culpa. A criança domina agora muito melhor a locomoção e a linguagem está muito desenvolvida. Tudo lhe desperta curiosidade, sendo a principal a que diz respeito às diferenças sexuais. Ela explora-as e explora todo o meio que a rodeia. A vivência edipiana, em que a criança se situa na rede familiar, rivalizando com o pai do mesmo sexo vai dar-lhe consciência da sua identidade sexual e do que poderá vir a tornar-se no futuro. É a excessiva repressão da iniciativa da criança que pode fazer com que o resultado desta fase seja um excessivo sentimento de culpa.

No período de latência é a capacidade produtora que se desenvolve, mais ou menos esquecidas as preocupações sexuais. A criança vai ter prazer em fazer coisas bem feitas, de valor reconhecida pelos outros. Um sentimento de indústria, em alternativa a um sentimento de inferioridade é a conquista desta fase.

Na adolescência todas as aquisições anteriores vão ter de ser transformadas e integradas, para o estabelecimento de uma identidade com características definitivas. O meio social alargado toma agora maior importância. Para além da família e do grupo de pares é na sociedade a que pertence que o adolescente vai procurar



encontrar o seu lugar e o reconhecimento do seu valor. A alternativa ao sentimento de identidade é a confusão da identidade, ligada à dificuldade de reformulação na continuidade dos elementos anteriores e de se projectar no futuro como adulto.

No ciclo de vida, é após o estabelecimento, no final da adolescência, de um sentimento de identidade suficientemente consistente, que outras capacidades de realização pessoal e interpessoais se podem desenvolver.

Assim, no início da idade adulta, o indivíduo encontra-se capaz de estabelecer relações de verdadeira intimidade, com o outro sexo, com outras pessoas e consigo próprio. O contraponto a esta capacidade é a distanciação e o isolamento relacionais.

Generatividade, expressão que Erikson emprega para significar "primariamente o interesse em estabelecer e orientar a geração seguinte" (1959, p.97) caracteriza a fase seguinte da idade adulta. Opõe à generatividade a estagnação, quando a pessoa não é capaz de realizar o crescimento e a realização pessoal nas tarefas psico-sociais desta fase da vida.

A última fase do desenvolvimento, é caracterizada pelo sentimento de integridade pessoal. Para Erikson este sentimento implica a aceitação da vida como sendo única, a tolerância em relação aos diferentes estilos de vida e às vicissitudes e insuficiências da própria vida. Contrapõe a integridade ao sentimento de desespero, em que a pessoa sente que a vida é curta demais para tentar outras alternativas

Ao longo de todo este desenvolvimento, a pessoa vai retirando do meio elementos que integra na sua construção. A identificação, "processo pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa" (Laplanche e Pontalis, 1970, p.295), tem aqui uma função importante. Se "a utilidade das identificações acaba onde a identidade começa" (Erikson, 1976, p.159), elas contribuem entretanto para esta realização, porque o indivíduo, para além de se transformar à imagem do outro, também transforma essa imagem, selecciona os aspectos que rejeita ou assimila para si.

A identificação, então, promove a semelhança mas também a diferença: "retirando do modelo reacções e atitudes valorizadas, a criança afirma-se; ao mesmo tempo que se separa, constrói simultaneamente a sua imagem pessoal e *uma representação do*

*outro que ela gostaria de ser, um ideal de si próprio inspirado pelo outro"* (Tap, 1986, p.238)<sup>7</sup>.

Tap (1986) integrando as concepções psicanalíticas e psicossociais, descreve seis modalidades de identificação que entram em jogo na construção da identidade pessoal, em momentos diferentes do desenvolvimento, mas presentes no que o indivíduo é em toda a sua vida.

Nesta descrição o modelo é vivido sucessivamente (mas também alternativamente, ao longo da vida) como protector, frustrador e interditor, realizador e interlocutor, reflexo (especular) do sujeito, igual (no sentido de pertencente ao mesmo grupo social) ou ideal. Estas modalidades de identificação contribuem para componentes da identidade em que a pessoa se vive como dependente dos outros mas também autónoma, semelhante mas também diferente, com um sentimento de pertença e adesão aos seus grupos sociais, capaz de realizar tarefas produtivas e de construir projectos para si própria.

### **1.3.1 - Identidade, Exploração e Investimento**

Para Márcia<sup>8</sup> a construção da identidade implica ainda processos de exploração e investimento, que determinam o que ela denomina "estatutos da identidade" e que são formas de o indivíduo lidar com esta tarefa psico-social.

A exploração implica um questionamento, recolha de informações, consideração das alternativas, com o objectivo de tomar decisões. Corresponde aos períodos de crise, em que a pessoa se confronta com a diversidade das escolhas possíveis. O investimento tem a ver com uma certa firmeza das escolhas feitas e com a realização de acções para as concretizar.

É pela combinação das dimensões exploração e investimento que Márcia define quatro estatutos da identidade:

*-difusão da identidade*: os indivíduos que não têm investimentos firmes, realizando actividades mais por pressões externas do que por motivação pessoal. A exploração

---

<sup>7</sup>A parte do texto em itálico corresponde à citação, feita por Tap, de P. Malrieu (1967) *La Construction de L'Imaginaire*, Bruxelles, Dessart.

<sup>8</sup>Márcia (1966, 1980, 1986) referida em Costa, M. Emília (1991) e em Waterman e Archer (1990).

pode não ter existido ou ter sido feita mas o indivíduo não conseguiu tomar decisões pessoais;

-*identidade outorgada*, em que o indivíduo nunca realizou exploração pessoal (crise de identidade), mas em que realiza investimentos ligados ao que os outros, principalmente os pais, escolheram para ele;

-*identidade em moratória*, correspondendo ao estatuto da identidade em que a pessoa está em exploração activa;

-*identidade estabelecida* (identity achievever), nos indivíduos que após um período de exploração realizaram investimentos relativamente firmes, pessoais, que dão uma direcção à vida.

Para Waterman (1990), a expressão "estatutos da identidade" sugere uma situação estática que é pouco adequada para a compreensão dos processos de construção da identidade, considerando que os indivíduos podem situar-se em estado intermédios a estes estatutos e movimentar-se, ao longo do ciclo de vida, entre eles.

Na perspectiva de Erikson os processos de integração necessários à coerência e coesão de todas as dimensões da identidade são realizadas pelo Ego, a instância reguladora que tem como funções conciliar as exigências internas com as necessidades de adaptação ao exterior. A tarefa do Ego é "promover o controle da experiência e orientar a acção de tal modo que se crie uma certa síntese global, ainda e sempre, entre as fases e diversos aspectos conflitantes da vida - entre as impressões imediatas e as recordações associadas, entre os desejos impulsivos e as exigências compulsivas, entre os aspectos mais íntimos e os mais públicos da existência" (Erikson, 1976, p.81).

Os processos de integração e as realizações são fundamentalmente inconscientes, tornando-se mais conscientes nos períodos de crise, particularmente na crise adolescente, quando o conflito entre as necessidades internas e as exigências externas é mais agudo. Para além disso, o sentimento de identidade consciente é traduzido por uma sensação de estar bem consigo próprio e de ter um lugar único, que não poderia ser de mais ninguém, na sociedade em que se vive.

A partir das considerações anteriores, percebe-se até que ponto o conceito de identidade é pertinente quando se pretende estudar o sentido e a direcção do percurso de vida dos indivíduos e encontrar os processos pelos quais se realizaram determinadas escolhas e estas foram integradas no continuum de vida.

#### 1.4 - Motivação e Comportamento: Perspectiva de Nuttin

Nuttin (1966; 1985) define o comportamento num sentido alargado como a totalidade integrada do funcionamento psicológico, de que faz parte, não só a acção executiva propriamente dita, mas também os processos que a preparam e a direccionam. Assim, para este autor, o comportamento desenvolve-se em três fases:

- a *primeira*, de construção pelo sujeito duma situação significativa e do seu mundo comportamental, através dos processos perceptivos e conceptuais;
- a *segunda*, intermédia, de elaboração da componente motivacional da acção, pelo tratamento cognitivo que a transforma em planos e projectos de acção;
- a *terceira* fase, executiva, em que o sujeito age sobre o mundo comportamental.

A motivação é, pois, um processo intrínseco ao comportamento, não o seu iniciador, mas o regulador da corrente contínua de actividade do indivíduo. Este é concebido como permanentemente activo, sendo a fonte primeira da sua actividade a relação indivíduo- meio inerente à vida.

Mundo comportamental ou ambiente e indivíduo constituem uma unidade funcional bipolar, indissociável, em que cada um dos pólos não existe senão em função do outro, no quadro de uma actividade relacional: "a personalidade é um esquema de relações actuais e potenciais com o ambiente e este, enquanto mundo comportamental, é uma construção que resulta da elaboração, pelo organismo, dos estímulos físicos do meio" (Nuttin, 1985, p. 103).

Nesta unidade funcional, certas relações, dirigidas para determinados objectos, são preferidas pelo indivíduo, de tal forma que, quando não são possíveis, o seu funcionamento fisiológico ou psicológico fica perturbado e ele desencadeia actividade no sentido de estabelecer ou restabelecer essas relações. São relações que se apresentam então como necessidades ("besoins"), e que constituem o dinamismo de base do ser humano.

A orientação fundamental das necessidades, assim definidas, é inata e vai desenvolver-se e especificar-se em motivos e projectos de acção modulada pela experiência, pelas situações e por processos de elaboração cognitiva. Antes deste desenvolvimento, Nuttin admite que a necessidade se encontra num estado a que chama de "necessidade difusa", em que o organismo ainda não encontrou a via comportamental de satisfação, em oposição à "necessidade focalizada", centrada

sobre um objecto concretizado. No entanto, na fase pré-comportamental, "difusa", o estado motivacional já é dirigido selectivamente, resultando em comportamentos reforçados positiva ou negativamente. As necessidades fundamentais do indivíduo são de ordem fisiológica, mas também de ordem afectiva, social e cognitiva.

As vias comportamentais de realização da "necessidade focalizada" são múltiplas, conduzindo à configuração singular de cada indivíduo, que constrói um sistema motivacional e comportamental em função de experiências e de fins pessoais, num contexto social.

A necessidade activa as funções cognitivas, através das quais o indivíduo pode experimentar em representação as várias possibilidades, construindo o "objecto-finalidade" ("objet-but") para a sua acção. A capacidade de transformar necessidades vagas em "objectos-fim" satisfatórios e realistas é fundamental no processo de maturação da pessoa, que constrói, assim, vias de desenvolvimento para si próprio e para a sua relação com o mundo.

Ligada à construção da finalidade, mas numa fase seguinte, está a construção do caminho para a atingir, em primeiro lugar por um processo semelhante de experimentação, a nível de representação mental, das várias possibilidades, que tem em conta não só a finalidade mas também as circunstâncias e, finalmente, pela execução desse projecto.

Neste processo, a discrepância constatada pelo indivíduo entre aquilo que já conseguiu realizar e o "objecto-finalidade" que se propôs alcançar é concebida por Nuttin, não como um factor dinâmico-motivacional, mas como elemento informando que a execução do projecto de acção deve continuar.

Considerando, por exemplo, a necessidade de desenvolvimento pessoal, cada indivíduo elabora um ideal de si próprio, uma representação do que quer fazer de si ou do que quer atingir (objecto-finalidade concretizando esta necessidade), ideal que se faz mais consciente ao longo da vida, quer na sua representação, quer nas realizações para o alcançar. E em cada momento o indivíduo é capaz de "tomar posição" sobre a forma como se desenvolveu até aí, de tomar consciência de si próprio e das forças que o movem. Mas é também capaz de encontrar novas vias de realização ou de modificar os seus fins.

Os actos intermédios do plano de acção que conduzem ao "objecto-finalidade" são pois realizados pela sua ligação a este, mas a sua motivação é regulada, para além da sua adequação e eficácia como acção intermédia, pelo facto de eles próprio constituírem finalidades de outras necessidades e pelo efeito de reforços positivos ou negativos. Isto é, de acordo com Nuttin, a elaboração cognitiva, as leis da motivação instrumental e as leis do reforço intervêm em conjunto na maior parte dos comportamentos.

Finalmente, o indivíduo possui finalidades hierarquizadas, bem como um projecto de vida e é capaz de reconhecer, em quase todas as situações ou acções a sua adequação a esse projecto. Deste modo, pode derivar a motivação investida no projecto mais geral para a realização dos comportamentos instrumentais que considera necessários (Nuttin, 1985).

### **1.5 - Uma Concepção Sistémica da Pessoa**

Lerbet define o sistema-pessoa como "um sistema activo sob tensão compreendendo um ego, e um meio pessoal (own world) que, do ponto de vista do sujeito constituem a sua realidade"(Lerbet, 1981, p.22). O ego compreende a dimensão de acção (Je), identidade (moi) e relação (soi), enquanto o mundo próprio é constituído pela integração pessoal das representações do meio de vida.

O sistema-pessoa é autónomo, construindo as suas próprias finalidades e é caracterizado:

- pelo seu grau de firmeza ("fermeté"): a capacidade de evitar a destruição por perda de funções ou entrada de elementos exteriores;
- pelo seu grau de equilíbrio: a capacidade de utilizar o maior número de funções disponíveis;
- pelas suas modalidades de extensão: a capacidade de alargar o seu meio útil.

Para Lerbet o sistema-pessoa está para além da estrutura, na medida em que a sua noção integra o ponto de vista do sujeito, considerado como activo e gerador de energia. O sistema-pessoa, sistema activo e aberto, nesta perspectiva, produz-se a si próprio constantemente, numa dinâmica de exteriorização/interiorização, centração/descentração, complexificando-se no sentido de uma abstracção crescente.

Interiorização e descentração são os processos integrativos. O primeiro intervém no desenvolvimento do mundo próprio, que se realiza por apropriação de elementos do meio por parte da pessoa, mas que é uma realidade subjectiva, na medida em que ela os transforma e lhes dá significado (os integra). A descentração intervém no desenvolvimento do Ego no sentido da diferenciação. A exteriorização e a centração são processos opostos a estes, desintegrativos, intervindo igualmente na dinâmica do sistema-pessoa, correspondendo o primeiro a uma retracção do mundo próprio e o segundo a uma desorganização do Ego.

No desenvolvimento tem de haver um predomínio dos processos integrativos, neguentrópicos, para alcançar uma maior abstracção. Abstracção significa aqui maior integração, que dá à pessoa originalidade, autonomia e abertura e simultâneamente uma maior "lucidez" do ego e do mundo próprio.

Na medida em que os processos desintegrativos, que aumentam a entropia do sistema, estão também activos<sup>9</sup>, o que a pessoa procura integrar, na sua vivência, é um equilíbrio próprio dos seres vivos, instável e testemunhando da relação neguentropia-entropia num determinado momento, que Lerbet designou por equilíbrio cardinal.

## **1.6 - A Escola, Sistema Ecológico de Desenvolvimento do Indivíduo**

Nas concepções abordadas atrás, o desenvolvimento é conceptualizado como realizando-se ao longo de toda a vida, na interacção com o ambiente. A escola é um dos sistemas ecológicos em que se realiza o desenvolvimento, que nos interessa particularmente neste trabalho. Actualmente ela faz parte da vida do indivíduo desde muito cedo, devido às mudanças sociais ocorridas no nosso século, nomeadamente a entrada das mulheres no mercado de trabalho, que obrigou à criação de instituições educativas para crianças muito pequenas, que tomaram para si objectivos de educação e socialização anteriormente atribuídos à família. Por outro lado, entrando nela mais cedo os jovens saem da escola muito mais tarde.

---

<sup>9</sup>Lerbet observa que se no sistema-pessoa intervissem apenas processos integrativos, o crescimento seria sem limites, o que não acontece. Daí a necessidade de postular também a hipótese de actividade de processos desintegrativos (Lerbet, 1981, p.39).

Acresce ainda que a escola abrange praticamente toda a população infantil e juvenil, pelo menos durante um determinado número de anos. Esta é uma situação igualmente recente, com origem no período de industrialização e crescimento económico das sociedades ocidentais: "Nas sociedades europeias desenvolvidas a industrialização precedeu sempre a democratização do ensino. Nos anos 50 e 60 assistimos ao crescimento económico e ao concomitante alargamento do número de anos de escolarização básica - que passou a abranger a totalidade da população em idade escolar -, à generalização da frequência do ensino secundário e, mesmo, em alguns países, do ensino superior" (Ambrósio et al., 1985, p. 49). Coleman e Husén (1985) referem que em 1950 as escolas secundárias do primeiro ciclo, na Europa Ocidental, admitiam 10 a 20% dos adolescentes, enquanto nos anos 70 admitiam a totalidade da população em idade de frequentá-las, tendo passado a fazer parte do ensino elementar. Após os estudos secundários, nos anos 70, 20 a 25% dos jovens iam realizar estudos superiores.

No entanto, inquéritos a adolescentes, referidos pelos mesmos autores<sup>10</sup>, revelam que uma grande percentagem dos adolescentes não gostam da escola e muitos manifestam a intenção de a abandonar após a escolaridade obrigatória.

A explicação para este paradoxo - não gostarem da escola e no entanto manterem-se nela mais tempo do que tencionavam- parece residir no facto de que os anos de escolaridade e os diplomas conseguidos serem os critérios principais na selecção para empregos. Jovens e pais apercebem-se disso, procurando, através de um nível superior de educação, ver facilitada a entrada no mundo profissional (Coleman e Husén, 1985). Se as crises sucessivas que as sociedades ocidentais têm vivido nas últimas décadas e a compreensão do seu carácter estrutural (Ambrósio et al., 1985) puseram em causa o modelo de desenvolvimento que democratizou o acesso ao ensino, uma educação escolar longa continua a ser considerada como proporcionando as maiores probabilidades de sucesso na vida.

Porém, o aumento generalizado do nível do ensino e as crises económicas e sociais, tornaram a relação entre diplomas de graus mais altos e maior segurança no acesso e manutenção no mundo do trabalho muito mais instável. O desemprego juvenil,

---

<sup>10</sup>Os inquéritos referidos em Coleman e Husén (1985) estão publicados em Husén, T. (1973) *Naturorienterande amnen*. Estocolmo: Amqvist & Wiksell; Walker, David A. (1976) *The IEA Six Subject Survey: An Empirical Study of Education in Twenty-One Countries*. International Studies in Evaluation. Vol. IX. Estocolmo: Almqvist & Wiksell, e Nova Iorque: Willey & Sons.



mesmo de diplomados, tornou-se um problema socialmente preocupante e os próprios empregos deixaram de dar garantias de estabilidade.

Compreende-se que, nestas condições, tenha sido sentida a necessidade de introduzir novos objectivos na educação, que respondam de forma adequada aos problemas que se colocam à juventude, quer no que diz respeito à sua preparação para a vida profissional, quer no que se refere ao seu desenvolvimento pessoal e social. Para Ambrósio et al. (1985), na sociedade actual constitui-se como novo objectivo dos sistemas educativos preparar os jovens para viverem na incerteza e para se adaptarem a um mundo em "mutação". Nesta perspectiva, as dimensões do *saber* e do *saber fazer*, como objectivos educativos, tornam-se insuficientes. A mudança rapidamente poderá tornar ultrapassados conhecimentos e competências técnicas. A capacidade de adaptação implica capacidades relacionais, de reflexão, de plasticidade e autonomia que fazem parte da dimensão do *ser*.

A valorização desta dimensão tem conduzido à introdução de objectivos explícitos de formação pessoal e social na educação escolar. Para além da promoção da capacidade de adaptação e de realização pessoal e profissional, nas novas condições sociais, a ideia de que eles podem contribuir para que a escola seja um meio eficaz de prevenção de problemas que atingem uma parte da juventude, nomeadamente a toxicodependência, a delinquência e o suicídio juvenil, é um outro argumento a favor da necessidade destes objectivos. Este argumento geralmente desperta um maior interesse social e tem sido a motivação para atender ao desenvolvimento psicológico dos alunos, em muitos países, de acordo com Campos (1991).

Na introdução dos objectivos de formação pessoal e social na educação escolar têm sido utilizadas múltiplas estratégias que incidem sobre a organização da instituição escolar, sobre as práticas pedagógicas, sobre o currículo das disciplinas existentes e sobre a criação de novos tempos específicos para a formação pessoal e social (Costa, 1991).

No entanto, estas funções da escola, menos directamente ligadas à preparação para o mundo do trabalho, na área da formação pessoal e da socialização, estão muitas vezes em contradição com outros valores promovidos pela escola, tornando-se dificilmente atingíveis. De acordo com Wright e Headlan (1976)<sup>11</sup>, a competição

---

<sup>11</sup> Wright, A.F. e Headlam, F. (1976). Youth Needs and Public Policies. Melbourne: Department of Youth, Sport, and Recreation, Victoria, referido em Coleman e Husén (1985), p. 69

intensa submete os adolescentes e os jovens a uma grande exigência para que tenham êxito, prejudicando assim o seu processo de socialização.

Podemos concluir pois que o maior número de anos passado na escola pelas crianças e pelos jovens, as mudanças sociais, nomeadamente a nível da constituição e da disponibilidade da família, e as crises económicas que tornam o mercado de trabalho instável, aumentam a importância do papel da escola não só como local de aprendizagem, mas como instância promotora do desenvolvimento pessoal, da socialização e da autonomia, para além de a constituírem como local considerado privilegiado de prevenção da desadaptação juvenil. Papeis que dificilmente são desempenhados sem a criação de conflitos, pelas contradições que encerram e pela acção alargada que implicam.

## CONCLUSÃO

Após a revisão das teorias que apresentamos atrás, podemos concluir por uma definição do indivíduo como sistema aberto, auto-organizado, capaz de manter a sua identidade na mudança e de se complexificar através da desorganização.

O ambiente tem um papel fundamental em todo o desenvolvimento. Vimos como na construção da autonomia a existência de um vínculo seguro com a mãe é o ponto de partida da separação e da individuação e como na identidade, os elementos sociais e culturais se integram com o desenvolvimento psico-afectivo para dar ao indivíduo o sentimento de ser único, reconhecido, capaz de tomar um lugar que seja só seu na sociedade a que pertence. A relação com o ambiente não é unilateral, ela é recíproca, o indivíduo selecciona e transforma os elementos exteriores que integra na sua organização, elabora e realiza projectos de acção que modificam o ambiente, para alcançar objectivos pessoais.

Encontrar vias de realização para as suas motivações, elaborar projectos de acção, implica ter uma finalidade pessoal, ser capaz de elaborar cognitivamente a experiência, ter em conta a situação em que se encontra e, a partir daí, concretizar o objecto ou objectos que correspondam ao alcançar da finalidade. É um processo que singulariza o indivíduo, porque as vias comportamentais possíveis são múltiplas. E é muitas vezes um processo difícil, diríamos nós. Pensamos que muitos dos jovens

com que trabalhamos fizeram a economia desta construção de finalidades pessoais, e, ao adoptarem finalidades alheias, encontraram uma insatisfação muito profunda.

A escola, enquanto sistema ecológico fundamental na infância, na adolescência e na juventude, tendo aumentado o seu papel na vida do indivíduo, pode constituir-se como sistema promotor de desenvolvimento, mas também como espaço-tempo de agudização de contradições, entre os ritmos próprios e os ritmos colectivos, entre a socialização e a competição agressiva, entre as finalidades mais singulares do indivíduo e a sua necessidade de ser socialmente reconhecido e de se integrar na cultura de que faz parte.

## **Capítulo 2 - Perspectivas Sobre a Toxicodependência**

### **Introdução**

O consumo de drogas - substâncias lícitas ou ilícitas que alteram o estado de consciência - na dimensão epidemiológica que tomou na segunda metade do nosso século, tem sido motivo de preocupações sociais e políticas que se reflectem na multiplicação, nas últimas décadas, das instituições de prevenção e tratamento da toxicodependência e na produção de um grande corpo de investigações, teorias e abordagens do fenómeno.

O consumo de drogas tem uma história longa, de séculos, nas sociedades humanas e sentidos sociais e culturais vários, nem sempre desviantes. As drogas podiam proporcionar modos de entrar em relação com os deuses, aprofundamento do conhecimento de si próprio, desenvolvimento da imaginação e da criatividade (Dubet, 1992). A censura social do consumo de drogas surge essencialmente quando este atinge determinados grupos sociais e se alarga a grande número de indivíduos.

No sec. XIX, no início das sociedades industriais, foi o consumo de álcool e o alcoolismo entre as classes operárias que se constituiu como um problema social, nos EUA e na Europa, conduzindo a uma reflexão na sociologia e na medicina sobre a alienação (Macquet, 1994). Actualmente é a utilização da droga pelos jovens que é reconhecida como um problema por inúmeros países (Nowlis, 1981), tanto mais quando ela aparece ligada, na representação social, à marginalidade, à delinquência e à desinserção social.

Esta representação é no entanto redutora, na medida em que não tem em conta os grupos sociais que, mantendo a sua integração social, são grandes consumidores quer de drogas ilegais, como o haxixe e a cocaína, quer de drogas legais, como os medicamentos psicotrópicos. O consumo destes últimos está, entretanto, em vias de se tornar um problema social, como parece indicar o interesse que começa a manifestar-se, quer por parte dos meios científicos, quer por parte da comunicação social (Gabe e Bury, 1991).

Porque se drogam muitos jovens, porque se tornam alguns toxicodependentes e, principalmente, porque é tão difícil deixar de ser toxicodependente, tem sido uma questão de difícil resposta. Doença pessoal e/ou social, comportamento aprendido, manifestação da desadequação das novas formas de vida, têm sido algumas das respostas, amplamente discutidas.

Neste capítulo começaremos por fazer um breve resumo da história do consumo de drogas nas sociedades ocidentais actuais e de seguida passaremos em revista alguns dos modelos explicativos do seu uso e abuso, pretendendo chegar à clarificação da ideia de que não existe toxicodependência, mas toxicodependências e a uma compreensão global do fenómeno do uso e abuso de drogas que integre as suas vertentes pessoais, sociais e culturais.

## **2.1 - História Recente das Drogas**

A história mais recente do consumo de drogas teve o seu início nos anos 60, com a chegada à juventude da geração que nasceu no baby-boom do pos-guerra e, segundo Ehrenberg (1992), ligada a mudanças sociais em que se esbateram as diferenças sociais tradicionais (operariado, burguesia, dificuldade de integrar nestas classificações as profissões técnicas), a população enriqueceu em termos gerais, e progrediu muito a protecção social, dando uma maior independência a classes tradicionalmente dependentes como os jovens. Nos EUA e em França, nesta época e ainda de acordo com o mesmo autor, o consumo de drogas como o haxixe e o LSD constituía-se como uma forma de crítica e de contestação dos valores tradicionais, como a família e a autoridade, ao mesmo tempo que respondia à procura do prazer e da individualidade.

Nos EUA o haxixe foi a droga mais consumida, a partir dos anos 60. A percentagem de jovens entre os 18 e os 25 anos que tinham experimentado, pelo menos uma vez, subiu de 4% em 1962 para cerca de 50% em 1972 (Kozel, 1992). Entre essa época e os anos 90, houve uma mudança nos principais grupos sociais consumidores de cannabis. Em 1972 eram sobretudo estudantes e brancos. Em 1990 eram na sua maioria indivíduos mais velhos e pertencentes a diversos grupos étnicos (Kozel, 1992).

A heroína é uma droga de aparecimento mais recente, no início dos anos 70, nos EUA, nos grupos sociais afro-americanos e hispâno-americanos (Kozel, 1992) e na segunda metade dos anos 70 na Europa Ocidental, nos meios suburbanos (Ehrenberg e Mignon, 1992). É uma droga consumida sobretudo por indivíduos do sexo masculino e por grupos sociais minoritários. O seu consumo é objecto de uma grande preocupação por parte das instituições sociais devido à delinquência que lhe está associada e, à alta taxa de mortalidade por overdose<sup>12</sup>.

Na segunda metade dos anos setenta surgiu a cocaína, epidemicamente, nos EUA, continuando a ser consumida nos anos 80, sobretudo por jovens da classe média, com meios económicos relativamente elevados. É um fenómeno que aparece ligado ao fenómeno yuppie, nos EUA e na Europa. A invenção do crack, variedade que tem por base a cocaína, misturada com outros produtos mais baratos, disponibilizou esta droga para outros estratos sociais e aumentou gravemente as consequências para a saúde dos consumidores. Foi também esta invasão de crack e a sua perigosidade que terão conduzido a uma diminuição do consumo de cocaína em várias zonas dos EUA no final dos anos 80, por consciencialização do alto risco que corriam numa grande parte dos consumidores (Hall, 1992).

Luis Fernandes (1990) procurou fazer a história das drogas e dos grupos juvenis consumidores em Portugal desde os anos 60. Por ser uma sociedade mais fechada, as drogas chegaram a Portugal relativamente tarde. Antes do 25 de Abril, a partir dos anos 60, elas existiam em grupos restritos, essencialmente de jovens de classes altas. Consumia-se LSD, "novidade que vinha do estrangeiro e que, aliado à música, constituía elemento expressivo numa vivência subcultural juvenil em embrião" (Fernandes, 1990, p.63).

No pós-25 de Abril, até 1976, o haxixe e a "erva" foram divulgados pela vinda para Portugal dos habitantes das ex-colónias. A toxicomania ainda não pode ser considerada um fenómeno generalizado.

Entre 1977 e 1979 o consumo de drogas começa a alargar-se, com predomínio das anfetaminas e da associação álcool-medicamentos psicotrópicos. A politoxicomania torna-se frequente. A partir de 1980 surge no mercado a heroína, mais cara do que

---

<sup>12</sup>Actualmente a preocupação social em relação ao consumo abusivo de heroína tem a ver não só com os comportamentos delinquentes, mas também com os problemas graves de saúde associados ao consumo por injeção intravenosa, como sejam as hepatites e a SIDA.

todas as drogas anteriores. Gerando uma dependência física muito mais rápida e mais intensa, cria um número crescente de heroinómanos.

O consumo de drogas, em todos estes períodos, é um fenómeno sobretudo urbano. Para Luis Fernandes (1990) a sua compreensão passa pela compreensão das questões que levanta o modo de vida urbano. A clarificação da sua diacronia ganharia muito, ainda segundo este autor, com o estudo da história de vida dos sujeitos a que chamou "históricos", no sentido em que viveram desde o início o fenómeno crescente do uso de psicoactivos em Portugal" (Fernandes, 1990, p.62)

## **2.2 - Modelos de Abordagem do Fenómeno Droga**

O consumo de drogas é considerado um fenómeno bio-psico-social, na medida em que nele estão implicadas estas três dimensões da pessoa. Para Helen Nowlis "existem quatro maneiras principais de encarar a utilização de drogas e os seus três componentes interactivos (a substância, o utilizador, o contexto): o ponto de vista tradicional jurídico-moral, o ponto de vista médico ou da saúde pública, o ponto de vista psico-social e o ponto de vista socio-cultural" (Nowlis, 1981, p.15).

O primeiro, o modelo jurídico-moral atribui uma grande importância ao tipo de droga, classificada como inofensiva ou perigosa, sendo as perigosas colocadas fora do alcance do público através de proibições. O consumidor é visto como a vítima de um produto perigoso. Os indivíduos são divididos em utilizadores ou não utilizadores, não se fazendo qualquer distinção das motivações e dos modos de consumo.

No modelo médico ou da saúde pública a toxicodependência é equiparada a uma doença infecciosa, em que a droga é o agente, o indivíduo o hospedeiro e o contexto o meio-ambiente. O elemento mais activo desta tríade continua a ser a droga (o agente da doença). As substâncias consideradas perigosas são, neste modelo, aquelas que podem provocar dependência, não se fazendo nenhuma distinção entre drogas legais e ilegais. O indivíduo é vulnerável ou não vulnerável a contrair a doença e a prevenção é encarada como uma espécie de "vacinação" que deveria abranger toda a população.

O modelo psico-social enfatiza mais o papel do indivíduo. Há uma preocupação com o significado do uso da droga, considerando-se que o consumo só se manterá enquanto tiver uma função para o indivíduo. Faz uma distinção entre as quantidades, modalidades e motivações de utilização das drogas. O contexto é considerado como podendo contribuir para o consumo, mas também para lhe pôr fim.

O modelo socio-cultural enfatiza os aspectos ligados ao contexto. É a definição social do produto e dos seus utilizadores que dá significado e importância à droga. O consumo de drogas terá pois um significado diferente em diferentes culturas, sendo o consumo de drogas ilegais, neste modelo, encarado como um comportamento desviante em relação às normas sociais em vigor. São acentuados os aspectos ligados às condições socio-económicas e ao meio ambiente em que o indivíduo vive. A discriminação, as más condições de vida, a falta de oportunidades para melhorar de vida são factores promotores do comportamento desviante.

Encarar o consumo de drogas segundo cada um destes quatro modelos atrás referidos tem consequências diferentes, a nível da compreensão do consumo e das modalidades de intervenção recomendadas ou postas em prática. Uma parte importante da investigação e da prática de prevenção e tratamento da toxicodependência, actuais, podem integrar-se nos modelos psico-sociais e socio-culturais. No entanto o modelo médico e o modelo jurídico-moral também estão presentes na definição de políticas, quer de repressão e controle do tráfico e do consumo, quer de tratamento.

### **2.3 - Definição de Toxicodependência da O.M.S**

A definição de toxicodependência da OMS releva sobretudo do modelo médico. O termo toxicodependência foi substituído pelo de farmacodependência, pretendendo-se assim englobar não só o consumo de produtos de uso recreativo, como o álcool e as drogas ilegais, mas também o consumo abusivo de medicamentos. A farmacodependência é definida como "um estado de dependência psíquica ou física, ou ambas ao mesmo tempo, em relação a um produto, estabelecendo-se num sujeito após o uso periódico ou contínuo deste produto"<sup>13</sup>.

Nesta definição, está contida a ideia de evolução, de um estado não toxicodependente, mas de consumo, para a toxicodependência. Uma evolução que se

---

<sup>13</sup>Definição retirada de D. Marcelli e A. Bracconier (1989) p.268



realiza no tempo, através do aumento das doses de um mesmo produto, mas também pela "escalada", noção que tem a ver com os produtos consumidos e com os modos de consumo. Assim, o toxicodependente passaria dum consumo mais social de drogas provocando menor dependência, como o haxixe e a marijuana, para o consumo de outras, como a heroína e a cocaína, geradoras de muito maior dependência, utilizadas muito mais solitariamente ou pelo menos provocando um grande retraimento da vida relacional e dos interesses vitais do consumidor (Charles-Nicolas e Le Coguic, 1988).

A noção de "escalada" é questionada por alguns autores. Agra (1994) considera que esta noção, a não ser questionada introduz uma inexorabilidade no destino do consumidor de drogas, porque a partir do primeiro contacto ele deixaria de ter escolha. Em trabalhos sobre as "carreiras" de consumidores de heroína, outros autores observaram que o consumo de haxixe e mesmo o consumo de heroína não conduz, necessariamente, à toxicodependência (Crawford et al., 1983).

Compreende-se que o consumo de um produto, só por si, não define a natureza do problema psicológico e/ou social do sujeito ou o fenómeno socio-cultural da droga (Morel, 1993). A compreensão da pessoa e das suas circunstâncias tem a maior importância. É disso que falaremos de seguida.

## **2.4 - Estudos Sobre a Personalidade**

Muitos dos trabalhos sobre a personalidade dos consumidores abusivos de drogas têm sido realizados por autores de orientação psicanalítica, sobretudo a partir da experiência clínica. Esta disciplina faz, de certa forma, a ligação entre o modelo médico e o modelo psico-social. No primeiro podem integrar-se alguns autores que procuraram evidenciar as estruturas de personalidade dos toxicodependentes. No segundo pode integrar-se outra linha de trabalho, na área da psicanálise, que tem a ver com a exploração da etiologia das condutas toxicodependentes em perturbações do desenvolvimento, ligadas a falhas do ambiente, sobretudo nos estádios da infância e na adolescência.

Magoudi (1986) divide em dois grupos os autores que estudaram a noção de estrutura da personalidade na toxicomania. Um primeiro grupo que considera que o toxicómano tem uma estrutura de personalidade característica, diferente da neurose,

da psicose e da perversão. Um segundo grupo para o qual a toxicomania é um comportamento que se pode encontrar em diferentes estruturas de personalidade.

Os trabalhos sobre a estrutura de personalidade característica dos toxicodependentes exploraram a concepção de estado-limite ou *border-line*, uma organização entre a psicose e a neurose, essencialmente caracterizada por um Ego enfraquecido, diminuído nas suas potencialidades de adaptação e por relações objectais dominadas pelo anaclitismo, feitas com objectos parciais que ora são idealizados ora são completamente desvalorizados (Marcelli e Braconnier, 1989).

Para Bergeret (1988), incluído no segundo grupo de autores referidos por Magoudi, a relação que o sujeito estabelece com o produto, a escolha do produto, o objectivo que o indivíduo pretende alcançar com o consumo e o modo como evolui a dependência, são diferentes, em função da estrutura da personalidade. Mas para além disso, observam-se, nos consumidores abusivos de drogas, aspectos comuns que têm a ver com um grande investimento no registo comportamental, em detrimento do registo mental e corporal; com a tentativa constante de anulação dos aspectos conflituais da personalidade; com dificuldades nos processos de identificação às figuras parentais.

Neto (1990) considera que na toxicodependência podem estar implicadas diferentes vertentes da personalidade: a vertente paranóide, a vertente fusional-dependente-depressiva e a vertente autista. A escolha da droga está ligada à vertente predominante numa personalidade e a intenção consciente do utilizador, ao consumir a droga, não é auto-destrutiva mas restitutiva, procurando efeitos anti-depressivos, sentimentos de onnipotência, desconexão narcísica de tonalidade agradável.

Ainda na dimensão da organização da personalidade, certos autores agrupam, sobre a designação de "adicção" (addiction), um conjunto de perturbações do comportamento caracterizados pela repetição, dependência de um objecto ou situação procurados com avidez, desinvestimento de todos os outros centros de interesse vital e incapacidade de terminar o comportamento, apesar de este não proporcionar prazer (Pardinielli, 1990). As condutas aditivas, assim definidas, incluem a toxicodependência, a bulimia, a anorexia, o jogo compulsivo, a auto-agressão e certas condutas sexuais.

Esta perspectiva foca sobretudo o modo de organização e funcionamento da personalidade, embora o efeito do "objecto" de adicção e o seu significado socio-cultural confira a cada toxicodependência o seu perfil específico (Ades, 1993).

Jeammet (1990) encontra a etiologia das condutas aditivas numa evolução conflitual e não complementar dos investimentos objectais e narcísicos. No desenvolvimento, a experiência de uma relação de satisfação e prazer, em primeiro lugar com a mãe, e de seguida com o pai e com outras pessoas significativas do seu mundo, dá à criança uma certa independência quer em relação às suas exigências internas, quer em relação ao meio. Ficam assim lançadas as bases para a constituição da capacidade de encontrar prazer e valor em si próprio (auto-erotismo e narcisismo) que promovem a autonomia. Por insuficiência de cuidados, ou por excesso de presença, a relação primária pode não permitir à criança esta evolução harmoniosa. O equilíbrio narcísico fica então perturbado, muito dependente dos objectos externos, comprometendo-se a autonomia em favor da necessidade absoluta de manter laços de dependência com características infantis.

Na adolescência ou no início da idade adulta, a agudização da necessidade de autonomia provoca o rompimento do equilíbrio precário entre investimentos objectais e narcísicos, conseguido até aí. Na medida em que o conflito não é mentalizado, através do comportamento aditivo, geralmente desencadeado neste período do desenvolvimento, o adolescente tentaria manter a sua integridade narcísica, por uma tentativa de controle dos objectos ou dos seus substitutos. Resulta assim uma situação paradoxal em que o rompimento da dependência resulta no estabelecimento de uma dependência, com a diferença de, no comportamento aditivo, o indivíduo ter a ilusão de controlar o objecto, de passar de um papel passivo a activo.

A vulnerabilidade à adopção de condutas aditivas reside, para Bergeret (1990) em elementos prévios, já presentes no funcionamento psíquico da criança e do adolescente, que dizem respeito a uma carência das identificações e do funcionamento imaginário, necessidade de protecção, impetuosidade das exigências afectivas, essencialmente narcísicas, criando uma necessidade de satisfação imediata. Toda a frustração desencadeia um sentimento de falta e uma angústia que reforçam a violência comportamental e física manifestada para com os outros e para consigo próprio. É a impossibilidade de ser verdadeiramente autónomo, porque a pessoa se sente incompleta.

A ideia de incompletude narcísica está também presente em Olivenstein (1982, 1988). Este autor, interrogando-se sobre a existência de um "sistema de fabricação organizador de um toxicómano", responde a esta questão simultaneamente sim e não, na medida em que o destino assim fabricado não seria inevitável. É a dimensão temporal do encontro com o produto que tem uma enorme importância: "todo o fenómeno pode ou não produzir-se, segundo a velocidade do encontro intrapsíquico e o momento em que acontece. " (Olivenstein, 1982, p.6).

Está aqui presente a ideia de condições internas e de condições externas, cujo encontro em determinado momento da vida do sujeito inicia a toxicodependência. As condições internas estão ligadas a uma resolução "intermédia" do estágio do espelho, descrito por Lacan. Neste estágio, o rompimento da relação fusional com a mãe e a constituição de um Eu separado implica o reconhecimento pela criança da imagem de si própria, reflectida num espelho real ou simbólico (no olhar da mãe). Na resolução intermédia, que Olivenstein chamou do *espelho quebrado* ("*miroir brisé*"), é como se a criança pudesse entrever essa imagem, e imediatamente o espelho se quebrasse, devolvendo-lhe uma imagem quebrada e incompleta de si próprio. O toxicodependente seria assim um indivíduo que anteviu as possibilidades da separação, mas que não pôde consolidar-se como ser separado, ficando-lhe uma nostalgia do estado fusional perdido. Na relação com a mãe isto corresponderia a uma relação em que a mãe ora reconhece a criança como pessoa diferente e separada de si própria, ora a não reconhece, ao longo do desenvolvimento.

- O pai não consegue introduzir-se de uma forma adequada na relação mãe-filho, ou porque está demasiado ausente, ou porque é uma figura desprovida de poder no contexto familiar.

Nestas condições do desenvolvimento, o encontro com o produto, uma vez realizado, transforma-se rapidamente em consumo compulsivo, através do qual o indivíduo procura colmatar as "fendas" do narcisismo e recuperar o sentimento de unidade fusional dos primeiros tempos de vida de que sente nostalgia.

Gonet (1992), que retoma ideias de Olivenstein, liga a etiologia da toxicodependência a sucessivas vicissitudes no desenvolvimento, iniciadas numa relação primária em que a mãe se mostrou ora rejeitante ora afectuosa e aceite, relação não equilibrada pela presença do pai, o que não permite o estabelecimento de um sentimento de unidade e valor pessoal.

Fora do campo psicanalítico, têm sido realizados muitos trabalhos sobre a personalidade dos toxicodependentes, com conclusões por vezes contraditórias.

Investigações realizadas com o MMPI<sup>14</sup> apresentam resultados diferentes na diferenciação de perfis de personalidade entre sujeitos normais e consumidores abusivos de drogas. Por exemplo Gendreau e Gendreau<sup>15</sup> não encontraram diferenças significativas entre os perfis de personalidade de um grupo de consumidores de heroína presos e um grupo controle de não consumidores. Já no que diz respeito ao consumo de anfetaminas Brook et al.<sup>16</sup> encontraram, num grupo de consumidores destas drogas, resultados no MMPI que sugerem uma organização da personalidade "imatura", marcadamente diferente do grupo controle.

### Toxicodependência e Adolescência

Acontecendo o início do consumo de drogas e a evolução para o abuso geralmente na adolescência, período do desenvolvimento em que esta temática é central, ligada ao estabelecimento da identidade pessoal e da escolha de um projecto de vida, a compreensão da toxicodependência tem passado também pela compreensão das dificuldades de resolução das tarefas psicosociais adolescentes.

Na adolescência, todas as questões do desenvolvimento anterior são reactivadas, em primeiro lugar aquelas que dizem respeito à relação com os pais. A emancipação do adolescente passa por um conflito com a geração anterior, em que ele terá de se desligar dos laços infantis e da sua própria imagem de criança. Esta tarefa implica a realização de um processo de luto, de aceitação da perda do mundo infantil, fazendo o adolescente viver um período de depressão normal.

Dias (1984) descreve cinco lutos obrigatórios na adolescência: 1) luto pela fonte de segurança representado pela mãe protectora; 2) luto renovado pelo objecto edipiano, relacionado com o desinvestimento dos aspectos edipianos dos pais; 3) luto pelo ideal do Eu, construído principalmente com base na idealização das figuras parentais; 4) luto pela bissexualidade, com a escolha do objecto de amor

---

<sup>14</sup>O MMPI é um teste psicológico que permite a construção de um perfil de traços da personalidade.

<sup>15</sup>Gendreau e Gendreau (1970) The "addiction-prone" personality: a study of Canadian heroin addicts. *Canadian Journal of Behavioural Science*, vol2, nº1, p.18-25, referido em Fazey (1977).

<sup>16</sup>Brook, Robert et al. (1973) Personality characteristics of adolescent amphetamine users as measured by the MMPI, *British Journal of Addiction*, vol 69, nº1, p.61-66, referido em Fazey (1977).

heterossexual; 5) luto pelo grupo, muito importante no decurso da adolescência, mas de que o jovem terá de se desligar progressivamente para se tornar capaz de viver autónomamente e ganhar capacidade de estar só.

A transformação do Ideal do Eu, tornado mais realista, e a realização de novos investimentos, em interesses vitais e em pessoas fora da família, permitem ao adolescente ultrapassar o período de depressão, reformular os laços afectivos com as figuras parentais, e situar-se no mundo dos adultos. O encontro com a droga, no período crítico de desequilíbrio do adolescente, dá-lhe a ilusão de ter encontrado uma resolução mágica e instantânea para as dificuldades que está a viver, funcionando como modo de defesa anti-depressivo. O confronto e a aceitação dos limites dos outros e dos seus próprios limites, a necessidade de diferenciar o que pode ser realizado imediatamente e o que tem de ser projectado e realizado apenas no futuro, a tolerância à espera e à frustração actual, são curto-circuitados pela droga, que favorece a regressão psíquica e comportamental, permitindo a descarga directa dos afectos e o alcançar de satisfações imediatas e elementares (Dias, 1979).

Nas suas manifestações comportamentais, a toxicodependência aparece assim como uma reacção, exteriorizada em acto, à dificuldade de resolução de conflitos intrapsíquicos ligados ao processo de separação-individuação que deveria completar-se na adolescência.

Esta reacção agida apresenta características muito particulares. Trata-se, como refere Agra (1993) da adesão, por parte do indivíduo, a um padrão cultural que lhe pré-existe e não inventado por ele, comportando, assim, uma forte dimensão social. Por outro lado, especialmente na dependência de heroína, é um comportamento de alto risco, em que o prazer e a morte se encontram lado a lado.

Charles-Nicolas (1982) define a conduta toxicodependente como uma "conduta ordálica", comparando-a com a ordália da Idade Média, que tendo sido um rito judiciário que apelava à justiça divina, no sentido de decidir da inocência do sujeito, hoje se tornou um rito em que o indivíduo, por intermédio de uma conduta de risco procura provar a si próprio e a outro, o valor da sua vida. "A ordália não permitia a dúvida, condenava à morte ou designava triunfalmente aquele que estava do lado de Deus, o que tinha sido escolhido por Deus numa decisão que transcendia toda a justiça humana" (1982, p. 90).

Segundo Ritel-Laurentin, citado por Charles-Nicolas, percebeu-se, através dos séculos e das sociedades, a necessidade de um sinal, que só tem significado quando relacionado com uma resposta não escolhida pelo indivíduo, exterior a ele, num mundo regido por forças que lhe escapam e das quais ele quer experimentar o terror e a protecção. Assim, a ordália, apresenta uma identidade da mesma natureza das desordens que combate.

Para Charles-Nicolas as condutas ordálicas e a ordália têm em comum o risco de afrontar a morte, assim como o colocar sempre o indivíduo numa situação de solidão face ao seu destino, sendo a "sentença" do julgamento ordálico ditada por um poder sobrenatural - onnipotente.

Poderíamos dizer que nas sociedades ocidentais actuais os adolescentes estruturam eles próprios provas iniciáticas, jogos que apesar da sua natureza lúdica os submetem essencialmente ao jogo da morte. Estes comportamentos de carácter intenso e altamente arriscados apelam a uma afirmação da sua existência, reconhecendo os *poderes transcendentais do destino*. Ao sobreviverem, ressurgem neles, como que uma nova vida, onde se sentem os eleitos de Deus, o que no entender de Jeffrey (1994, p. 88) levaria ao desenvolvimento e integração de um sentimento de segurança e de confiança em si.

As condutas ordálicas parecem distinguir-se essencialmente da ordália, porque esta última não tem carácter repetitivo, e ainda porque a conduta ordálica não é ordenada pela autoridade social, mas é da iniciativa do próprio sujeito.

No toxicodependente de heroína, o consumo de droga pode ser definido como conduta ordálica, em que a tomada de droga e as condutas autodestrutivas repetidas têm uma natureza de tudo ou nada, reveladora de um trabalho de sapa da pulsão de morte.

Olivenstein diz que "no flash o fantasma realizado ou subjacente é de gozar-se a si próprio, no interior de si próprio, e de nascer deste prazer". Diz ainda, que esta vivência narcísica única, que ultrapassa em sensação tudo o que o sujeito conhece, conduz à repetição, na tentativa de domínio deste estado. Haveria assim, um desafio à morte, a ilusão de a controlar e ao mesmo tempo a necessidade de controlar o seu próprio destino, uma forma de se libertar da dependência, paradoxalmente criando a dependência absoluta da droga.

## 2.5 - Abordagem Comportamental e da Aprendizagem

Para os autores das teorias comportamentalistas e da aprendizagem, não há necessidade de recorrer ao conceito de personalidade, na compreensão da etiologia da toxicodependência.

Nesta abordagem, um dos pontos de vista explica a toxicodependência pelo evitamento do síndrome de abstinência, que funcionaria como um reforço negativo para a paragem do consumo (West, 1991). É a concepção, por exemplo de Lindesmith<sup>17</sup> que considera que a motivação para usar drogas será mais do que a procura do prazer, o medo e o evitamento do desprazer.

No entanto estas teorias são insuficientes para explicar, por exemplo, as situações de indivíduos que param os consumos apesar do síndrome de abstinência ou a recaída quando este síndrome não se verifica. A ligação entre as recaídas e determinados momentos da vida de indivíduos, abstinentes há muito tempo, também não pode ser explicada por estas teorias.

Uma outra explicação comportamental liga a toxicodependência aos efeitos positivos do consumo, quer provocando um estado de euforia e prazer físico, quer aumentando sentimentos de eficiência, na realização de tarefas (é o caso da cocaína, por exemplo), nas situações de stress ou nas relações interpessoais, por diminuição das inibições (West, 1991).

Para Peele (1977)<sup>18</sup> é o aspecto de prazer imediato que a droga proporciona que reforça positivamente o consumo<sup>19</sup>, em indivíduos com sentimentos de incompetência pessoal e/ou social. O efeito gratificante leva à repetição do comportamento, mas o próprio comportamento aumenta os sentimentos de incompetência, que por sua vez reforçam a dependência.

O consumo de drogas como procura de prazer e sensações fortes tem sido estudado por exemplo através da aplicação da Escala de Zuckerman de "procura de

---

<sup>17</sup>Referido em Dias, C. (1980)

<sup>18</sup>Referido em Ades, J. (1993)

<sup>19</sup> Este autor, tal como outros que referimos atrás, quando falamos das teorias sobre a personalidade, reúne, sobre a classificação de comportamentos aditivos, a toxicodependência, a bulimia, o jogo patológico, a "adicação" sexual, isto é, quadros em que existe a repetição compulsiva de um comportamento que dá prazer imediato, embora tenham consequências negativas para o sujeito a mais longo prazo.



sensações" (sensation-seeking). Pontuações altas nesta escala têm sido associadas com consumo de drogas (Alexander et al. 1990) e também a determinados tipos de condutas sexuais, ao jogo patológico e comportamentos de risco (condução perigosa, desportos arriscados, etc.) (Ades, 1993).

A fraqueza desta teoria tem sido considerada a sua insuficiência na explicação de porque é que os indivíduos levam tempo a tornar-se toxicodependentes.

Um terceiro grupo de teorias nesta abordagem apela para a noção de "força de um hábito", que se refere à "associação causal entre um estímulo que é um evocador de uma acção e a acção subsequente". O consumo alteraria assim os padrões motivacionais do indivíduo que teria tendência a repetir o comportamento sempre que houvesse estímulo evocador (West, 1991).

## **2.6 - Estudos Sobre a Família**

A dificuldade de "resolver a adolescência", que se encontra, segundo muitos autores, na base dos problemas de droga, tem sido ligada à incapacidade da família e, mais latamente, da nossa sociedade actual, em favorecer o processo de individuação.

Na literatura os factores psicosociais que aparecem ligados ao consumo de drogas são a exposição a modelos que consomem, relações familiares pobres e laços fortes com o grupo de pares, factores demográficos como a idade, sexo e etnia e relação pobre com a escola (Morris et al., 1990).

A influência da família no processo de evolução do consumo de drogas, quer no que diz respeito ao seu agravamento, quer na paragem do consumo, reúne um certo consenso dos investigadores e dos clínicos, testemunhado pelo número de trabalhos que exploram as características da família e a qualidade da relação intra-familiar, e pela importância crescente de modalidades de terapia familiar na intervenção clínica.

Para Silvie e Pierre Angel (1988), a sobrerepresentação de rapazes na população toxicodependente conduz a uma reflexão sobre a relação mãe-filho. É a mãe que, na maior parte dos casos, acompanha a evolução no consumo do filho, exercendo uma vigilância estreita da sua vida e, muitas vezes, impedindo a intervenção do pai. O

laço diádico mãe-filho aparece, então, como o eixo central do sistema familiar, com o pai mantido numa posição periférica e sem poder.

A posição periférica em que o pai do toxicodependente é mantido e se deixa manter, não se constituindo assim como um "separador" e introdutor da ordem social na relação mãe-filho, nem como figura de identificação suficientemente valorizada, também foi assinalada por outros autores, entre eles Olivenstein (1982), Cordeiro (1982) e Dias (1984).

Por outro lado, em muitas famílias com toxicodependentes, as interdições estruturantes do grupo social são vividas como impostas do exterior e constantemente postas em questão. Desta forma, o comportamento do toxicodependente não está em ruptura com os valores familiares, antes, no seu agir desviante, ele mantém a lealdade em relação à família, pondo em acto o questionamento implícito na cultura familiar (Angel e Angel, 1988).

Os conflitos familiares, as dificuldades de comunicação, a perturbação real da estrutura familiar e a desinserção socio-cultural da família (como é o caso das famílias de emigrantes), são outros elementos que têm sido considerados como factores de influência familiar na origem das toxicodependência (Dias, 1980; Cordeiro, 1982).

A influência das atitudes e do consumo de drogas por parte dos pais tem sido estudada sobretudo na perspectiva das teorias da aprendizagem social.

Baumann e Schenker (1973)<sup>20</sup>, num estudo com 1381 mulheres de 19 anos, encontraram uma correlação positiva entre meio familiar perturbado, consumo de álcool por parte dos pais e consumo de drogas pelas filhas. Marin et al. (1974)<sup>21</sup>, numa investigação em que aplicaram um questionário e uma escala de personalidade (o Eysenck Personality Inventory) a 2142 estudantes de ambos os sexos, concluíram que a influência de modelos sociais, especialmente os pais e os amigos, e as atitudes em relação à droga e aos seus efeitos, são mais importantes do que os

---

<sup>20</sup> Baumann, C.A.; Schenker, K. (1973) Social background and personality of female drug consumers, referido em Fazey (1977) *The aetiology of psychoactive substance use*, UNESCO, Paris, p.78

<sup>21</sup> Marin, G.; De Samper Y Blanca Velasquez, Silva (1974) El aprendizaje social como un factor explicativo de las farmacodependencias: una comprobación Latinoamericana. *Revista Latinoamericana de Psicología*, vol.6, p.321-329. Referido em Fazey (1977) *The aetiology of psychoactive substance use*, UNESCO, Paris, p.56.

factores de personalidade, na diferenciação entre consumidores e não consumidores de drogas ilegais.

No que diz respeito ao peso relativo da influência da família, comparada com a influência dos amigos, os resultados de uma investigação de Blum et al. (1972)<sup>22</sup>, com famílias americanas de diferentes grupos sociais, sugerem que a influência da família é **mais importante** do que a influência do grupo de amigos, mas apenas quando esta é "forte". Quando os pais abdicam da sua autoridade o grupo de pares ganha mais poder de influência.

Lopez et al. (1989) estudaram a ligação à família e ao grupo de pares, comparando grupos de não consumidores com grupos de consumidores de drogas legais (tabaco e álcool), experimentadores de drogas ilegais e consumidores habituais de drogas ilegais. Os resultados indicaram que existia uma maior ligação à família do que ao grupo de pares nos não consumidores, enquanto que o consumo pelos pais, e pelos pares, mesmo de drogas legais, estava fortemente correlacionado com a consumo de drogas, legais ou ilegais. Os autores referem ainda que as variáveis "conflito entre os pais" e "conflito pais-filhos" revelaram um poder discriminativo que interpretam como indicador de uma influência directa do comportamento dos pais no comportamento dos filhos.

Numa investigação de Geada (1992), os resultados sugerem que "a existência de laços mais fortes de vinculação aos amigos do que aos pais é o principal preditor do uso de drogas na adolescência" (p.297).

Ainda dentro do estudo da família, ao papel dos irmãos mais velhos como modelos tem sido dada relativamente pouca atenção. Needle et al. (1986) num trabalho com 508 famílias com filhos entre os 11 e os 13 anos e entre os 14 e os 18, investigaram a influência destes últimos no consumo de drogas pelos irmãos mais novos. Concluem que as atitudes de aprovação ou desaprovação e o consumo ou não de drogas por parte dos irmãos mais velhos tem mais poder do que a influência dos pais, embora menos do que o grupo de amigos. Os irmãos mais velhos, de acordo com estes autores, constituem um grupo de referência diferente do grupo de amigos e dos pais, que pode ser muito importante como modelo.

---

<sup>22</sup>Blum, R. et al. (1972) *Horatio Alger's Children: The Role of the Family in the Origin and Prevention of Drug Risk*. San Francisco, Jossey-Bass. Referido em Fazey (1977) *The aetiology of psychoactive substance use*, UNESCO, Paris, p.54.

## 2.7 - Estudos Sobre os Grupos de Pares

Os amigos e a integração em grupos de pares são um elemento importante da vivência adolescente e juvenil. O início do consumo de drogas acontece, geralmente, no seio deste grupos e a sua influência tem sido considerada como importante, quer na iniciação, quer na adopção de padrões de consumo e comparada com a influência dos factores de personalidade e familiares.

Estudando a influência relativa ou a interrelação da personalidade, da família e dos grupos de pares, Brook et al (1983) concluíram pela influência significativa deste factores no consumo de drogas legais ou ilegais, mas que a sua influência era independente. Assim, a presença de certos traços de personalidade (tolerância à desviância, rebeldia e tendência à desviância), o consumo de drogas por parte da família e o uso de drogas entre os amigos aparecem correlacionados com estádios mais "altos" de consumo, independentemente uns dos outros, o que significa que qualquer um deles, só por si, pode ser considerado um factor de risco.

Num inquérito a 195 homens e mulheres em tratamento, por consumo de diferentes drogas, a pressão dos amigos foi a influência mais mencionada como estando na origem de problemas com droga nos consumidores de estimulantes que, simultaneamente, se descreveram como tendo falta de controle sobre si próprios e sobre os acontecimentos da sua vida, baixa auto-estima e baixa auto-confiança (Anglin, 1994). A vulnerabilidade à pressão dos amigos, referida, é compreendida pelos autores do inquérito associada a estas características da personalidade. Geada (1992), numa investigação em que comparou estudantes do ensino secundário consumidores e não consumidores de drogas ilegais, concluíra também pela importância da personalidade na tendência para se integrar em grupos com comportamentos desviantes, potencialmente proporcionadores de iniciação ao consumo de drogas. São os indivíduos com "uma organização socio-afectiva inerentemente instável e vulnerável" que se ligam a este tipo de grupos, sugerem os seus resultados (Geada, 1992, p.305).

Num outro inquérito, a adolescentes escolarizados da região do Alaska, estes invocam três tipos de motivos para o consumo de drogas: 1- para reduzir o stress e lidar mais facilmente com sentimentos desagradáveis ou com problemas; 2- pelo efeito da droga em termos de sensações e de alteração do estado de consciência; 3-

motivação relacionada com os pares, quer porque estes encorajam ao consumo, quer para tornar mais fácil a relação (Segal, 1985-86).

Scheier e Newcomb (1991) testando o valor preditivo de um modelo de factores de risco na iniciação e no agravamento do consumo de drogas, verificaram que a percepção do uso de drogas e a percepção de atitudes positivas em relação ao consumo, por parte dos amigos, tinham um forte valor preditivo para o início e agravamento do consumo.

Ao contrário dos resultados atrás referidos, Beauchamp e Brunet (1994) num inquérito a adolescentes delinquentes acompanhados em centros de acolhimento, excluem a influência dos pares na iniciação ao consumo. Os jovens disseram terem tomado sozinhos a decisão de experimentar drogas, sendo a associação a um grupo de consumidores pós experimentação e não anterior. Os principais motivos invocados foram o desejo de ser outra pessoa, a procura do prazer, a fuga dos conflitos próprios da adolescência, a necessidade de esquecer problemas familiares e a anestesia das emoções. Estes autores interpretam o consumo de drogas como uma tentativa de adaptação, mais do que como um acto destrutivo.

Os grupos de pares são um elemento muito importante na vivência adolescente e juvenil. No movimento de autonomização da adolescência eles surgem como auxiliar importante no processo de separação em relação aos pais, fornecendo a segurança e as referências que o jovem já não encontra naqueles. O grupo absorve a agressividade individual, alivia dos sentimentos de culpabilidade e tende a compensar os sentimentos de inferioridade (Fau e Boucharlat, 1973). A sua influência, enquanto entidade psicossocial, pode funcionar positivamente como organizador do binómio SuperEu/ Ideal do Eu ou negativamente, como isolador do Ideal do Eu da realidade, colocando-o ao lado do princípio do prazer (Dias, 1988).

Trabalhos referidos atrás sugerem a importância do grupo na iniciação e no consumo de drogas. Mas mesmo que o indivíduo se inicie sozinho, foi, geralmente, com os seus pares que aprendeu o que se fazia para obter droga e para a consumir, bem como os efeitos antecipados.

Se todos os grupos juvenis comportam alguma parte de oposição às normas sociais e participam de uma sub-cultura juvenil, os grupos de consumidores de drogas, nomeadamente de consumidores de heroína, pela reacção social ao consumo, pela

ilegalidade do produto e pela própria representação que os consumidores têm da droga e do que ela proporciona, aparecem como claramente desviantes, quer na sua auto-representação, quer na representação social. A antropologia e a sociologia têm pois de integrar qualquer compreensão globalizante do fenómeno da toxicodependência.

## **2.8 - Droga e Escola**

O início do consumo de drogas acontece, como já foi referido, sobretudo na adolescência, fase da vida em que a escola tem geralmente um lugar importante, quer em termos do tempo que o indivíduo nela passa, quer em termos do investimento que exige. Os trabalhos que se referem à relação entre droga e escola têm tido sobretudo carácter epidemiológico, procurando clarificar a prevalência do consumo e identificar populações de risco, com objectivos de elaborar ou avaliar programas de prevenção primária. Porque a escola tem sido considerada como o local privilegiado de prevenção da desadaptação juvenil expressa em condutas como a toxicodependência.

Embora os estudos em meio escolar percam, evidentemente, os sujeitos não escolarizados, em Portugal um inquérito do GPCCD (1994) a uma amostra nacional de estudantes do 3º ciclo diurno mostra que o álcool e os medicamentos são as drogas em que predomina uma idade de iniciação mais precoce (11 anos), seguindo-se-lhe o tabaco (13 anos) e as drogas ilícitas. Para estas a idade predominante de iniciação difere em função das regiões, sendo a mais baixa localizada no Sul (13 anos) e a mais alta no Norte (16 anos).

O mesmo inquérito observou que nos consumidores de drogas ilícitas há uma maior percentagem de repetentes. Não há entretanto, diferenças em relação às aspirações académicas: quer os não consumidores, quer os consumidores pretendem tirar um curso superior e referem que é esse também o desejo dos pais.

No que diz respeito à taxa de abandono da escola por parte dos toxicodependentes não temos informação sobre o que se passa em Portugal. Reportando-se à realidade francesa, Fatela (1992) refere que os toxicodependentes abandonam o sistema escolar precocemente, muitas vezes logo no final da escolaridade obrigatória. Aos 18 anos só 16% dos toxicodependentes ainda estão na escola, contra 75% dos jovens

da população geral. Por outro lado o abandono da escola é raramente seguido de entrada na vida activa<sup>23</sup>.

Comparando a população toxicodependente que procura cuidados no Centro Parours (Paris) com jovens que ali recorrem com outro tipo de problemas. o mesmo autor observa que os toxicodependentes têm, geralmente, um nível académico superior, mas que se caracterizam por uma grande dificuldade em tirar partido do seu capital escolar. Isto parece acontecer quer porque ficaram longamente inactivos logo a seguir ao abandono da escola, quer porque a sua actividade se foi desenvolver em áreas que não estão ligadas às formações que realizaram, que nunca investiram pessoalmente.

Para Fatela (1992) a relação entre droga e escola tem de ser perspectivada no contexto geral da problemática adolescência-escola-família-sociedade e na importância que a escola tomou, quer pelo prolongamento do tempo dos estudos, promovendo uma entrada cada vez mais tardia no mundo dos adultos, quer por se ter tornado o meio principal de medir o sucesso dos indivíduos, exigindo desempenhos que não têm em conta os ritmos pessoais.

## **2.9 - Contributo da Antropologia**

Para Agra (1993) o contributo da antropologia para a compreensão do fenómeno droga está ligado:

- à constatação de que o uso de substâncias psicoactivas como meio de procurar estados de consciências alternativos, é uma constante de quase todas as épocas e culturas;
- à sistematização das funções universais deste uso, que se ligam ao desejo de transcender os constrangimentos vários que cada sociedade ou grupo enfrenta e à procura do prazer;
- à compreensão do carácter supra-individual do recurso às drogas, em que o indivíduo não inventa nada, antes adere a um padrão cultural que lhe pré-existe.
- à participação do uso de drogas de funções codificadas simbólicamente, resultando, como todo o padrão cultural, de um processo de aprendizagem que lhe assinala os limites, a razoabilidade e a perigosidades, mantendo-o assim dentro das

---

<sup>23</sup>Costes, J.M. (1990) La toxicomanie: un difficile passage à l'âge adulte?, *Données Sociales*, referido em Fatela (1992), p.88.

fronteiras de um uso, na grande maioria das vezes, não disruptivo, integrado e integrador, como acontece por exemplo nos rituais de iniciação;

- à constatação de que a droga, enquanto produto com determinadas propriedades farmacológicas não produz o fenómeno desviante da toxicodependência, este depende das expectativas do seu efeito, culturalmente codificadas.

O lugar que uma sociedade reserva às drogas, a percepção e a tolerância que tem em relação a elas, estão ligadas ao funcionamento dessa sociedade, à representação que tem de si própria como sociedade e à relação entre as drogas e o imaginário social.

Socialmente e individualmente, as drogas têm uma natureza ambivalente, pois são ao mesmo tempo procura de ultrapassagem dos constrangimentos e agente possível de auto-destruição, mais clara na imagem que delas têm as sociedades modernas, em que "o eixo em torno do qual se organiza antropológicamente a experiência das drogas se deslocou da comunidade (sociedades tradicionais) para o indivíduo (sociedades modernas)" (Fatela, 1991, p.55), cabendo agora muito mais a este a regulação integradora que anteriormente era social.

A mudança da perspectiva social sobre o consumo de drogas, com a mudança das próprias características da sociedade, é observada num trabalho da OMS sobre a Jamaica, referido por Fatela (1991)<sup>24</sup>. O consumo de cannabis, na Jamaica, é tradicionalmente aceite, nos meios rurais, beneficiando do reconhecimento ligado à sua integração na economia e na sociabilidade camponesa, enquanto nos meios urbanos é considerado como um comportamento desviante, quando realizado por adolescentes da classe média.

Comportamento desviante e problema social é a perspectiva das sociedades ocidentais sobre o uso de drogas, sociedades que, ainda de acordo com Fatela (1991), parecem ter renunciado a tentar favorecer modos de consumo socialmente controlados.

---

<sup>24</sup>OMS, Les Problèmes de la drogue dans leur contexte socio-culturel, sous la direction de G. Edwards et A. Arif, Genève, 1982, p.80-85 e 105.



## **2.10 - Sociologia da Desviância: Trabalhos de Becker**

No seu trabalho sobre carreiras desviantes, Becker (1973) estudou a carreira de consumidores recreativos de marijuana, descrevendo os processos através dos quais os indivíduos se tornam consumidores habituais desta droga. Da sua teoria, o que nos interessa para o nosso trabalho, é a concepção da carreira de consumidor em termos de processo de aprendizagem, e de percurso que neutraliza os mecanismos sociais de controle, que pretendem evitar a adopção desta conduta, considerada desviante.

Partindo do desejo do indivíduo de experimentar a droga, por razões variadas, que geralmente se prendem com a representação que tem da droga ou com o conhecimento da experiência de companheiros, Becker considera que para chegar a ser um consumidor de marijuana o indivíduo passa por três fases:

- 1- Aprendizagem da técnica correcta de fumar, sem o que o indivíduo pode não experimentar qualquer efeito, o que é habitual nas primeiras vezes que consome. Esta aprendizagem realiza-se no grupo em que existem outros consumidores.
- 2- A segunda fase é a do reconhecimento do efeito da droga. Nas entrevistas que realizou Becker encontrou a referência a muitas situações em que o indivíduo não reconhecia em si próprio um estado provocado pela droga ("high"), embora ele fosse evidente aos olhos dos outros participantes do grupo.
- 3- Finalmente é necessária uma redefinição das sensações experimentadas que, inicialmente, podem ser vividas como desagradáveis e eventualmente assustadoras. Esta redefinição ocorre na interacção com os utilizadores mais experientes, é a definição destes dos efeitos como agradáveis que vai transformar a avaliação do consumidor iniciante. Por outro lado eles podem também ensinar o manejo das quantidades, de modo a evitar sintomas de grande desconforto.

A ultrapassagem de cada uma destas fases permite que o indivíduo se torne num consumidor regular de marijuana. Se o processo de aprendizagem não é bem sucedido e a experiência se mantém como não produtora de efeitos ou continuamente desagradável, é mais provável que o indivíduo desista de consumir.

Trabalhos anteriores, de Lindesmith<sup>25</sup>, em relação a consumidores de opiáceos também acentuam a importância do processo de aprendizagem a um outro nível, no reconhecimento pela pessoa do seu estado de toxicodependente. Segundo este autor, os consumidores de heroína que não aprenderam, com outros consumidores, a reconhecer os sintomas da privação, podem atribuir o mal-estar que experimentam a outras causas. Estes consumidores teriam mais probabilidade de deixar de consumir. A consciência e a nomeação do estado de privação estaria assim, para Lindesmith, no centro da auto-identificação do indivíduo como dependente da heroína.

No seu avanço no processo de tornar-se um consumidor de marijuana, segundo Becker, o indivíduo teria ainda de encontrar modos de neutralizar os mecanismos sociais de controle que se manifestam na limitação do acesso à droga, na desaprovação social e na sua definição como conduta imoral.

O acesso a uma fonte relativamente estável de fornecimento é uma das condições para a passagem do consumo ocasional para o consumo regular. Por outro lado, para realizar esta passagem o indivíduo também tem de modificar a sua concepção dos perigos que lhe podem advir da possibilidade de o seu consumo ser descoberto, nomeadamente o perigo de ser preso, ou de ser de algum modo sancionado pelas pessoas com quem se relaciona. Finalmente, o indivíduo que se inicia na marijuana, partilha ou partilhou a perspectiva social que condena esta conduta. É a sua participação em grupos não concordantes com esta perspectiva que o leva a desligar-se da visão convencional, considerando-a como mal informada, de pessoas que estão de fora.

Vemos que para Becker a participação num grupo desviante é um passo final na carreira desviante. O sentimento de pertença, de partilhar os mesmos problemas e os mesmos valores solidifica a identidade desviante. O indivíduo no contexto do grupo pode realizar, com menos problemas, a conduta desviante e ao mesmo tempo utilizar as racionalizações do grupo (a ideologia) para justificar a sua conduta e neutralizar atitudes convencionais que ainda possa manter.

---

<sup>25</sup>Lindesmith, A. (1947), *Opiate addiction*, Principia Press, Bloomington, referido em Macquet (1994), p.67-68.

## 2.11 -As Subculturas das Drogas

A análise que Fernandes (1990, 1993) faz dos locais e dos actores das drogas, numa exploração/investigação pelo que chama os "territórios psicotrópicos" da cidade do Porto, parece-nos extremamente interessante na clarificação da inserção na cultura dominante das subculturas das drogas e dos seus significados. Ao procurar as drogas na sua materialidade, nesses territórios públicos, encontrou ao mesmo tempo uma subcultura juvenil em desaparecimento (a subcultura da "ganza", dos consumidores de haxixe e "erva") e a permanência estável de consumos de uma droga "dura", a heroína, protagonizada por actores sociais entre o desespero e a anestesia, em que resta muito pouco lugar para atitudes culturais.

O que caracteriza os espaços da "subcultura da ganza" é a sua abertura, a mistura dos "habituais" com os forasteiros, aparecendo as drogas como uma experiência natural, quer na banalização do consumo, quer na forma como são faladas, mesmo com desconhecidos. Trocam-se informações sobre onde se pode arranjar e de que qualidade, e trocam-se também experiências, de sensações e aventuras, expressivas da valorização e do significado subcultural das drogas. A atitude em relação às drogas é então uma atitude claramente divergente da atitude da cultura dominante, excepto no que diz respeito aos que se deixaram arrastar para a dependência, considerados de alguma forma inábeis, que não souberam controlar os consumos.

A presença da droga é "intersticial", aparece e desaparece num espaço e num tempo imperceptíveis a alguém de fora, mas facilmente evidente aos participantes da subcultura, que aprendem a gerir eficazmente os espaços e os timings dos encontros. Esta constatação leva Fernandes a levantar a hipótese de que o consumidor regular de drogas vive num ritmo diferente do ritmo marcado pela cultura dominante, organiza o tempo de um modo que permite a disponibilidade para ocorrências mais ou menos imprevistas, podendo sentir como violenta a obrigação de viver segundo ritmos marcados por obrigações familiares ou de trabalho. Por outro lado, o consumidor investe certos espaços urbanos como uma matriz ecológica que só ele (e os membros da sua cultura) sabe ler, o que faz com que o cidadão médio não veja nem os drogados nem as drogas, mesmo quando eles surgem muito perto de si.

Para além do plano semântico e do plano espacial, o plano do corpo também delimita a subcultura. O visual tem um valor comunicacional, só completamente

descodificável quando ligado a uma semiologia mais completa que integra o léxico, a postura e o contexto que os enquadra.

Fernandes (1993) define subculturas juvenis como "associações particulares, configurações datadas, destes conjuntos de significações. Os elementos expressivos particulares duma subcultura, sejam visuais, sonoros ou comportamentais (e normalmente são uma combinação dos três) são instrumentos para a auto-imagem de quem nela participa e para o processo de categorização social (diferenciação/segregação das diferentes sensibilidades do tecido social e da organização geracional) (p.210).

O frequentador deste espaço da Ribeira-Barredo nova, pos-renovação urbana, é um tipo de consumidor que Fernandes designa por "freak", seguindo a nomenclatura juvenil. Ele foi frequentador da zona ao longo dos anos 80, perdendo importância para o final da década, o que, segundo a autor, testemunha o carácter fugaz e datado das sensibilidades juvenis. Nos anos 80, aliás, ele encontrava-se já em decadência, pois teve o seu momento alto entre 76 e 80, anos em que o seu modo de se relacionar com as drogas se tornou um referencial para sectores mais vastos do mundo juvenil. Nos anos 80, deu-se uma generalização do freak, que desenquadró o consumo da droga da sua constelação subcultural e a banalizou, reduzindo-a a um produto que se consome. Acentuou-se o consumo de psicotrópicos, e surgiu a figura do "drunfado", muitas vezes antigos "freaks" que fizeram a escalada, que vivem experiências mais extremas, mais perto da perda do controle.

Desde o início dos anos 80, apareceu e estabilizou-se o consumo do pó, a heroína. Esta instalou-se noutros espaços, sobretudo os espaços suburbanos próximos da cidade, o que Fernandes chama "as traseiras da cidade", locais não visíveis a partir dos centros de actividade urbana, mas que estão ali muito perto.

A investigação nos "territórios duros", da heroína, foi realizada por Luís Fernandes num bairro periférico do Porto, onde foram realojados muitos dos habitantes populares da zona da Ribeira-Barredo aquando da renovação urbana. É um espaço pouco investido pelos seus moradores, que para aí foram remetidos por constrangimentos externos. Saíram de meios caracterizados por importantes relações de vizinhança e pela existência de redes sociais estabelecidas, que se desarticularam na transição, para um novo meio que não favorece a reconstrução.

São bairros marcados por estereótipos que se foram construindo a seu respeito, partilhados pelos que são de fora, mas também pelos que são de dentro, que os definem como espaço de delinquência e de perigo. O contacto com os que vêm de fora é sobretudo o contacto com os polícias que fazem rusgas periódicas e com os intervenientes sociais que implementam acções de prevenção e de reabilitação. Esta realidade, faz com que os seus habitantes se sintam vigiados e "acossados", ao mesmo tempo que eles próprios observam atentamente os estranhos e os mantêm à distância.

Neste espaço a presença de drogas ilegais está banalizada, com o protagonismo da heroína. Os frequentadores não são já os "freaks", que procuram saborear as experiências e a convivialidade, mas os "junkies", indivíduos cuja vida está organizada em torno da heroína, num ciclo de "compra- chuta - curte- ressaca-compra". Nos intervalos não há lugar para praticamente mais nada, a não ser para inventar maneiras de arranjar dinheiro para voltar a comprar.

Para Luis Fernandes, o que se mostra como particular na figura do "junkie", o toxicodependente por definição, é a sua estabilidade, segundo ele muito superior aos diferentes tipos de consumidores "freaks" que se foram sucedendo desde os anos 70. A estabilidade e a alta rentabilidade do mercado da heroína, as condições eco-sociais urbanas em que se desenvolveu, quer o mercado, quer o consumo, aparecem como factores muito mais estruturais do que aqueles que suportavam o regime anterior de consumo, baseado no estilo de vida de subculturas juvenis, fugazes por natureza e configurando múltiplas possibilidades de relação com as drogas.

A relação do "dealer" de heroína com a droga é a relação do comerciante com um produto altamente rentável. A relação do dependente de heroína com a droga é uma tentativa de parar o tempo e a realidade.

## **Conclusão**

Cândido Agra considera que os saberes das drogas se organizam segundo duas grandes linhas:

- a linha que chama de "droga-enigma", em que o objecto - droga é introduzido "em paradigmas já constituídos a propósito de outros objectos (por exemplo, a psiquiatria, a criminologia, a psicanálise, o behaviorismo, o humanismo)" (Agra,

1993, p.56). Esta linha corresponde ao que Agra chama uma epistemologia assimilativa (Agra, 1991, 1993) no sentido em que as ciências aplicam os seus quadros explicativos ao objecto-droga, tornando o saber científico sobre este objecto dependente dos seus paradigmas, sem ter em conta a sua especificidade.

- Uma outra linha, inovadora, é aquela que "procura constituir para o objecto-droga um novo paradigma explicativo e interventivo independente dos paradigmas científicos tradicionais, crente na incapacidade destes para o assimilar" (Agra, 1993, p.56). É a linha que designa da "epistemologia acomodativa" (Agra, 1991), que desconstrói o objecto, através da desconstrução dos discursos sociais e científicos sobre esse objecto, e o reconstrói procurando ouvi-lo nas suas coordenadas antropológicas, de desviância e de processo de construção.

De acordo com Agra, só um saber sobre as drogas organizado segundo esta linha inovadora pode dar conta da complexidade do fenómeno enquanto biopsicosocial. A coordenada antropológica reenvia a questão do consumo de drogas à sua condição de variável antropológica básica, a coordenada da desviância "naturaliza" o comportamento de consumo, referindo-o à noção de comportamento desviante, que evita as categorias de doença ou de delinquência, enquanto a coordenada de processo desloca a explicação/compreensão das causas para os processos de construção (Agra, 1993).

Perspectivada desta maneira a toxicodependência pluraliza-se, quer dizer, as relações que um indivíduo, uma sociedade e uma cultura estabelecem com um produto que altera a consciência evidenciam-se não só nos seus diversos resultados, mas também nos seus diferentes processos evolutivos.

A multiplicidade dos factores de risco identificados para o consumo de drogas, as funções várias que elas podem desempenhar para cada consumidor, os usos integrados ou desviantes que delas fazem as sociedades e os indivíduos, conduzem-nos a concluir, com Luis Fernandes que "a droga e o drogado desdobram-se em múltiplas possibilidades de relacionamento, participam e povoam a diversidade das existências sociais, a dispersão dos estilos de vida, das organizações da identidade, das motivações e interesses" (Fernandes, 1993, p.224).

O relacionamento toxicodependente, expressão com que pretendemos significar aquele em que a droga se torna o centro da vida do indivíduo, remetendo as outras

relações para uma função instrumental a favor da compra e do consumo, é uma das possibilidades. Possibilidade que se constrói ao longo de um percurso de vida e que adquire aí o seu significado, indelével da actividade do indivíduo enquanto sujeito capaz de compor com as suas determinações e indeterminações, de utilizar os seus recursos pessoais e os do ambiente, em certa medida criador e transformador do seu estilo de vida, da sua autonomia e da sua identidade.

**PARTE II**

**PERCURSOS ESCOLARES E PROFISSIONAIS E  
TOXICODEPENDÊNCIA**



## **PARTE II - PERCURSOS ESCOLARES E PROFISSIONAIS E TOXICODEPENDÊNCIA**

### **Capítulo 3 - Problemática e Metodologia**

#### **Introdução**

Como referimos atrás, o nosso trabalho pretende ser um contributo na compreensão do processo de construção pessoal dos indivíduos que se tornaram toxicodependentes e do significado do consumo de drogas nesse processo. Compreensão perspectivada a partir dos percursos escolares e profissionais, interrogando-os sobre a utilização que os sujeitos fizeram das capacidades de realização pessoal e profissional que manifestaram ao longo da vida.

Neste capítulo começamos por relembrar a problemática deste trabalho, já apresentada na Introdução Geral, apresentando de seguida a metodologia que escolhemos, procurando evidenciar a sua pertinência para esta investigação. Finalmente são descritos os procedimentos de escolha dos sujeitos, de recolha das autobiografias e de elaboração das categorias de análise, que constituirão a grelha de análise das narrações autobiográficas que fazemos no capítulo seguinte.

#### **3.1. Problemática**

Vimos atrás que, para muitos autores, a toxicodependência toma significado, no desenvolvimento da autonomização, como tentativa paradoxal de alcançar uma auto-suficiência, impossível pela própria natureza do ser humano, que só existe na medida em que se relaciona.

É esta a perspectiva de Agra (1986,1991), que considera que a dependência das drogas tem de ser compreendida no âmbito de uma teoria da dependência e da independência. Para este autor, a toxicodependência traduz uma "vontade de se auto-produzir, de auto-criar-se, em que os processos conduzem ao seu contrário, à auto-destruição" (Agra, 1991, p.5). No jogo das determinações e indeterminações da pessoa, o indivíduo que se torna toxicodependente procura obter domínio sobre as suas determinações, constituindo-se como um sujeito que deseja apropriar-se em absoluto dos seus actos, resultando numa hierarquização interior "demasiado rígida,

tirânica, que consiste na inversão da ordem normal, natural, dos estratos constitutivos do sistema psíquico: o estrato que naturalmente está na base, ao serviço dos outros estratos, fica no cume (sommets), sujeitando, pela força vigorosa que lhe dá o seu determinismo quase biológico, os outros estratos, mais fluídos, menos pesados, menos determinísticos (a cognição, os afectos, a relação com os outros, a expressão, os projectos e os valores)" (Agra, 1991, p.6).

Na concepção que conduziu à problemática deste trabalho, a toxicodependência não só tem um valor de tentativa de autonomização radical, mas também de modalidade de defesa contra o risco de desorganização. Relembraremos agora as ideias que conduziram às nossas questões de partida e que estão expostas na introdução geral:

O desenvolvimento da pessoa, numa perspectiva sistémica, realiza-se sobretudo no sentido integrativo, de aumento da neguentropia e diminuição da entropia do sistema, que lhe dá a possibilidade de ser mais activo e aberto na relação com o ambiente, sem se desorganizar. Quando é o contrário que acontece, quer dizer, quando são os processos desintegrativos que aumentam, o sistema corre risco de se desorganizar e o empobrecimento das suas acções e a repetição funcionam como medidas de defesa contra a desorganização crescente. O problema é que a repetição, se defende o sistema, também não lhe permite evoluir.

Utilizando esta perspectiva, pensamos que a toxicodependência pode ter um valor de defesa face à dificuldade de regulação da relação entropia-neguentropia. Formulamos a hipótese de que o toxicodependente não foi capaz de utilizar os processos integrativos de interiorização e descentração para lidar com experiências intensas na sua vida, potencialmente desorganizantes, recorrendo ao fechamento e à repetição.

A toxicodependência surge assim como uma medida defensiva do sistema-pessoa, mas com uma característica paradoxal fundamental: é que esta medida de defesa é origem de entropia, pela repetição estabiliza o sistema mas, simultaneamente, contribui para a sua destruição, a prazo.

Esta situação torna-se ainda mais paradoxal quando, como referimos no início, temos constatado, pela nossa experiência, na história de muitos toxicodependentes, que o indivíduo parecia ter capacidades potenciais de realização pessoal e profissional, que depois não desenvolveu ou aproveitou para se formar. Estas

capacidades, que na actualidade se revelam ainda em potencial, em muitos casos dizem mesmo respeito a competências específicas que poderiam proporcionar sucesso e reconhecimento social.

O que atrás foi dito, conduziu-nos à formulação da seguinte questão de partida:

1. Porque é que os indivíduos toxicodependentes não puderam organizar-se no sentido de utilizar capacidades, que parecem ter tido em determinados momentos da vida, em prol de uma realização pessoal e profissional e, pelo contrário, se organizaram de uma forma defensiva mas, simultâneamente destrutiva?

Complementares a esta, formulámos outras questões:

2. Como se realizou a evolução para a toxicodependência, para além do concreto do aumento dos consumos?

3. Qual é o sentido da toxicodependência no equilíbrio da pessoa? Que lugar é que ela ocupou?

4. Terá havido acontecimentos importantes na vida do indivíduo que provocaram desequilíbrios muito intensos ou rupturas no processo de formação da pessoa?

5. Como regulou o indivíduo, no seu percurso escolar e profissional, o equilíbrio entre os processos de dependência e autonomia?

### **3.2 - Metodologia**

Utilizámos, para a apreensão dos percursos escolares e profissionais dos toxicodependentes uma metodologia qualitativa, de estudo de caso através da abordagem autobiográfica. A escolha de uma metodologia qualitativa justifica-se, na medida em que o que pretendemos não é estabelecer relações de causa-efeito, mas chegar à compreensão de um percurso evolutivo, integrado no seu espaço relacional.

Para alcançar este conhecimento o método autobiográfico parece-nos pertinente porque, enquanto método de investigação, aplica "as ciências da antropologia e da psicologia ao problema que consiste em tornar compreensível e viva uma entidade

que viveu, a sua evolução e o seu destino" (Dilthey, 1942)<sup>26</sup>. Na abordagem autobiográfica, recolhe-se a reconstrução, pelo próprio sujeito, da sua história, na sua evolução e organização espaço-temporal, simultaneamente reorganizada na actualidade, através da elaboração da narração. São estas características do material assim obtido que justificaram a sua escolha como método do nosso trabalho, em que pretendemos apreender o desenvolvimento da pessoa na sua própria perspectiva.

### 3.2.1 - Utilizações da Abordagem Autobiográfica

Contar a própria vida, para os outros ou para si próprio, é uma actividade que se pode apresentar como importante para qualquer indivíduo, em determinados momentos do seu ciclo de vida. Transmitir às novas gerações a sua experiência, fazer um balanço das realizações pessoais, encontrar caminhos de mudança mais satisfatórios, podem constituir-se como motivações e objectivos pessoais da produção oral ou escrita de uma autobiografia.

Como metodologia com valor heurístico na produção de conhecimento científico, nas ciências humanas, a autobiografia conheceu um desenvolvimento entre as duas Grandes Guerras, para cair depois no esquecimento e ser redescoberta nos anos 60, desencadeando um movimento extremamente dinâmico, na antropologia, na sociologia, na psicologia e nas ciências da educação.

Foi a antropologia a primeira disciplina a utilizar as Histórias de Vida. Nos anos 20 e 30 do nosso século, nos E.U.A. a Escola de Chicago e, na Europa, a Escola da Polónia, utilizaram as Histórias de Vida como método sociológico de observação participante e como meio de conscientização, considerando esta abordagem capaz de permitir o conhecimento das situações sociais e simultaneamente de dar consciência aos sujeitos sociais para que eles próprios pudessem agir. Na Sociologia, a abordagem autobiográfica pretende "fazer falar os povos do silêncio nos seus representantes mais humildes" (Poirier et al., 1983, p.23), em oposição à compreensão social alcançada através da procura de fenómenos e leis gerais<sup>27</sup> ou da análise da vida das pessoas que se destacam, os "heróis". Método com uma dupla

---

<sup>26</sup>Dilthey, W. (1942) *Introduction à l'étude des Sciences Humaines*, tr.fr., Paris, Puf, referido em Poirier et al. (1983)

<sup>27</sup>Neste sentido a abordagem auto-biográfica também corresponde a um afastamento das ciências humanas do paradigma positivista, à valorização dos métodos qualitativos e à procura de métodos próprios destas ciências que as libertem do domínio das ciências da natureza.

acção, de produção de conhecimento e ao mesmo tempo de intervenção, com utilidade para o narrador como para o profissional.

Após a Segunda Guerra a sua utilização foi considerada pouco científica e acabou por cair num esquecimento relativo. Os métodos quantitativos, os inquéritos, as investigações em extensão, tomaram a dianteira sobre os métodos qualitativos. Para Bertaux (1980) foram de facto causas extrínsecas ligadas às mudanças sociais e não fraquezas intrínsecas ao método biográfico que conduziram ao seu abandono. Escreve este autor: "A segunda guerra mundial acelerou e completou o deslocamento do centro do mundo dum lado para o outro do atlântico. Ao mesmo tempo, nos Estados Unidos, a passagem da forma concorrencial à forma oligopolista da economia induzia um deslocamento dos problemas sociais centrais, o qual engendrava por seu turno no seio da sociologia americana as subidas paralelas do *survey research*<sup>28</sup> e do funcionalismo parsoniano, que estabeleceram assim a sua hegemonia sobre (respectivamente) a sociologia empírica e a teoria geral, reduzindo todas as outras formas de observação e de teorização a uma existência marginal, precária, ou ao desaparecimento" (Bertaux, 1980, p. 199).

Foi nos anos 60 que a crítica ao positivismo e à sua exclusividade científica renovou a atenção dada à abordagem biográfica. Novas mudanças sociais, mais do que as críticas fundamentadas de intelectuais, terão conduzido ao renovamento e a um período pluralista em que diferentes teorias e métodos coexistem na Sociologia (Bertaux, 1980).

Para Poirier et al. (1983) o interesse actual pelas autobiografias pode ser explicado por dois fenómenos de ordem social com implicações na transmissão cultural:

- o facto de as sociedades terem entrado numa era com características completamente diferentes das anteriores, introduzindo discontinuidades com os modos de vida e pensar tradicionais;
  - o fim do modo de transmissão oral da cultura, que perdurou durante milénios, originando um grande corte na comunicação intergeracional.
- As autobiografias tomariam assim o lugar da transmissão oral, garantindo a conservação de valores culturais em risco de se perderem.

O seu valor científico como método de investigação funda-se na ideia de que o universal está contido no singular (Pineau e M.-Michèle,1983). "Cada acto

---

<sup>28</sup>Em inglês no texto.

individual é uma totalização dum sistema social" (Ferraroti 1983, p.52) e na medida em que a narração biográfica "reenvia à destruturação - reestruturação sintética de um acto ou duma história individual considerados como o corte horizontal ou vertical de um sistema social" (Ferraroti, 1983, p.54) ela "permite ver o universal através do singular, procurar o objectivo fundado no subjectivo, descobrir o geral através do particular" (Ferraroti, 1983, p.55). Dá ainda um estatuto científico à subjectividade, mudança radical na epistemologia estabelecida. Os fundamentos epistemológicos do método biográfico, de acordo com Ferraroti têm de ser procurados "numa razão dialéctica capaz de compreender a "praxis" sintética recíproca, regulando a interacção entre um indivíduo e um sistema social (...) na construção de modelos heurísticos não mecanicistas e não deterministas, caracterizados por um feed-back permanente de todos os elementos entre si" (p.57).<sup>29</sup>

No movimento actual, a autobiografia também tem sido encarada como meio privilegiado de conhecimento do indivíduo concreto. É a posição de Lucien Sève, para quem é possível a constituição de uma ciência da biografia, que tenha "por tarefa apreender as estruturas, as contradições, a dialéctica da vida pessoal, através da qual se forma e se transforma a personalidade singular e se desenvolve a actividade" (Sève, 1968)<sup>30</sup>. Actividade, acção humana que constitui a matéria concreta para alcançar o conhecimento científico do indivíduo e que é acessível a todos. A ciência da autobiografia pode assim permitir a apropriação pelo indivíduo do saber sobre si próprio. Um processo de conscientização, pois.

Na Psicologia a abordagem autobiográfica não tem sido muito utilizada. Na primeira metade do século, os mesmos argumentos, de ausência de cientificidade foram usados nesta disciplina contra os métodos que implicavam o auto-conhecimento e a descrição pelo sujeito de si próprio. A Psicologia foi sobretudo experimental, orientada pelas leis do positivismo de procura de objectividade e de leis gerais. A excepção foi a Psicanálise. Freud baseou a sua teoria no discurso sobre si próprios

---

<sup>29</sup> Ferraroti considera que na história individual pode encontrar-se a totalização de um conjunto específico de sistemas sociais, aqueles com que o indivíduo está em contacto. No entanto propõe que a unidade de investigação no método biográfico seja o grupo primário, que seria, mais do que o indivíduo, a totalização do sistema social. Araújo (1990) considera que este argumento a favor da passagem da auto-biografia do indivíduo para a auto-biografia do grupo primário pode ser questionado, uma vez que também o grupo primário está em contacto apenas com uma parte e não com a totalidade dos sistemas sociais. Nesta perspectiva, a ruptura metodológica proposta por Ferraroti torna-se menos radical.

<sup>30</sup> Citação de Sève, L. (1968) *Marxisme et théorie de la personnalité*, Paris, Les Éditions Sociales, p.467-468, referida em Pineau e M.-Michèle (1983), p.161.

dos seus pacientes e na sua própria auto-análise, utilizando esta última não só como um instrumento de construção da sua teoria como de auto-formação (Pineau e M.-Michèle, 1983). Da formação dos psicanalistas faz parte, desde Freud, a necessidade de realizar uma análise pessoal e uma auto-análise permanente. O objectivo é, simultâneamente de formação pessoal e profissional, considerado fundamental numa profissão em que a pessoa do psicanalista é o seu instrumento de trabalho<sup>31</sup>.

Charlotte Buhler foi outra autora da Psicologia que utilizou biografias no estudo do ciclo de vida, interrogando-se sobre a existência de regularidades universais na vida dos adultos, para além das variações individuais (Pineau e M.-Michèle, 1983). Erikson, autor de que falámos atrás, psicanalista mas com uma orientação psico-social, utilizou biografias ou autobiografias de escritores ou personagens históricos para desenvolver e ilustrar a sua teoria sobre os processos de construção da identidade.

Em Pineau e M.-Michèle (1983) estes autores fazem uma história da utilização das histórias de vida na Educação. Em primeiro lugar na heteroformação, as histórias de vida dos outros são intensivamente utilizadas, nomeadamente a vida de personagens históricos, de santos, etc., sobretudo na educação religiosa, cívica ou ideológica, o que demonstra o seu valor nas dimensões vitais da formação. Esta utilização, sendo extensiva, tem sido muito pouco reflectida (Pineau, 1990)

Na educação dos adultos é como método de conscientização e promoção da acção social, tal como aconteceu no início da sua utilização na Polónia e nos E.U.A. que as histórias de vida têm ressurgido. Tem também sido utilizado na formação profissional e na formação de formadores, como meio de explorar os processos e as exigências de formação (Pineau e M.-Michèle, 1983).

Finalmente, a abordagem auto-biográfica tem sido utilizada na auto-formação, e muitas vezes os dois termos, auto-formação e histórias de vida são pouco diferenciados, neste campo. Embora para o autor haja a necessidade de fazer claramente esta diferenciação, ele considera que "a história de vida não é sómente

---

<sup>31</sup>O mesmo acontece com a maior parte dos psicoterapeutas, daí que a tendência na sua formação seja cada vez mais a de realizar uma análise pessoal (aqui no sentido não só de psicanálise mas de qualquer outro meio psicoterapêutico de alcançar conhecimento sobre si próprio). Parece-nos que a utilização, na formação de professores, das Histórias de Vida também corresponde ao reconhecimento do valor do auto-conhecimento, não só para o desenvolvimento pessoal, mas também para facilitar a aquisição de competências relacionais fundamentais nesta profissão.

um meio entre outros, ela é um meio privilegiado de auto-formação, na medida em que fazer a sua história é fazer a sua vida" (Pineau e M.-Michèle, 1983, p.184).

Na investigação ou na intervenção na área da toxicodependência, esta abordagem, assim designada, começa agora a desenvolver-se. No entanto, a dificuldade de compreender ou explicar este fenómeno procurando leis gerais, tem aumentado o interesse na utilização senão de autobiografias, pelo menos de histórias clínicas muito completas. Por outro lado, a narração por um toxicodependente da sua própria vida coloca, para alguns autores, questões sobre a veracidade e a lucidez. No entanto é claramente um campo em expansão. Michel Legrand, na Universidade de Louvain tem trabalhado sobre as autobiografias de alcoólicos, com objectivos de intervenção e investigação (Legrand, 1988 e 1992). Em Malmédy, na Bélgica, a equipe social de Hautes-Fagnes, centro de pós-cura para toxicodependentes desenvolve uma intervenção social baseada nas autobiografias dos pacientes (Libert e Macquet, 1990). A utilização das histórias de vida no movimento dos Alcoólicos Anónimos (AA) foi analisada por Arminen (1991) procurando compreender a sua estruturação particular e o seu valor simbólico e terapêutico. Em Portugal, Luís Fernandes pretende realizar uma investigação sobre as autobiografias de toxicodependentes que designa de "históricos" onde pensa ser possível encontrar uma grande concentração de informação sobre a evolução do fenómeno no nosso país (Fernandes, 1989).

### **3.2.2 - Questões Sobre a Utilização da Abordagem Autobiográfica na Investigação**

Para Guy Jobert (1984) a dimensão investigativa está intrinsecamente ligada ao método de histórias de vida, na medida em que sem uma reflexão sobre si própria a autobiografia só pode ser um género literário ou uma forma de catarse por parte do narrador. O material produzido tem pois de ser trabalhado, quer se estivermos no nível da promoção do auto-conhecimento, da auto-formação ou da investigação.

Em termos de investigação uma história de vida tem de ser interrogada a partir de uma problemática, orientadora da interpretação. Sem problemática, como qualquer outro material empírico também este seria mudo (Gagnon, 1980). Uma das maneiras de "fazer falar as biografias pode ser interrogá-las a partir das perspectivas abertas por outras técnicas de construção de informação" (Chamboredon, 1983, p.19), ou de hipóteses construídas teóricamente.



Para Gaulejac (1990) a interpretação global da uma autobiografia deve referir-se a três pólos que simultaneamente se complementam e relativizam:

- interpretação sociológica, referindo-se ao contexto da produção da narração;
- interpretação referenciando-se à dinâmica psíquica consciente e inconsciente do narrador;
- interpretação com o sujeito para clarificar o significado do discurso e o sentido para ele.

O mesmo autor considera que a introdução de uma compreensão socio-histórica na análise das histórias de vida é o que pode evitar tomar a experiência pessoal como expressando uma autonomia absoluta, ignorando os sistemas de relações em que se produz. Considerar a pessoa completamente determinante de si própria é uma ideia que pode ser muito poderosa porque ecoa num "fantasma profundamente enraizado no inconsciente de cada um" (Gaulejac, 1989, p.30), mas é uma ideia ilusória, que tem de ser abandonada para que o método autobiográfico possa conduzir a um conhecimento válido, quer do ponto de vista autoformativo, quer do ponto de vista científico. A necessidade de uma contextualização socio-histórica é defendida ainda mais radicalmente por Bourdieu (1986), que escreve: "Tentar compreender uma vida como uma série única e em si suficiente de acontecimentos sucessivos sem outro laço senão a associação a um "sujeito" cuja constância não é, sem dúvida, senão a do nome próprio, é quase tão absurdo como tentar dar conhecimento de um trajecto no metro sem ter em conta a estrutura da rede, quer dizer, a matriz da relação objectiva entre as diferentes estações" (p.71). Para Bourdieu a construção prévia do campo social em que o indivíduo ocupou posições e se deslocou ao longo do seu trajecto existencial, é indispensável à compreensão de qualquer história de vida.

Na procura de um maior rigor, têm sido discutidas as questões metodológicas que a abordagem autobiográfica suscita. Referiremos de seguida algumas que consideramos pertinentes para o nosso trabalho:

#### 1. As modalidades de recolha e reprodução do material:

Têm sido utilizadas diversas formas de recolha do material autobiográfico, na investigação. O relato escrito ou gravado pelo narrador só, sem a presença de terceiros, é uma delas. Os defensores desta modalidade consideram que o indivíduo

fica assim mais livre para poder recordar-se. A presença do investigador, por muito que ele tentasse fazer-se desaparecer, seria sempre uma interferência perturbadora.

No entanto, noutras perspectivas, como a de Ferraroti (1979), a presença do investigador não deve ser neutralizada, mas sim problematizada e integrada na reflexão investigativa. Escreve este autor: "o sociólogo que estimula e recolhe uma narrativa oral é um interlocutor real, que finge ser um fantasma neutro e ausente. Desconfiemos desta escotomização e restituamos à entrevista biográfica toda a sua densidade de interacção social... Nós não contamos a nosa vida e os nos nossos *Erlebnisse*<sup>32</sup> a um gravador, mas sim a um outro indivíduo. As formas e os conteúdos de uma narrativa biográfica variam com o interlocutor. Dependem da interacção que serve de campo social à comunicação. Situam-se no quadro de uma reciprocidade relacional. O entrevistador nunca está ausente, mesmo o que se finge ausente. É sempre recíproco, mesmo se aparentemente se recusa a toda a reciprocidade" (p. 27). Deste ponto de vista, a produção da narração através de entrevista é uma das riquezas do método. Exige, no entanto, uma boa capacidade relacional do investigador e uma atitude empática que só pode ser adquirida com um treino adequado.

Outra possibilidade é a produção da narração em grupo, mais utilizada quando se pretende realizar simultaneamente investigação e formação<sup>33</sup>. Neste caso as interacções no grupo, gerando comparações, aprofundamentos, comentários, podem ser enriquecedoras, quer da história narrada, quer da análise.

## 2- A questão da linguagem:

O entendimento, entre o narrador e o investigador pressupõe que ambos possam compreender-se, o que coloca o problema da linguagem que, como sabemos, muitas vezes parecendo semelhante tem significados diferentes para cada pessoa. Esta diferença, ligada à cultura ou sub-cultura a que o indivíduo pertence, à sua geração e ao seu sistema de valores, pode bloquear seriamente a comunicação e desvirtuar os seus significados. Não se trata de considerar que um investigador só pode entrevistar membros da sua própria cultura, mas de ter em atenção a necessidade de clarificação do que é dito.

---

<sup>32</sup>Em itálico no texto

<sup>33</sup>Esta divisão entre investigação e formação é, no entanto relativa, na medida em que, como referimos anteriormente, toda a narração biográfica é ocasião quer de investigação, quer de formação, a segunda resultado inevitável do trabalho investigativo de reflexão sobre o material produzido.

No nosso trabalho esta é uma questão importante, na medida em que recolhemos a autobiografia de indivíduos de uma geração diferente da nossa e vindos de uma sub-cultura em que é utilizada uma linguagem muito própria; às vezes incompreensível para quem está de fora. Para além disso, essa linguagem é muitas vezes utilizada, na relação com pessoas estranhas a essa sub-cultura como forma de marcar a diferença e de provocar o outro, já que o indivíduo sabe até que ponto ela pode ser hermética.

No entanto pensamos que esta questão foi minimizada, por um lado por termos uma familiaridade longa com os termos de "calão" ligados à droga e os que são mais específicos da geração dos sujeitos, por outro lado pela existência de uma relação de confiança e cooperação prévia à interacção narrativa. Ainda assim, principalmente com um dos sujeitos (Lúcio) a linguagem, em que havia muitas frases inacabadas, ideias apenas esboçadas, dificultou a compreensão do sentido de algumas delas, numa primeira leitura.

### 3- A relação narrador-investigador:

A questão da relação entre o narrador e o investigador coloca-se ao longo de toda a investigação, desde o momento em que o sujeito aceita narrar a sua história de vida. Esta é uma atitude de confiança, que vai determinar o início de uma relação de intimidade.

A utilização do método biográfico que, tal como escreve Ferraroti (1979), tem como características essenciais a subjectividade e a historicidade, implica uma concepção do indivíduo como activo, simultaneamente sujeito e objecto de conhecimento. Consequência desta ideia, " ... não temos um sujeito que conhece e um objecto que é conhecido", mas "o observador encontra-se ridiculamente implicado no campo do seu objecto. Este último, longe de ser passivo, modifica continuamente o seu comportamento em função do comportamento do observador... O conhecimento não tem o outro por objecto, mas sim a interacção inextrincável e recíproca entre o observador e o observado" (Ferraroti, 1979, p. 29).

Esta implicação recíproca no acto investigativo, que pretende atingir a subjectividade, não se limita à narração-escuta em interacção, mas está presente em toda a investigação, na interacção continuada entre os intervenientes nas fases de tratamento do material.

Ela serve à investigação, contribuindo para alcançar uma certa *permanência* da narração, minimizando ao mesmo tempo o viés introduzido pelo investigador ao fazer a leitura. Citando Poirier et al. (1983) "quando o sistema de representações sociais do narrador e do investigador não coincidem, eles encontram-se numa situação de espanto mútuo, à qual se segue, muitas vezes, uma sensação de não acreditar. Leon Festinger na sua teoria da dissonância cognitiva mostra que todo o sujeito tenta reduzir a distância entre a informação que recebe e a sua atitude. Quando há dissonância cognitiva entre a história do narrador e a representação social ou a teoria implícita do investigador, este, espontâneamente, tem tendência a pôr em acção estratégias não formuladas, para não abalar o seu sistema de crenças" (p. 212). Pensamos que o vai-vem entre a interpretação da narração e o olhar sobre esta do narrador é uma forma de manter a fidelidade à subjectividade da história.

O que nos conduz à dúvidas expressas por Jobert (1984) sobre os aspectos deontológicos desta relação quando, manifestando o seu acordo com a necessidade de a estabelecer o mais possível num registo de igualdade e de cooperação, se interroga sobre quem detém o poder e quem vai obter mais vantagens. Também Ferraroti (1979) introduz a questão do poder quando escreve: "Toda a entrevista biográfica esconde tensões, conflitos e hierarquias de poder; apela para o carisma e para o poder social das instituições científicas relativamente às classes subalternas, desencadeando reacções espontâneas de defesa" (p.27). Dúvidas para as quais dificilmente se pode encontrar uma resposta, a não ser numa atitude de grande respeito por parte de quem investiga.

Uma última questão que nos parece importante abordar neste contexto, embora já tenha sido referida anteriormente, refere-se aos aspectos de transformação pessoal que esta relação produz. O que, parece-nos, é também uma questão deontológica, que remete ainda para a responsabilidade do investigador perante o narrador. De facto, o poder maior é dele, nem que seja apenas pelo prestígio atribuído ao saber científico. Contar a sua vida, mesmo com finalidades de investigação, modifica necessariamente o sujeito, torna conscientes sentimentos, acontecimentos, problemas muitas vezes anteriormente esquecidos, põe o indivíduo em causa, provoca re-elaborações que têm consequências. Acrescenta algo à pessoa, seguramente e, neste sentido, a investigação tem um valor de intervenção psicológica que não pode ser ignorado e que requer prudência e sensatez.

#### 4 - A verdade da narração:

Ao contar a sua vida o narrador terá tendência, mesmo se dar conta, para a rearranjar, reordenar sequências, dar-lhe uma coerência, neutralizar contradições eventuais. Para além das omissões conscientes, embelezamentos ligados ao desejo de contar uma determinada imagem e à dificuldade de aceitar certas partes de si próprio. Para Poirier et al. (1983) estes aspectos são ultrapassáveis na medida em que o investigador, porque olhará o material de uma forma mais distanciada, poderá também mais facilmente encontrar a lógica interna da vida contada, de que o narrador pode nem se dar conta. Por outro lado, a narração exprime sempre uma certa verdade do sujeito, mesmo que tenha misturada a vida vivida com a vida sonhada.

O que, de qualquer modo, não invalida o problema da "transitoriedade" da narração: a vida contada num momento, ou em vários, nunca será contada da mesma forma noutros. O trabalho conjunto entre o investigador e o narrador, continuado ao longo da investigação, contribuirá para aproximar as diversas versões possíveis, embora tenhamos de ter consciência que da vida não há versão certa e, muito menos, versão final.

#### 3.2.3 - Escolha dos sujeitos

Na realização do nosso trabalho foram analisadas as autobiografias de dois ex-toxicodependentes em tratamento na Comunidade Terapêutica do Centro de Atendimento de Toxicodependentes do Restelo (CAT- Restelo).

Tratando-se de recolher e analisar o percurso escolar e profissional, integrado na globalidade do percurso de vida, de indivíduos que evoluíram para a toxicodependência de heroína, considerámos duas condições:

- em primeiro lugar a pertinência dos sujeitos para a problemática a investigar;
- em segundo lugar a capacidade do narrador para se lembrar da sua vida, reflectir sobre ela e pôr em palavras a sua memória.

Esta segunda condição levou-nos a excluir a escolha de toxicodependentes em fase de consumo. É que nesta fase - pelo menos no que respeita àqueles que temos conhecido - os jovens não estão, geralmente, nem capazes, nem abertos à realização deste tipo de tarefas. Os indivíduos estão demasiados envolvidos no agir que quase

sempre substitui o pensar. As recordações estão profundamente bloqueadas e as relações são demasiado instáveis para se estabelecer uma interacção continuada. A reflexão que seria necessária à realização da autobiografia é demasiado difícil e poderia constituir-se como um momento extremamente doloroso cujo valor para o sujeito não seria compensador.

Decidimos pois que os sujeitos deveriam ter pelo menos um mês de abstinência de consumo de drogas<sup>34</sup> e estar envolvidos num processo de tratamento, ainda que numa fase inicial. Na medida em que a recolha da autobiografia tinha objectivos essencialmente investigativos e não tínhamos, no momento, disponibilidade para iniciar novos processos terapêuticos, o facto de os indivíduos se encontrarem em tratamento criava a possibilidade de a narração e a reflexão sobre ela ter um valor, para os sujeitos, que se prolongasse para além da interacção promovida pela investigação. Por outro lado, estar no início desse tratamento significava, para nós, que a cultura "psicológica" não tinha ainda alterado as referências pessoais, fornecendo interpretações exteriores ao indivíduo. O facto de a maior parte dos jovens adultos toxicodependentes com que contactámos já ter realizado vários tratamentos não permitiu satisfazer por completo esta última condição.

Em relação à primeira condição, como refere Fernandes (1989), a escolha da abordagem autobiográfica é a escolha do intensivo, do estudo em profundidade, procurando o significativo e não o representativo. A informação procurada era sobre o percurso pessoal de cada sujeito, não pretendendo que representassem todos os toxicodependentes ou uma parte determinada deles. Assim, eles eram pertinentes para a investigação na medida em que tivessem realizado percursos escolares e profissionais relativamente longos e que fosse possível observar a existência de capacidades de realização nesta áreas, ao longo do trajecto de vida<sup>35</sup>.

Os sujeitos da nossa investigação foram então dois ex-toxicodependentes, residentes, à data da recolha da narração, na Comunidade Terapêutica do Restelo, Manuel, de 27 anos e Lúcio, de 24.

---

<sup>34</sup> Referimo-nos a abstinência de drogas ilegais, mas também de medicamentos psicotrópicos eventualmente receitados pelos médicos para as fases de desabituação física e não abuso de álcool.

<sup>35</sup> Uma investigação mais extensiva, sem abandonar a preocupação de profundidade, constitui um projecto seguinte, que nos parece poder ser útil no estudo da toxicodependência.

### 3.2.4 - Recolha das Autobiografias

Na recolha da autobiografia optámos por entrevistas gravadas. Houve portanto a presença de um entrevistador e a produção oral da narrativa a partir de uma consigne inicial e com algumas intervenções do entrevistador, quer procurando clarificar alguns pontos da narração, quer com algumas perguntas concretas quando determinados temas não foram abordados livremente pelo sujeito. Após a reprodução da primeira narrativa, esta foi lida pelo narrador que pôde completar ou desenvolver alguns dos temas que tinham sido abordados. No entanto, devido ao abandono da Comunidade Terapêutica e posterior recaída no consumo, de Lúcio, este processo ficou mais limitado com este sujeito, que apenas releu a sua narração duas vezes. Ambos os narradores foram informados dos objectivos da investigação e aceitaram participar nela.

#### **Questão inicial e guião para as entrevistas:**

Foi a seguinte a questão inicial que colocámos aos sujeitos, desencadeadora da narração:

**O (nome) tem (idade) anos e há todo um percurso de vida que fez até hoje, Gostaria que me contasse esse percurso de vida, em particular no que diz respeito à sua vivência escolar e também às suas experiências profissionais; que me falasse das aspirações que foi construindo ao longo desse trajecto; dos seus sucessos e insucessos e também de como se insere o consumo de droga e mais tarde a toxicodependência, nesse contexto do seu percurso escolar e profissional.**

**A ideia é que vá falando livremente, das coisas que lhe vierem à cabeça.**

Pré-construído tínhamos ainda um certo número de questões que poderíamos colocar no caso de não serem abordadas espontâneamente pelos sujeitos:

- Quais as áreas e actividades de sucesso na escola;
- Quais as qualidades que reconhecia em si como profissional;
- Como foram as circunstâncias em que abandonou os diferentes projectos. Quais as razões desses abandonos;
- Que ambientes, pessoas e situações forma mais importantes nos percursos;
- Que acontecimentos foram importantes para eles;

- A droga nos percursos escolares e profissionais teve algum papel e, se teve, que papel foi esse.

### **Situação dos narradores**

O facto de os narradores, aquando da produção da história de vida, se encontrarem a viver numa Comunidade Terapêutica para toxicodependentes, colocou-nos, à partida, três questões:

1- A primeira diz respeito à relação com as drogas. Entrar para uma Comunidade Terapêutica implica um projecto de tratamento elaborado antes dessa entrada e o desejo, mais ou menos consistente, de deixar de consumir<sup>36</sup>. São geralmente indivíduos com uma visão negativa do seu consumo e com consciência da deterioração que ele trouxe às suas vidas que recorrem à Comunidade Terapêutica. Assim, é de esperar que a perspectiva sobre a toxicodependência seja sobretudo negativa, de elemento prejudicial. O que verificámos foi que há uma visão dupla da droga, positiva, proporcionadora de prazer e de experiências agradáveis em certos períodos da vida e negativa, de destruição, noutros períodos.

2- A segunda questão diz respeito à relação com a Comunidade Terapêutica, local actual de vida dos narradores. Sendo o tratamento aí proposto exclusivamente psicológico, ele baseia-se na ideia de que o consumo de drogas tem uma função e um significado na vida dos consumidores, significado a clarificar no decurso do processo terapêutico, por aprofundamento do auto-conhecimento. Há assim um predisposição à exploração da história de vida, mas também a adopção de uma perspectiva proposta pela C.T., que podia não ser a perspectiva anterior do sujeito.

3- Uma terceira questão é a que se refere à relação com o interlocutor /investigador da narração. Trata-se de um membro da equipa de terapeutas, alguém que não é completamente neutro, portanto. Por um lado porque faz parte da equipa que se propõe acompanhar e promover o tratamento/processo de mudança do sujeito. Por outro lado porque há uma relação construída no contacto terapêutico, mesmo se diluído numa equipa.

---

<sup>36</sup>O processo de preparação para a entrada na Comunidade Terapêutica passa por um trabalho relativamente longo (de dois a seis meses) sobre a motivação para fazer um tratamento residencial.



Este último aspecto parece-nos ter tido sobretudo um impacto positivo, porque facilitadora da criação, na actualidade da entrevista, de uma relação de confiança e de cooperação no trabalho conjunto. A utilidade, para os sujeitos, da produção e análise da história de vida também foi mais facilmente estabelecida. Mas estamos conscientes de que estas narrativas foram dirigidas a uma determinada pessoa e que poderiam ser diferentes se produzidas na interacção com outra pessoa.

### 3.2.5 - As Categorias da Análise

Na análise da histórias de vida considerámos que compreender os processos de construção da pessoa, conceptualizada como um indivíduo activo, simultaneamente determinado e determinante no seu desenvolvimento, passava necessariamente pelo evidenciar da sua actividade ligada ao seu contexto. Estamos de acordo com Sève em que "todo o acto é, por um lado o acto de um indivíduo, um aspecto da sua biografia, uma expressão de si; mas por outro lado, é o acto de um mundo social determinado, um aspecto das relações sociais, uma expressão das condições históricas objectivas"<sup>37</sup>. Se a autobiografia utilizada como meio de formação contribui para que a pessoa possa tornar-se sujeito da sua própria história (Gaulejac, 1989, p.29), pensamos que a análise que procura compreender o percurso de construção pessoal tem de ir ao encontro do sujeito que se apropriou das suas experiências, no passado e na exploração que realizou ao contar-se a outrem, dissociando-o o menos possível dos seus ambientes de vida.

A análise que Pineau e Marie-Michèle fazem da história de vida desta última em "Produire sa vie: autoformation et autobiographie" parece-nos particularmente pertinente para a apreensão dos processos de construção pessoal tal como eles se expressam numa autobiografia, em que o que é contado são sobretudo práticas. Estes autores partiram da teoria da acção de A. Moles que "propõe duas séries de conceitos que, com uma economia que os torna utilizáveis, dão conta ao mesmo tempo da praxis autónoma ou heterónoma dum sujeito social, praxis que constitui na nossa opinião o processo de autoformação, sem se lhe reduzir; dos espaços que estes processos de auto-formação formam ou não, segundo a autonomização maior ou menor desta praxis" (Pineau e M.-Michèle, 1983, p.239). Constituíram uma grelha de análise que cruzou quatro tipos de actos (acções, acontecimentos, transacções,

---

<sup>37</sup> Sève, L. (1968) *Marxisme et théorie de la personnalité*, Paris, Les Éditions Sociales, citado em Pineau, G. e M.-Michèle (1983), p.162

interacções) e sete tipos de espaço (corporal, habitat, próximos, vizinhança, social, físico-cósmico e metafísico).

As categorias de análise utilizadas por nós foram as acções, os acontecimentos e as transacções presentes nas narrações, que dão conta da actividade do sujeito e simultâneamente da acção que o ambiente exerceu sobre ele. Estas primeiras categorias foram situadas nos espaços de vida em que o sujeito se movimentou, dando particular relevo aos espaços sociais constituídos pela escola e pelo mundo profissional

Definimos:

*Acção*: "modificação efectuada pelo ser sobre o seu ambiente".

*Acontecimento*: "acção exercida pelo ambiente sobre o ser, de natureza mais ou menos imprevisível"<sup>38</sup>.

*Transacção*: unidade de base das relações sociais, que constitui uma troca e implica o reconhecimento da presença do outro (Berne, E., 1964).

A acção é o que há de mais autónomo na actividade do sujeito, mas ela pode também expressar a dificuldade em apropriar-se dos seus actos, quando o indivíduo não se reconhece nos seus resultados, quando se torna repetição infundável, ou se encontra ausente. Na análise da autobiografia ela dá-nos a iniciativa dos sujeitos, a relação com as suas próprias capacidades de realização e permite evidenciar o projecto pessoal activo nos diversos momentos do trajecto existencial.

Os acontecimentos são uma categoria importante quando se trata de investigar o decurso da vida e as mudanças que nela ocorrem. São geralmente considerados como origem de *stress*, na medida em que são exteriores ao indivíduo, não dependem dele e ele não pode controlá-los. Podem ser classificados segundo a sua origem em:

*biológicos*: as modificações que ocorrem em todos os indivíduos ligadas ao crescimento e envelhecimento físico, e as mudanças originadas por estados de doença;

*sociais*: ligados ao movimento do indivíduo no seu ambiente social, em que há mudanças de papéis e entrada em novas actividades;

---

<sup>38</sup>A. Moles (1975) *Écologie de l'action* in *Les Sciences de l'action*, Paris, Retz, citado em Pineau G. e M-Michèle (1983) p.241.

*físicos*: os acontecimentos que têm a ver com o mundo físico em que o indivíduo vive, como são a mudança de estações do ano, o ciclo dia-noite, etc. (Brim, Jr. e Ryff, 1980).

Nos trabalhos sobre o ciclo de vida os acontecimentos são ainda classificados em dois grandes grupos, de acordo com as modalidades de ocorrência:

*normativos*, que ocorrem na vida de todos ou praticamente todos os indivíduos pertencentes a um determinado grupo, geralmente em idades semelhantes, como por exemplo as mudanças pubertárias como acontecimento biológico em todos os seres humanos ou a atribuição de responsabilidades à entrada na vida adulta como acontecimento social;

*acidentais*, que não ocorrem com todos os indivíduos e são imprevisíveis. São geralmente mais desequilibrantes para o indivíduo, na medida em que este não os espera e não está preparado para eles.

Em determinados períodos da vida há mais acontecimentos normativos do que noutros. Estes períodos são geralmente considerados períodos críticos, em que o indivíduo está mais vulnerável porque está submetido a uma tensão maior do que o habitual, os seus recursos habituais para lidar com a realidade são desadequados ou insuficientes e ele tem de modificar as suas estratégias (Caplan, 1980). A adolescência é um dos períodos da vida que tem sido conceptualizado como uma crise normal do desenvolvimento, na sociedade ocidental, pelas grandes mudanças, a nível biológico e social que nela ocorrem. Início da idade adulta e tempo da reforma, são outras etapas que têm sido encaradas como crises do desenvolvimento, embora não tenham tido até agora tanta atenção por parte das ciências humanas.

A vida social é marcada por inúmeros acontecimentos, muitos deles ritualizados, de forma a assinalar claramente a mudança que se está a realizar. Há portanto uma ligação entre acontecimentos e mudança, quer no sentido positivo, por exemplo de acesso a papéis até aí interditos, quer no sentido negativo, de perda, como por exemplo ficar desempregado. É a personalidade do indivíduo, a etapa do desenvolvimento em que se encontra, a intensidade e a qualidade dos acontecimentos, o remanejamento que exigem no contexto interpessoal, o balanço entre ganhos e perdas, que influenciam o valor positivo ou negativo dos acontecimentos na vida (Hultsch e Plemons, 1979).

O conceito de transacção tem sido utilizado no campo da psicologia, nomeadamente da psicologia dos grupos, da psicoterapia e também da educação. A transacção alarga o conceito de interacção, integrando-lhe a ideia de acordo entre os participantes que aceitam relacionar-se dentro de determinado papel (no sentido de papel social) durante um certo tempo. Contém pois, igualmente, a ideia de relação com alguma permanência temporal. Implica a reciprocidade, embora não necessariamente a igualdade. Os intervenientes têm de identificar e pôr em jogo os seus próprios recursos e o do outro, para que possa estabelecer-se um acordo em que possa haver vantagens mútuas.

Qualquer relação social, para além da sua qualidade, é preferível à ausência de relação (Berne, 1964). Conhecemos a sua importância na sobrevivência dos bebés humanos e no desenvolvimento. A transacção é então uma necessidade. Ela "dá conta do trabalho específico que se efectua entre duas unidades sociais que pretendem estabelecer um relacionamento singular. Este trabalho articula a autonomia do ser vivo à sua dependência em relação ao exterior" (Pineau e M.-Michèle, 1983, p.257). Porque no campo transaccional o indivíduo não pode individuar-se sozinho, mas apenas se os outros aceitarem definir-se melhor em relação com ele, num quadro de relações que implica cooperação (Nanchen, 1990)

Na autobiografia as transacções evidenciam a dimensão relacional, em que o sujeito se sentiu reconhecido, pôde reconhecer os outros, e realizar a reciprocidade. Este reconhecimento tem um valor positivo, criador de autonomia. No entanto, porque obriga à estimação dos recursos próprios e do outro, à negociação de uma forma de troca, a transacção pode ter um valor menos autonomizante, quando os termos da relação são sobretudo impostos pelo exterior, ou pouco satisfatórios, quando as vantagens procuradas não estão de acordo com o papel com que se está a "jogar".

A definição dos espaços de vida a integrar na análise partiu da leitura das narrações e das referências feitas pelos sujeitos. Assim, diferenciámos:

- o *espaço corporal*: que integra o que se passa a nível do corpo;
- espaço habitat*: os locais de vida, em que o indivíduo estabelece a "base" da sua vida;
- espaço dos próximos*, que integra a família e os amigos;
- espaço social*: os diferentes locais/instituições em que o sujeito se movimenta e que integra o espaço escolar e o espaço profissional.

Partindo das acções, dos acontecimentos e das transacções presentes nas histórias de vida, vividas nos diferentes espaços referidos, a análise das narrações incidiu em duas dimensões:

-Organização/desorganização: como é que estes elementos contribuíram para a diferenciação pessoal, a clarificação de projectos e a utilização dos recursos pessoais e do ambiente, ou como contribuíram para os desinvestimentos, a retracção social, as repetições defensivas, a não utilização das potencialidades pessoais e ambientais promotoras de desenvolvimento;

-autonomia/dependência: qual foi o papel destes elementos na elaboração e realização de um projecto de vida próprio, nos processos de autonomização em relação à família e às instituições heteroformativas;

Procurámos ainda evidenciar o sentido do consumo de drogas, nas duas acepções da palavra sentido, de direcção e significado (Duyckaerts, 1994):

-como se realizou a evolução dos consumos até chegar à centração da vida em torno da droga;

-que significado teve a droga no trajecto de vida, quer dizer que associação existe, se é que existe, entre as condutas de consumo e experiências vitais da formação do sujeito.

## **Conclusão**

O desenvolvimento da abordagem autobiográfica em diferentes disciplinas científicas, nomeadamente nas ciências da educação e da psicologia, conduziu-nos a considerar que ela é adequada para uma investigação que situamos no interface destas duas disciplinas, em que o objectivo é apreender o processo de formação da pessoa na sua singularidade, no que de pessoal o sujeito pôde fazer consigo próprio e com as suas experiências. Nos seus potenciais de investigação, de formação e de intervenção a autobiografia de alguma forma reúne, à partida, as perspectivas que pretendemos articular.

Pensamos que esta abordagem permite ainda manter integrados no percurso global de vida e contextualizados os percursos específicos que vamos focalizar, sendo assim menos redutora. No mesmo sentido integrativo está a opção pela análise a partir não só das acções do sujeito, mas também dos acontecimentos da sua vida e das transacções que manteve com os outros, que nos parece poder ser clarificadora

da dinâmica sujeito-ambiente que consideramos fundamental no processo de construção da pessoa.

## **Capítulo 4- Análise dos Dados**

### **4.1 - Caracterização do Contexto Social dos Sujeitos**

O Manuel e o Lúcio são, na altura da produção da narração e da investigação, jovens adultos. Nasceram, um no final da década de 60 e o outro no início da década de 70. Viveram a infância numa época de profundas transformações sociais em Portugal. Na vida de Lúcio elas provocaram uma mudança de maior amplitude, pois a família vivia em Angola antes do 25 de Abril e veio para Lisboa com o fluxo de habitantes das ex-colónias. No entanto Lúcio não se refere a isso. Quando lhe perguntámos porquê disse que tinha uma recordação muito vaga dessa época, porque era muito pequeno (tinha quatro anos).

São jovens pertencentes a uma geração para a qual a democracia já não é uma novidade, ao contrário dos seus pais. Viveram a infância nos anos 70 e a adolescência nos anos 80. Neste período houve um grande aumento de população, devido à atenuação do fluxo de emigração para o estrangeiro e o regresso dos habitantes das ex-colónias. Para além disso a população jovem aumentou mais do que a população geral e agravaram-se dificuldades de inserção social e profissional.

O ensino massificou-se e a escolaridade obrigatória foi aumentada. As escolas secundárias tornaram-se muito maiores, o que necessariamente diminuiu a atenção dada a cada um dos alunos. A selecção, à entrada para a universidade, começou a deixar quase metade dos candidatos de fora, colocando muitos outros em cursos diferentes dos que gostariam. Uma das consequências de haver mais jovens nas escolas, durante mais tempo foi a diminuição do valor dos diplomas. Para os mesmos empregos passaram a ser necessárias mais habilitações. Os jovens constituíram também, na primeira metade dos anos 80, uma percentagem de 60% dos desempregados (Ambrósio et al., 1985).

Em termos de drogas, nos anos 80 a heroína surgiu no mercado e a toxicodependência começou a tomar carácter epidémico, a partir da segunda metade da década. Em 1976 foram criadas as primeiras instituições oficiais de prevenção primária e secundária do fenómeno, mas é em 1987 que a resposta oficial se torna mais alargada. A toxicodependência e a delinquência a ela associada passaram para um plano mais avançado das preocupações sociais, o que a transformou num tema recorrente nos discursos políticos e nos meios de comunicação.

No início dos anos 90 a Sida tornou mais perigosa a toxicodependência e introduziu elementos de insegurança nas relações interpessoais. Podemos dizer, pois, que Lúcio e Manuel viveram, até aqui, numa época em que a vida da juventude não é fácil. Paradoxalmente, é também uma época em que se instala o culto da juventude, de preferência eterna. Há mesmo uma certa inversão nos processos de socialização, em que os adultos tomam os jovens como modelos, comportando-se como eles (Ambrósio et al., 1985), ou abdicam da sua autoridade, dificultando às novas gerações o confronto com referências sólidas, que possam ser questionadas mas ao mesmo tempo respeitadas.

No que diz respeito aos valores parece-nos interessante referir a análise feita por Jorge Vala (1986) dos resultados de um estudo sobre a juventude portuguesa realizado no âmbito do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento. Segundo este autor, os valores de autonomia pessoal eram considerados centrais pela população estudada. Por outro lado, enquanto o valor liberdade manteve a sua posição importante na hierarquia de valores, entre 1980 e 1985, o valor igualdade foi descendo. O mesmo aconteceu com a importância dada à intervenção social e à implicação política. "Estaremos em presença de um neo-individualismo? Será que a par do que parece ser a emergência de uma elevada procura de autonomia pessoal, se regista igualmente o crescer de um sentimento de impotência, de ausência de controlo sobre os fenómenos sociais e políticos?" interroga-se Jorge Vala. "Se assim for, compreende-se que percam saliência os valores de igualdade, solidariedade e intervenção social e que se tornem objecto de valor as estratégias individuais de resolução dos problemas vividos. Os dados que recolhemos apontam nesta direcção, embora mostrem também com bastante clareza que isso não se passará de igual forma em todos os grupos de jovens" (Vala, 1986, p.26).

Entretanto, nos anos 90 talvez esta tendência esteja a mudar. A emergência e a expansão de preocupações ecológicas, parecem manifestar o aparecimento de preocupações sociais sob novas formas e mobilizar uma boa parte da juventude.

Abertura social, dificuldades de inserção socio-profissional, maior valorização da juventude do que da idade adulta, centralidade da autonomia na hierarquia de valores juvenis e alheamento da intervenção social e política, caracterizam a época em que têm vivido Manuel e o Lúcio.

## **4.2. Análise da Narração de Lúcio**

Lúcio é o penúltimo filho de uma fratria de cinco. Dez anos separam o grupo dos irmãos mais velhos dos dois mais novos. A irmã Teresa tem 42 anos, o irmão Júlio 40 e o Pedro 34. O Lúcio tem 24 e a Inês 22. A família veio de Angola após o 25 de Abril, numa altura em que já só os três filhos mais novos estavam em casa, instalando-se nos arredores de Lisboa. A partir daí o pai arranhou um emprego que o mantinha durante a semana noutra cidade, só vindo a casa aos fins de semana. Em 1991 adoece, ficando a partir daí semi-invalído, em casa. No final de 1993 morre, pouco antes de o Lúcio entrar para a Comunidade Terapêutica, local onde foi produzida a narração da sua história de vida.

### **4.2.1. Organização da narração**

Lúcio organizou a sua narração de uma forma cronológica, com alguns retrocessos originados por associações que lhe ocorreram ao longo do discurso, ou por pedidos nossos pra clarificar determinadas passagens. O tempo foi marcado pelas mudanças de escola e por outros acontecimentos do percurso de vida, por exemplo um acidente de mota que o imobilizou durante alguns meses ou o abandono por parte da namorada. A narração foi muito orientada para os percursos escolar e profissional, de acordo com a questão de partida, mas falou também das outras áreas da sua vida, sobretudo do que se passou nas relações com os companheiros da sua idade e com a família.

Na análise da narração, pela necessidade de criar um critério temporal, optámos por uma periodização convencional, a infância correspondendo ao período do nascimento até ao final da escolaridade básica, a adolescência até aos 18 anos e a juventude a partir desta idade. De facto aos 18/19 anos a vida de Lúcio decorre



ainda num contexto que podemos chamar de adolescente, o que é habitual na sua geração, mas começa a surgir o desejo de modificar o estilo de vida, estudando na escola secundária à noite e ocupando o dia com outras actividades, um emprego ou cursos de formação profissional. É um desejo que concretizará cerca dos 20 anos.

#### **4.2.2-Os Períodos da Vida**

##### **Infância**

Na infância do Lúcio há algumas mudanças no contexto escolar que foram importantes para ele. A mudança de escola, da primeira para a segunda classe, para ficar mais perto de casa, mas em que no primeiro dia não consegue fazer a cópia que os outros fazem. Depois a mudança de professora, da terceira para a quarta classe. Volta a sentir-se com dificuldade em corresponder ao que lhe exigem.

##### **Pré-adolescência e adolescência**

A escola para onde vai fazer o ciclo preparatório mete-lhe medo, pela fama que tem e pelo ambiente. As dores de cabeça que tem nesta altura parecem ser a expressão somática desse medo, talvez não entendidas pela família.

Até aos 16 anos é um adolescente "bem comportado". Chumba no 8º ano, mas isso não alarma a família. Melhora as notas no ano seguinte. É nesta idade que volta a sentir-se mal integrado no 10º ano, numa escola em que não conhece quase ninguém e que é muito grande. Apesar de ter reiniciado perto dessa altura o namoro com a Sara, com quem já tinha namorado aos 14 anos, isso não lhe evita o mal estar. Pelo contrário, aumenta-o, acrescentando-lhe uma dimensão de inexperiência, quando sabe que ela já experimentou fumar haxixe e ele não:

*Soube que ela tinha andado com outro rapaz, mais velho, que se drogava e que ele tinha experimentado uma vez com ela um charro... fiquei... não tenho nada a dizer, não sei, nunca experimentei... então a minha namorada, uma miúda de dezasseis anos, como eu, já experimentou e eu...*

O primeiro contacto, feito pouco depois, com o haxixe é *fascinante*, principalmente porque comparado com os avisos anti-droga da educação e com a experiência pessoal da primeira bebedeira:

*Sempre me explicaram que a droga era uma coisa má, que nunca devia fumá-la, nem sequer prová-la e eu pensei que ao tocá-la uma só vez ficava como que "caído no chão". Ao descobrir que não era bem assim, nesse ano fui atrás do haxixe...*

*Estava à espera de ficar assim como fiquei da bebedeira, assim meio tonto e estava a ver tudo... isso foi a coisa que mais me cativou*

Consumir haxixe também lhe dá acesso às pessoas que até aí temia e simultaneamente admirava:

*Conheci pela primeira vez aquelas pessoas que tinham uma presença esquisita, que talvez eu já ansiava ser, para me afirmar como namorado, amigo, colega, etc.*

Vai, a partir daqui, envolver-se gradualmente no consumo de drogas, primeiro de uma forma bastante isolada, fazendo-o apenas com alguns amigos, depois integrando-se em grupos de consumidores. No final do trajecto nas drogas voltará a fazê-lo predominantemente sozinho ou na companhia do "Velho", com quem também rouba algumas vezes para arranjar dinheiro para a heroína.

É na adolescência que lhe surge o gosto pelas motos. A primeira foi paga a meias, entre ele e o pai. Ter mota deu-lhe estatuto entre os amigos, fê-lo objecto de admiração. Participar em corridas trouxe-lhe sentimentos de sucesso pessoal. O que é paradoxal e que, após esse sucesso, Lúcio vende a mota. Quer uma melhor, que acaba por não chegar a ter. Considera esgotadas as possibilidades de crescimento com aquela mota. Mas não realiza o passo seguinte. Como se a motivação se esgotasse muito depressa, depois de os desejos encontrarem vias de realização.

## Juventude

A partir dos 18 anos Lúcio começa a consumir heroína. Andava a sentir-se interessado por outras drogas para além do haxixe e consegue encontrá-las. O investimento na vida escolar vai diminuindo, deixando cadeiras para fazer nos anos seguintes. Começa a sentir-se diferente fisicamente, a tomar consciência de marcas que a droga lhe deixa no corpo e nas suas capacidades. Diz que começou a sentir-se menos capaz no desporto, a ter frio, a escrever com uma letra diferente.

Finalmente, o agravamento do consumo de heroína, passando do fumo à injeção, coincide temporalmente com o abandono por parte da Sara e com a doença e invalidez do pai. Lúcio só o liga ao primeiro acontecimento. Considera que injectar-se foi uma tentativa de fazer voltar a namorada. É como um apelo, mas também uma vingança exercida de uma forma auto-agressiva.

ACÇÕES E ACONTECIMENTOS NA AUTOBIOGRAFIA DO LÚCIO								
Tempo	Habitat	Escola	Família	Amigos	Namorada	Trabalho	Act. tempos livres	Drogas
4 anos	De Angola para Lisboa		Pais e filhos solteiros vêm da Angola pª Lisboa	•				
6/9 anos		Muda da escola do 1º pª 2º ano.						
		Muda pª prof. mais exigente no 4º ano						
10/11 anos		Ciclo prep: Vai pª escola em que tem medo						
12 anos		Muda pª esc. perto de casa						
13 anos		Chumba o 8º ano. Nunca tinha chumbado e achou que podia	Irmã mais velha regressa de África e vai com a s/família viver para casa dos pais. Ficam muito apertados				Começa a jogar futebol em clubes	Sabe que há droga na esc. Mete-lhe medo  É contra fumar cigarros.
14 anos		Repete o 8º ano. Tem uns dias de suspensão p/brincadeira c/colegas.		Irmã mais velha dá-lhe explicações de Inglês e Português.		Namora, durante o ano lectivo c/Sara		

ACÇÕES E ACONTECIMENTOS NA AUTOBIOGRAFIA DO LÚCIO								
Tempo	Habitat	Escola	Família	Amigos	Namorada	Trabalho	Act. tempos livres	Drogas
15 anos		Escolhe opção saúde				Trabalha nas obras nas férias p/arranjar dinheiro		Apanha a primeira bebedeira. Fica muito mal disposto
16 anos		Escolhe desporto e tem de mudar de escola. Chumba		Opção desporto feita c/amigo	Reencontra Sara e recomeça namoro			Começa a fumar haxixe nas férias do Verão
17 anos		Repete o 10º ano e chumba a 2 discip.		O amigo passou de ano e ele fica sózinho na turma	Sara engravida e faz um aborto		Compra a 1ª mota c/ajuda do pai	Começa a fumar charros na escola com amigos
18 anos		Repete o 10º ano. Duvida da escolha vocacional que fez	Mãe toma conhecimento de que ele fuma haxixe			Paquete num escrit. nas férias		Compra e vende haxixe. Continua a consumir
19 anos		Deixa uma discip. do 11º ano		Liga-se a vizinho mais velho consumidor de drogas. Inicia amigo na heroína.			Começa a entrar em corridas de motas. Deixa de todo o futebol	Inicia-se na heroína. Fuma-a

ACÇÕES E ACONTECIMENTOS NA AUTOBIOGRAFIA DO LÚCIO								
Tempo	Habitat	Escola	Família	Amigos	Namorada	Trabalho	Act. tempos livres	Drogas
20 anos	Vai para o Algarve sózinho	Vai estudar à noite	Acidente revela à família que ele está dependente de heroína	Liga-se a grupo de vizinhos, c/quem consome heroína		Trabalha como estafeta de mota		Vende drogas mais "sériamente"
21 anos		Repete o 12º				Acidente c/mota do trabalho		Faz tentativa de tratamento
21/23 anos		Abandona a escola p/causa do acidente de mota				Barman primeiro e depois motorista no Algarve durante três meses		
	Volta pª Lisboa ao fim de três meses no Algarve		Pai adoece e fica semi-invalído	Retoma o contacto c/o vizinho mais velho e faz roubos c/ele	Vive c/uma rapariga durante um mês, no Algarve	Recusa emprego que tio de Sara lhe quer arranjar		Começa a consumir heroína injectada
					Sara acaba o namoro	Nova namorada arranja-lhe emprego		Pára de consumir heroína por alguns meses e depois recai. Volta a injectar-se
						Sai do trabalho antes de o contrato acabar		

#### 4.2.3-Acontecimentos

##### Regresso da irmã mais velha de África

O regresso da irmã mais velha de África, instalando-se com a sua própria família na casa dos pais, demasiado pequena para tanta gente, parece ter impacto na escolaridade de Lúcio que, nesse ano, reprova pela primeira vez. Podemos formular a hipótese de uma relação com a sobreocupação da casa. Se Lúcio liga este "chumbo" à necessidade pessoal de experimentar qualquer coisa de novo, também o liga a uma expectativa em relação às consequências: esperava que lhe ralhassem, que lhe tirassem coisas e afinal compreenderam. Esperava talvez que se centrassem mais nele, numa altura em que provavelmente outros problemas se colocavam à família. De qualquer modo a irmã mais velha começa a dar-lhe explicações, estabelecendo-se uma transacção gratificante entre ambos.

##### Acidente de mota

Cerca dos 22 anos, um acidente com a mota do trabalho que o faz ficar seis meses em casa, afasta-o da vida escolar e também da droga. Este acontecimento, tem um aspecto positivo, por um lado, porque proporciona um afastamento da droga que Lúcio já começava a desejar, embora de uma forma ambivalente. Por outro lado leva-o a deixar a escola, abandonando o projecto académico anterior de terminar o 12º ano. Segue-se uma ida para o Algarve, trabalhar, primeiro como empregado de mesa, depois como motorista, que parece ter um significado de tentativa de prolongamento voluntário da moratória inesperada fornecida pelo acidente. Um tempo que Lúcio pretendeu dar a si próprio para pensar.

##### Abandono da Sara e Doença do Pai

No regresso do Algarve, três meses depois, o abandono por parte da namorada, farta de promessas de regeneração e a doença que invalida o pai são acontecimentos com um grande impacto na sua vida. Começa a injectar-se consciente do perigo maior em que esta forma de consumo o coloca.

RESUMO DO PERCURSO ESCOLAR DE LÚCIO			
	Escola	Colegas	Droga
Primária (6 a 9 anos)	Muda de escola do 1º pº o 2º ano. Chora no 1º dia p/causa de uma cópia		
	Desinteressa-se no 3º ano p/q sabe que passa de qualquer modo		
	Nova professora mais exigente, no 4º ano.		
Ciclo prep. (10 a 11 an.)	Escola "mal frequentada" em que tem medo	Colega mais velho dá-lhe uma tarefa.	
		Observa o banco do pátio onde se sentam os "mal comportados"	
Secundário 12 anos	Integra-se.		
13 anos	Reprova o 8º ano p/desinteresse		
14 anos	Repete o 8º ano. Explicações da irmã melhoram as nota de Inglês e Port		
15 anos	9º ano c/êxito		Primeira bebedeira "pº saber como era".
16 anos	Muda pº escola maior pº fazer o 10º área desporto. Reprova.	Escolha foi feita c/amigo. Sente-se mal integrado.	Inicia consumo de haxixe
17 anos	Repete 10º ano. Pensa que devia ter escolhido outra área, nas Ciências Humanas.	Passa a frequentar o "banco" que temia no ciclo prep.	Manifesta interesse p/outras drogas
18 anos	Faz o 11º mas deixa 1 discip	Inicia amigo na heroína	Inicia consumo de heroína
19 anos	Vai fazer o 12ºano à noite, p/iniciativa p/p.		Já experimenta "ressaca"
20 anos	Repete o 12º ano		
21 anos	Abandona a escola na sequência de acidente de mota.		

#### 4.2.4-Percurso Escolar

Já referimos as mudanças, primeiro de escola e depois de professora que ocorreram na escola primária. Neste período da escolaridade, que é descrito muito brevemente, as transacções com os professores parecem caracterizar-se sobretudo por exigência de uma das partes e sentimento de não conseguir corresponder a essa exigência da outra. Mas uma outra transacção, se evidencia, na terceira classe, em que não há exigência:

*Lembro-me que na terceira classe, antes do fim do ano se soube que se passava... todos nós lá da turma passávamos. E pronto, desliguei-me um bocado, meio um bocado de propósito... meio um bocado... não estudava, não ligava muito áquilo e passei.*

Fora da transacção *exigir - corresponder à exigência*, a motivação pessoal não funcionou.

No ciclo preparatório Lúcio sente-se com medo e desprotegido. Desprotegido pela mãe, que o pôs naquela escola assustadora, enquanto protegeu a irmã do contacto com o mesmo ambiente. Medo das violações, da droga, da agressividade dos colegas. O colega que lhe dá uma tarefa vem mais tarde a conhecê-lo na droga, nessa altura em pé de igualdade. E neste sentido parece que a droga lhe permitiu sair do papel de vítima desprotegida que viveu aos 10/11 anos e ficar em igualdade com os antigos agressores, reais ou potenciais.

Igualmente marcante, nesta escola do ciclo, é o "banco" do pátio onde se sentam os mal comportados e que Lúcio diz existir em todas as escolas, o local de reunião da "diferença", da "desviância" podemos nós dizer. É um local que o atrai e simultaneamente lhe mete medo. Ao qual finalmente tem acesso quando inicia o consumo de haxixe.

Na escola seguinte já se sente integrado, com amigos. Mas chumba no oitavo ano. Entretanto o que esperava que acontecesse na sequência do *chumbo* - a crítica da família à sua falta - não acontece. Compreendem. E é como se o Lúcio ficasse sozinho com a sua auto-crítica e a sua culpabilidade. Menos dependente, mas mais confuso a respeito dos limites.



A escolha vocacional do final do nono ano, desporto, foi influenciada pelo melhor amigo. Obriga-o a uma mudança de escola, para um ambiente muito alargado, em que o Lúcio se sente mal integrado. Voltam sentimentos de solidão, até porque o amigo se integra. "Chumba" a todas as disciplinas. Estabelece uma relação entre os sentimentos de solidão que experimenta e a repressão: sente-se sózinho na grande escola nova e chumba a todas. Tal como no 8º ano, dá a este insucesso uma dimensão positiva, de experiência, embora actualmente lhe acrescente um significado defensivo ligado às dificuldades do desenvolvimento:

*Chumbei, mas foi algo que ficou ponto assente logo no início do ano. Vivi muito o envolvimento com a Sandra e acho que o chumbar fazia parte do charme que eu queria dar, tipo bad boy. Metia-me já com companhias suspeitas, para fumar haxixe em sítios típicos. Já comprava sózinho, andava de mota, enfim, liguei-me muito nesse ano a estes padrões, talvez para esquecer ou não fazer as perguntas que agora acho normais para a idade que tinha, ou seja, o medo da minha sexualidade, da minha motivação escolar, de não ser o melhor como era no 9º ano".*

Cerca dos 18 anos, ainda no 10º ano, põe em questão a escolha vocacional. Há uma clarificação dos interesses, embora esta descoberta não o leve a elaborar um projecto académico novo. O projecto de vida que vai construindo só precisa da escola até ao 12º anos. É um projecto que se opõe às expectativas que atribui à família, que dá muito valor à formação universitária.

A decisão de ir estudar à noite é tomada contra a opinião da família. É uma mudança que marca o início de uma vida profissional mais continuada, num trabalho que o próprio Lúcio arranja, em contraste com os anteriores, arranjados através dos irmãos. Este facto constitui um motivo de orgulho para Lúcio. Mas também aqui encontramos sinais de ambivalência: o desejo de arranjar o seu próprio emprego, de organizar a sua própria vida e, ao mesmo tempo, a expressão da expectativa de que teria a vida facilitada pela acção dos irmãos mais velhos, como o pai costumava dizer.

O percurso escolar termina no 12º ano, na sequência do acidente com a mota do trabalho, quando já só está a fazer duas disciplinas e uma do 11º. Não chega a realizar o seu projecto de completar a escola secundária.

Entretanto a prática de desporto, como actividade extra-escola, que acompanha praticamente todo o seu percurso escolar, é uma dimensão positiva da sua vida, em que experimenta sucesso. Primeiro o futebol federado, que abandona quando se começa a interessar mais pelas corridas de motos. Este abandono não é propriamente uma acção decidida e posta em prática por Lúcio. Ele coloca-se nas mãos do destino, melhor, das circunstâncias, permitindo-se desta forma não tomar uma decisão:

*"... fiz a última tentativa com o futebol, foi vir aqui ao Belenenses, numa altura já tardia para a selecção de jogadores. Eles já estavam com quarenta jogadores e prontos, não deu. Eu meti mesmo a coisa dessa maneira: "olha, não deu no Belenenses não jogo mais futebol. E deixei o futebol."*

É um abandono facilitado pela alternativa já constituída de interesse pelas motos, vivida como mais de acordo com o projecto de identidade pessoal de Lúcio, mais favorecedora da auto-estima por facilitar a integração no grupo de rapazes da sua idade de que deseja fazer parte.

O abandono, algum tempo depois, do desporto motorizado é difícil de compreender. As motos, correr com motos, continua a ser um sonho de Lúcio, que o integra mesmo como projecto justificativo do tráfico de drogas que faz durante algum tempo. Vendeu a primeira moto e passa a desejar uma maior, para poder "*crescer*" porque "*já tinha aprendido tudo o que podia aprender desportivamente*" com aquela. Há aqui um ideal de crescimento que se vai tornando inatingível, mas que nunca é desinvestido. A dificuldade de passagem pelas etapas intermédias - juntar dinheiro, comprar outra moto - é que bloqueia a realização do sonho, mantido em stand-by até à actualidade.

RESUMO DO PERCURSO PROFISSIONAL DE LÚCIO			
	TRABALHO	COLEGAS	DROGA
Adolescência	A partir dos 15 anos trabalha curtos períodos nas férias: ajudante nas obras; paquete.		
20 anos	Emprega-se como estafeta de mota; Orgulha-se de o ter arranjado por si próprio.	Dá-se bem com a patroa que confia nele.	Já consome heroína. Faz tráfico
	Acidente c/mota do trabalho obriga-o a parar de trabalhar durante seis meses.		
21 anos	Recuperado do acidente vai trabalhar p <sup>a</sup> o Algarve: barman e depois motorista.	Como motorista sente-se responsável pelos colegas que transporta.	Consome haxixe e ao fim de dois meses recomeça c/heroína.
	Regressa no final de três meses. Período de desemprego. Procura emprego, pensando em ser vendedor.		Começa a injectar-se c/heroína e cocaína
22 anos	Novo emprego arranjado por namorada. Funções múltiplas, incluindo conduzir, e fazer recados, num escritório de rent-a-car	Colega ajuda-o a aprender o trabalho. Antipatia mútua entre Lúcio e o patrão. Começa a tirar dinheiro do fundo de maneio, contando c/cumplicidade de colega.	Consome heroína e cocaína
23 anos	Despede-se antes de o contrato acabar. Está farto do trabalho.		
	Desemprego c/trabalhos de ocasião		Inicia tratamento em consulta. Passa curto período sem consumir; Recai e pede internamento em C. T.

#### 4.2.5-Percurso Profissional

A primeira experiência de trabalho de Lúcio dá-se aos 14 anos, num curto período durante as férias. A partir daí trabalha sempre algum tempo nas férias. Os trabalhos são pouco diferenciados, primeiro nas obras e depois como paquete no escritório onde trabalha um dos irmãos e o objectivo é ganhar dinheiro para algumas despesas pessoais. É com o dinheiro assim ganho que compra a mota de que o pai paga metade. O trabalho surge assim, neste primeiro momento, como um meio de ser mais independente economicamente em relação aos pais.

A primeira experiência de trabalho mais continuada é realizada aos vinte anos. Lúcio vai estudar á noite e emprega-se como estafeta de mota num escritório. Neste trabalho procura rentabilizar, em termos económicos e de realização pessoal, uma capacidade pessoal que valoriza e que o satisfaz, andar bem de mota. Um acontecimento inesperado interrompe este trabalho: o acidente em que parte uma perna e que o obriga a ficar seis meses sem fazer nada.

No Algarve procura novamente ter um trabalho que mobilize a sua habilidade para conduzir, neste caso não motas mas automóveis. Consigue ser promovido a motorista e sente-se orgulhoso do êxito que tem:

*"... o motorista era um múdo novo, começou a bater com a carrinha e eu quando soube que o iam despedir ofereci-me ao patrão... Tinha largado o gesso aí há um mês ou dois e estava outra vez a conduzir, não sozinho na mota, mas estava a conduzir com montes de gente."*

É a primeira vez que está fora de casa dos pais e o trabalho satisfá-lo. Mas ao fim de três meses, já novamente a consumir heroína, sente saudades de Lisboa e vem-se embora. É o próprio sentimento de sucesso que lhe dá, aos seus olhos, o direito de desistir, como se, provado o valor próprio, pudesse abandonar a luta:

*" (Pensei) Já estive aqui dois meses, já provei que era capaz... Nunca bati, com a carrinha, lá. Toda a gente batia, as pessoas que pegaram na carrinha, eu nunca batia. Era o que andava mais com ela e nunca batia."*

No regresso a Lisboa encontra a Sara diferente *"farta de droga e de todo o meu insucesso"*. A estratégia anterior de dizer que sim aos desejos dela e agir de outra

maneira não resulta. Quando Lúcio recusa o trabalho que o tio de Sara lhe arranja ela acaba o namoro. Fica então desempregado e sem namorada, com a família também numa atitude diferente: *"não queriam ter pena de mim, lá em casa"*.

É ainda nesta fase que o pai tem um acidente vascular cerebral que o deixa semi-invalídeo o que, provavelmente centrou a família neste novo problema e contribuiu para que exigissem de Lúcio um comportamento mais adulto.

Neste período, em que o seu mundo próximo se transforma, Lúcio envolve-se mais no consumo de droga. Experimentando sentimentos de abandono por parte das pessoas mais significativas - a Sara, os irmãos que não lhe arranjam emprego - procura ligar-se a outras pessoas. É assim que retoma o contacto com o "velho", o vizinho toxicodependente com quem se iniciara na heroína. Roubam juntos e Lúcio começa a injectar-se, como já foi referido. Inicia também um novo namoro, com uma rapariga de que não gosta, mas que pode ajudá-lo a esquecer a Sara e arranjar emprego.

Durante algum tempo ele próprio procura emprego através de anúncios nos jornais, no que não é bem sucedido. Quer ser vendedor e, mais uma vez, o carro e a liberdade fazem parte das motivações desta escolha:

*"O meu sonho era ser vendedor. Pronto, era mais por causa do carro, para andar aí um bocado à solta, carro da empresa... mas não consegui."*

No emprego que a nova namorada lhe arranja também faz parte das suas funções conduzir. A relação que estabelece com o patrão é difícil, porque no início ele atribuiu a Lúcio a função de lhe contar o que se passava no escritório na sua ausência, entre os empregados. É uma tarefa que Lúcio não pode realizar a partir do momento em que se liga aos colegas e quer ser leal com eles. Quanto ao trabalho é fácil, mas deixa de o satisfazer rapidamente.

Entretanto, renunciando a uma parte da sua autonomia, Lúcio pede à mãe que lhe controle o dinheiro que ganha. Entrega-lhe o ordenado e ela vai-lhe dando todos os dias o necessário para as suas despesas diárias. É o primeiro reconhecimento de que tem dificuldade em auto-controlar-se e necessita de um controle exterior.

Desiste do emprego antes do contrato de seis meses acabar, numa passagem ao acto. Já recomeçara a injectar-se, embora desejasse muito a renovação do contrato:

*"Fiz um monte de força... fiz um monte de força não, fiz um bocado de força para ficar lá."*

Despedir-se antes de saber a decisão do patrão, pode ter sido uma forma de não correr o risco de ser despedido por ele, o que esperava por não ter correspondido ao seu pedido de delatar os colegas. Lúcio toma assim para si o controle dos acontecimentos, em vez de o deixar nas mãos de outra pessoa. Mas esta decisão leva-o de novo ao desemprego. E pouco depois a pôr-se, de uma outra forma, nas mãos de outras pessoas: é passado pouco tempo que pede internamento na Comunidade Terapêutica do Restelo, para se tratar da toxicod dependência.

Transacções (Lúcio)							
Tempo	Pai e Mãe	Irmãos	Amigos	Namorada	Escola	Trabalho	Drogas
6 a 9 anos					Não consegue fazer uma cópia no 1º dia de aulas na nova escola, na 2ª classe		
10 anos (Ciclo prep.)					3ª classe: desinteressa-se de estudar p/q sabe que passa de qualquer maneira  Profª. mais exigente na 4ª classe		
12 anos a 13		Irmã mais velha dá-lhe explicações de Inglês e Português o que lhe melhora as notas			Tem medo da escola do ciclo;  Colega mais velho dá-lhe uma tarefa		
16 anos a		Irmãos emprestam-lhe dinheiro pº aborto de Sara		Sente-se desvaloriza do quando Sara lhe conta que consumiu haxixe	É castigado por brincadeira na escola.		
18 anos							Experi- menta haxixe

Transacções (Lúcio)							
Tempo	Pai e Mãe	Irmãos	Amigos	Namorada	Escola	Trabalho	Drogas
19 anos	Mãe sabe que ele anda a fumar haxixe. Diz-lhe que preferia morrer a vê-lo drogado.		Tem um grupo de amigos que sonham comprar 1 carrinha e ir para o deserto Relação com vizinho mais velho, consumidor de drogas.		É dos mais velhos da turma do 11º ano. Consideram-no mto experiente e fazem-lhe perguntas sobre as raparigas		
20 anos	Não consegue ajudar o pai na viagem pª Espanha, de férias			Recusa as explicações de matemática que a Sara lhe quer dar			Começa a sentir "ressaca" quando não consome heroína
			Grupo que se formou à volta do vizinho desfaz-se	Sente-se pesado na relação c/Sara por consumir heroína			Decide sozinho ir às Taipas, pª se tralar
21 anos a 23 anos	P/causa do acidente a família toma conhecimento de que ele consome heroína.  Pede à mãe que lhe guarde o dinheiro e que lhe vá dando para as despesas	Avisa irmã mais nova que se vai começar a injectar.		Sara deixa-o por ele não aceitar emprego.		Relação difícil c/patrão. Despede-se antes de acabar o contrato.	Começa-se a injectar c/heroína e c/cocaína



#### 4.2.6-Pessoas significativas referidas por Lúcio

Na narração de Lúcio a pessoa mais vezes referida é Sara, a namorada dos 14 anos e, depois, dos 16 aos 23 anos (27 referências). A seguir são a família e os amigos as pessoas a que Lúcio mais se refere, embora o número de referências não se aproxime do número que diz respeito à Sara. Outra pessoa muito referida, destacada dos amigos, é o "Velho", o vizinho com que se iniciou na heroína.

##### Professores

É interessante assinalar que são poucos os professores de que Lúcio fala. Apenas faz breves referências à professora do 4º ano da primária, pelo seu grau de exigência, a um professor de desporto do primeiro décimo ano com quem se zangou e a quem queria bater e a uma professora de Psicologia do segundo décimo ano (17 anos) que desconfiou que ele tinha copiado da namorada num dos pontos. A maior parte dos professores não parecem ter sido pessoas significativas no seu percurso escolar.

##### Sara

Foi a única namorada permanente de Lúcio, uma referência de estabilidade, mas cuja existência só se torna mais viva quando ela age autónomamente, como quando acaba a relação. Sem o saber, fornece a motivação última para o início do consumo de haxixe. Lúcio não quer sentir-se menos experiente que ela. Nem menos sabedor, pelo que não pode aceitar a sua proposta de lhe explicar matemática, no 12º ano. Mas a relação com ela dá-lhe uma imagem social de pessoa experiente, conhecedor das mulheres, junto dos colegas, que o valoriza.

Na relação com Sara, Lúcio está portanto em duas posições: por um lado desvalorizado, quando não realizou as mesmas experiências, quando é pior aluno ou tem menos sucesso, por outro lado valorizado, na sua imagem privada e pública, porque tem uma mulher ao seu lado, o que o transforma de rapaz em homem.

##### O "Velho"

No "Velho" Lúcio encontra em primeiro lugar um modelo de identificação para a expressão dos aspectos menos convencionais de si próprio. É novamente a admiração pela experiência e pela diferença que o atrai. A relação modifica-se à

medida que Lúcio ganha experiência e capacidade de movimentação no mundo da droga, passando o outro para uma posição de menos poder.

### Miguel

É o amigo mais referido. Lúcio iniciou-o no haxixe e na heroína e sente culpabilidade por isso. Considera-o mais vulnerável do que ele próprio, o que, na relação, lhe permite manter-se numa posição de experiente e de iniciador.

### Grupos de Amigos

Os grupos são definidos pelas actividades que realizam juntos, mais do que pelas pessoas que os constituem. Pertencer a certos corresponde a uma mudança de estatuto junto dos companheiros, passar de ser uma pessoa comum para ser igual aos que tinham "uma presença estranha". Entretanto os grupos em que se integrou, graças à droga, são grupos que anteriormente lhe metiam medo, ao mesmo tempo que o atraíam, o que nos leva a pensar na intervenção, neste processo, do mecanismo de identificação ao agressor.

### Família

Os membros da família a que Lúcio se refere são exclusivamente os que pertencem à família nuclear: pais, irmãos, irmãs e cunhados. Dentro destes é a mãe que surge mais vezes na narração.

### Mãe

Foi a mãe que se ocupou da ligação com a escola, a pessoa que é chamada quando há problemas e também quem Lúcio responsabiliza por tê-lo posto na escola do ciclo que lhe metia medo. Em relação à droga é a mãe a primeira pessoa da família a tomar conhecimento do consumo de Lúcio, que se preocupa em esconder-lhe as suas acções neste domínio. Quando ela toma conhecimento de que o filho fuma haxixe, através de um contacto da escola, e fala com ele, Lúcio decide continuar a fazê-lo, só que mais cuidadosamente, para não ser descoberto. Mais tarde qualquer coisa de semelhante vem a acontecer com a Sara, quando ele lhe diz que experimentou heroína. Também nessa altura Lúcio decide continuar de uma forma mais escondida.

É ainda à mãe que ele pede que lhe guarde o ordenado do seu último emprego, que o ajude a não se descontrolar. Na relação com a mãe há pois o evitamento de conflitos, que a podem fazer zangar ou magoar, mas ela é um recurso que Lúcio sente como disponível.

## Pai

O pai surge muito pouco na narração. Aparece em primeiro lugar como alguém que favorece a autonomia: dá dinheiro para os fins de semana e ajuda o filho a comprar a primeira mota, que este deseja muito. Mas há uma outra mensagem vinda do pai: diz a Lúcio que os irmãos devem arranjar-lhe trabalho, facilitar-lhe a vida, como se delegasse nos filhos mais velhos a tarefa de tomarem conta do mais novo, substituindo no seu papel de pai.

A ausência do pai na narração corresponde a uma certa ausência real na vida do filho, pois desde que a família regressou de Angola o pai passou a trabalhar fora de Lisboa, só vindo a casa aos fins de semana. A delegação de uma parte do seu poder nos filhos mais velhos e na mulher correspondeu, pois, em parte, a uma necessidade prática, embora tenha criado também uma distância emocional que o tornou mais ausente. Só voltou a instalar-se em casa após a sua doença, nesta altura sem condições para desempenhar o seu papel parental.

## Irmãos

Os irmãos e irmãs são referidos ora em bloco, ora separadamente. Em bloco sobretudo quando Lúcio fala da ideia do pai de que eles lhe facilitarão a vida se alguma coisa se complicar, ideia que ele também adopta, alternadamente com o desejo de se desembaraçar sozinho. De facto são os irmãos que lhe emprestam dinheiro para o aborto que Sara tem de fazer aos 17 anos, mas ele tem de lhes pagar, o que corresponde a um modo de relação bastante igualitário e não protector.

Referida separadamente é a irmã mais velha, na época em que regressa de Angola e ajuda Lúcio no estudo de Inglês e Português.

O irmão que teve mais impacto na vida de Lúcio, como figura de identificação, é Pedro, dez anos mais velho que ele. Pedro é diferente dos outros porque não tem um curso superior, era indisciplinado na escola, tinha mota e "divertia-se". E, embora

ele próprio incite Lúcio a estudar e se apresente como um modelo de menos valor do que os outros irmãos no aspecto de realização profissional, a admiração pelo seu comportamento sobrepõem-se aos seus conselhos:

*"... o meu irmão Pedro ... dizia-me sempre: "olha para mim e vê aquilo que eu trabalho e aquilo que me custa e vê os teus irmãos, não sejas parvo, tu estuda." E eu não sei, como lhe dava sempre muito mais valor a eledo que aos outros meus irmãos, acho que ele gozava mais a vida, ou pelo menos a adolescência, teve montes de histórias com os professores, de ir para a rua, de meter a mota dentro da sala, coisas assim... e pronto, cheguei a um ponto que... ele tem o quinto ano, o nono ano, para aí e a partir do nono, pronto, já estava em pé de igualdade."*

Pedro parece representar, para o irmão mais novo, a possibilidade de realizar a diferença que este deseja para si. A diferença em relação à norma familiar "filho, tens de ser doutor" a ao conformismo associado à sua aceitação. Mas ser como Pedro seria ainda, de alguma forma, conformar-se, mesmo não obedecendo, porque este partilha os valores da família, apesar de não ter seguido pela mesma via. E, embora sem pensar nisso, Lúcio vai mais longe na sua rejeição, não será "doutor" mas também não aceita ir trabalhar para um escritório como Pedro. Procura uma alternativa que tem dificuldade em encontrar, acabando por ser a toxicodependência a via de realização da diferença.

### **4.3. Análise da Narração do Manuel**

Manuel tem 27 anos na altura da produção da narração. É o filho mais velho de uma fratria de dois irmãos, com uma diferença de idades de apenas dois anos. O pai é quadro superior numa empresa privada e a mãe funcionária pública da área administrativa.

#### **4.3.1. Organização da Narração**

A organização da narração do Manuel começa por ser cronológica, mas rapidamente passa a avançar ou recuar no tempo ao ritmo das suas associações e do desenvolvimento maior ou menor que faz dos temas que lhe vão surgindo. Descreve com pormenor as "partidas" que fazia em casa e na escola, aos pais e aos professores, as "asneiras" que o levavam a ser castigado com uma enorme frequência. Com um riso malandro percebe-se que ainda hoje goza com algumas dessas brincadeiras de criança e adolescente. Apesar de a questão de partida remeter sobretudo para os percursos escolar e profissional, Manuel detém-se muito nas relações com a família, especialmente os pais e o único irmão. Acabam por ser as pessoas mais referidas na narração, o que evidencia a força da ligação que ainda hoje nos parece manter com eles. Os professores são pouco referidos, aparecem sobretudo como objectos de "partidas" ou como personagens extravagantes e exigentes a que Manuel raramente correspondia.

O tempo da narração é marcado pelos avanços no percurso escolar e muito, também, pelos sucessivos tratamentos da toxicodependência que Manuel fez, cinco ao todo, sendo o sexto o que está a realizar actualmente, pela segunda vez na Comunidade Terapêutica do CAT- Restelo.

Para a organização da análise da narração optámos, tal como para Lúcio, pela ordenação do percurso de vida em três períodos: infância, até ao fim da escolaridade básica, pré-adolescência e adolescência, até aos 18 anos e juventude dos 18 anos até à actualidade.

### 4.3.2. Os Períodos da Vida

#### Infância

A infância é um período em que o Manuel quase não se detém. Frequenta um colégio particular cujo ambiente descreve como familiar e tem boas notas. Tem problemas de comportamento que se resolvem "em família". É um tempo marcado por uma relação já conflituosa com a mãe, em que ela lhe dá muitas tarefas.

#### Pré-adolescência e adolescência

Na passagem da primária para o ciclo preparatório a grande mudança são as notas. A escola interessa-o pouco e falta muito às aulas. Os problemas de comportamento acentuam-se. O comportamento de rebeldia em relação aos adultos, quer aos professores, quer aos pais, é muito intenso. As férias no Algarve aparecem como espaço de libertação deste relacionamento tenso, longe dos pais e da escola. Ao mesmo tempo, a associação a companheiros com o mesmo tipo de comportamentos marca a diferença em relação aos "certinhos".

A relação com a mãe continua muito conflituosa e o pai aparece como o moderador e mesmo o protector em relação a uma figura materna irritada e agressiva. Os pais tentam estabelecer limites e o Manuel ultrapassa-os, com as faltas às aulas, os roubos de dinheiro, as notas no limite do necessário para passar e as partidas.

Paradoxalmente, contrapondo-se aos comportamentos de oposição, a escolha vocacional do 9º para o 10º ano, já comprometedora, é influenciada pelo pai:

*No décimo ano era para seguir desporto, só que o meu pai veio-me com umas histórias, informática, os computadores são o futuro... e eu lá fui na conversa dele e então fui para informática.*

Qualquer coisa de semelhante acontece na escolha do Curso Superior, embora aqui o Manuel tenha realizado um compromisso entre as influências familiares e os seus próprios interesses:

*Depois era a Gestão de Empresas, porque o meu tio também era empresário, o meu pai também estava numa empresa e as coisas andavam um bocado aí à volta.*

*Gestão Hoteleira tinha a ver com turismo, eu estava sempre na Praia da Rocha, no Algarve, era aquela altura em que o turismo estava a dar imenso e pronto, tinha a ver com gestão e com o turismo, a bacanice, o que eu gostava, de ir para a praia... passei lá férias óptimas, no Algarve.*

Também o projecto implícito no trajecto adolescente e juvenil do Manuel vem do pai:

*O meu pai incutiu-nos a ideia de que para uma vida de sucesso era preciso ter estudos e tirar um curso superior, para ser alguém na vida.*

E, apesar do desinteresse, a via que o Manuel perspectiva para o seu futuro é esta, tirar um curso "para ser alguém na vida".

O período da adolescência é marcado pela iniciação nas drogas. Primeiro o haxixe<sup>39</sup>, que lhe traz um sentimento de superioridade em relação aos não iniciados, os "caretas"<sup>40</sup> e de autonomia em relação à família: "*aquilo era o meu segredo*". O haxixe acrescenta uma dimensão de prazer às outras actividades valorizadas pelo Manuel: pregar partidas, jogar futebol, estar em grupo.

Aos 17 anos surge o consumo de heroína, contactada ocasionalmente. O tempo livre, no 12º ano, favorece o aumento da frequência do consumo. Este leva-o a afastar-se dos grupos de companheiros não consumidores. A heroína, tal como o haxixe, começa por ser um elemento organizador da identidade do Manuel. Tentativa de estabelecer relações de pertença e simultâneamente de garantir singularidade. Ele diz, a propósito da droga:

*(A droga era) uma necessidade de afirmação no meio em que estava inserido... Os outros eram caretas e eu não era, aquelas pessoas com quem eu me dava não eram e eu era como elas. Não sei, acho que desde muito cedo me senti um bocado marginal, não sei porquê... desde cedo.*

---

<sup>39</sup> Na sua descrição o Manuel refere que a primeira vez que consumiu não experimentou qualquer efeito. Becker (1973) no seu trabalho sobre a carreira de consumidores de marijuana, observa a frequência desta situação e o papel da participação no grupo de consumidores para, ainda assim, o individuo progredir no consumo, realizando aprendizagens que lhe permitem avançar para um estágio de consumo pos-iniciação. A participação em grupos de consumidores, em certos períodos, os únicos membros da sua rede relacional, para além da família, é uma constante na vida do Manuel.

<sup>40</sup>Equivalentes dos "certinhos" da pré-adolescência.

É também cerca dos 17 anos que se dá uma divergência de caminhos entre o Manuel e o irmão, que tinham experimentado a heroína juntos. Com o irmão os pais conversam e mudam-no de escola. Ele aceita esta intervenção e muda, com grande surpresa do Manuel. Ao mesmo tempo parece ter a ideia de que os pais a ele o consideraram um caso perdido e não tentaram pará-lo, como fizeram com o irmão.

## Juventude

Os 18 anos são marcados por dois acontecimentos: o início de uma actividade profissional, a par da escola que entretanto passou para a noite e o envolvimento no primeiro namoro duradouro.

O trabalho é no âmbito familiar, na empresa do tio. O investimento que o Manuel aí realiza parece semelhante ao que faz na escola:

*Era um milongas... Às vezes faltava, outras vezes não me apetecia acordar cedo, a minha mãe acordava-me, eu fingia que ia trabalhar e ia para casa do vizinho do lado, dormir...*

Há mesmo uma recordação pouco clara das razões que o levaram a trabalhar:

*...não sei porquê, ou porque os meus pais quiseram ou porque eu também quis, decidi ir trabalhar de manhã com o meu tio no escritório, em part-time e tinha aulas à noite. Na Cidade Universitária. Acho que a partir daí começam as confusões todas.*

Já o namoro é mais investido pessoalmente. Trata-se da Ivone, uma rapariga de quem tinha gostado aos 14 anos e de quem tinha preferido manter-se amigo, por medo de ser rejeitado. Começa com uma atitude de desprendimento, de quem consegue realizar uma conquista desejada no passado, mas actualmente menos importante, e transforma-se numa relação em que o Manuel se sente mais dependente do que a namorada.

Com o trabalho começam o que Manuel refere como "confusões", uma escalada de desinvestimentos, de conflitos com os pais e de consumo de heroína que só pára quando o Manuel é preso, por roubo. Do ano anterior à prisão diz que não se lembra



praticamente de nada, sabe que não trabalhou, que não estudou, andou na rua a maior parte do tempo porque o pai o pôs fora de casa.

É a prisão que o leva a decidir tratar-se numa Comunidade Terapêutica, para onde entra pouco tempo depois de ser libertado. Aí termina o tratamento com sucesso, arranja outra namorada e um emprego como vendedor, razoavelmente bem pago. Alguns meses depois da sair da CT começa a pensar em criar uma empresa, em sociedade com o tio e um colega. E é precisamente quando este projecto avança que Manuel recai. Por medo, segundo diz:

*A empresa era a responsabilidade total. Era uma coisa minha, dependia de mim que corresse bem ou mal. Acho que não aguentei nada bem essa responsabilidade. Eu andava muito assustado e cada vez mais.*

A deterioração da vida desta vez acontece muito mais rapidamente e cerca de um ano depois Manuel pede novamente internamento na Comunidade Terapêutica.

# ACCÕES E ACONTECIMENTOS NA AUTOBIOGRAFIA DO MANUEL

Tempo	Espaço corporal	Habitat	Escola	Pais e irmão	Família alargada	Amigos	Trabalho	Namorada	Act. tempos livre	Consumo de drogas
6/9 anos		Vive em Benfica c/pais e irmão	Porta-se mal nas aulas. Bom aluno							
10/11 anos		Passa todas as férias de Verão no Algarve	Não estuda. Notas baixam. Suspenso						Rouba lanternas e vai c/colegas explorar grutas em Monsanto	
12/17.			Pai chamado à escola por mau comp. Suspenso (ocorre ao longo de toda a esc.s.)	Rouba dinheiro em casa				1º namoro		Começa a fumar tabaco
			Faz psicotécnico s. Escolhe desporto. Dispensa dos exames	Partidas em conjunto c/irmão				Não se aleve a declarar-se à Ivone	Joga raguebi	Inicia consumo de haxixe c/colegas escola
			Escolhe Informática					Tem a 1ª exp. sexual		Continua cons. reg. hax.
						Junta-se a grupo que se reúne no "Califa"		Namora c/rap. mais velha (que o assusta)	Joga futebol em clube pequeno.	

ACCÕES E ACONTECIMENTOS NA AUTOBIOGRAFIA DO MANUEL										
Tempo	Espaço corporal	Habitat	Escola	Pais e irmão	Família alargada	Amigos	Trabalho	Namorada	Act. tempos livre	Consumo de drogas
18	Hepatite B		Desiste a 2 disciplinas. Decide seguir p <sup>a</sup> Gestão Hoteleira Faz o 2º 12º ano à noite		Rouba cartão MB do primo e levanta-lhe dinheiro		Trabalha nas férias em p-time na empresa de tio de Lisboa	Inicia namoro c/Ivone		Inicia cons. heroína
19			Não entra na Fac. no Curso G. Hot. no Porto. Inscreve-se em Lisboa.	Mãe sai de casa						Faz 1º trat. toxicod.
20				Mãe volta para casa e sai o pai			Oferecem-lhe emprego. Aceita. Tira c-condução	Ivone acaba namoro		Recai
21			Vai viver para casa do tio de Lisboa. Começa a roubar-lhe dinheiro					Inicia namoro c/Silvia		Faz 2º trat.
Nada										
22		Volta para casa dos pais Vai para o Algarve		Pais voltam a viver juntos			Despedido pelo tio  Empregado de mesa no Algarve			3º trat

ACCÕES E ACONTECIMENTOS NA AUTOBIOGRAFIA DO MANUEL										
Tempo	Espaço corporal	Habitat	Escola	Pais e irmão	Família alargada	Amigos	Trabalho	Namorada	Act. tempos livre	Consumo de drogas
24/25		<p>Regressa do Algarve</p> <p>É preso durante três meses p/roubo Internament o durante 1 ano numa CT.</p> <p>1 ano num apartamento de reinserção</p> <p>Aluga casa com namorada</p> <p>Vai para a tropa</p>		<p>Pais separam-se novamente. fica a mãe em casa</p> <p>Pais reconciliam-se.</p> <p>Pai põe-no fora de casa</p>			<p>Está um ano sem fazer nada</p> <p>Emprega-se como vendedor de prod. informáticos</p> <p>Inicia uma empresa com o tio e um colega como sócios</p> <p>Trabalho aos f-sem. em café-bar em Lisboa</p>	Sílvia acaba o namoro		<p>4º trat., 1º em internamento</p> <p>Recai em heroína e cocaína</p>

### 4.3.3. Acontecimentos

#### Separação dos pais

Relativamente a este acontecimento o Manuel procura marcar muito a sua independência em relação aos pais. Compreende quer um quer outro, a mãe no seu sentimento de traição, o pai na sua atracção por outras mulheres, mas não toma partido e procura manter-se afastado do conflito.

Em termos pessoais é um acontecimento que permite a vivência de duas experiências diferentes: viver só com o pai em casa dá-lhe um sentimento de alívio e de maior autonomia; viver só com a mãe intensifica os conflitos com esta, já presentes anteriormente. A figura materna é, para o Manuel, a figura parental cerceadora da autonomia, que o quer impedir de ser livre e de ter vida privada, invadindo-o no seu espaço psicológico como no seu espaço real. Há um sentimento de que a mãe, com o seu "sexto sentido apurado" e a expressividade dos seus sentimentos entra mais nos outros, tem mais poder na relação. O que pode ajudar a entender a maior intensidade da revolta e oposição na relação com a mãe, como um necessidade, também muito intensa, de se subtrair a este poder vivido como abusivo. Naturalmente agudizados na ausência do pai e do seu poder moderador.

#### Férias no Algarve

Acontecimento anual, gerador de satisfação para o Manuel, mas que podia não acontecer se os pais não estivessem satisfeitos com ele. Funcionava como um meio de controle externo sobre as suas acções. O Algarve, onde fica em casa da avó materna, é um espaço de maior liberdade, em que se sente menos controlado. Ficou até à actualidade como um lugar ideal e o prazer aí vivido teve peso na escolha do Curso Superior, Gestão Hoteleira, a par de outras influências já referidas.

É também para o Algarve que o Manuel foge, quando sente que ultrapassou os limites na relação com o pai e procura, precipitadamente, ir fazer uma vida independente. É de certa forma o espaço idealizado da independência e da autonomia.

## Hepatite B

A hepatite parece-nos ter tido impacto sobretudo pelo isolamento em que colocou o Manuel em relação aos seus amigos habituais. Também fica isolado em relação à namorada e portanto mais dependente da iniciativa dela. A relação nesta altura, inverte-se claramente: quando ele fica mais dependente ela fica mais independente. Esta situação gera insegurança no Manuel, que desconfia da fidelidade de Ivone e vê as suas desconfianças confirmadas. Ser abandonado, em vez de abandonar, como tinha feito até aí, é uma experiência de perda do poder na relação que sempre tentara evitar.

Experiência que parece não se repetir com a namorada seguinte, que também o abandona. Com ela Manuel envolve-se menos e atribui o abandono ao seu próprio desinteresse e à droga. Ao contrário de Ivone, Sílvia não se drogava e fartou-se.

## A prisão

Ser preso acontece-lhe numa fase da vida em que já muito pouco restava dos seus recursos. Manuel praticamente não se refere a este acontecimento. Considera-o a sequência quase natural do estilo de vida em que estava envolvido, com o consumo de droga a sobrepor-se a qualquer outro interesse. Associado à atitude autoritária do pai, acabou por ter um valor positivo porque provocou a paragem do percurso auto-destrutivo. É após sair da prisão que Manuel se envolve num tratamento prolongado e fica sem consumir drogas durante cerca de dois anos, realizando ao mesmo tempo um movimento reorganizativo da sua vida.

RESUMO DO PERCURSO ESCOLAR DO MANUEL			
	Ações e acontecimentos da vida académica	Problemas de comportamento	Consumo de drogas
Primária 6 a 9 anos	Bom aluno	Irrequieto. Porta-se mal nas aulas. Anda à pancada.	
Ciclo prep. 10 e 11 anos	Não estuda. Deixa de ter boas notas	2 dias de suspensão. Prega partidas. Falta às aulas para ir roubar lanternas e explorar grutas em Monsanto	
Secundário 12 anos	Continua a estudar pouco.	Pai é chamado à esc. por causa do comp. do filho. Rouba dinheiro em casa para tabaco e para jogar nas máquinas.	
13 anos	Muda de secção dentro da mesma escola	Suspenso por fazer partidas no Carnaval	Começa a fumar haxixe c/colegas
14 anos	Durante o último período a mãe está em casa e obriga-o a estudar. As notas sobem. Dispensa dos exames	Falta muito às aulas.	Consome haxixe. Os pais começam a aperceber-se
15 anos	Muda de escola. Escolhe Informática.		Fuma haxixe
16 anos	Chumba a Português	Tem dias de suspensão	Fuma haxixe
17 anos	Desiste a Matemática e Geografia. Faz uma disciplina. Toma a decisão de seguir Gestão Hoteleira		Inicia consumo de heroína, continuando nos primeiros tempos a fumar haxixe durante a semana.
18 anos	Muda de escola. Repete o 12º ano a estudar à noite		Aumenta o consumo de heroína. Faz o primeiro tratamento.
Universidade 19 anos	Não consegue entrar num Fac. do Porto. Entra em Lisboa, noutra privada. O irmão entrou ao mesmo tempo, para a mesma fac. Passa o 1º ano.	Falta muito às aulas.	Faz tráfico de haxixe. Faz 2º trat. Mantém consumo ocasional algum tempo
20 anos	Deixa duas cadeiras atrasadas. Nas férias arranja emrego.		Consome heroína e cocaína

#### 4.3.4. Percurso Escolar

O percurso escolar do Manuel é longo, surpreendentemente longo face ao desinteresse manifestado pela aprendizagem desde o ciclo preparatório:

*"... deixei de ter as boas notas que tinha (na primária) porque também não estudava, não estudava mesmo, pronto, antes dos pontos dava uma vista de olhos para chegar lá e ter uma nota mínima, que era o suficiente..."*

E diz, mais à frente:

*"Ia às aulas porque tinha de ir às aulas, porque não podia chumbar... Porque eu também não queria trabalhar."*

Este desinteresse e a ausência de esforço, repetidamente referida na narração, como já dissemos atrás, corresponde a um modo de funcionamento que se manterá ao longo de toda a escolaridade e através do qual Manuel evita pôr à prova as suas capacidades. Fica a ideia, que também se expressa ao longo de toda a narração, de que se fizesse esforço seria capaz. Até que ponto nunca poderá saber, porque nunca realizou o teste da realidade desta convicção.

Desta forma os limites, da inteligência e das capacidades pessoais para aprender e produzir, são alargados ilimitadamente, porque o pensamento não tem que ter em conta a exteriorização das capacidades ou a avaliação por parte dos outros. Mas esta organização defensiva da relação com os seus próprios recursos limita o Manuel nas possibilidades de realização. Latente, está a convicção de que não é capaz e o medo de a ver confirmada pela realidade:

*"Era uma estupidez mas não estava para puxar pela cabeça. Acho que tinha medo de descobrir que não era capaz."*

A ideia de não ter capacidades especiais está também expressa na descrição dos resultados dos testes vocacionais feitos no final do 9º ano:

*"... fui fazer testes psicotécnicos para saber para que tinha vocação... para saber para aquilo que eu dava e aquilo não deve ter dado nada, porque lembro-me que eu dizia que queria ir para desporto e lá a mulherzinha que me fez esses testes disse-*



*me "sim, sim, pode ir para desporto" e pronto. Não me disse assim mais nada de concreto... Deve ter achado que eu não tinha jeito para nada ou que podia fazer um bocadinho de tudo, não sei."*

O prazer encontrado pelo Manuel nos momentos de sucesso, por exemplo no 9º ano, em que consegue dispensar dos exames, não é suficiente para ultrapassar o seu medo de não ser capaz. Pelo contrário, parece aumentá-lo, porque logo a seguir ao sucesso as acções tornam-se mais destrutivas:

*"No nono ano dispensei dos exames. Foi uma alegria que eu tive (...) Foi um espanto para os meus pais. A minha mãe então ficou satisfeita e toda babosa. Acho que foi daquelas alegrias que eu dei aos meus pais. Mas a partir daí foi quando eu comecei a fumar charros mais a sério."*

Mais tarde, na vida profissional, vão acontecer sequências semelhantes, o consumo de drogas a surgir ou intensificar-se nos momentos de sucesso.

### **O Papel dos Adultos no Percurso Escolar:**

Um outro aspecto importante na relação do Manuel com as aprendizagens escolares é o efeito da influência dos adultos significativos, principalmente o pai, a mãe e alguns professores.

#### **Os Pais**

Logo no ciclo preparatório Manuel conta:

*"E o meu pai no terceiro período disse: "Acabou, tens de começar a estudar" e obrigava-me a estudar. E o que é certo é que a partir daí comecei a ter boas notas a matemática, a ir ao quatro."*

No 9º ano:

*"... durante o último período houve um período em que a minha mãe estava em casa (...) e obrigava-nos a estudar. Eu até estudava um bocadinho, para depois ir até à rua. Pronto e eu estudava um bocadinho por dia, não me matava a estudar e*

*comecei a tirar boas notas. Eu fiquei... fiquei parvo... porque eu às tantas até estudava aquilo só para a minha mãe não me chatear..."*

Nestas transacções e no seu efeito encontra-se o reconhecimento dos recursos do outro e de si próprio, e o posicionamento em papeis claramente diferenciados, pois os pais convictamente exercem a sua autoridade e obrigam o filho a estudar, acreditando que ele é capaz. Este por sua vez reconhece e aceita a autoridade parental, o que lhe dá oportunidade de encontrar os seus próprios recursos, que para além de satisfazerem os pais também o gratificam. É uma transacção oposta à que Manuel refere quando a mãe lhe diz que sempre esperou que ele viesse a tornar-se toxicodependente.

### **Professores**

A relação com os professores é dominada pela provocação, através da indisciplina e das partidas. Estes são avaliados e arrumados em categorias: os bons, os maus, os exigentes, os que têm medo, etc. Uma relação de cooperação não aparece senão esboçada, numa transacção referida: no 11º ano as explicações de Matemática de uma boa professora ajudam-no a passar.

Com os professores "exigentes" as negativas ou os "chumbos" são certos. No nono ano, com uma professora de Inglês "lixada" tem negativa a esta disciplina habitualmente fácil para ele graças ao consumo de cultura de língua inglesa, filmes e música. No décimo primeiro ano acontece o mesmo em Francês, com um professora que Manuel considera "excelente, simpática, boa professora" e "exigente". Ainda no décimo primeiro ano o professor de Português prefere reprová-lo na nota do que nas faltas às aulas, como se lhe quisesse transmitir a mensagem de que a ignorância era muito mais grave do que a indisciplina.

Manuel opta pelas duas, a ignorância evita-lhe ter de se pôr à prova, a indisciplina assegura-lhe o destaque.

### **Os problemas de comportamento no percurso escolar**

Os problemas de comportamento durante o percurso escolar, concretizados em desobediência às regras da escola, às ordens dos professores e em partidas, provocam reacções por parte dos professores e das autoridades escolares,

conduzindo a suspensões e chamadas do pai à escola. Estas reacções são tentativas do meio de controlar o Manuel, que não produzem o efeito desejado pelos adultos, tendo um impacto nulo na mudança de comportamento. No entanto, se pensarmos em termos de transacções, parecem produzir transacções vivas, as acções do Manuel activando as dos professores e dos pais. Os professores preocupam-se, detestam-no ou têm medo dele, de qualquer forma ocupam-se dele. Os problemas contados pela escola ao pai desencadeiam normalmente conversas deste com o filho, procurando compreendê-lo.

Desta forma os problemas de comportamento abrem vias ao estabelecimento de contacto, o que parece ser muito preferível ao anonimato dos "certinhos":

*"aquelas pessoas que toda a gente conhecia eu também conhecia, eu também pertencia àquele grupo. Aquele grupo toda a gente conhecia, toda a gente ouvia falar e os outros passavam um bocado incógnitos, ninguém sabia quem eram."*

## RESUMO DO PERCURSO PROFISSIONAL DO MANUEL

Tempo	Trabalho (Acções e acontecimentos)	Consumo de drogas
18 anos	Trabalha em part-time na empresa do tio nas férias escolares.	Aumenta o consumo de heroína. Faz o primeiro tratamento. Cerca de um ano depois faz o 2º trat.
20 anos	No Verão oferecem-lhe emprego numa multinacional no controlo da contrafacção, através do tio. Aceita	Acompanha com um grande consumidor de cocaína. Começa quer heroína quer cocaína
21/22 anos	É despedido do emprego pelo tio.	Faz 3º tratamento
22 anos	Vai para o Algarve, onde trabalha como empregado de mesa	Recai rapidamente
23/24 anos	Volta do Algarve e fica um ano sem fazer nada. O pai põem-no fora de casa. É preso durante três meses.	
25 anos		Faz tratamento residencial numa C.T. durante um ano. Mantém-se sem consumir
26 anos	Emprego como vendedor de prod. informáticos	Mantém-se abstinente
	Empresa oferece-lhe umas férias de Verão em Marrocos	Mantém-se abstinente
	Despede-se para formar a sua própria empresa com um colega de trabalho e com o tio de Lisboa como sócios.	Recai com cocaína neste período de transição.
27 anos	Alguns meses depois deixa de trabalhar. Vai para a tropa, que tinha sido muito adiada por causa dos tratamentos e dos estudos.	Consome heroína aos fins de semana sobretudo
	Emprega-se, ainda na tropa, aos fins de semana, num café-bar em Lisboa	
	Sai da tropa. Propõem-lhe trabalhar no bar a t.inteiro e como gerente. Recusa.	Está a consumir heroína e cocaína em grande quantidade.
	Pede para reentrar na Comunidade Terapêutica	

#### **4.3.5. Percurso Profissional**

O percurso profissional inicia-se com um emprego em part-time na empresa do tio, nas férias. Como referimos atrás, é um trabalho pouco investido pessoalmente, com tarefas pouco diferenciadas, que considera desinteressantes.

Só se interessa pela vida profissional mais tarde, aos 20 anos, quando lhe oferecem emprego na multinacional ligada à empresa do tio. Esta oferta é vivida pelo Manuel como uma oportunidade muito boa. É um bom ordenado, numa firma importante, que permite pensar em perspectivas. Inicia-se como um primeiro investimento pessoal na vida profissional, mas rapidamente se mistura com os comportamentos associados ao consumo de heroína como desvios de dinheiro e irresponsabilidades. O despedimento tem como causa não a incompetência, mas esta associação, que o tio, mediador entre os patrões e o Manuel, não pode tolerar.

Foi, pois, uma oportunidade de criação de autonomia e independência que não foi aproveitada aparentemente pelo grande envolvimento com a heroína. No entanto, continuando a leitura do percurso profissional do Manuel, encontramos, noutra ocasião, a droga não como causa mas como consequência das dificuldades de construção da autonomia: aos 26 anos, após quase dois anos sem consumir, Manuel recai, quando está envolvido na realização de um projecto pessoal de que é responsável, pela primeira vez na sua vida.

O projecto assim interrompido é o de formar uma empresa do mesmo ramo daquela em que trabalha, de representação e venda de produtos informáticos. Fazer portanto, por conta própria, o que durante seis meses fez por conta de outrem, o que nos parece corresponder a um desejo de cortar laços de dependência (à empresa/patrão) e de procura de autonomia, movimento que se torna assustador pelo peso da responsabilidade que implica.

Na medida em que nesta altura da sua vida Manuel está mais independente (terminara seis meses antes o tratamento numa Comunidade Terapêutica e vivia fora de casa dos pais), é sobretudo contra a sua própria desaprovação que tem de lutar e autoriza-se a recaída convencendo-se que vai ser capaz de controlar o consumo. A ideia, e depois a acção de consumir, são formas de fugir ao medo da responsabilidade, ao medo de falhar e ao sentimento de solidão ligados a uma maior

autonomia. O medo de não ser capaz de controlar a sua vida dá lugar à ideia de que pelo menos o consumo de droga poderá controlar.

Voltando novamente a trabalhar por conta de outrém, na altura da tropa, apesar de estar a consumir muita heroína e cocaína, o seu trabalho é reconhecido e convidam-no para uma posição superior. De alguma forma a droga evita-lhe novamente o medo das novas responsabilidades e ter de tomar a decisão se as aceita ou não. Como está muito envolvido no consumo, pede reinternamento na Comunidade Terapêutica onde estivera anteriormente e reinicia um tratamento. A vida profissional fica adiada.



TRANSACÇÕES (Manuel)							
Tempo	Escola	Pais e irmão	Família alargada	Amigos	Namorada	Trabalho	Drogas
4/5 anos		Incita o irmão a fazer "asneiras"					
6/9 anos		Tareias da ,mãe					
10/11 anos	Não estuda Faltas às aulas Mau comportamento/Dias de suspensão	Pai obriga-o a estudar/Melhora notas a matemática					
12/17 anos	Partidas/Dias de suspensão	Competição c/irmão Pais querem sempre saber onde é que ele anda. Começa a mentir a ser castigado por isso	Férias no Algarve sente-se posto de parte pelos primos.	Acompanha com os "baldas" e nem fala com os "certinhos" da turma			
	Partidas/Dias de suspensão	Pai protege-o das zangas da mãe Conversas c/o pai sobre os problemas na escola		Sente-se superior aos outros por fazer parte do grupo dos que se drogam  Nas férias no Algarve descobre que um amigo t/b já experimentou haxixe. Vão comprar os dois			Fuma haxixe pela 1ª vez: sente-se nervoso. Não tem nenhuma sensação

TRANSACÇÕES (Manuel)							
Tempo	Escola	Pais e irmão	Família alargada	Amigos	Namorada	Trabalho	Drogas
18 a 27anos		<p>Mãe está em casa no último período e obriga-o a estudar todos os dias. Melhora as notas.</p> <p>Faz a mãe sentir-se orgulhosa dele quando dispensa os exames do 9º ano</p> <p>Pais percebem que ele fuma haxixe. Começa a esconder mais</p> <p>Convencido pelo pai a escolher informática no 10º ano</p> <p>Pede ajuda aos pais pº se tratar. Levam-no ao médico</p> <p>Desobedece ao pai e vai passar f.semana às Berlengas</p>		<p>Turma do 10º ano pequena e de "certinhos", que saem muito fora da escola. Sente-se inseguro. Não sai com eles pº além das aulas.</p>	<p>Acompanha c/Ivone, mas nunca se atreve a pedir-lhe namoro porque tem medo que ela diga que não</p> <p>Arranja uma namorada c/objectivo de ter a 1ª exp. sexual.</p> <p>Namora rapariga mais velha, mas é "demais pº ele"</p> <p>Reencontra Ivone e começa a namorar c/ela. Ela quer que ele pare de se drogar, mas Manuel recusa. Ivone começa t/b a consumir</p>	<p>Trabalho na empresa do tio: tio ralha-lhe por ele não cumprir</p>	<p>Inicia consumo de heroína</p>



TRANSACÇÕES (Manuel)							
Tempo	Escola	Pais e irmão	Família alargada	Amigos	Namorada	Trabalho	Drogas
	Brinca c/profº num exame da Fac. e chumba	<p>Estuda pelos apontamentos do irmão, na Faculdade</p> <p>Pede ajuda aos pais pº se tratar. Levam-no às Taipas</p> <p>Novo pedido de ajuda aos pais. Levam-no ao Restelo. Pai vai c/ele pº fora de Lisboa</p> <p>Rouba dinheiro ao pai e foge-lhe quando iam fazer análises. Tem medo de voltar pº casa e vai pº o Algarve</p> <p>Volta do Algarve e encontra só a mãe em casa. Grandes conflitos.</p> <p>Pai já de novo a viver em casa, põe-no fora. Dá-lhe prazo pº arranjar emprego e entretanto paga-lhe uma pensão.</p>	<p>Vai viver pº casa do tio. Rouba-o e tem de voltar pº casa dos pais.</p>		<p>Durante o tratamento perde o controle e bate na Ivone</p>	<p>Tio despede-o do emprego</p>	

#### 4.3.6. Pessoas Significativas Referidas por Manuel:

##### Pais

Os pais são as pessoas mais presentes na narração, o pai referido 77 vezes e a mãe 61. Tendo em conta que a questão inicial da narração era focalizada na vida escolar e profissional, parece-nos que este dado tem de ser pensado. Por um lado tem de ser relativizado por dois factos:

- 1 - a família participou, durante um certo período de tempo, num processo de terapia familiar, como meio de tratamento da toxicodependência do Manuel;
- 2 - O Manuel, ao longo das suas seis tentativas de tratamento familiarizou-se com a cultura "terapêutica", em que o interesse dado às relações familiares é por demais evidente. Contando a sua história a uma psicóloga, é natural que tenha pensado que os aspectos ligados à família a interessassem particularmente.

Ainda assim pensamos que esta frequência dos pais na narração, evidencia a importância dos laços que Manuel manteve e, cremos, mantém com eles. Sabemos que as grandes oposições da adolescência são proporcionais à força da ligação e, sobretudo, à sua natureza mais ou menos autonomizante. A maioria das transacções que o Manuel estabelece com a mãe são agressivas, de oposição e reacção. Com o pai há um maior entendimento, mas quase sempre interrompido ou por queixas de terceiros sobre o seu comportamento, ou por acções violentas, de ruptura, por parte do Manuel. De assinalar, também, que nos momentos em que quis tentar tratar-se para deixar de consumir, ele nunca procurou sozinho um médico ou um centro, sempre o fez por intermédio dos pais.

##### Irmão

A seguir aos pais é a pessoa em quem o Manuel mais fala, com 33 referências. São referidas sobretudo as cumplicidades e a competição.

A diferença de idades entre ambos é de apenas dois anos, sendo o António mais novo. A relação entre ambos é de cumplicidade até certa altura, mas também de competição. Fazem "asneiras" juntos, na infância e na adolescência. Fumam haxixe juntos e António chega também a experimentar heroína.

António é descrito como o elemento mais passivo em todos estes comportamentos, aceitando a liderança do irmão mais velho. Mas aceitando também a orientação dos pais que, quando percebem que ele se droga, falam com ele e o mudam de escola. António pára de se drogar e empenha-se na nova escola, o que, a partir daí, o afasta mais do Manuel e começa a acentuar a diferença entre ambos.

Manuel refere o sentimento na adolescência de ser menos amado do que o irmão:

*"acho que eu sempre senti que ele era o preferido da família, que as atenções se voltaram muito para ele. E sempre me senti o mal amado. Toda a gente achava que eu era mau aluno... E as coisas que eu fazia, não me portava bem, só fazia asneiras, desencaminhava-o a ele".*

Mais tarde tem o sentimento de ser ultrapassado:

*"... o que é certo é que começámos a crescer e eu comecei a sentir-me ultrapassado por ele... ele tinha mais namoradas do que eu. Tínhamos mais ou menos as mesmas notas... ele às tantas começou a ter melhores notas que eu..."*

Este sentimento de ficar para trás não se traduz em acções de emulação, por parte do Manuel. Aceitar "perder" à partida para o irmão mais novo é semelhante ao não estudar: nunca saberá se podia ter ganho. Não experimenta nem a humilhação da derrota nem o prazer da vitória. Mas podemos imaginar o que terá vivido quando, finalmente, o irmão mais novo o substituiu no trabalho de que foi despedido por consumir drogas, ficando também com o carro que o Manuel tinha desejado muito comprar mas que depois não conseguiu pagar ao tio.

Tio de Lisboa

O tio de Lisboa, que o aceita como empregado aos 18 anos e depois lhe proporciona o encontro para um novo emprego, na multinacional de que é representante, aparece também como uma pessoa significativa. Manteve sempre uma atitude de procurar compreender e ajudar na resolução dos problemas. Talvez simplificando-os demais, pois mais tarde ou mais cedo tio e sobrinho percebiam que não tinha sido a boa solução. De qualquer modo é a ele que Manuel recorre quando pretende realizar movimentos de autonomização, como arranjar emprego, sair de casa dos pais ou abrir uma empresa.

## Ivone

Ivone foi a namorada do Manuel entre os 18 e os 20 anos. É a única que na narração ganha personalidade e é também, entre as pessoas da idade do Manuel a única que ultrapassa as 10 referências. Integrou-se no seu estilo de vida e passou a consumir drogas com ele. O maior impacto aconteceu quando finalmente inverteu os termos da relação e se manifestou independente.

## Amigos

Os amigos são relativamente móveis. Manuel refere-se mais a grupos do que a companheiros específicos. Os grupos define-os pela actividade que realizavam e geralmente também pelos locais onde se encontravam. Diz que nos "grupos da droga" passava muito mais despercebido do que nos outros de que participava. Ficava muito mais calado. Podemos pensar que estar drogado apaziguava finalmente a necessidade permanente de fazer os outros reagirem, de sentir a sua presença (a sua existência) reconhecida.

Refere dois grupos que considera saudáveis: a turma do 10º ano, na Ferreira Borges, e o "grupo do Califa", de amigos da zona onde vivia.

Os colegas são alunos interessados e ao mesmo tempo divertidos, fazendo vida social em conjunto. Manuel nunca se integra completamente, não os vê fora da escola, apesar de gostar de estar com ele. No "grupo do Califa" também se sente divertido e a gostar das pessoas, mas abandona-o a favor da amizade com um companheiro também consumidor de heroína.

Manuel diz que se sentia inseguro nas relações mais íntimas. Podemos entender que o consumo de droga, por ser uma actividade agregadora do grupo e pelo efeito desinibidor do produto, funcionava como mediador na relação, fonte de segurança. Os grupos em que estava sem esta mediação aumentavam-lhe a insegurança, preferindo manter-se à distância.

## **Capítulo 5. Conclusões**

### **5.1. Conclusões da Análise da Narração de Lúcio**

Na autobiografia do Lúcio há, em relação às drogas e a condutas que podem ser definidas como desviantes, um percurso que passa gradualmente do medo e da desaprovação, para a atracção consciente e para a acção. Experimentar, sobretudo comportamentos ligados a estilos de vida diferentes dos de "toda a gente", parece estabelecer-se como um objectivo a partir da adolescência, embora de uma forma ambivalente, o que o impede, num primeiro momento, de ser muito activo na exploração dessas alternativas.

O encontro com um vizinho mais velho, admirado pela sua experiência de vida, marca a passagem do consumo de haxixe para o de heroína e depois de cocaína, mas também a integração num grupo reunido pelo objectivo de consumir droga. Há, nessa altura, uma mudança no estilo de vida, em que a droga toma um lugar central, mesmo vista como meio de concretização de um projecto de realização pessoal: Lúcio faz tráfico pensando em arranjar dinheiro para comprar uma mota e participar em corridas.

Vamos sintetizar a análise da narração do Lúcio por referência às questões que orientaram o nosso trabalho:

1. Porque é que os indivíduos toxicodependentes não puderam organizar-se no sentido de utilizar capacidades , que parecem ter tido em determinados momentos da vida, em prol de uma realização pessoal e profissional e, pelo contrário se organizaram de uma forma defensiva mas, simultaneamente destrutiva?
2. Como se realizou a evolução para a toxicodependência, para além do concreto do aumento dos consumos?
3. Qual é o sentido da toxicodependência no equilíbrio da pessoa? Que lugar é que ela ocupou?
4. Terá havido acontecimentos importantes na vida do indivíduo que provocaram desequilíbrios muito intensos ou rupturas no processo de formação da pessoa?

5. Como regulou o indivíduo, no seu percurso escolar e profissional, o equilíbrio entre os processos de dependência e autonomia?

1. A procura da diferença, do que o pode singularizar sobretudo em relação aos modelos familiares, é o que orienta a direcção que Lúcio procura imprimir ao desenvolvimento das suas capacidades e à sua realização pessoal. Por isso sente atracção por experimentar comportamentos que correspondam a outros estilos de vida e por se ligar a pessoas que lhe parecem ter uma "presença estranha", quer dizer, que se apresentam como diferentes do que lhe é familiar.

No percurso escolar fazem parte dessa experimentação quer a primeira reprovação, no 8º ano, quer o envolvimento no consumo de drogas a partir do 10º. Embora não desinvestindo completamente a dimensão académica da escola, Lúcio interessa-se mais pelo que se passa fora das aulas, no pátio onde se movimentam os grupos de colegas, e depois na vida exterior, desejando ser como os amigos que fazem a formação tradicional à noite e utilizam o dia para outras formações, que imagina que os deixam mais livres.

Este desinteresse pelas aprendizagens escolares parece-nos também ligado ao questionamento da escolha vocacional que Lúcio faz no segundo 10º ano e que o acompanha no resto do percurso escolar, até à actualidade. Tem o sentimento de que a escolha da área de desporto foi feita sobretudo pela influência do seu melhor amigo da altura. Não desenvolve, a partir desta escolha, um projecto pessoal para o futuro. Quando, um ano depois, se começa a sentir mais interessado pela área das ciências humanas, sente-se no caminho errado, mas não age no sentido de o modificar. É uma reflexão que faz sózinho, para a qual não procura ajuda e que o deixa insatisfeito mas sem capacidade de se reorientar.

Entretanto as capacidades que sente reconhecidas e valorizadas pelos seus pares e por ele próprio, e que vai tentar desenvolver, não são as mesmas que a escola reconhece. O interesse que encontra em conduzir, o sucesso momentâneo que obtém nas corridas de motos, levam-no a tentar integrar estas actividades no seu projecto de vida, procurando oportunidades de as utilizar na sua vida profissional. Porém o caminho intermédio, de aprendizagem, necessário para chegar a realizar os projectos parece-lhe ser um preço demasiado alto a pagar. É neste nível, sobretudo, de aceitação de que há um tempo de desenvolvimento para todas as capacidades, de

que antes de se ser experiente se é inexperiente, que Lúcio se confunde. Ter de aprender desvaloriza-o, o tempo parece-lhe interminável e um novo projecto tem de substituir o anterior, que considera esgotado. É o que faz quando vende a primeira mota porque acha que já cresceu tudo o que podia com ela, ou quando regressa do Algarve ao fim de três meses porque acha que já provou que era capaz de ser competente.

**2. e 3.** O início do consumo de drogas é essencialmente um comportamento desencadeado pelo sentimento de ser inexperiente, face à namorada e face aos colegas que, desde o ciclo preparatório temia e admirava de longe. Consumir drogas dá-lhe acesso, na escola, a esse mundo estranho e atraente dos que se apresentam como superiores e auto-suficientes, que invertem as modalidades transaccionais e não parecem aprendizes mas mestres, possuidores de uma experiência inacessível aos não iniciados.

A princípio o consumo de haxixe favorece actividades de exploração características da adolescência: com o grupo de amigos não se limita a fumar, saem juntos, vão a festas, às discotecas, etc. Estas actividades param quando começa a consumir heroína. Lúcio diz que tinham na pequena cave onde se reuniam todas as sensações que tinham lá fora, por isso deixaram de sair. O interesse pelo mundo foi assim substituído pelo interesse pela droga, o que nos ajuda a compreender como ela pôde ir ganhando um lugar central na vida do grupo e na vida de Lúcio.

Entretanto, ao longo do seu trajecto de consumidor procura realizar um compromisso entre dois estilos de vida, o mais conformista, em que vai às aulas, estuda, faz projectos de futuro e o de "drogado", a aumentar as suas experiências, a procurar novas sensações e mesmo, de certa forma conscientemente, a procurar a degradação. É o que expressa quando diz *"sabia que o pó era andar na porcaria, mas era disso que eu andava à procura"*. Também sabia que injectar-se era mais perigoso do que fumar, mas não hesita em fazer a passagem.

Estas condutas que expressam a atracção e o desafio a situações reconhecidas como perigosas, podem ser decritas como condutas ordálicas no sentido que lhes dá Charles-Nicolas e que referimos atrás. Desafiar o perigo e sobreviver dá-lhe um sentimento de poder, de ser alguém especial, finalmente alguém diferente dos outros e auto-suficiente. É o que expressa quando diz, depois de ter conseguido encontrar trabalho sózinho e se sente zangado com os irmãos por não o terem ajudado: *"oh pá,*

*eu drogo-me, estes gajos nem vêm nada, eu arranjo trabalho e divirto-me. Eu tenho namorada, vou ter filhos, vou curtir à brava, não preciso deles".* Reagindo ao desinteresse dos outros, através da droga transforma o sentimento de abandono num sentimento de poder controlar sozinho todos os aspectos da sua vida, de ser capaz de tudo. É verdadeiramente o desejo de autonomia absoluta, que o vai conduzir à dependência absoluta da toxicodependência.

4. Na autobiografia de Lúcio evidencia-se uma certa dificuldade em lidar com os acontecimentos geradores de mudanças, quer no contexto familiar, quer no contexto escolar. Na família, o regresso da irmã mais velha de África e a doença do pai, em dois períodos diferentes da vida, estão associados a mudanças negativas em Lúcio que, na altura do primeiro acontecimento reprova o ano pela primeira vez e, na altura do segundo, começa a injectar heroína, que até ali consumia fumada, com a ideia de que está a aumentar a perigosidade do consumo. O abandono por parte da namorada Sara, outro acontecimento da sua vida pessoal com impacto, junta-se à doença do pai e liga-se igualmente à mudança no regime de consumo. É como se o auto-atingimento significasse também o atingimento da ex-namorada e estivesse aqui activa uma ideia de indiferenciação entre ambos.

No contexto escolar é sobretudo em relação às mudanças de escola que tem dificuldade em se adaptar. A mudança para uma escola muito grande, no 10º ano constituiu uma experiência de extrema solidão. Nesse ano desinteressa-se dos estudos, acabando por reprovar. Começar a consumir haxixe e aproximar-se de outros colegas que também o faziam vai facilitar-lhe a integração e marca uma viragem na orientação da sua vida. De crítico das drogas e dos "maus comportamentos", passa a participante activo, mesmo fornecedor dos colegas. O investimento nos aspectos de aprendizagem da escola continuará a diminuir, mas o prazer encontrado nas relações com os colegas torna-se mais importante. Assim o consumo de droga, neste primeiro momento, foi um elemento facilitador da integração no grupo de pares e da auto-afirmação, minimizador dos sentimentos de solidão.

5. É patente, na narração de Lúcio, a existência de conflitos internos entre valores de referência para a sua organização como pessoa. A atitude da infância, da pré-adolescência e de uma parte da adolescência de desaprovação e medo em relação a determinadas condutas (ser mal comportado, andar à tareia, fumar cigarros, consumir drogas) contem, simultaneamente, uma grande atracção por esse modo



diferente de ser e de estar, expresso por exemplo no atingimento emocional provocado pela visão do "banco" e dos colegas que se encontram à volta dele. Esta atracção não é pensada, ao longo do desenvolvimento, ela será agida quando, finalmente, Lúcio acaba por fazer parte desse "grupo do banco".

É com eles, e com outros, que têm actividades que a família não aprova, que ele se quer parecer, embora nunca assuma claramente o conflito com a família. A tendência é mais de esconder os desejos pessoais que considera censuráveis. Por exemplo perante a desaprovação da mãe e da namorada em relação aos seus consumos, Lúcio não assume um confronto, nem de razões, nem de vontades. Evita-o, fingindo concordar com elas e procura, a partir daí, manter reservada essa parte da sua vida. Parece-nos que esta atitude, ao evitar o conflito externo, acaba por evitar também o conflito interno e a reflexão pessoal, o que lhe permite aderir às condutas "desviantes" em relação à cultura familiar sem demasiada tensão interna.

No percurso escolar e profissional, ir estudar à noite, participar em corridas de motos, ir trabalhar para o Algarve, abandonar a escola, procurar encontrar o seu próprio emprego, são manifestações de autonomia. Mas elas situam-se mais contra o projecto que a família tem para ele do que num projecto pessoal com possibilidades de concretização. Por isso a identidade pessoal constrói-se sobretudo como identidade negativa em relação à família - pelos elementos de oposição - e torna-se confusa quando, no início da idade adulta, já não há ninguém a quem se opôr. Ainda mais quando Sara, personagem fundamental no processo de autonomia emocional, o abandona. Todos os processos de dependência nesta altura se intensificam, Lúcio começa a injectar-se e fica mais envolvido na droga, aceita que uma nova namorada lhe arranje emprego e mais tarde pede à mãe que lhe controle o dinheiro que ganha.

## **5.2. Conclusões da Análise da Narração do Manuel**

Numa primeira leitura da narração do Manuel, há uma temática que se evidencia: os problemas de comportamento, presentes desde muito cedo, acentuando-se com o crescimento. Problemas que ele descreve abundantemente e mesmo com uma expressão de orgulho, mobilizadores da atenção e da intervenção da família, mas também dos professores e dos companheiros. Dando o tom às transacções vitais, pelo menos durante a adolescência. Um tom de rebelião.

Um segundo tema recorrente é o tema do esforço, ou melhor, da falta dele. O Manuel diz repetidamente que não estudava, que não se esforçava. Mesmo nos sucessos, escolares, profissionais ou amorosos, salienta que não sabe como é que aconteceram. Não lhe parece ter feito esforço.

Rebelião e pouco investimento, é pois a tónica das transacções e das acções contadas pelo Manuel na sua autobiografia.

Tal como fizemos para a narração de Lúcio, sintetizaremos a análise da narração do Manuel por referência às questões com que iniciámos este trabalho:

1. Porque é que os indivíduos toxicodependentes não puderam organizar-se no sentido de utilizar capacidades, que parecem ter tido em determinados momentos da vida, em prol de uma realização pessoal e profissional e, pelo contrário se organizaram de uma forma defensiva mas, simultaneamente destrutiva?

2. Como se realizou a evolução para a toxicodependência, para além do concreto do aumento dos consumos?

3. Qual é o sentido da toxicodependência no equilíbrio da pessoa? Que lugar é que ela ocupou?

4. Terá havido acontecimentos importantes na vida do indivíduo que provocaram desequilíbrios muito intensos ou rupturas no processo de formação da pessoa?

5. Como regulou o indivíduo, no seu percurso escolar e profissional, o equilíbrio entre os processos de dependência e autonomia?

1. No percurso escolar do Manuel, a melhoria das notas quando se concentrava mais a estudar, geralmente por pressão dos pais, em algumas situações por iniciativa própria, revelam a existência de capacidades de aprendizagem. Na vida profissional, para além das oportunidades proporcionadas pelas relações familiares, também encontrou reconhecimento das suas qualidades, especialmente numa fase mais adulta, quando trabalhou como vendedor de produtos informáticos, em que correspondeu ao que lhe era exigido, recebendo um prémio de produtividade e, mais tarde, num outro emprego, quando foi convidado para ser gerente do bar onde trabalhava aos fins de semana. Há portanto, também ao nível profissional, a

manifestação de capacidades positivas. É na relação com essas capacidades que parece residir a dificuldade de as utilizar no sentido da realização pessoal.

Na perspectiva de Brookover e Erickson<sup>41</sup> de interaccionismo simbólico, no desempenho dos seus papéis sociais cada indivíduo define os comportamentos que considera adequados e, antes de os assumir, avalia também a sua aptidão para eles e as probabilidades de sucesso, delimitando assim os domínios em que vai empregar o seu esforço. A realização efectiva do desempenho tem ainda em conta o valor dos actos para si próprio e as recompensas e os custos esperados em termos de aprovação social, gratificações ou estabelecimento de relações desejadas com o outros. Referindo-se à situação educativa, estes autores salientam a importância da vida em grupo na orientação da acção, pelo reconhecimento das capacidades do indivíduo que desejará, assim, exercê-las. Essa importância mantém-se ainda quando o grupo nega ao indivíduo determinadas capacidades, na medida em que a acção procurará então contradizer esta perspectiva negativa. Os professores desencadeiam este jogo social, mas as formas que ele toma e os seus efeitos ultrapassam-nos (Postic, 1990).

Na análise da narração do Manuel, a delimitação dos campos do seu esforço é feita a partir de uma avaliação negativa das suas probabilidades de sucesso e de reconhecimento, num desempenho que se conforme com os valores mais normativos, quer os da escola, quer os dos pais. A recompensa antecipada na conformidade com estes valores é insuficiente: ele imagina-se apenas a ficar anónimo no meio de todos os colegas, indiferenciado. E controlado pelas figuras de autoridade. É através da integração em grupos que partilham de outros valores que ele encontra o reconhecimento, próprio e dos outros. A sua acção orienta-se ao encontro deste reconhecimento, dando-lhe ao mesmo tempo a possibilidade de se destacar.

Mas os comportamentos que pode desenvolver nestes grupos são muito limitados, não correspondendo às exigências psico-sociais do desenvolvimento. O confronto com essas exigências, nomeadamente de construção e realização de um projecto profissional, e de envolvimento em relações mais adultas, de maior reciprocidade, reconduzem Manuel à necessidade de se comprometer com os valores normativos. Ora aqui ele duvida das suas capacidades. Duvida de ser capaz de ser bom aluno e

---

<sup>41</sup> Brookover, W. B. e Erickson, E. L. (1975) *Sociology of Education*, Homewood, Illinois, The Dorsey Press, referido em Postic, M. (1990), p.168/169.

bom profissional, mas também de ser capaz de interessar os outros, de ser importante para eles. Nos resultados positivos de algumas das suas acções tem dificuldade em se reconhecer. Não sabe porque lhe acontecem as coisas boas, mas também não quer saber. Tomar consciência do que pode seria, simultaneamente, tomar consciência do que não pode e é o encontro com estes limites que ele não quer fazer. Sendo "a presença consciente o que nos permite falar de um sujeito em formação" (Josso, 1988, p.50), ao recusar-se à reflexão sobre as suas acções Manuel não consegue apropriar-se do seu poder formativo. O modo defensivo de organização da relação com as suas próprias capacidades, que exclui o pô-las à prova e reflectir sobre elas, deixa-o apenas com a hipótese de repetir infundavelmente acções da mesma natureza descomprometida. Que no entanto são, a partir de certa altura, extremamente insatisfatórias.

2. e 3. A escalada comportamental na toxicodependência, conduzindo a comportamentos muito destrutivos pode então compreender-se pela necessidade de resistir mais fortemente a exigências também mais fortes. Ela surge em continuidade com condutas anteriores de rebelião, desobediência, auto-marginalização e integração em grupos desviantes, mas ganha uma outra intensidade como modalidade de oposição. É uma via de realização alternativa, em que as dúvidas são neutralizadas e sente menos o peso do controle dos outros sobre as suas escolhas e em que a diferenciação pessoal parece possível. O consumo de drogas, constitui-se então como elemento na construção da identidade e da autonomia, procura de singularidade e domínio sobre si próprio, recusa dos constrangimentos exteriores.

Na relação com os outros a droga, pela sua natureza socialmente reconhecida de produto gerador de dependência física e psíquica, desresponsabiliza-o. Não é ele, é a droga, não é ele, é a necessidade de se drogar que orientam as suas acções. O produto transforma-se num mediador das relações sociais. Nas transacções em que tem o papel de "drogado" não tem de jogar com os seus recursos pessoais, pode limitar-se a usar os dos outros. Mesmo se isso o leva a abdicar do papel de sujeito e portanto da sua parte de responsabilidade na construção da sua própria vida e da sua rede relacional.

4. Não foi possível identificar, na narração do Manuel, acontecimentos que marquem grandes desequilíbrios ou rupturas reorientadoras, positiva ou negativamente, do percurso biográfico. As mudanças geradas por acontecimentos externos, tal como as consequências de algumas acções, surgem mais como desvios

provisórios, retomando-se a direcção anterior do desenvolvimento algum tempo depois. É assim que os empregos conduzem ao aumento do consumo de drogas e ao desemprego, que exige recomeçar tudo de novo. Cada tratamento conduz à recaída. É como se houvesse no Manuel a necessidade de parar o tempo, de adiar indefinidamente a passagem para os períodos seguintes do desenvolvimento, sobretudo a idade adulta que imagina pesada de responsabilidades e solitária, sentindo-se insuficientemente preparado e apoiado para nela poder entrar decididamente.

5. O medo das responsabilidades e da solidão adulta remete-nos para a questão da autonomia. Há, em todo o percurso biográfico contado pelo Manuel, um sentimento de ser demasiado controlado pelos pais, mesmo invadido pela mãe. Desde muito cedo procura fugir a esse controle e realizar actividades por conta própria. Faz explorações fora de casa, com os grupos de amigos, rouba dinheiro para gastar como quiser, desobedece às directivas paternas sobre dizer sempre onde está. Quando começa a consumir haxixe sente-o como um segredo pessoal, a possibilidade de ter alguma coisa que a mãe não pode descobrir. A procura de autonomia expressa-se, assim, sobretudo em comportamentos de desobediência e de ultrapassagem dos limites e das regras impostas, que se generalizam à escola e à relação com os professores. Com estes a transacção que se estabelece é da mesma natureza de provocação e de mobilização da atenção, de tentativa de inversão das relações de poder.

Processo exacerbado, de alguma forma reactivo ao controle excessivo que sente por parte dos adultos, mas correspondendo a um movimento frequente na conquista da autonomia durante a adolescência. De acordo com Fleming (1993) a capacidade de realização da autonomia na adolescência inicial e intermédia faz-se, para muitos adolescentes, à custa de um aumento da capacidade de desobediência. Cerca dos 16-17 anos os comportamentos de desobediência diminuem, o que aponta para uma capacidade de realizar a autonomia com muito menos conflitos com os pais. Esta evolução corresponde não só a uma mudança no adolescente, mas também nos pais, que vão alargando os comportamentos autónomos que concedem.

É a passagem da desobediência e da conflitualidade para uma autonomia afirmada mais harmoniosamente que não é bem sucedida no percurso do Manuel. As suas tentativas de independência, para além da desobediência, como que "abortam", repetindo-se ciclos que terminam em insucesso, reconduzindo-o à sombra da

família. É um processo paradoxal, feito de tentativas de afastamento muito violentas e de retornos.

O recurso aos modelos e às relações familiares é o mais frequente, mesmo nas tentativas de se tornar independente. O pai influencia-o na escolha de informática na passagem do 9º para o 10º ano, apesar da sua escolha pessoal ser desporto. Mais tarde, quando escolhe o curso superior, Gestão Hoteleira, procura realizar um compromisso entre os seus próprios interesses (o gosto pelo Algarve, pelo tempo de férias) e os modelos que tem na família, de empresários e gestores. Nunca chegará a acabar o curso. Mesmo quando sai de casa, é na família alargada que procura apoio. É o que acontece quando vai viver para casa do tio, ou quando foge para o Algarve, onde procura uma prima para lhe emprestar dinheiro. O período da sua vida em que mais se afastou física e emocionalmente da família foi o que se seguiu ao primeiro tratamento na Comunidade Terapêutica, quando passou a ter a sua própria casa, uma companheira vivendo com ele e um emprego que arranjou sozinho. Mas após os primeiros 6 meses, começa a sentir-se insatisfeito e começa a pensar em criar uma empresa própria. Nessa altura volta-se novamente para a família, pedindo ao tio para o financiar e ser seu sócio. Movimento que, por um lado expressa um desejo de maior autonomia profissional mas que, nas suas consequências (rápida recaída no consumo de drogas) expressa a dificuldade da sua concretização.

Esta impossibilidade de se afastar da família, de viver a sua vida autónomamente pode ser relacionada com a relação entre o Manuel e os seus pais durante a adolescência. Como escreve Fleming (1993) " a capacidade de se autonomizar está na estreita dependência, não só da capacidade dos pais tolerarem ou encorajarem a separação psicológica dos filhos, (...) mas também na dependência da qualidade emocional do vínculo que liga pais e filhos adolescentes. A percepção interna de uma relação onde predomina o amor dos e para com os pais é um património valioso, garantia de protecção contra o sofrimento provocado pela "mudança catastrófica" que se opera na adolescência, reactivadora de fortes sentimentos de amor e ódio que presidiram às primeiras relações infantis" (p.253). No trajecto adolescente do Manuel, a emoção básica na relação com a mãe é a hostilidade, tem o sentimento de que ela não lhe gosta suficientemente dele e que prefere o irmão. Sente também que ela não lhe reconhece muito valor, que tem uma expectativa negativa do que ele fará com a sua vida. A mãe diz-lhe que já esperava que ele se envolvesse na droga. Assim esta relação não se constituiu como fonte de segurança e de reconhecimento que lhe permitisse afastar-se com tranquilidade, o que nos ajuda a

compreender as dificuldades de concretização da separação e da autonomia. O pai, vivido como mais afectivo, não pôde compensar este sentimento de ser mal amado. Nas relações extra-familiares Manuel não conseguiu encontrar uma alternativa. O seu comportamento manteve os professores à distância. O medo de se pôr à prova manteve-o longe de si próprio.

Finalmente, no que diz respeito à formação da identidade, esta interliga-se com as dificuldades da autonomização. A exploração realizada ao longo da adolescência e do início da idade adulta por Manuel limitou-se muito às vivências grupais, e, em termos de escolha de carreira profissional aos modelos próximos, familiares. Quando se afastou da família para explorar foi sobretudo para se integrar em ambientes que podemos designar por "desviantes". Os investimentos ou não chegaram a realizar-se, como durante a maior parte do percurso escolar e no início da vida profissional, ou foram muito pouco firmes, tentando obedecer a pressões externas, conduzindo a desistências rápidas. O estatuto da identidade de Manuel está então entre a identidade difusa e a identidade outorgada, sem direcção ou seguindo a direcção que outros escolheram para ele.

### **5.3. Limitações do Estudo**

O trabalho que acabámos de apresentar tem carácter exploratório. Pensamos que as suas limitações estão sobretudo ligadas ao número reduzido de sujeitos. Para além de não permitir a generalização de qualquer conclusão, o que não era o nosso objectivo, este facto também não permite um conhecimento exaustivo dos processos em estudo. Alcançar este conhecimento, sem perder a análise da relação subjectiva que cada indivíduo estabeleceu com o seu trajecto escolar e profissional, parece-nos que poderá passar pela recolha e análise de um número suficiente de autobiografias que permita que se evidenciem os processos repetitivos gerais e os processos singulares<sup>42</sup>. Este é um projecto com que pretendemos avançar próximamente, no âmbito de um projecto financiado pela JNICT.

---

<sup>42</sup> No âmbito da sociologia Bertaux, D. (1980) considera que para que o conhecimento das relações socio-estruturais fornecido pelas histórias de vida possa ser válido devem recolher-se histórias em número e diversidade suficientes para atingir o que chama "ponto de saturação", alcançado quando a análise de novas narrações já não fornece elementos novos para o problema que se está a investigar. O processo a que nos referimos é semelhante.

#### **5.4. Implicações para a Investigação e para a Intervenção**

Pensamos que este trabalho pode ser um ponto de partida, por um lado para uma investigação mais alargada, como referimos atrás, que poderá aprofundar o conhecimento dos percursos escolares e profissionais dos toxicodependentes e contribuir para a compreensão dos processos através dos quais se vai construindo o insucesso destes jovens.

Por outro lado a análise que fizemos das autobiografias do Manuel e do Lúcio apontam ainda para a utilidade de focalizar trabalhos posteriores em processos específicos que ocorrem dentro do processo geral de formação da pessoa. Dominicé (1980) nos seus trabalhos sobre biografias educativas observou que determinados processos específicos, como a autonomização em relação à família e a escolha vocacional marcavam o processo formativo e eram particularmente significativos. Estes processos específicos também aparecem como marcantes nos percursos escolares e profissionais que analisámos. Para além dos já referidos, parecem-nos significativos os processos de integração nos grupos de pares e a evolução no consumo de drogas que, como vimos, não é automática. São, aliás, aspectos bastante investigados através de inquéritos mas que poderia ser produtivo compreender através da abordagem biográfica, por permitir um conhecimento mais aprofundado e na perspectiva dos próprios sujeitos.

Pensamos ainda que a abordagem através da autobiografia dos percursos escolares e profissionais dos toxicodependentes pode ser uma forma de intervenção inovadora a nível da reinserção social. Como referimos no início, muitas vezes a cultura psicológica da prevenção secundária, na toxicodependência, ocupa-se exclusivamente dos aspectos emocionais ou, a nível da prevenção terciária, preocupa-se apenas em que os jovens tenham emprego, estudem ou façam formação profissional. Uma abordagem autobiográfica pode ligar estas diferentes dimensões, sem deixar na sombra nem as dificuldades emocionais nem as capacidades de realização da pessoa, chegando dessa forma à construção de um projecto de vida verdadeiramente pessoal.

Finalmente, para além da reinserção social, pensamos que no processo de educação/formação dos adolescentes e dos jovens adultos, que é também um processo de construção da integração pessoal e social, se o espaço para promover a reflexão sobre o percurso de vida, e a apropriação de um poder auto-formativo tiver



um lugar, sobretudo nos momentos de realização de escolhas, pode constituir-se como um meio eficaz de prevenção da toxicodependência.

### **5.5.- Notas Finais**

As respostas que encontramos para as questões de partida na análise da narração do Lúcio e do Manuel são apenas válidas para os seus percursos de vida. Entre ambos, apesar de pertencerem à mesma geração, encontramos diferenças fundamentais, na personalidade, nos comportamentos, nas relações interpessoais, na relação que estabelecem com as suas qualidades e com os seus sucessos e insucessos na vida. Talvez o que tenham em comum seja o desejo de sair do anonimato, de ser notado por ser diferente, de participar de grupos que lhes parecem exóticos - os grupos de consumidores - e a dificuldade em afirmar esta diferença de uma forma positiva que sirva à construção de projectos pessoais autónomos e satisfatórios.

No entanto pensamos que neste trabalho é possível concluir que a autobiografia pode fornecer elementos para a integração das condutas toxicodependentes no trajecto existencial, ficando desta forma relativizadas e mais acessíveis à compreensão e à intervenção, quer da parte dos diferentes profissionais que trabalham com toxicodependentes ou com adolescentes e jovens adultos, quer da parte dos próprios sujeitos que, ao narrarem e analisarem a sua biografia podem finalmente apropriar-se das acções que foram realizando sem parar para reflectir e, passar da ilusão do controle todo-poderoso dos toxicodependentes, à possibilidade de tomar consciência dos caminhos que querem seguir e dos obstáculos internos e externos que lhes surgiram no passado e podem voltar a surgir no futuro.

Alcançar a autonomia e construir a identidade são tarefas do desenvolvimento psico-social do adolescente e do jovem, condições de acesso à vida adulta, que actualmente se vão constituindo como objectivos prioritários da educação. Uma educação que, por isso, tem de ser concebida essencialmente como um processo de formação da globalidade da pessoa.

Pineau (1986), retomando ideias de Rousseau, considera que a formação se realiza pela intervenção de três "mestres": o próprio, os outros e as coisas, organizados numa hierarquia que está ligada às concepções educativas das sociedades, que acentuam a importância de cada um destes mestres. O problema é que as lições

destes três mestres são não só diferentes mas muitas vezes opostas, criando-se a necessidade de dar a primazia a um deles. A heteroformação promovida na escola é, actualmente, o mestre predominante na formação das novas gerações, e mesmo na formação permanente, mas ela está a atingir um limiar de saturação que tem conduzido à procura de uma nova organização da relação entre os "mestres", acentuando o polo do indivíduo (autoformação) e das coisas (ecoformação) na formação dos adultos.

Pensamos que na formação dos adolescentes e dos jovens esta reformulação também tem de ser feita e, tal como na formação de adultos a introdução da abordagem das histórias de vida favoreceu a mudança, pela dimensão de reflexão pessoal contextualizada que introduziu, parece-nos que a reflexão sobre o seu percurso pessoal, é um elemento necessário durante a adolescência e a juventude, sobretudo nos momentos em que é necessário realizar escolhas e orientar caminhos.

O que observamos, nos percursos escolares e profissionais de Lúcio e de Manuel é uma dificuldade de reconhecimento das capacidades pessoais e do que pode ser valorizado quer pelos próprios, quer pelos outros, nos seus projectos de vida. As escolhas vocacionais foram dificilmente assumidas, tomadas por influências externas e nunca reapropriadas. Entre as exigências e os reconhecimentos contraditórios dos "mestres" da formação, eles próprios, os diversos outros e as coisas que foram encontrando, não conseguiram realizar um compromisso. A única solução foi adiar o futuro e a toxicodependência, que vai tendo diversos valores ao longo da evolução, acaba por ser uma forma armadilhada de tentar fazê-lo.

Actualmente a sociedade tem duas atitudes paradoxais para com os jovens. Por um lado dá-lhes liberdade mais cedo, a autoridade dos pais sobre eles é menor, por outro lado não são considerados responsáveis pelos seus actos (Coleman e Husén, 1985). Esta inconsequência, se pode ter em certa medida, um valor positivo, por permitir a realização de experiências não comprometedoras, também desvaloriza os actos dos jovens e favorece a "passagem ao acto" e a não reflexão, constituindo-se como obstáculo quando é preciso tomar decisões mais determinantes. Se, nas últimas décadas, a juventude "invadiu" a escola, a verdade é que a escola também "invadiu" a juventude. Por isso, se aí passam mais tempo, manter os adolescentes e os jovens numa posição passiva, desresponsabilizada e predominantemente heteroformativa, é cada vez mais inadequado.

Tomar consciência do que se fez, do valor das experiências e daquilo que se recebeu dos outros é indispensável à apropriação pelo indivíduo quer das suas capacidades, quer dos seus projectos. E esta apropriação constitui-se como uma necessidade do desenvolvimento em muitos momentos da trajectória juvenil.

## **Agradecimentos**

Muitas pessoas contribuíram para que este trabalho fosse possível e queremos aqui expressar o nosso agradecimento:

À Lurdes Prata pela ajuda preciosa na revisão do texto;

À Equipa da Comunidade Terapêutica do Restelo, em especial à Cristina Mesquita, por ter aceite substituir-nos em muitas das nossas tarefas, para nos deixar tempo livre;

Aos jovens Manuel e Lúcio por terem aceite contar-nos a sua vida e olhar para ela connosco;

Ao Dr. António Jorge pela sua orientação e pelo seu encorajamento;

À Prof. Dra. Teresa Ambrósio pela sua orientação e pela dimensão de reflexão que incutiu em todo o Mestrado.

## **BIBLIOGRAFIA**

## BIBLIOGRAFIA

ADES, J. (1993), Peut-on se droguer sans produit? in *Dependances*, vol. 5, nº 3, p. 42-46.

AGRA, Cândido (1986) Adolescência, comportamento desviante e auto-organizado: modelo de psicologia epistemanalítica in *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2, p.81-87.

AGRA, Cândido (1986) Projecto da psicologia transdisciplinar do comportamento desviante e auto-organizado in *Análise Psicológica*, 3/4 (IV), p.311-318.

AGRA, Cândido (1991), *Sujet autopoétique et toxicodépendance*, comunicação apresentada no Centre Internationale de Criminologie Comparée, Université de Montreal, policopiado.

AGRA, Cândido (1993) *Dizer a droga, ouvir as drogas*, Ed. Radicário, Porto.

AMBRÓSIO, T. et al. (1985) *Inserção social dos jovens - Abordagem de uma realidade complexa- (estudo preliminar)*, Cadernos Juventude, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, Lisboa.

ANGEL, Sylvie e ANGEL, Pierre (1988), Famille et toxicomanie clinique et thérapie in *Entre dépendances et libertés*, Angel, S. e Angel, P. (Dir.), Éditions Greupp, Paris, p.111-123.

ARAÚJO, H. C. (1990) Procurando as lutas escondidas através das histórias de vida in *Cadernos de Consulta Psicológica*, nº6, p.33-40

ARMINEN, I. (1991) Outline for comparative analyses of AA life stories: a research note in *Contemporary Drug Problems*, Fall 1991, p.499-523.

ATLAN, H. (1979) *Entre le cristal et la fumée: Essai sur l'organisation du vivant*, Ed. Seuil, Paris.

BALTES, M. e SILVERBERG, S. (1994) The Dynamics between dependency and autonomy: illustrations across the life-span in *Life-span development and behavior*, Featherman, Lerner e Pelmutter (Ed.), vol12, Academica Press, p.41-90.

BALTES, P. (1979) Life-span developmental psychology: some converging observations on history and theory in *Life-span development and behavior*, P. Baltes e Brim Jr. (Ed.), vol. 2, Academic press, New York, p. 255-279.

BEAUCHAMP, Sylvie e BRUNET, Jean-Pierre (1994) Les motifs à l'initiation et à la surconsommation de psychotropes. Le point de vue d'adolescents délinquants in *Psychotropes*, vol VIII, n°3, Hiver 1994, p. 91-101.

BERGERET, J. (1991) Les conduites adictives: approche clinique et thérapeutique in *Les nouvelles addictions*, Venisse (Dir.), Masson, Paris, p. 3-9.

BERGERET, J. (1988) La Personnalité du toxicomane in *Précis des toxicomanies*, Masson, Paris, p. 63-75.

BERNE, E. (1964) *Games people play: the psychology of human relationships*, Penguin Books, New York.

BERTAUX, D. (1980) L'Approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités in *Cahiers internationaux de sociologie*, vol. LXIX, p.197-225.

BERTAUX, D.; CHABROL, C.; GAULÉJAC, V. (1990) Des pratiques, des questions in *Le groupe familial*, n° 126, p. 9-19.

BLOS, P. (1962) *Les Adolescents*, Stock. Trad. francesa da ed. em língua inglesa, On Adolescence, 1962, The Free Press, New York.

BOURDIEU, P. (1986) L'Illusion biographique in *Actes de la recherche en sciences sociales*, 62/63, Junho de 1986, p.69-72.

BRIM, Jr. O. e RYFF Carol D. (1980), On the properties of life events in *Life-span development and behavior*, P. Baltes e Brim Jr. (Ed.), vol. 3. Academic Press, New York, p.367-389.

BRONFENBRENNER, U. (1979) *The ecology of human development*, Harvard University Press, Cambridge, Massachussets.

BROOK, Judith, WHITEMAN, Martin & GORDON, Ann (1983) Stages of drug use in Adolescence: personality, peer and family correlates in *Developmental Psychology*, vol 19, nº2, p. 269-277.

CAMPOS, Bártolo P. (1991) *Educação e desenvolvimento pessoal e social*, Ed. Afrontamento, Lisboa.

CAPLAN, G. (1980) *Princípios de psiquiatria preventiva*, Zahar ed., Rio de Janeiro

CHAMBOREDON, J. C. (1983) Pertinence et fécondité des histoires de vie? Le temps de la biographie et les temps de l'histoire: remarques sur le periodisation a propos de deux études de cas in *Le Sens de l'Ordinaire*, P. Fritsch (Dir.), CNRS (Ed.), Lyon.

CHARLES-NICOLAS, A., VALLEUR, M. e TONNELIER, H. (1982) Enfance et drogue in *Psychiatrie de L'enfant*, vol. XXV, 1, p. 207-253.

CHARLES-NICOLAS, A. e LE COGUIC, C. (1988), Clinique des toxicomanies in *Précis des toxicomanies*, Masson, Paris, p. 41-52.

COLEMAN, J.S. e HUSÉN, T. (1985) *Tornar-se adulto numa sociedade em mutação*, Ed. Afrontamento, Porto.

CORDEIRO, J. C. Dias (1982), *A saúde mental e a vida*, Moraes Editores, Lisboa.

CORMIER, D. (1990) Vers de nouveaux modèles d'approche des toxicomanies in *Psychotropes*, vol. VI, nº 1, p.31-38.

COSTA, M. Emília (1991), Desenvolvimento da identidade em contexto escolar in Campos, B.P. *Educação e desenvolvimento pessoal e social*, Ed. Afrontamento, Porto, p.143-173.

CRAWFORD, G., WASHINGTON, M. & SENAY, E. (1983) Careers with heroin in *The International Journal of The Addictions*, 18(5), 701-715



DIAS, C. A. (1988), Le point de vue psychosociologique in *Précis des toxicomanies*, Masson, Paris, p. 129-136.

DIAS, C. A. e VICENTE, T. N. (1984), *A depressão no adolescente*, Edições Afrontamento, Porto.

DIAS, C. A. (1980) *A influência relativa dos factores psicológicos e sociais no evolutivo toxicómano*, dissertação de doutoramento, Coimbra.

DOMINICÉ, P. (1988) A Biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos in *O método (auto)biográfico e a formação* (org. Nóvoa, A. e Finger, M.), Min. da Saúde, Dep. de Recursos Humanos da Saúde, Lisboa, pp.101-106

DUSS-VON WERDT, J. (1990) L'Écosystème individuel: remarques sur l'individu et l'individualisme thérapeutique in *Thérapie familiale*, Genève, vol. 11, nº 3, p. 237-245.

DUYCKAERTS, F. (1994) *Du traitement de l'expérience*, De Boeck-Wesmael, Bruxelles.

EASTHOPE, Gary (1993) Perceptions of the causes of drug use in a series of articles in *The international journal of the addictions*, 28 (6) p. 559-569.

ECKENRODE, J. e GORE, S. (1981) Stressful Events and Social Support: the significance of Context in Benjamin Gottlieb (Ed.) *Social Networks and Social Support*, Beverly Hills: Sage.

ERIKSON, E. (1959) Identity and the life cycle: selected papers in *Psychological Issues*, vol. I, nº 1.

ERIKSON, E. (1976), *Identidade, Juventude e Crise*, Zahar Editores, Rio de Janeiro. Traduzido da 1ª edição publicada em 1968 por W. W. Norton & Company, Inc., Nova York.

ESBENSEN, F. A. e ELLIOT, D. (1994) Continuity and discontinuity in illicit drug use: patterns and antecedents in *The Journal of Drug Issues*, 24 (1), 75-97.

FATELA, João (1991) Drogues et ambivalences de la subjectivité in Ehrenberg (Dir.), *Individus sous influence. Drogues, alcools, médicaments psychotropes*, Ed. Esprit, Paris, p.49-63.

FATELA, João (1990), Quel débat sur la drogue? in *Esprit*, Février 1990, p.17-24

FATELA, João (1992), Crise de l'école et fragilités adolescents in *Drogues, politique et société*, de Ehrenberg et Mignon (dir.), Ed. Descartes, Paris, p. 87-98

FAU, R. e BOUCHARLAT, J. (1973) *Les groupes d'enfants et d'adolescents*, P.U.F., Paris.

FAZEY, C. (1977), *The aetiology of psychoactive substance use*, UNESCO, Paris.

FERNANDES, Luis (1989), Estratégias qualitativas de investigação do uso de drogas e da toxicodependência in *Análise Psicológica*, 1-2-3 (VII), p. 329-338.

FERNANDES, L. (1990) Psicologia ecológica dos usos de drogas in *Cadernos de consulta psicológica*, 6, p. 55-66.

FERRAROTI, F. (1983), *Histoire et Histoires de Vie: la méthode biographique dans les sciences sociales*, Librairie des Méridiens, Paris

FLEMING, Manuela (1993) *Adolescência e autonomia, o desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*, Ed. Afrontamento, Porto.

FONSECA, António M. (1994) *Personalidade, projectos vocacionais e formação pessoal e social*, Porto Editora, Porto.

FRIEDBERGER, Maurice (1991), Drogues des prisons et toxicomanes des centres de cure in *Psychotropes*, vol. VII, nº 1, Automne 1991, p. 33-38.

GABE, J. & BURY, M. (1991) Drug use and dependence as a social problem in *The Int. handbook of addiction behaviour*, I.B.Glass (Ed.), Routledge, N. York, p.25-33.

GAGNON, Nicole (1980) Données autobiographiques et praxis culturelle in *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. LXIX, p. 291-304.

GAULEJAC, V. (1989) La Socioclinique: roman familial et trajectoire social in *Les Histoires de Vie*, Tome II, p.25-45.

G.P.C.C.D. (1994) *Droga- Meio Escolar 4- Perfis Regionais de Risco*, Ministério da Justiça, Lisboa

GEADA, M.L. (1992) *Vulnerabilidade psicológica ao consumo ilícito de tóxicos na adolescência*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa

GIBIER, Lionel (1993) La formation: une pédagogie contre l'irrationnel in *Interventions*, n°40, p. 8-15.

GONET, Louis (1992) *Adolescents, drogues et toxicomanie*, Ed. Chronique Sociale, Lyon.

HUBA, G.J. & BENTLER, P.M. (1982) A Developmental theory of drug use: derivation and assessment of a causal modeling approach in *Life-Span Development and Behavior*, vol. 4, Ed. Paul Baltes e Brim Jr., Academic Press, N. York, 147-203.

HUBA, G. J.; WINGARD, J. A.; BENTLER, P.M. (1981), Intentions to use drugs among adolescents: a longitudinal analysis in *The International journal of the addictions*, 16 (2) p. 331-339.

HULTSCH, David e PLEMONS, Judy K. (1979), Life events and life-span development, in *Life-Span Development and Behavior*, vol. 2, Ed. Baltes e Brim Jr., Academic Press, New York. (faltam as págs.) .

HURTIG, Michel, RONDAL, Jean-Adolphe e Al. (1986), *Introduction à la psychologie de l'enfant*, vol. 1, P. Mardaga, éditeur.

JEAMMET, Ph. (1990) Addiction, dépendance, adolescence: réflexions sur leurs liens, conséquences sur nos attitudes thérapeutiques in *Les nouvelles addictions*, Venisse (Dir.), Masson, Paris, p. 10-29.

JEFFREY, D. (1994) Approches symboliques de la mort et ritualités in *Rites de Passage*, direcção de Thierry Goguel d'Allondans, Ed. Erès, Ramonville Saint-Agne.

JOBERT, Guy (1984) Les histoires de vie: entre la recherche et la formation in *Éducation permanente*, 72-73, p.5-14

JOSSO, C. (1987) Da formação do sujeito ao sujeito da formação in *O método (auto)biográfico e a formação* (org. Nóvoa, A. e Finger, M.), Min. da Saúde, Dep. de Recursos Humanos da Saúde, Lisboa, 1988, p.35-50.

KOZEL, Nicholas (1992) Le consommation de cannabis, d'heroine et de cocaine aux États-Unis depuis les années soixante in *Drogues, politique et société*, Ehrenberg et Mignon (Ed), Ed. Descartes, Paris, p.152-167.

LEGRAND, M. (1988) *Notes diverses em vue de la conception d'un projet sur: "Récit de vie et alcoolisme"*, policopiado.

LEGRAND, M. (1992) L'Approche biographique: théorie, méthodes, pratiques in *Análise Psicológica*, 4 (X): 499-514.

LERBET, George (1981), *Une nouvelle voie personnaliste: le système - personne*, Mesonance.

LERBET, Georges (1986), *De la structure au système*, Mesonance.

LERNER, R. M. e RYFF, C. (1978), Implementation of the life-span view of human development: the sample case of attachment in *Life-span development and behavior*, Paul Baltes (Ed.), vol. 1, Academic press, New York, p. 1-44.

LIBERT, V. e MACQUET, C. (1990) Intervention sociale et sociologie clinique in *Le groupe familiale*, n° 126 - 1/90, p.104-108.

LÓPEZ, J. Manuel, REDONDO, Lourdes e MARTIN, Angeles (1989), Influence of family and peer group on the use of drugs by adolescents in *The International Journal of the addictions*, 24 (11), p. 1065-1082.

MACQUET, Claude (1994) *Toxicomanies, aliénation ou styles de vie*, Ed. L'Harmattan, Paris.

MAGOUDI, A. (1986) Revue de la littérature psychanalytique sur les toxicomanies in *Approche psychanalytique des toxicomanes*, C. Ferbos e A. Magoudi (Dir.), PUF, Paris.

MAHLER, M. (1982) *O Processo de separação-individuação*, Artes Médicas, Porto Alegre. Trad. da edição em língua inglesa *The Selected papers of Margaret S. Mahler*, Vol II: separation-individuation, 1979, New York.

MARCELLI, D. e BRACCONIER, A. (1989) *Manual de psicopatologia do adolescente*, Artes Médicas, Porto Alegre.

MOREL, A. (1993) Drogues, toxicomanes, usagers de drogues in *Dependances*, vol 5, nº3, p. 4-8.

MORIN, Edgar (1984), *Sociologia*, Publicações Europa-América, Lisboa.

NANCHEN, M. (1990) De l'individualisme à l'autonomie in *Thérapie familiale*, Genève, vol 11, nº3, pp. 261-271.

NEEDLE, R., MC CUBBIN, H., WILSON, M., REINECK, R., LAZAR, A. e MEDERER, H. (1986), Interpersonal influences in adolescent drug use - the role of older siblings, parents and peers in *The international journal of the addictions*, 21 (7), p. 739-766.

NETO, D. (1990) *Deixar a Droga*, Edições 70, Lisboa

NUTTIN, Joseph (1985) *Théorie de la motivation humaine*, PUF, Paris, (1ª. edição: 1980, Paris, PUF).

NUTTIN, Joseph (1966), *Psychanalyse et conception spiritualiste de l'homme*, Éditions Béatrice, Nauwelaerts, Paris.

PAULSON, Morris, COOMBS, Robert, RICHARDSON, M. (1990), School performance, academic aspirations, and drug use among children and adolescents in *Journal of drug education*, vol. 20 (4), p. 289-303.

PEDINELLI, J. L. (1991), Statut clinique et épistémologique du concept d'addiction: intérêts et limites in *Les nouvelles addictions*, Venisse (Dir.), Masson, Paris, p. 42-54.

PEREIRA, O. Gouveia (1979), As correntes teóricas em psicologia do desenvolvimento da criança in *Desenvolvimento psicológico da criança*, vol.2-I, p. 11-54.

PINEAU, G. e MICHÈLE, Marie (1983), *Produire sa vie, autoformation et autobiographie*, Edition Saint-Martin, Montréal.

PINEAU, G. (1986) *Temps et contretemps en formation permanente*, Ed. Universitaires, Maurecourt.

PINEAU, G. (1990) Les Histoires de vie en formation: un mouvement socio-éducatif in *Le groupe familial*, n°126, p. 88-98.

POIRIER, Jean, CLAPIER-VALLADON, Simone e RAYBAUT, Paul (1983), *Les récits de vie*, Presses Universitaires de France.

POSTIC, M. (1990) *A relação pedagógica*, Coimbra Ed., Coimbra (Trad. da ed. francesa "La relation éducative", PUF, 1982)

RAAB, Alain (1989) La Dependance, état ou étape, in *Dependances*, vol. 1, n° 1, p. 18-23.

RAISTRICK, Duncan 1991, Career and natural history in *The international handbook of addiction behaviour*, I. Belle Glass, Routledge, New York, p. 34-39.

SEGAL, Bernard (1985-1986) Confirmatory analyses of reasons for experiencing Psychoactive drugs during Adolescence in *The international journal of the addictions*, 20 (11 e 12), p. 1649-1662.

SEYWERT, F. (1990), L'Individu: réseau et processus in *Thérapie familiale*, Genève, vol. 11, n° 3, p. 309-322.

SPINATSCH, M. e MULLER, R. (1991) Le style de vie et la consommation de drogues légères des écoliers en Suisse: vue comparaison de modèles culturels in *Psychotropes*, vol. VI, n° 3, Hiver 1991, p. 99-108.

SUISSA, J. A. (1993) Effets sociaux négatifs du concept de maladie appliqué aux toxicomanies in *Psychotropes* vol. VIII, n° 3, Automne 1993, p. 31-38.

TAP, Pierre (1986), L'Identification est-elle une aliénation de l'identité? in *Identité individuelle et personnalisation*, Éditions Privat, p.236-253.

THOMAS, Barbara S. e HSIU, Lan Tien (1993), The role of selected risk factors in predicting adolescent drug use and its adverse consequences in *The international journal of the addictions*, 28 (14), p. 1549-1563.

VALA, J. (1986) Identidade e valores da juventude portuguesa - uma abordagem exploratória in *Desenvolvimento*, Número especial Maio 1986, Os jovens e nós, I.E.D., p.17-28

WATERMAN, A. e ARCHER, S. (1990), A life-span perspective on identity formation: developments in form, function and process in *Life-span development and behavior*, P. Baltes, D. Feathermen e R. Lerner (Ed.) L. Erlbaum Associated Inc. Pub., New Jersey, vol. 10, p. 29-57.

WEINBERGER, M. (1993), Sortir de la toxicomanie: une restauration du lien social in *Dependances*, vol. 5, n° 2, p. 12-19.

WEST, Robert (1991) Psychological Theories of Addiction in *The International Handbook of Addiction Behaviour*, I. Belle Glass (Ed.), Routledge, New York, p.20-24.

## ÍNDICE DE AUTORES

Ades, 44, 50  
Agra, C., 42, 47, 56, 62, 63, 65, 66  
Alexander, 50  
Ambrósio, T., 33, 34, 86, 87  
Angel, Sylvie e Pierre, 50, 51  
Anglin, 53  
Anzieu, D., 19  
Arminen, I., 72  
Atlan, 19  
Baltes e Silverberg, 23  
Baltes, P., 15, 16  
Baumann e Schenker, 51  
Beauchamp e Brunet, 54  
Becker, 58, 84  
Bergeret, 43, 44  
Berne, E., 82  
Bertaux, D., 69  
Blos, P., 21, 22  
Blum, 52  
Bourdieu, P., 73  
Brim, Jr. e Ryff, 83  
Brofenbrenner, 17  
Brook, 46, 53  
Brookover e Erickson, 139  
Buhler, C., 71  
Campos. B., 69  
Caplan, G., 83  
Chamboredon, 72  
Charles-Nicolas, 47, 48, 135  
Charles-Nicolas e Le Coguic, 42  
Coleman e Husén, 33, 146  
Cordeiro, Dias, 51



Costa, M.E., 34  
Crawford, 42  
Dias, A., 10, 46, 47, 51, 54  
Dilthey, 68  
Dominicé, P., 144  
Dubet, 37  
Duyckaerts, F., 85  
Ehrenberg, A., 38  
Ehrenberg, A. e Mignon, P., 39  
Erikson, E., 12, 23, 24, 26, 28, 71  
Fatela, J., 55, 56, 57  
Fau e Boucharlat, 54  
Fernandes, L., 39, 40, 60, 61, 62, 63, 72, 78  
Ferraroti, F., 70, 74, 75  
Festinger, 76  
Fleming, M., 19, 22, 141, 142  
Freud, 24, 70  
Gabe e Bury, 37  
Gagnon, N., 72  
Gaulejac, V., 73, 81  
Geadá, M., 52, 53  
Gendreau e Gendreau, 46  
Gonet, 45  
Hall, 17  
Hultsch e Plemons, 83  
Hurtig, 16  
Jeammet, Ph., 44  
Jeffrey, 48  
Jobert, G., 72, 76  
Josselson, 22  
Josso, C., 140  
Kozel, 38, 39  
Laplanche e Pontalis, 26  
Legrand, M., 72  
Lerbet, G., 11, 19, 31  
Libert e Macquet, 72  
Lindesmith, 49, 59

Lopez, 52  
Macquet, C., 37  
Magoudi, A., 42, 43  
Mahler, M., 20, 21  
Marcelli e Braconnier, 43  
Márcia, 27  
Marin, 51  
Moles, A., 81  
Morel, A., 42  
Morin, E., 18  
Morris, 50  
Nanchen, 81  
Needle, 52  
Neto, D., 43  
Nowlis, H., 37, 40  
Nuttin, J., 12, 29, 31  
Olivenstein, C., 45, 48, 51,  
Pardinielli, 43  
Peele, 49  
Pereira, O.G., 18  
Pineau, G., 12, 71, 145  
Pineau, G. e M.-Michèle, 69, 70, 71, 72, 81, 84  
Poirier, 68, 69, 76, 77  
Postic, M., 139  
Ritel-Laurentin, 48  
Scheier e Newcomb, 54  
Segal, 54  
Sève, L., 70, 72  
Stokols, 18  
Tap, P., 3, 27  
Vala, J., 87  
Waterman e Archer, 28  
West, 49, 50  
Wright e Headlan, 34

## ÍNDICE TEMÁTICO

- abordagem autobiográfica, 67, 68
  - como método de investigação, 69;
  - como método de auto-formação, 71;
- acção: definição de, 82
- acontecimentos: 82, 136, 140
  - acidentais, 83;
  - biológicos, 82;
  - definição de, 82;
  - físicos, 83;
  - normativos, 83;
  - sociais, 82
- adicação: conceito de, 43
- adolescência, 21, 22, 83, 135;
  - lutos na, 46
- ambiente, 16;
  - físico, 15;
  - social, 15;
  - socio-cultural, 15
- ambitendência, 21
- auto-análise, 71
- auto-erotismo, 44
- auto-estima, 20
- auto-organização, 11, 14,
  - teorias da, 19
  - auto-regulação, 18
  - auto-suficiência, 65
- autonomia, 11, 12, 19, 20, 22, 23, 137, 141, 142;
  - conceito de, 19;
  - construção da, 20;
  - na idade adulta, 23;
  - necessidade de, 44;
  - promoção da, 44;

- sentimento de, 12, 25
- campo transaccional, 84
- capacidade de desobediência, 141
- capacidades potenciais de realização, 12, 66
- carreiras desviantes, 58
- ciclo de vida, 15, 71, 83
- ciência da biografia, 70
- cocaína: consumo de, 39
- comportamento: definição de Nuttin, 29
- condutas ordálicas, 47, 135
- condutas aditivas, 43;
  - etiologia das, 44
- construção da identidade:
  - processos de exploração na, 27;
  - processos de investimento, 27
- consumo de drogas:
  - escola e, 55, 56
  - espaços suburbanos e, 61;
  - grupos juvenis e, 39, 53, 54;
  - história do, 38, 39;
  - perspectiva social do, 57
  - contextualização socio-histórica, 73
- desenvolvimento, 14;
  - características do, 15;
  - conceito de, 15;
  - direção do, 134;
  - extensão do conceito de, 15, 16;
  - sistemas de influência do, 16
  - sistemas ecológicos do, 17
- desenvolvimento psicosexual, 24
- dissonância cognitiva, 76
- drogas: definição de, 37
- ego, 28;
  - tarefa do, 28
- entropia, 11, 66;
- epistemologia acomodativa, 63
- epistemologia assimilativa, 63

escolha vocacional, 134, 142, 144, 146  
espaços de vida, 84  
estado motivacional, 30  
experimentação, 134  
exploração, 135, 141  
farmacodependência; definição de, 41  
forças regressivas, 21  
formação profissional, 89  
generatividade, 26  
heteroformação, 71  
historicidade, 75  
homeostase, 18  
idade escolar, 12  
ideal do eu, 22, 47  
identidade, 9, 12, 137;  
    conceito de, 23;  
    confusão da, 26;  
    dimensão conflitual da, 24;  
    estatutos da, 27;  
    formação da, 22, 23;  
    sentimento de, 23, 24, 26, 28  
    identidade desviante, 59  
identificação, 26;  
    conceito de, 26;  
    modalidades de, 27;  
individação; conceito de, 22, 23  
interacção, 14, 74, 84  
interaccionismo simbólico, 139  
maturação biológica, 15  
megalomania infantil, 22  
métodos qualitativos, 69  
métodos quantitativos, 69  
motivação, 29, 90  
mundo comportamental, 29  
narcisismo, 44;  
    integridade do, 44  
necessidades, 29;

- orientação das, 29;
- via comportamental de satisfação das, 29
- neguentropia, 11, 66
- orientação da acção, 139
- perspectiva ecológica, 16
- processo de categorização social, 61
- processo de separação-individuação, 20, 21;
- processo de construção da pessoa, 81
- projecto de vida, 97, 134, 144
- reinserção social, 8, 9, 144
- relação mãe-filho, 50
- relação narrador-investigador, 75
- ruído, 19
- self autónomo, 21
- sentimento de confiança básica, 25
- sentimento de grandeza, 20
- sentimento de indústria, 25
- sistema, 11;
  - definição de, 18
- sistema-pessoa, 11, 31, 32;
  - processos integrativos do, 32
  - processos desintegrativos do, 32
- situação educativa, 139
- sub-culturas, 61, 62, 74, 75
- subculturas das drogas, 60
- subjectividade, 70, 75
- tarafa do desenvolvimento, 19
- toxicodependência
  - definição da OMS, 41;
  - e adolescência, 46, 47;
  - e autobiografia, 72;
  - e condutas ordálicas, 47, 48;
  - e evitamento do desprazer, 49;
  - e prazer, 49;
  - escalada, 42;
  - influência de modelos sociais na, 50, 51, 52 ;
- transacção, 82, 84;

## **ANEXOS**

**Lúcio**

**Questão inicial:**

O Lúcio tem 24 anos e há todo um percurso de vida que fez até hoje. Gostaria que me contasse esse percurso de vida, em particular no que diz respeito à sua vivência escolar e também às suas experiências profissionais, que me falasse das aspirações que foi construindo ao longo desse trajecto; dos seus sucessos e insucessos e também de como se insere o consumo de droga e mais tarde a toxicodependência nesse contexto, do seu percurso escolar e profissional.

A ideia é que vá falando livremente das coisas que lhe vierem à cabeça a partir desta questão.

**Narração de Lúcio:**

Até à 4ª classe tive um percurso normal. Lembro-me que na 3ª classe antes do fim do ano se soube que se passava... todos nós lá na turma passávamos. E pronto, desliguei-me um bocado, meio um bocado de propósito... meio um bocado... não estudava, não ligava muito àquilo e passei. Depois a 4ª classe custou-me um bocado. Mudei de professora e tal... e puxou um bocado. E eu não tinha bases da 3ª classe... mas acabei por passar.

Depois entrei para o 1º ano, fui para uma escola já afastada, tinha de andar de autocarro e lembro-me que nessa altura o autocarro ia sempre cheio, andava com muitas dores de cabeça quando chegava a casa e fui fazer um exame à cabeça. Lembro-me de um monte de fios e um monte de coisinhas. Já ia para aí a meio do ano. Depois era uma escola que tinha violadores, era num morro, era assim no meio de uma mata, que era a escola do Juromenha... e eu tinha um bocado de medo daquilo... a minha irmã, a Inês não foi para lá, a minha mãe não a pôs lá por causa disso, que era assim uma escola com um bocado de má fama... sabia que havia lá droga, fazia-me muito medo nessa altura, nem fumava aqueles cigarrinhos que se começa a fumar no primeiro ano... eu nunca fumei... e prontos, tinha um bocado de



medo de perder a última camioneta e ter de vir a pé. E era assim um bocado na última aula, das cinco às seis, ou das seis às sete, já não me lembro bem...

Q- Está a falar do ciclo preparatório?

Sim, do primeiro e do segundo ano. Mas passei, passei o primeiro sempre com duas negativas, na altura era...agora acho que são três, na altura era duas... passei sempre e depois, no sétimo ano mudei para uma escola nova. A outra escola, do primeiro ano tinha um monte de história, os miúdos mais velhos lá da rua também já lá estudavam, mas para mim foi um bocado... ainda assim na brincadeira às vezes digo à minha mãe, porque a minha irmã foi para uma escola... não foi para essa escola de propósito, por causa dessa onda de... prontos, de má fama e havia lá violadores e não sei quê... Lembro-me que tive lá um colega no segundo ano que era muito mau, era mais velho, era grande e não sei quê e uma vez deu-me uma tarefa lá a entrar para a aula... dava assim uma tarefa a nós todos... e a gente uma vez fez lá uma brincadeira com ele... que agora mais tarde eu conheci na droga... não me lembro bem do nome dele. Mas sei que uma vez eu entrei a chorar para a aula porque ele cá fora tinha-me feito qualquer coisa... dado umas peras. E prontos, depois essa escola recordo-me que correu mais ou menos tudo bem. Lembro-me que os meus amigos fumavam cigarros, aquelas coisas de miúdos, e eu não fumava. Era muito contra e fazia-me impressão aquele banco que há em quase todas as escolas, aquele lugar no intervalo onde está o pessoal mais pesado e eu olhava assim... normalmente estava sempre a jogar futebol e coiso e passava lá... que ali perto era o refeitório e eu passava lá e olhava assim muito a medo para lá. Uma vez vi lá um miúdo da minha idade e fiquei ...fiquei com uma cena do caneco de o ver lá.

Depois no sétimo ano fui para uma escola muito ao pé de minha casa, destas escola novas que abriram, com duas cores, pré-fabricadas, de dois andares, muito lá ao pé de minha casa. Tinha aberto esse ano, essa escola e prontos, foi aí mais ou menos que eu agora começo-me a lembrar mais, foi o sétimo, o oitavo e o nono que eu fiz nessa escola. Chumbei a primeira vez no oitavo, coincidiu com a vinda da minha irmã mais velha de Angola, com o meu cunhado e os filhos, foram lá para minha casa. Nós temos uma casa pequena e... prontos, foi um ano de pausa, completamente, só passei a uma disciplina, acho que foi a desenho, chumbei ao resto.

Chumbei porque... prontos, é um bocado assim, eu punha as coisas muito de desistir ao principio... nunca chumbei e tal... em vez de me orgulhar disso... prontos chumbei a primeira vez no oitavo ano. Depois repeti o oitavo, com força, as pessoas também apoiaram-me lá em casa. Não senti nas férias grandes não ter isto ou não ter aquilo por ter chumbado... estava um bocado à espera que os meus pais não me dessem e... fiz o segundo oitavo ano, entretanto a minha irmã alugou uma casa e tal e saíram. Essa minha irmã até me ajudava bastante a inglês. Eu sempre tive muita dificuldade a inglês, até ao oitavo, nono ano, lembro-me de ela me dar explicações, mesmo quando mudou de casa e também em português, também me ajudava bastante. E prontos, fiz esse oitavo, estava com muito medo de geografia e passei, chumbei a francês, nunca fui bom a francês, comecei a ter francês no sétimo. Prontos, o que eu me lembro das disciplinas é que desenho... desenho e aquela mecanotecnica ou práticas administrativas, era bater à máquina e fazer umas coisas nuns tornos, seis meses uma coisa, seis meses outra, prontos, em educação física era muito bom. Eu comecei a jogar futebol para aí no sétimo, oitavo ano já jogava futebol, federado, nos clubes, prontos, não me esforçava nada, no desenho também não me esforçava, no terceiro período tinha assim um bocado mais atenção, mas era mais a matemática, aquelas disciplinas que eu tinha mais dificuldade e que era preciso estudar.

Depois comecei a ter dias de suspensão, durante quatro anos. O primeiro ano foi o segundo oitavo, lembro-me que no terceiro período... foi o segundo oitavo que eu passei, lembro-me que eu tive lá uma coisa qualquer numa casa de banho... a gente costumava meter-se nas casas de banho lá com os amigos... e partia sempre vidros, muito com as bolas e... meti-me lá numa casa de banho e a gente fazia uma algazarra e quando as contínuas vinham... não sei se é isto que a Isabel quer... nós metíamos-nos na casa de banho nos intervalos e já conhecíamos a contínua e fazíamos uma algazarra e ela quando chegava ficava tudo em silêncio dentro dos compartimentos e eu meti-me em cima da pia, porque ela estava a mandar vir e eu ia espreitando e ela... aquilo há uma algazarra, ela abre a porta, começa aos encontrões à porta, uns saem por cima, outros saem por baixo e eu fico lá sozinho com a pia partida. A pia dá de si, partiu-se a pia... lá um monte de água no chão e não sei quê... E a contínua agarrou-me, eu também vou a fugir, vi o pessoal todo a fugir também ia fugir, ela agarrou-me assim para olhar para a minha cara e deixou-me fugir. Entretanto isso foi no terceiro período, o terceiro período acabou, eu sempre a dizer que pagava a pia mas que pagava a metade, não tinha sido só eu e tal. E nesse

ano passei, mas veio uma notificação para minha casa, uma carta para minha casa da escola a dizer que só saíam as minhas notas se eu pagasse a pia. Pronto...

Depois no nono ano tive de decidir aquela coisa das áreas e fui para a área A, desporto. Estava farto daquela escola e não gostava de voltar para uma escola assim antiga, como foi essa do primeiro e segundo ano e fui para uma escola que foi a Ferreira Dias no Cacém. Porque era a escola mais perto que tinha a minha área, desporto. Pronto, mal cheguei lá... aquilo era uma escola com muito mais alunos, acho que eram cerca de três mil alunos, senti-me muito deslocado, porque já estava na outra escola há três... prontos e o nono ano, o nono ano, eu não falei no nono ano. Correu bem, nessa escola, passei à primeira, fiz o nono ano de saúde, não me lembro assim de nada... Pronto, fui para essa escola, a Ferreira Dias no Cacém e senti-me muito sózinho, lá na escola. Fui com o meu melhor amigo na altura, ele integrou-se. Foi muito difícil ter as disciplinas todas, ter três de vocação, que era desporto colectivo, desporto individual e a teórica. Foi-me muito difícil e comecei a namorar com a Sara e comecei a fumar, nesse Verão, nas férias grandes comecei a fumar charros. E lembro-me que cheguei lá, à escola e achava aquilo muito grande, achava que ninguém me ia compreender e estava habituado a ter intervalos com muita gente e conhecer muita gente e não falar só com o pessoal da turma e foi-me difícil integrar. Chumbei a todas nesse ano... Foi quase como o oitavo... liguei-me lá a uma rapariga... andava com a Sara mas não a via ao intervalo... ela estava no 11º e eu... não sei, vinha com ela no comboio e quando tocava para a primeira aula e depois só nos víamos se saíssemos os dois à mesma hora... nunca nos víamos lá durante as aulas, sempre foi uma coisa que eu não gostava na escola, estar agarrado muito à namorada... e fiz o 10º, chumbei o 10º todo nesse ano, houve umas cenas... foi nesse ano que eu comecei a fumar charros diariamente... comprava e aquela coisa de comprar... não comprava muito na escola, comprava mais em Mem Martins e depois ia para o Cacém fumar. Fumava muito no comboio, quando ia para a escola e lá, depois a meio do período houve uma rapariga, assim com um aspecto já mesmo de drogada, começámos a falar, chamava-se Joana estava assim degradada, nem sei porque é que estava na turma de desporto, não sei se estava a fazer disciplinas, acho que era isso, estava só a fazer disciplinas, uma vez convidou-me para fumar um charro... eu nunca tinha fumado assim com desconhecidos, só fumava com os meus amigos, comecei a fumar com ela. Esse ano fiquei sozinho... esse tal meu amigo que foi para lá ficou noutra turma, noutro ano... prontos... e comecei a fumar charros sempre na escola. Nesse primeiro ano não evitava não fumar antes da aula, ou em aulas difíceis, ou em matérias em que eu não estava

muito... prontos, fumava o que viesse, não havia aquela coisa de juntar dinheiro ou ir roubar, dava sempre... haxixe... ainda não havia dependência...

Q- Tem alguma ideia porque é que começou a fumar?

Tenho. Essa minha namorada, a Sara, quando eu comecei a andar com ela, nesse Verão, eu era muito contra as drogas e contra essa coisa toda, porque tinha tido um grupo de amigos, lá da rua, antes de eu sair lá da rua, tipo catorze, eles já tinham dezasseis, dezassete, eu andava com eles, eles, eu apercebi-me uma vez à noite que eles fumavam, eles estavam a fazer uma coisa na mão e não sei quê... não percebi nada daquilo e comecei-me logo a separar disso. Tinha apanhado a primeira bebedeira para aí aos 15, 16 anos, uma vez fiquei sozinho em casa, os meus pais foram para um sítio qualquer durante o fim de semana, eu fiquei lá e depois aqueles putos lá da rua todos desgraçámos a casa, partimos um vidro, partimos um vidro lá da casa de banho, a tomarmos banho, nus, fizemos para lá um monte de coisas e eu bebi um litro de cerveja a primeira vez. Fiquei logo quase KO. Mas prontos, não comecei a beber diáriamente nem nada, foi uma coisa de puto, mais para me aperceber, toda a gente falava de bebedeiras e eu nem no fim de ano apanhava bebedeiras. Mas lembro-me que quando comecei a andar com a Sara, a gente já tinha tido um relacionamento dantes, quando eu andava no oitavo ano na outra escola, e ela depois... eu primeiro deixei-a, depois ela deixou-me, e depois estivemos um ano sem nos vermos. Eu comecei a andar com ela quando mudei para a Ferreira Dias, lá para o Cacém, ela já andava lá e nessas férias grandes, soube que ela tinha andado com outro rapaz, mais velho, que se drogava e que ela tinha experimentado uma vez com ele um charro... fiquei... não tenho nada a dizer... não sei, nunca experimentei... então a minha namorada, uma míuda, de dezasseis anos, como eu e... pronto, houve ali qualquer coisa que tinha de experimentar... não fui comprar logo, nem sabia onde é que se vendia nem nada, mas na primeira ocasião... fumei uma vez nessas férias na Praia Grande, fumei lá com uma míuda punk e não sei quê... e gostei. Estava à espera de ficar assim como fiquei da bebedeira, assim meio tonto e estava a ver tudo... isso foi a coisa que mais me cativou... Sempre me explicaram que droga era uma coisa má, que nunca devia fumá-la, nem sequer prová-la e eu pensei que ao tocá-la um só vez ficava como que caído no chão. Ao descobrir que não era bem assim nesse ano fui atrás do haxixe e descobri pela primeira vez aquelas pessoas que tinham uma presença esquisita que talvez eu já ansiava ser, para me afirmar como namorado, amigo, colega... E pronto, comecei... o meu grupo de amigos nós não tínhamos essa coisa, porque eu também era muito

contra... eram contra. Os que fumavam, fumavam quando iam de férias ou esporadicamente, nem nos diziam. Eu prontos, gostei e trouxe aquilo para o grupo. Começámos a fumar nas festas... foi muito por causa dela que eu fumei. Mas ela nem nunca fumou. Fumou uma vez ou duas... ela nem sabe que eu fumei por sentir... não sei, senti-me mal por ela experimentar e eu não ter experimentado... só que ela separou as coisas e eu não separei... porque eu fumava e ela estava-me sempre a dizer para não fumar muito...e prontos... esse décimo ano chumbei

Depois fiz um décimo ano todo outra vez. Chumbei a duas disciplinas. Acho que era o que eu queria, precisava de... via lá já aquele tipo de pessoal que fumava o seu charrinho, e aparecia a meio da manhã, a meio da tarde, tinha uma ou duas aulas e ia para casa. Não sei se foi isso que eu quis, eu podia ter feito as disciplinas... sei que foi duas disciplinas pesadas, química e filosofia. A partir daí comecei a ter facilidades no inglês. Comecei a ouvir muita música inglesa e americana, até progredi muito no inglês, tinha uma nota muito de oito, dez, comecei a ter doze, catorze a partir do décimo, e pronto. O meu segundo décimo ano foi estar mais atento, estar... começar a evitar fumar antes de ir para aquelas aulas mais chatas. No desporto não me importava, tinha muita força... jogava futebol, tinha três treinos de futebol, era assim futebol mais a sério e depois durante o dia aquele desporto lá na escola, que um era ginástica e o outro era basquete ou qualquer coisa assim, não me custava nada, era suar só um bocadinho... tinha muita resistência. Jogava muito futebol, era muito querido nos clubes...

Eu aí comecei a sentir que o desporto não era a minha... que nessa altura é que eu devia ter escolhido a área, no décimo e no décimo primeiro. Não era aquela a área...preferia ter... prontos, estar ligado mais a português, filosofia, história... sempre gostei muito de história e a partir do nono nunca mais tive e acho que me apercebi que escolhi muito cedo a área. Depois no outro ano fiz as duas disciplinas só. Já tinha mota, andava já só com as motas na cabeça, deixei o futebol por causa das motas... e fui, prontos, sempre a fumar charros, sempre, sempre, já comprava lá na escola, já sabia a quem é que comprar, às vezes já passava, comprava assim um bocado e passava aos amigos, tinha essas duas disciplinas fazia as disciplinas, tinha as aulas e depois fumava, raramente ia para lá, só se fosse uma coisa oferecida, eu dava uma passinha. Foi aí que eu conheci o Miguel, a pessoa a quem eu estou mais ligado lá fora, conheci-o nessas disciplinas, ele era dessa turma, e prontos esse e outro rapaz lá do Cacém... O Miguel nunca tinha fumado e o Sílvio fumava às vezes... e prontos, um bocado por causa de mim... ligámo-nos por causa da mota,

atraí-os um bocado. Começaram a sentar-se ao pé de mim... era muito calado, não falava, mas estava habituado sempre, antes da droga que... prontos... o meu silêncio e... também... não era tipo no primeiro período dar-me logo a conhecer... preferia primeiro ver a turma de fora e depois... era mesmo assim, que as pessoas me procurassem e sempre me procuraram... chegava sempre ao terceiro período e sentia-me uma pessoa muito procurada na turma... e prontos lembro-me... aí... isso era só os charros... foi os charros e a mota que eram assim uma coisa que chamava... Prontos, fiz essas três disciplinas e lembro-me que eu às vezes já não fazia por comprar haxixe, já eles os dois, o Miguel que fumou as primeiras vezes comigo e o outro... já era uma coisa que não era preciso... pedir ou puxar o assunto, já havia sempre, já nos concentrávamos todos onde ia aparecer ou onde se fumava, para apanhar boleias e coisas assim.

Depois o décimo primeiro ano... isto forma sempre, estes três anos na Ferreira Dias deixou-me muitas saudades, foi os anos que eu fiz... deixou-me muitas saudades. O décimo primeiro entrei naquela de fazer todo de uma vez. Tinha feito o décimo em duas vezes... Fiz o décimo primeiro todo, com o Miguel, ficámos numa turma de desporto... prontos, éramos já os mais velhos, éramos os dois... ele tinha dezoito, eu tinha dezanove, ele era muito brincalhão e eu tinha um bocado o papel lá na turma de ... experiente, era isso mesmo, já andava com a Sara há três ou quatro anos, eles eram todos muito novos, era uma turma de míudos de dezassete, dezasseis anos e eu lembro-me... prontos, gostavam muito de mim, procuravam-me para saber isto das míudas... era muito a mota também, já corria... fazia as minhas coisas. Lembro-me que o décimo primeiro correu muito bem... fumava ... já dizia ao Miguel para não fumar tanto e para não pôr tanto, para fumarmos mais na calma, para não ter tanta pressa... Foi um período que eu comecei a assentar mais, também um bocado por causa da Sara, porque a minha relação com ela ia muito bem...

Esqueci-me aqui de dizer uma coisa no décimo ano, agora por causa de estar a falar da Sara... foi que por acaso ela chumbou a psicologia, no décimo... ela já andava no décimo primeiro e veio ter psicologia para a minha turma... assistir... assistir não, matriculou-se... era da minha turma. E foi na altura em que ela engravidou e eu... prontos, éramos da mesma turma e eu lembro-me bem, ela tinha sempre notas de quinze, dezasseis e eu de treze, quinze... e no ponto em que ela foi fazer o aborto, no espaço desse mês, eu tive uma nota maior do que a dela... tive uma nota igual à dela, praticamente. A professora desconfiava que eu copiava dela, ela sabia que nós namorávamos, no primeiro ponto eu tive treze ela teve quinze, no segundo ponto ela

separou-nos, não nos disse nada, quando entregou os testes chamou-me para outro lado... e eu tive a mesma nota, tive treze e a professora deixou-nos estar juntos o ano todo. Prontos, foi uma coisa muito pesada... Ninguém na turma sabia, sabiam que era minha namorada, não demos bandeira mas foi uma coisa pesada. Eu tinha dezassete anos, ela também...

Mas nesse primeiro ano foi o melhor ano que eu tive, de que eu tenho mais saudades, fumávamos o nosso charrinho mas uma coisa assim já mais. O Miguel não... Eu nem pedia, nem comprava... já andava naquela onda de não comprar. À noite sabia que ia estar com os meus amigos e que havia aquele charrinho e já preferia fumar só à noite. Eu lá na escola fazia, dava umas passas, mas nunca ia muito maluco para as aulas e ele dava sempre a bandeira toda, toda a gente sabia que ele fumava... ele é que fazia as patéticas todas, eu era capaz de ter notas boas... foi aí que eu tive a certeza que a minha área era filosofia... história... foi aí que comecei a gostar muito de português, mesmo, comecei a ter boas notas a português, a fazer trabalhos, a interessar-me e não sei quê. A filosofia também tive uma boa nota... inglês era um aluno médio, tinha subido o meu nível para os anos anteriores. A desporto também tive professores fáceis, eu lembro-me que no décimo ano, quando chumbei a todas queria bater a um professor de desporto, que era assim um mauzão... e prontos, mas assim lutas na escola nunca tive. Tinha sempre dias de suspensão por coisas acumuladas, chamadas de atenção, não tinha uma coisa, como foi essa da pia, eram sempre coisas acumuladas. Lembro-me que quando fiquei esses dois... essas duas disciplinas do décimo ano, quando conheci o Miguel e ele começou a fumar charros, a gente já estava lá nesse banco que há sempre nas escolas, estávamos lá sempre e as pessoas sabiam ... a gente estava lá e os professores comentavam e não sei quê. E houve uma vez, uma confusão, estávamos lá à tarde... eu tinha bastante tempo, sempre. Ia sempre às aulas, tinha sempre poucas, nunca fui de faltar às aulas, e uma vez cheguei lá aos bancos e... tinha para aí cem paus... e estava lá um indivíduo que não era lá da escola, estava a vender... prontos, eu nem o conhecia se calhar não tinha dado por ele, só dei por ele quando me apercebi que estava um contínuo a chegar-se ao pé do banco e ele fugiu assim do grupo... a correr. Apercebi-me que havia assim confusão. E eu e o Miguel éramos muito gozões, começámos a gozar com a situação, entretanto um amigo meu, um colega lá da turma, veio-me dar cem escudos, ou eu emprestei-lhe cem escudos, já não me lembro bem, uma contínuo chega-se ao pé de nós e diz-nos, "os vossos cartões?", e a gente só nos ríamos, a pensar que ela pensava que nós éramos o tal que tinha fugido, ou qualquer coisa. Tirámos: "está aqui". Ela tirou os números,

falou com a minha directora de turma, a minha directora de turma telefonou para a minha mãe, a minha mãe foi lá chamada, disseram-lhe que eu andava a fumar charros, foi lá um grande amok em casa, foi quando começaram a saber que eu fumava charros... prontos... lembro-me que a minha mãe me disse nessa altura que o meu irmão Pedro nunca tinha ido para a droga, que se eu fosse ela preferia morrer e não sei quê... deu-me assim umas coisas... e eu comecei a fazer as coisas mais no suave mas não deixei de fumar charros.

Pronto, o décimo segundo foi passar tudo para a noite.

Q- Porque você escolheu ou por causa de sua idade?

Porque eu escolhi. Eu já estava desde o décimo, desde que comecei a andar com a Sara, tinha um grupo de amigos muito unidos. E eles todos tinham uma namorada agora e outra daqui a bocado, prontos, não tinham uma namorada certa, tinham muito mais liberdade do que eu, entre aspas não é? e começaram a fazer cursos da CEE, aqueles cursinhos e no Verão, principalmente dois deles, que são assim mais saídos da casca, sempre com as motas pelo meio, nós éramos para aí sete ou oito, dois deles iam para o Algarve assim à desbunda e arranjavam para lá trabalho, desenrascavam-se, prontos, faziam assim uma vida muito à parte, não estudavam, a partir do nono ano não estudaram. E eu sempre quis fazer essa coisa, estudar à noite e ter aquelas coisas da noite... eu sempre quis lá em casa e nunca me deixaram... tirar cursos e fazer um bocado a vida que eles faziam... tínhamos muitos sonhos... comprar uma carrinha e ir para o deserto, essas coisas... depois gozavam boé lá na minha família, o meu irmão Pedro que já sabia como é que essas coisas eram e não suportava. Nas festas havia sempre risota disso... No décimo segundo ano consegui...

Q- O plano era ir para o deserto fazer o quê?

Íamos passear. Nenhum de nós tinha a carta, mas íamos para o deserto... Era o deserto... O pai de um de nós, era o Rui, o pai do Rui estava a trabalhar nos Emirados Árabes... era a paranóia ... e do Dakar... Prontos, o décimo segundo ano... lembro-me que no décimo primeiro experimentei heroína a primeira vez... por causa lá daquele homem que vive lá no meu prédio, que já tem idade quase para ser meu pai. Começámos...



Q- Como é que foi isso de começar com a heroína? Pode-me contar um bocadinho melhor como é que foi o início?

O início? Prontos, eu comecei... lembro-me de umas férias... havia lá um rapaz no bairro que era assim um bocado rejeitado... eu sempre, não sei porquê, gostava dessas pessoas... mesmo na turma, assim que eram mais mal vistas... se calhar havia mais droga nelas... e sentia que ele tinha mais experiência do que eu... fumávamos os nossos charros, ele às vezes aparecia lá no grupo, não era muito bem aceite, mas... era mesmo meu vizinho do lado, que é esse tal Carlos, que agora é seropositivo. Eu sabia que ele tinha mais experiência do que eu. E houve umas férias que andávamos por lá, assim dias muito bons, à noite, no Verão, e fomos lá a umas festas, eu não gostava nada, achava que era piroso, mas fomos lá beber uns copos... não tínhamos charros nessa noite e eu comecei a puxar conversa, que estava farto de charros, que queria uma coisa melhor e não sei quê e... lembro-me que foi a primeira vez que alguém me falou assim de pó, apesar eu estar sempre a dizer que não valia a pena e não sei quê... dizer-me que um dia, se apanhasse uma coisa muito... assim com mais pureza e tal, um material bom... mas nem disse pó, deixou assim no ar... e isso acho que... eu andava à procura, andava mesmo à procura, sabia que pó era mesmo andar na porcaria, mas era isso que eu andava à procura. E lembro-me que aquilo apareceu, era aos fins de semana, com esse Jorge, lá do prédio, comecei a fumar aos fins de semana, o meu conto, comprava um conto. Disse à Sara, logo ao principio, "olha, experimentei pó", ela começou a chorar, começou a ficar muito mal e eu, "não, Sara, isso já foi, não foi ontem, foi há um mês e tal", desenrasquei-me, que nunca mais fumava, pensei logo, vou continuar a fazer a minha coisa, aos fins de semana, dá-me muito poder, sinto-me muito bem, não me faz mal nenhum, continuo a fazer desporto, a estudar, prontos...

Q- Começou por fumar?

Sim... Esse homem lá do meu prédio, que tinha muito mais experiência, na onda do 25 de Abril e não sei quê, ele tinha a minha idade e começou-se a injectar com ampolas e coisas assim, que se vendiam nas farmácias. Ele nesse tempo, no 25 de Abril, agarrava na heroína e metia pelo nariz. Deu-nos aquilo duas ou três vezes... pelo nariz. Prontos, jogávamos às cartas, ele tinha uma oficinazita e a gente ia para lá... eu lembro-me que comecei a trabalhar lá porque tinha que pagar aos meus irmãos o aborto que eles tinham pago da Sara e ele apareceu, caiu do céu, depois ele começou a pedir para fumar charros connosco, na minha cave, o pessoal parava na

minha cave e eu saía sempre um bocado da oficina, fumava e ia lá para ao pé dele. Ele há uma vez que os meus amigos fazem-me sinal e ele diz-me "posso ir contigo?" "não, eu venho já" e tal. Ainda o tratava por senhor. Ele disse-me que também queria fumar e tal... a partir daí ele era tipo fã... tinha duas filhas... começou a fumar charros... à primeira ou segunda oportunidade, havia já lá uma onda de droga lá na minha rua já há muitos anos, e ele pôs lá um gajo a trabalhar, ou dois e começou a haver lá heroína. Compravam heroína. Ninguém frequentava os bairros, nem o velho. A alcunha dele era o "Velho". O Velho nem saía de lá, chegava-lhe lá tudo. Pronto, a gente começou a dizer que ele não metesse aquilo pelo nariz, que era um desperdício, a gente não sentia nada e não sei quê, que ele também tinha de aprender... e começámos a fumar chinesas. Era ao fim de semana. Custava-me bastante, dar um conto, porque acho que dava valor ao dinheiro. O meu pai dava-me para aí dois contos por fim de semana... mas custava-me um bocado... fumava o continho... depois começou a ser à sexta e ao sábado, e ao domingo já me apetecia mas não fumava. E lembro-me que o Miguel... comecei a falar ao Miguel que fumava chinesas e era muito bom ... e ele começou a ficar todo empolgado e também na primeira oportunidade que houve lá na escola, uma quarta ou uma quinta-feira, vi lá um rapaz que aparecia, assim com bom aspecto, bem vestido... que aparecia assim lá no grupo dos charros e não sei quê e uma vez diz-nos de manhã: "olha, houve aí uma conversa de não sei quê" (a gente não tinha aspecto nada de drogados, nem nada, nem pouco mais ou menos, éramos de desporto, andávamos sempre todos acesos) e ele diz "olha, tenho aqui"... e o Miguel começou logo "eh pá porreiro, tens aí um conto... eu dou-te" e comprei um conto e deu para os dois e o Miguel ficou para lá todo mal disposto, deu uma grande bandeira. Acho que era o último dia do segundo período, ou uma coisa assim. Eu fiquei bem. Ele houve uma aula em que teve de pedir para ir à casa de banho e ficou lá deitado no banco. Estou-me a rir mas não gosto nada: foi o primeiro charro que ele fumou comigo e foi a primeira chinesa que ele fumou comigo também. E prontos, sentia... à segunda-feira, quando já fumava sexta e sábado e depois esse tal... o Velho... ao fim de semana a gente começou a não sair, a gente ia para Cascais, todos num carro, só um é que tinha carta naquela altura... num carro muito velho. Prontos, com os charros não parávamos, íamos sempre a todo o lado, acampamentos, discotecas... e começámos a parar, primeiro era muito bom, tínhamos quase tudo... o prazer que nos dava ir à discoteca, tínhamos todo numa cave pequenina... era muito pequena a cave. Lá no meu prédio.

O meu prédio já tinha agitação, começou a ter mais. Começou a haver lá heroína, começou a aparecer lá mais gente. Mas lembro-me, quando ainda só fumava ao fim de semana e como esse velho tinha poder de compra, comprava e a gente dava-lhe sempre a volta. Ele a partir das duas da manhã, como trabalhava em Lisboa começava a amochar e a gente tirava-lhe as coisas e davamos-lhe para ali um baile do caneco. Ele no fundo gostava, era isso que ele queria. E sobrava sempre. Eu comprava um conto e acabava sempre por fumar mais. Depois fazia directa, normalmente, de sábado para domingo, ia tomar o pequeno almoço de manhã. E lembro-me que no desporto, na segunda-feira, sentia-me assim um bocado diferente. Não era nem pouco mais ou menos uma ressaca, mas sentia-me diferente. Mas não ligava. Toda a gente dizia que era porcaria, mas eu... Prontos e fiz esse décimo primeiro ano que foi o melhor ano para mim, em que me diverti mais. Deixei matemática do décimo, que ainda agora me falta fazer. E passei para a noite, no outro ano, no décimo segundo. No décimo segundo ano... Durante essas férias foi quando eu arranjei trabalho. Comecei a fumar chinesas todos os dias. E prontos... foi esse último ano... estava a fazer o décimo segundo ano.

Prontos, lembro-me que no décimo primeiro ano, logo que acabei as aulas estava mesmo a querer acabar as aulas. Comecei a ficar muito ligado a esse tal velho, prontos, porque era uma pessoa da idade dos meus irmãos e que eu tinha bastante confiança, acho eu. Ele falava muito... que era vendedor, tinha montes de resistência, como ele dizia: "filho de Alfama" e não sei quê. Conhecia isto tudo... e prontos, eu ao pé dele fumava sempre muito. Fumava a minha parte e ele dava-me sempre um bocado. Eu trabalhava para ele, também. E lembro-me que estava mesmo... acho que foi só acabar os pontos e saber que só tinha deixado matemática... já era positivo, tinha feito tantas disciplinas, deixava só uma...

Q- Isso significa que a heroína, o consumo da heroína, de alguma maneira melhorou a escola?

Entre esses consumos de fim de semana foi, antes de ser toxicodependente, acho eu. Tirava prazer mesmo, daquilo. Não tinha ressacas, nem nada. Nunca me apecebi duma ressaca. Mal acabou o ano, acabou em Junho, o Julho todo comecei a fumar diariamente. Passava uns dois dias sem fumar. Não tinha ressaca... não tinha ressaca, mas eu já sentia a falta... não me divertia tanto, principalmente. Começou aí um grupo que arranjámos logo um controle, para arranjarmos melhor, em Lisboa, um amigo. Prontos, houve lá muitas surras, lá no bairro. Éramos nove a comprar e...

não, isso foi no outro ano... não comecei logo a comprar directamente nos bairros, mas ele trazia sempre, eu estava sempre à espera que ele chegasse, ele trazia uma mala. Ele vendia coisas eléctricas, plantas e não sei quê e andava sempre com a mala para expôr as coisas e trazia sempre lá. Quartas e não sei quê. Foi as primeiras vezes que eu meti assim mais forte... só comprava o continho. Comecei a fumar quase diariamente, ía lá para casa dele. já nem fumávamos tanto na cave, comecei a esconder, foi as primeiras vezes que eu me comecei a separar um bocado do grupo, do meu grupo. Eles estavam na cave, já trabalhava eu e mais alguns lá na cave e para além da sexta e do sábado já fumávamos quase todos os dias. Prontos, comecei-me a aperceber que aquilo era muita caro, mas a entrar naquela que em Julho... mas eu fazia as coisas conscientes, quando comecei a fazer. Apercebia-me que ele já ressacava, já um dia ou dois parado parecia que ... ficava mesmo muito mal. Ele começou-me também a falar mais da experiência antiga. Mas ele quando estava com aquilo no corpo dava uma emoção do caneco áquilo. Eu vivia aquilo e vivia também o que ele me dizia. E prontos essas férias foi o primeiro ... quando fui de férias com os meus pais fomos para Espanha, lembro-me que ia o meu pai ao volante ... o carro era a minha mãe, a minha irmã, uma amiga da minha irmã, portanto era só mulheres e eu e o meu pai, íamos para Espanha para um sitio onde não tínhamos ido e eu sentei-me de manhã, dormi para aí duas horas sabia fiquei lá na cave um monte de tempo a fumar e não sei quê, sentei-me no carro com o mapa ao lado. Arrancámos de Lisboa mal fizémos 50 quilómetros adormeci. Não conseguia estar a ajudar o meu pai no caminho. Sei que antes de chegarmos à fronteira passei logo para trás e eu fui o caminho todo a dormir até que chegámos a Espanha, já era de noite. E prontos não ressacava, não tinha dores mas dormia muito passei para aí os cinco ou seis primeiros dias, nunca dormi sextas e comecei a dormir. Sentia-me diferente, comecei a ler mais jornais aquela parte das drogas, lembro-me que lia lá muitos jornais que vinham de Portugal, passei lá quinze dias sempre naquela de voltar para Lisboa para fumar, tinha saudades da heroína nem nunca tinha provado cocaína, sempre a fumar. Pronto e depois passei as férias, comecei a escola já fumava todos os dias, lembro-me de só fumar à noite depois de jantar, mas nem sempre conseguia porque andava de mota e tinha muito frio. Senti frio, comecei-me a aperceber do frio quando não estava com a heroína . E arranjei o trabalho lá com a mota, tinha uma mota maior e não sei quê, comecei a trabalhar lá e a estudar à noite.

Q-Foi você que arranjou?

Fui eu que arranjei o trabalho. Sempre tive aquela noção que como os meus irmãos tinham uma posição mais ou menos, eram professores e não sei quê que iam-me arranjar qualquer coisa e acho que foi um bocado a vitória ali, de arranjar uma coisa que eu gostava... as pessoas não gostavam muito da mota porque eu caía muito e andava nas corridas e nunca me apoiaram nem nada e prontos, era um bocado a vitória de ter um trabalho e ainda por cima com mota, estar a ganhar dinheiro. Prontos acho que foi o ano que eu andei na escola à noite, no décimo segundo, consegui estudar, a matemática era, tinha matemática, tinha três disciplinas, matemática, geografia e biologia. A geografia era... não gostava nada mesmo, matemática como faltavam-me as bases de décimo primeiro que não tinha feito, fui lá duas ou três vezes, fiz o primeiro teste, tive zero e nunca mais lá fui, sei lá custou-me assim um bocado. Prontos a Sara partiu-me um bocado a cabeça porque ela já tinha entrado para a Universidade para Gestão e podia-me explicar e tentava mas não eu cortei. Pronto era fumar todos os dias à noite, às vezes não conseguia arranjar antes do jantar, jantava e depois ia para a escola ter as aulas, não conseguia arranjar antes de jantar e ia para as aulas sem fumar. Sentia-me diferente, sentia-me muito diferente...

Q- Diferente como?

Pronto, fisicamente tinha frio, não estava bem, suava. Psicologicamente... sentia a letra às vezes... às vezes via a minha letra quando tinha fumado e quando não tinha sentia a letra diferente mas consegui apanhar e portanto eu decidi logo não fazer matemática e biologia era muito exigente e consegui subir tive sete no primeiro ponto, depois nove, depois pronto fui sempre subindo e fiquei com catorze. Geografia era muito fácil, acho que passei com quinze ou com dezasseis. E matemática não tive nota, nem lá ia. Prontos foi o ano em que eu... prontos no fim já estava ... precisava mesmo de fumar. Também nunca disse à Sara...

E foi isso a minha escolaridade. No outro ano matriculei-me, o verão passei-o todo a fumar sempre, sempre a fumar. Comecei a ir... quando acabou esse ano, o último ano que eu estudei, as férias grandes andava com a mota a trabalhar e nas férias fui ao Casal Ventoso as primeiras vezes com esse velho. Uma das vezes, a primeira vez... ele gastava muito dinheiro, ele era capaz de comprar vinte contos ou trinta. No outro dia já não tinha nada, fumava tudo. Tinha de se levantar cedo no outro dia e chegava lá à cave e dizia-nos que às onze horas ia para a cama... a mulher é que ...prontos fazia trinta por uma linha, a mulher chegava lá dizia para ele ir tomar café,

chamava-o ele abria a porta, dizia para nós fazermos barulho com as coisas para fingir que estávamos a trabalhar e ele estava a fumar a dizer à mulher "já vou e tal" e não sei quê prontos gozava muito com a mulher, já rressacava mesmo à brava, ele, também já tinha mais idade que nós. Nós todos começámos a ter muita inveja quando ele tinha e quando não dava e escondíamo-nos para fumar e o grupo desintegrou-se, começou-se a desintegrar, nunca mais saímos, eu tinha a Sara mas, sempre tive a mania de ter... também tinha muita procura lá na escola, havia sempre miudas disponiveis e quando ... nem sempre eu rejeitava muito, mas quando gostava, quando me atraía era infiel temporariamente, nunca me liguei a outra pessoa e com a droga acho que comecei a ligar menos, tinha a Sara e era a Sara e não entrava. Mesmo nas motas criei a ilusão de juntar dinheiro, foi quando eu comecei a ir ao Casal Ventoso e não sei quê. Criei a ilusão de deixar a droga e comprar uma mota para correr que eu não tinha mota, tinha a mota do trabalho e não podia correr com ela.

Q- O que é que tinha acontecido à sua mota?

A minha mota vendi-a. Tinha-a vendido ao Miguel porque já estava... eu já estava... já tinha aprendido tudo o que podia aprender desportivamente com ela, já tinha corrido com ela e toda a gente dizia e eu sentia que precisava de uma mota maior, para criar, para crescer um bocado a andar de mota. E prontos criei aquele mito, olha aproveito agora vou fumando mais e começo a vender. Comecei a vender um bocado depois, já não estava nas aulas, comecei a ir ao Casal Ventoso comprar, comecei a vender lá no grupo de amigos. Tinha perdido um bocado a minha posição lá no grupo de andar bem de mota e não sei quê, era muito procurado agora para comprar e eu servia bem e aquelas coisas todas do principio de dar e sobrar, levei muita droga e era muito procurado e ficavam-me a dever dinheiro, esse próprio velho começou a ter pouco dinheiro e chegava ao dia 20 e começou a ter contas lá no merceiro, eu comecei-lhe a emprestar dinheiro, pronto foi um bocado isso, criei muito a ilusão de juntar o dinheiro para comprar a mota e largar a droga, só que depois quando tive o dinheiro caí com a mota lá do emprego, parti a perna a família toda soube, a minha mãe chegou-me a apanhar uma meia grama eu dei-lhe a volta a dizer que era do velho, porque ela sabia que o velho se drogava.

Lembro-me que quando ia ao Casal Ventoso comprar, era um casal que tinha uma mercearia pequenina, e eu entrava lá para dentro e a maior parte das pessoas chegavam ao balcão onde havia a caixa e compravam ali e eu entrava lá para dentro

e ela estava almoçar e eu sentava-me ao pé dela... prontos a droga era uma coisa à parte um bocado ela gostava de mim eu também ... servia-me bem e não sei quê e eu também gostava dela, de ir lá comprar às vezes. Prontos, sempre com a mota, de mota e a trabalhar. Deixei de fazer desporto completamente.

Q- O Luís tomou a decisão de deixar de estudar, nessa altura?

Não. Eu queria acabar o décimo segundo. Não queria mais que o décimo segundo mas queria acabá-lo. Tinha as matemáticas para fazer... Entrei para a escola, no outro ano. Mudei de escola, fui lá para uma escola em Sintra... matriculei-me, comecei a ir outra vez ao décimo primeiro e ao décimo segundo, ao décimo segundo deixei logo de ir, vi que era difícil. Já fumava. Lembro-me de estar sempre a fumar ,no carro. Foi na altura em que eu vendia muita droga, fumava sempre no carro, já não punha em causa estar-me a sentir diferente nas aulas... ía sempre, tinha sempre heroína. Comecei a ligar muito ao décimo primeiro, queria fazer o décimo primeiro.

Foi quando tive o acidente. Estive lá o primeiro período, tive o acidente no Natal, nunca mais lá pus os pés, parti a perna, estive seis meses de gesso. Prontos, foi muita coisa junta, a droga toda com o acidente e...muita coisa... Quando tive o acidente já queria parar, já sentia muito as ressacas, não psicológicamente... sentia que aquilo era mau mas... não me sentia como me sinto agora, as coisas assim... a tristeza, os sentimentos... sentia-me diferente, sentia-me mal, mesmo com a Sara, na cama, prontos, comecei a ver que me afectava muito... Comecei também a sentir que não tinha tanta destreza na mota, era um bocado mais... prontos... uma bocado mais... e por acaso consegui parar de vender, antes de ser agarrado pela polícia ou... Parei de vender mas não parei logo de consumir. Parei de vender porque tinha sempre muitas pessoas lá à porta... quase que me acordavam, andavam sempre de volta da casa, o "velho" estava muito dependente, tocava-me muito à porta, de manhã, a minha mãe ficava assim um bocado... já desconfiava. Quando me apanhou uma meia grama uma vez no chão começou a desconfiar mais. E era uma bandeira, aparecia lá mesmo doente, com ar de doente logo de manhã, via-me a mim... ele fazia força e tal, para dar bom aspecto, pedia para me acordarem, sabia que eu ía para o trabalho às nove, mal eu ía à porta e dizia "oh pá, Jorge, eu ainda nem lavei a cara, nem nada, podes esperar um bocado?" e tal...ele "Eh pá, estou muito mal" e contorcia-se todo, eu lá saía, às vezes nem tinha comigo, ele não conseguia ir trabalhar, eu metia-o no carro, pedia o carro lá na empresa, dizia que estava

constipado e não podia ir de mota, emprestavam-me um Renault 5 que havia lá e fazia o trabalho de carro. Levava-o comigo para Lisboa no carro da empresa e íamos logo ao Casal Ventoso, para fumarmos. Eu sabia que ele se injectava, e que já se tinha injectado e pensava: "se isto é bom, injectado deve ser...", mas eu nunca... nunca quis. Ele também nunca se injectou à minha frente... havia lá uma ou duas pessoas, já mais velhas, mesmo toxicodependentes, lá no bairro, que às vezes iam lá a casa e se injectavam. A muito custo... ninguém gostava, toda a gente fumava lá... e eles injectavam-se muito pouco... eram mal vistos por isso.

Pronto esse trabalho com a mota... Comecei a trabalhar com a mota...

Q- A fazer o quê?

A distribuir, era estafeta, ia aos correios, ia levantar dinheiro, comecei a andar com muito dinheiro comigo. Pronto... o trabalho primeiro ganhava... sessenta contos, para aí, sessenta e cinco contos. Era lá mesmo ao pé de minha casa, chegava sempre atrasado ao trabalho, drogava-me... E prontos, a mota... a mota andava mais e... não pagava eu a gasolina, como ia sempre fazer serviços a Lisboa, tinha de ir sempre às seguradoras, ao... todos os dias vinha a Lisboa. E prontos, ia sempre comprar e já não gastava o dinheiro todo da gasolina...

Q- Do que é que você gostava, nesse trabalho?

Gostava de andar de um lado para o outro, gostava de andar de mota, estava a juntar o útil ao agradável, estava a ganhar dinheiro de mota. Era lá ao pé de casa... entrava às nove, a minha patroa dizia que eu só tinha de estar lá às nove e meia, eu chegava a um quarto para as dez, dez horas, quando ele me telefonava lá para casa a saber se eu estava lá. Prontos, comecei a vender, também nessa altura... tinha a mota...

Q- Portanto a sua vida profissional nessa altura não era muito importante, para si?

A minha vida profissional foi muito... Eu no Verão sempre trabalhei, a partir aí dos quinze anos. O primeiro emprego que eu tive foi a trabalhar nas obras, quando tinha quinze ou catorze anos. Fiz oito dias, com um amigo de infância lá da rua, andava a limpar não sei o quê... Era trabalho assim pesado... Tínhamos catorze anos, ganhei nove contos, era mesmo no Verão, deu para comprar uns ténis... Depois a seguir fui trabalhar numa empresa que o meu irmão trabalha, em Lisboa. Nunca gostei de



Lisboa... Também era paquete. Estafeta é de mota e era paquete a pé, andava sempre nos transportes. Comecei a saber andar nos transportes e a conhecer Lisboa. Dos dezasseis aos dezassete, dezoito. Depois o meu irmão sempre deu a dica para eu ir para lá, sempre no Verão, um dia que eu deixasse de estudar podia ir para lá e subir... para operador de telex, ou uma coisa assim, ou como ele... Mas eu neguei sempre isso tudo e mal consegui esse trabalho... um amigo eu estava lá nesse trabalho da mota e tinha ido para a tropa e eu mal soube disso pus-me logo como candidato e fui para lá eu. Andava de mota, sabia andar, sabia fazer os serviços. O trabalho dava para fazer... prontos, tinha... ía lá de manhã, davam-me os serviços, quatro ou cinco coisas, ir às finanças, ir aqui ou ali. E se eu quisesse mesmo, andava mesmo a fundo naquilo, fazia o trabalho aí numa hora e meia, da parte da manhã... Prontos, era fazer os trabalhos e ir fumar, depois aparecer lá no trabalho com tudo feito, ía almoçar, vinha, fazia os bancos à tarde, havia sempre montes de coisas para depositar, cheques e não sei quê... e antes do trabalho, às quatro e meia ía aos correios pôr a correspondência da firma, era uma firma de construção civil, onde havia muito dinheiro, havia planos e projectos, eu lembro-me que andava... trabalhava muito com architectos, ía levar projectos daqui e dali. Uma vez ou outra havia trabalhos importantes, tipo levar uma coisa de muito valor. às vezes era dinheiro, outras vezes era esses projectos, garantias das seguradoras... Eu nunca toquei nesse dinheiro... prontos, tinha sempre dinheiro na minha conta... foi a única vez que tive dinheiro na minha conta. Estive lá oito meses, até ter o acidente. Já estava muito agarrado, já estava até a dar um bocado de bandeira, nunca tirei de lá nada, nunca mexi em dinheiro, trazia sempre as contas feitas. Lembro-me que uma vez a minha patroa se esqueceu de dez contos e eu disse-lhe, que tinha dez contos a mais, que ela tinha-me dado. Era uma pessoa que eu gostava, a minha patroa. Só que... era assim um gabinete pequeno, ela trabalhava com uma pessoa, era a Manuela, que também tinha filhos, era assim já mais velha e ela topava... tinha filhos da minha idade e eu sei que ela topava, puxava a conversa dos charrinhos e não sei quê e eu antes de bater, de ter o acidente com a mota, fui às Taipas.

Q- Sózinho?

Sim. Fui lá à urgência. Não sei, é... comecei a ficar muito pesado, com a Sara. Passava... por exemplo os pais dela que são do Alentejo íam para o Alentejo e eu passava lá o fim de semana em casa, estava constantemente a ir para a casa de banho para fumar. Levantava-me não tinha vontade para fazer nada, ía à casa de banho e depois saía já era outra pessoa. Prontos, aquilo começou-me a pesar muito. Comecei

a ver os meus amigos todos dispersos, a minha família também. E decidi ir às Taipas... Mas não gostei, deram-me uma data de comprimidos, aquilo punha-me completamente a dormir. Depois tive o acidente de mota e fiquei seis meses sem fazer nada. Quando tirei o gesso decidi ir para o Algarve, trabalhar, queria-me afastar daqui para ver se passava sem heroína. A minha família não gostou mas deixaram-me ir. Eles nessa altura já sabiam que eu fumava.

Pronto e lá no Algarve tinha o trabalho de barman. Logo que pude comecei a... tinha muita vontade de guiar e não tinha mota... havia lá uma carrinha, lá na empresa, para ir buscar as pessoas ao trabalho. No Algarve não há transportes nenhuns... o motorista era um miúdo novo, começou a bater com a carrinha e eu, quando soube que o iam despedir ofereci-me ao patrão. Prontos, estava-me a ver com ... tinha largado o gesso aí há um mês ou dois e estava outra vez a conduzir, não sozinho na mota mas estava a conduzir com montes de gente. Prontos... pessoas... a maior parte pessoal novo, mas havia tipo a cozinheira, que era uma mãe de família... pessoas mais velhas, era preciso um certo respeito, cumprir horários e não sei quê. Deixei de me drogar, no Algarve, nos primeiros dois meses... Apercebi-me que havia droga, prontos... fumava haxixe mas não fumava heroína. E prontos... parece que... tinha conseguido, estava-me lá a aguentar três meses, a morar sozinho, com pessoal da minha idade. Era um trabalho que podia ter dado, mas eu comecei a ficar com saudades de Lisboa, comecei a fumar, arranjei lá uma namorada, estive lá a viver com uma miúda, um mês e tal, foi a primeira vez que estive a viver com uma mulher e... prontos... decidi vir-me embora. Primeiro agarrei-me um bocado "Já estive aqui dois meses, já provei que era capaz... Nunca bati com a carrinha lá... toda a gente batia, as pessoas que pegaram na carrinha, eu nunca batia. Era o que andava mais com ela e nunca batia. Sentia que tinha namorada em Lisboa... e tinha uma lá... tive várias, lá... e depois foi essa, essa mais tempo, era a Paula..

Vim para Lisboa, já dependente outra vez. Recebi o meu ordenado, do terceiro mês lá no Algarve, que eram cem contos, estorriquei o dinheiro todo. A Sara ficou parva. Passada uma semana ou duas apercebi-me que ela não estava a mesma, apercebi-me que ela estava farta da droga e de todo o meu insucesso. Quando eu cheguei cá o tio dela... trabalha ali nas (...), no Ministério (...), ou uma coisa assim. E o tio dela, já estava pensado... O pai dela... que eu precisava de um emprego... que eu já tinha deixado a mota por causa do acidente, pensavam que eu nunca mais queria motos... Eu não quero trabalhar mais de mota, isso não quero, mas quero ter mota. E prontos, arranjou-me um trabalho lá no Ministério e eu... cheguei cá e baldei-me ao trabalho,

disse que não queria ir. Depois a Sara... comecei a ver que a Sara não me queria e disse que queria ir... depois chegou ao dia não fui à entrevista. Pronto, houve assim uma série de coisas. Pronto, depois foi uma época muito atribulada, foi a Sara deixar-me, eu ver-me muito sozinho, sem vontade para trabalhar. Comecei a ver que tinha de fazer qualquer coisa, apesar da Sara ter-me deixado, e não sei quê. As pessoas tinham... não queriam ter pena de mim, lá em casa. E prontos... Comecei a andar com uma miúda que sempre gostou de mim e não sei quê, desde os quinze, dezasseis anos, que é a Júlia, pequenina, uma miúda... prontos, muito porreira e tal, mas eu nunca senti nada por ela, comecei a andar com ela mais para esquecer a Sara, para ter alguma coisa para fazer. Ela tinha um carro fixe... prontos, era um bocado mesmo materialismo, tinha uma casa fixe. Era amigo dela, não era mais e... prontos, não me dava prazer nenhum estar com ela. Ela viu a minha situação, e prontos, ajudou-me a largar, um bocado. Foi nessa altura que eu comecei-me a injectar...

Q- E porquê?

Por causa da Sara. Comecei a sentir necessidade quando a Sara me deixou. Não sei, acho que era para fazer birra a ver se ela vinha, se voltava. Prontos, comecei a ver a minha vida toda a andar para trás, a ver que era a droga, a droga... que tinha perdido a Sara era por causa da droga, comecei...(grande silêncio) é incrível, mas... eu não falava com esse tal velho há um monte de tempo. Ele tinha-me ficado a dever dinheiro quando eu fui para o hospital, estava-me a dever cem contos, e pagou-me assim durante um ano, andou-me a pagar o dinheiro aos cinco contos, assim eu quase a ter que chupar-lhe o dinheiro, senão ele não pagava. Foi ele... eu já não me dava bem com ele e por causa da droga começámos a sair outra vez. Ele perdeu o emprego, andámos lá a roubar na firma dele, no armazém, íamos para lá à noite, o patrão descobriu, ele metia cheques e não sei quê. Ele já estava mesmo um caos, a vida dele e lembro-me muitas vezes que ele foi a primeira pessoa que me injectou. Não tive sensação nenhuma, fiquei boé de arrependido. Eu andava a ameaçar já a minha irmã Inês, que era a que eu falava mais, que ia-me injectar e tal... não via outra saída... Comecei-me a injectar. Com cocaína. Depois essa Júlia... Foi também quando o meu pai teve a trombose... comecei-me a injectar depois disso.

E... a Júlia arranjou-me um emprego. Ela trabalhava... trabalha, acho eu, na Swissair, em Lisboa e tem muitos conhecimentos e é, era, recepcionista, telefones e não sei quê e alugava muito carros aos passageiros da Swissair e ela através de um

conhecimento arranjou-me uma entrevista para uma rent a car, no Areeiro. No Areeiro não, ali ao pé da Alameda. Eu fui lá, tinha a coisa toda arranjada... Quer dizer, eu andava sempre no Correio da Manhã, até arranjar esse emprego, andava a ver se arranjava alguma coisa sózinho, mas não conseguia, era sempre cinquenta pessoas para um posto e eu era sempre muito novo, não tinha muita experiência, apesar de ser dos que tinha mais escolaridade, para certos empregos. O meu sonho era ser vendedor. Pronto era mais por causa do carro, para andar aí um bocado à solta, carro da empresa e não sei quê...mas não consegui. Ainda entrei num curso e não sei quê, mas vi muita competição. Era para uma empresa de computadores e fax... detesto! nem o curso fiz, para entrar para lá. Depois comecei a trabalhar nessa rent a car. Foi agora o meu último emprego, antes de eu vir para aqui. Para além de biscates, os mais variados biscates que eu já fiz...Na rent a car entrei, andava a consumir, a Júlia arranjou-me o trabalho eu fui muito sujo para ela, ela mal me arranjou o trabalho, passado quinze dias de lá estar acabei com ela. Ela sentiu-se muito usada. Eu usei-a um bocado. Não sentia mesmo nada por ela. Custava-me à brava ficar com ela. Estive lá no emprego seis meses. Ao princípio... no primeiro mês andava-me a drogar. Sempre que eu podia ía ao Casal Ventoso. Começaram-me a emprestar carros, lá na firma. Fazia serviços de Aeroporto, entregar carros a estrangeiros que vinham de aviões e não sei quê. Decidi largar quando recebi o primeiro ordenado. Larguei temporariamente. Estive lá dois meses só a consumir haxixe e no fim de semana embebedava-me sempre. Foi antes de ir para o trinta seis (centro de consultas para toxicodependentes). Andava em Cascais, com apoio de uma psicóloga...

Pronto, estive lá na empresa dois meses. Nesse primeiro mês drogava-me...Tive dois meses... cresci lá dentro, deram-me responsabilidades. Havia lá uma caixa com dinheiro, que era dos recepcionistas, éramos dois recepcionistas, eu e uma rapariga da minha idade, era a Maria. Ela também ajudou-me, também era uma pessoa que... prontos, não me custava estar ali a perguntar-lhe coisas e ela ajudava-me, ensinava-me a trabalhar, apesar de ser mais nova do que eu. Prontos, consegui fazer as coisas mas sempre a ganhar uma grande raiva lá ao meu patrão. Éramos cinco ou seis pessoas no escritório, ele estava sempre a pegar muito comigo. Uma das principais razões foi porque eu... ele pôs-me lá, no primeiro dia que eu entrei disse-me... prontos, disse-me mesmo que havia muito burburinho quando ele lá não estava, as outras pessoas, a Maria e mais duas ou três, empregados de escritório estavam lá. Ele queria saber tudo o que se passava e eu tinha que lhe contar. Eu entrei para lá sempre a pensar - prontos, no meio da droga e tal - a pensar este gajo ou é uma

vítima ou é um patrão lixado. Prontos, fui conhecendo as pessoas e vi que ele era mesmo... ele tinha uma amante, tinha a mania que... era todo brasões, de família e nomes e não sei quê, snob ao máximo, estava-me sempre a fazer coisas, a botar para baixo e não sei quê. Eu fazia o trabalho bem, as pessoas diziam que eu era educado e tudo, ele dizia sempre que eu não fazia as coisas, que era mal educado e não sei quê.

Foi os dois primeiros meses depois de eu ter deixado de consumir heroína e cocaína... Prontos, era um momento... conseguia. Comecei-me a injectar outra vez, nos últimos dois meses, foi quando fui operado outra vez à perna, para tirar os ferros. Lembro-me que um dia antes de entrar para a operação - era uma operação simples mas eu aproveitei aquilo logo para me injectar, estava com medo... Prontos, era aquela coisa premeditada e depois... fazia, mesmo que já não estivesse com o mesmo sentimento ou com o mesmo medo, fazia à mesma, já estava premeditado. Prontos, comecei-me a injectar outra vez... começou a chegar o prazo do fim do contrato. Fiz um monte de força... fiz um monte de força não, fiz um bocado de força! Não me injectava todos os dias, as coisas iam dando, dava o dinheiro à minha mãe, comecei a dar o dinheiro à minha mãe para comprar o passe, e para me ir dando todos os dias. Comecei a ficar sempre com dívidas na... a pedir vales e coisas assim. Ao fim do mês ia tirar da caixa... Quando a caixa estava comigo uma semana, quando eu dava à minha colega já não pedia permissão ao patrão para meter vales, faltavam sempre dois contos... Punha a Fernanda um bocado cúmplice, até receber o ordenado. Pronto, cheguei a lá ir uma vez à noite...fiquei com o carro - aquilo havia sempre montes de carros e não sei quê, andava sempre em montes de carros. Lembro-me que uma vez deram-me um trabalho de mais responsabilidade, levar um carro ao Porto. Eu tinha saído de um concerto, no dia anterior, não fui capaz, telefonei para lá, a dizer que não ia levar o carro ao Porto... Prontos, não me motivava o trabalho... Comecei a ficar farto de Lisboa a andar todos os dias de comboio, a sonhar com a mota e nem sequer cinco contos juntava por mês. Nunca mais lá apareci.

Q- Lúcio, uma coisa que você não disse ainda é como é que começou a interessar-se pelas motas.

Pronto, quando comecei a jogar futebol e - era o meu desporto, era o futebol - esses meus amigos que eu falei há bocado, mais saídos da casca, que deixaram de estudar e andavam sempre mais a curtir e não sei quê, não tinham namoradas e gozavam um

bocado comigo por eu aos dezassete anos já ter uma namorada e "tantas míudas aí e tu cortas-te" e não sei quê, esses rapazes, prontos criaram muito uma ilusão em mim, essa cena da gente querer ir para o deserto e coisas assim, nunca tinha... Comecei a ver a diferença, um bocado, sei lá, coisas diferentes... E lembro-me, quando comecei a fumar charros, havia um grupo um bocado idêntico a nós, e com gostos assim um bocado diferentes, mais claros, lá na mesma zona, em Mem Martins... que tinha motas, na altura... O meu irmão também teve motas, quando eu era pequeno, valorizei-o por isso, sei lá, sempre gostei. Para já roubava o carro à minha mãe, adorava sempre, desde pequeno queria saber guiar, porque ele sabia guiar, aos treze anos, eu a partir dos doze anos já não me calava, tiveram que me pôr ao volante, eu não sabia mexer naquilo, pronto, foi mesmo à força. Depois comecei a roubar o carro, para aí aos quinze anos, não levava o carro para longe mas levava assim para zonas pouco... onde não havia polícias e andava sempre... Aos dezasseis anos já guiava muito bem, mesmo. Depois a mota foi aos dezasseis anos, lá nesse emprego de Verão... dei metade, o meu pai deu outra metade... comprei a primeira mota, uma acelerazita, depois houve aquela coisa com a Sara... Pronto, depois essa motita trouxe-me logo um monte de coisas, toda a gente dizia que eu andava muito bem, que isto e que aquilo. Comecei a cair, logo com essa mota e houve uns jogos que eu não pude jogar porque estava com feridas e não sei quê e a coxear, mas fiz a última tentativa com o futebol... foi vir aqui ao Belenenses, numa altura já tardia para a selecção de jogadores e não sei quê... eles já estavam com quarenta jogadores e prontos e não deu. Eu meti mesmo a coisa dessa maneira: olha, não deu no Belenenses não jogo mais futebol e deixei o futebol.

Q- Porque é que escolheu desporto, na escola?

Por causa dos meus amigos. Era, mais o B., mas era também João, não tem tanta força, mas éramos os três, já andávamos nos mesmos anos há... O que eu acho é que... eu apercebi-me disso no décimo primeiro, era uma coisa que eu escolhi muito cedo eu apercebi-me disso dois anos depois.

Q- Em que é que você era bom, na escola?

Prontos, eu comecei com dificuldades no Inglês e depois gostava muito de Inglês, Biologia, sempre gostei muito de Biologia, História, depois com o evoluir Filosofia. Nunca gostei de Química nem de Matemática. Se eu continuar o meu curso tem de ter Matemática e Química e Desporto, pelo menos.

Q- E quais foram as aspirações que você foi construindo ao longo deste seu percurso?

Pronto, eu... em minha casa sempre... o meu irmão Pedro sempre me tinha dito... não tem curso, sempre que eu andava um bocado mais a abanar nas minhas notas... não sei, um bocado por pressão da minha mãe, ou mesmo ele, dizia-me sempre "olha para mim e vê, aquilo que eu trabalho e aquilo que me custa e tal, e vê os teus irmãos, não sejas parvo, tu estuda" e eu não sei, como lhe dava sempre muito mais valor a ele do que aos outros meus irmãos, acho que ele gozava mais a vida, ou pelo menos a adolescência, teve montes de histórias com os professores, de ir para a rua, de meter a mota dentro da sala, coisas assim... e prontos, cheguei a um ponto que... ele tem o quinto ano, o nono, para aí e a partir do nono prontos, já estava em igualdade. Depois com a droga confundi tudo, acho que podia ter ido mais longe. Mas a droga meteu-se logo a partir do décimo, décimo primeiro, comecei-me a drogar, um bocado na brincadeira, mas depois... Mal me tornei toxicodependente não me aguentei na escola, nem pouco mais ou menos. Mas era o décimo segundo, que eu queria.

Q- Você nunca projectou o futuro?

Sim

Q- O que é que projectava?

Em relação à escola?

Q- Em relação à sua vida toda.

A minha vida profissional... prontos, eu só queria o décimo segundo, depois comecei a ver o trabalho de vendedor, não era preciso muita escolaridade e ganha-se bem.

Q- E ao longo desse caminho quem é que encontrou?. Houve algumas pessoas que foram mais importantes para si?

Prontos, eu recordo sempre as pessoas todas, ao longo... Até da primária, mais ligado lá à minha zona, que cresceram comigo, da minha idade. A maior parte delas, prontos, deixaram qualquer coisa, que ficou. Esse meu amigo e meu colega da segunda classe, que eu não me esqueço. Até... Pronto, mas também sinto muito a mudança de escola, principalmente... do nono para o décimo e da primeira classe para a segunda.

Q- Aí mudou de escola?

Mudei. E chorei mal entrei. Tive uma cópia, ou não sei quê, os outros estavam mais preparados, eu não consegui.

Q- Porque é que mudou?

Porque era mais perto de minha casa... Mas eu queria uma vida muito fácil, muito à pala dos meus irmãos, o décimo segundo bastava-me. Prontos, gostava muito de Psicologia, estava dentro do meu curso de Desporto. Comecei a pensar: "talvez me encaminhe", mas nunca me empenhei. Gostei muito da Psicologia do décimo ano, depois tinha facilidade, tinha que estudar um bocado, era exigente, mas eu tinha sempre notas porreiras. Foi o ano que estive com a Sara, também... Mas achava muito que se as coisas se complicassem ia ter um emprego que caía do céu, com os meus irmãos, principalmente o Jorge. Muito à base do que o meu pai me dizia. O meu pai, pronto, dizia para eu estudar, mas sentia que ele remetia tudo para os meus irmãos e eu também remetia isso... no fundo também remetia isso. Eu agora, depois da perna e não sei quê, tive necessidade de ter um trabalho e as pessoas se preocupavam um bocado com isso, ele virava-se, assim zangado, quando estava mais zangado e dizia: "o que é que anda a fazer o teu irmão e o teu cunhado?". O marido da minha irmã Carla tem uma posição boa e não sei quê e conhecimentos, até arranjou agora trabalho à minha irmã... prontos, eu vivia muito com isso. Quando arranjei o trabalho com a mota foi um bocado "oh pá, eu drogo-me, estes gajos nem vêem nada, eu arranjo trabalho e divirto-me. Eu tenho namorada, vou ter filhos, vou curtir à brava, não preciso deles".

Q- O que é que você considera como sucesso na sua vida?

Sucesso? Eu não vejo muito sucesso. Foi pouco o que eu tive...



Q- Mas vê algum?

Vejo. Vejo. Em termos de escola?... Vejo a minha relação com a Sara, até me ter tornado toxicodependente, podia ter resultado... Vejo... sucesso... prontos, vejo esse meu descobrir que a minha área era outra, que me podia ter estimulado muito mais, se tivesse ido para outra área, se não tivesse ido um bocado atrás desses meus colegas. Sucesso... não sei, assim... a mota, gosto de andar de mota, tenho muito medo de ficar paralítico, mas não deixo de ter o sonho.

Q- E insucesso?

Ter perdido a Sara. A droga. Ter desistido de tudo... Depois a droga... está no meio... mesmo dos meus sucessos e insucessos, está no meio...

Q- Qual foi o papel dela?

A princípio acho que era... assim uma varinha mágica, ao princípio. Dava alegria, união, estar num grupo, não ter de sair do mesmo sítio para viver um monte de coisas... Agora o que foi mais forte ainda foi injectar cocaína... passava-me completamente... já andava degradado, mas deu-me montes de vontade de me andar a drogar a vida toda, a cocaína. Quando penso nisso agora foi a droga que me deu mais prazer, a cocaína, foi a droga que eu usei nas recaídas, parece que me esquecia do que está para trás da cocaína...

Primeiro era isso, era a felicidade assim imediata, o equilíbrio, conseguir ser mauzinho...

Q- Mau?

Fazer coisas más, a droga ser uma coisa má na sociedade e eu estar contra a sociedade e achar que aquilo devia ser contra a sociedade. Contra isso de estudar tantos anos... Começou-me a partir a cabeça... "Filho tens de ser doutor". Nunca me disseram isso, filho tens de ser doutor, mas parece que eu lia as coisas no ar. E prontos, a droga depois é... é completamente o inverso, é a degradação... estraga tudo.

Q- Acha que a sua família esperava de si que você fosse doutor?

Não... pronto, um bocado... O meu irmão Pedro... não sei... toda a gente me dizia "estuda, não sejas burro, olha o que vais sofrer, depois não penses que a vida é coiso, agora tens tudo", o meu irmão Pedro estava-me sempre a dizer, achava mal o meu pai dar-me tanto dinheiro ao fim de semana, achava mal o meu pai dar-me motas... ter contribuído para isso. Eu sentia uma diferença, entre o Pedro e os outros, uma diferença económica, mas... prontos. Apercebi-me também há pouco tempo que a Sara, no fim, antes de acabarmos, consegui dar-lhe a volta, ela já estava muito mal, dei-lhe a volta, ela... pronto, era aquela coisa de trabalhar com o tio dela, quando eu vim do Algarve e ela disse, eu já não me lembrava: "tu prometeste-me, não estudaste por causa da perna, mas que te matriculavas". Eu prometi-lhe, que me ia matricular, para acabar o décimo primeiro e o décimo segundo. E senti que isso tinha muito peso. Para ela não tanto, que a gente falava muito dela ser doutora e eu ter o décimo segundo ou quase o décimo segundo e não havia de ser uma barreira e tal e não sei quê, mas... agora no fim era muito uma barreira. Os pais não sabiam que era droga, mas o meu insucesso escolar, a queda da mota, eu não conseguir estar muito tempo no mesmo trabalho... havia mal em mim, não havia bom futuro.

Q- O que é que acha que aconteceu na sua vida? Houve algumas coisas importantes que a fizeram mudar?

Não sei. Primeiro, até aos dezasseis anos estava tudo muito bem. Mesmo no oitavo ano que eu chumbei, eu via as pessoas mais más para mim, mesmo lá em casa ou a porem muito a vista no meu insucesso e não. No início da minha juventude, dezasseis anos, sentia as coisas muito fáceis. Passava mais ou menos sempre, só tinha chumbado uma vez, jogava muito bem futebol, via um emprego com muita facilidade, quando havia uma coisa difícil na vida empenhava-me e conseguia. Preocupava-me um bocadinho tinha a coisa. Prontos, sempre que chumbei, no oitavo e no décimo, no primeiro período decidi, vou chumbar, levo isto a troçar. Vou desestabilizar... Depois no outro ano era capaz de gozar mais e fazer... De ter mais alegria, felicidade e passar o ano. Aconteceu no oitavo, tinha prazer em fazer as coisas.

## **Manuel**

### **Questão inicial:**

O Manuel tem 27 anos e há todo um percurso de vida que fez até hoje. Gostaria que me contasse esse percurso de vida, em particular no que diz respeito à sua vivência escolar e também às suas experiências profissionais, que me falasse das aspirações que foi construindo ao longo desse trajecto; dos seus sucessos e insucessos e também de como se insere o consumo de droga e mais tarde a toxicodependência nesse contexto do seu percurso escolar e profissional.

A ideia é que vá falando livremente das coisas que lhe vierem à cabeça a partir desta questão.

### **Narração do Manuel:**

O meu percurso escolar foi longo, acho que preencheu a maior parte da minha vida. Prontos, nunca chumbei... só chumbei uma vez, ou por outra, duas vezes, foi no décimo segundo, foi depois... quer dizer, desisti, no terceiro ano, que era o último ano da universidade. E o décimo segundo que chumbei também desisti, não estava... pronto, havia uma disciplina que era matemática, que eu de principio não acompanhei e pronto, não ia conseguir passar, então desisti. Passei só a Inglês, que era aquela que eu gostava de estudar e deixei ficar, para fazer depois, as outras duas.

Pronto, eu desde pequenino que nunca tive grandes dificuldades nos estudos. Prontos, eu lembro-me que até à quarta classe andei sempre num colégio particular, lá ao pé (de casa), não era muita gente e eu era sempre o melhor aluno. Na quarta classe era o segundo melhor aluno, tinha sempre dezoitos, dezanove, alguns vintes, fiz o exame da segunda classe, na altura fazia-se e tive vinte e depois o exame da quarta classe também com vinte.

Depois entrei para o liceu... Pronto, em todo este percurso, apesar disso, nunca me esforçava muito para estudar, as coisas eram com uma certa facilidade, tem um bocado a ver com aquilo que eu lhe disse, atinjo facilmente um certo nível mas... A par disso o meu comportamento era sempre mau, sempre com problemas, a nível

disciplinar. Embora aquilo fosse um colégio tipo familiar e as coisas se resolvessem bem, desde cedo que eu comecei assim. Depois passei para o ciclo.

Q- Que tipo de problemas?

Não era nada de especial. Sei lá, andava à pancada no recreio, pronto, portava-me mal nas aulas, mais ou menos, era assim um bocado irrequeto, não houve assim grandes problemas. Mas quando passei para o ciclo preparatório, era o centro das atenções pela negativa. Pronto, deixei de ter as boas notas que tinha, porque também não estudava, não estudava mesmo, pronto antes dos pontos dava uma vista de olhos para chegar lá e ter uma nota mínima, que era o suficiente, geralmente não tinha muitos bons. E era sempre dos mais mal comportados, estava sempre na rua, quase todas as aulas, mais ou menos, até ao limite de faltas. Logo no primeiro ano não, mas no segundo ano fui logo suspenso, dois dias, acho que foi por riscar faltas no livro de ponto, que a professora de matemática, que era muito má, tinha posto faltas a vermelho e eu fui lá riscar as faltas e claro, fui apanhado, é evidente. Os meus pais tiveram que ir à escola e fui suspenso. Pronto, era sempre o mau da aula, e estava sempre na rua, e estava sempre a dar baile aos professores e a mandar bocas e...pronto, andava sempre nessa roda viva. Havia sempre um grupo que era o que fazia porcaria. Lembro-me que nessa altura havia... a escola era ao pé da minha casa e eu moro ao pé da mata de Monsanto e havia grutas na mata de Monsanto e a gente com doze aninhos íamos para o supermercado roubar lanternas para ir para lá, para as grutas, explorar aquilo. Aquilo era um bocado perigoso, mas pronto, era este espírito de aventura, que eu também tinha e que aquele grupinho tinha.

A relação com os meus pais era mais ou menos. O meu pai sempre se preocupou muito com a escola e com o sucesso escolar e puxava por mim, obrigava-nos a estudar e marcava: "tens de estudar daqui aqui" e perguntava e.... porque havia algumas disciplinas que eu não estudava, andava sempre a jogar à bola de um lado para o outro, às tantas... sei lá... eu andava na escola porque o meu pai queria, quando era pequenino, no ciclo... pronto, toda a gente andava na escola. É evidente que eu não pensava sequer em trabalhar ou arranjar outro tipo de vida, mas o que é certo é que eu não me esforçava nada, prontos às vezes podia lá estar e pensar "ao menos se estou cá esforço-me", só que eu deixei de me esforçar. De estudar. O que é certo é que a matemática, com essa professora, tinha sempre negativa. E o meu pai no terceiro período disse: "Acabou, tens de começar a estudar" e obrigava-me a

estudar. E o que é certo é que a partir daí comecei a ter boas notas a matemática, a ir ao quatro.

Depois fui para o liceu, que era um anexo do D. Pedro V, pronto e a rebelião continuou, a confusão continuou. Havia sempre um grupinho que era terrível e quando não havia eu fazia-o, arranjava maneira que aquilo se tornasse um pagode. Nessa altura, comecei mais ou menos a fumar, um bocado naquela de impressionar, não é... toda a gente fumava... e comecei a roubar dinheiro aos meus pais. Dinheiro para comprar tabaco e pronto, para gastar à vontade, roubava quinhentos paus e dava para montes de coisas. Ía para as motas, íamos jogar às máquinas. E pronto. Em termos de escola em si, de aproveitamento, passei. Estou-me aqui a tentar lembrar de quais foram as disciplinas que eu tive mais dificuldade... pronto, cheguei a ter cinco a francês, no segundo período, acho que era o melhor aluno a francês, só que depois no terceiro período encostei-me à sombra da bananeira, embora tivesse média mais ou menos de quatro menos, a professora deu-me três, para me castigar por me ter dado o cinco no segundo período e eu não saber aproveitá-lo. Pronto, mas eu não fazia nada por aquilo, era capaz de chegar a casa e queria era jogar à bola e andar de um lado para o outro, ir para casa de uns e para casa doutros, sei lá...

Pronto, aí nesse liceu não sei se cheguei a ser suspenso. Se não fui estive em risco de ser, por me meter com as raparigas, era um terror, eu e outro andávamos sempre a meter-nos com elas e a directora de turma chamou o meu pai à escola. Agora por falar em raparigas, eu só comecei a interessar-me por raparigas assim mais ou menos, sei lá, namoradas, eu ficava um bocado acanhado. Outra coisa, quando andava na primária, havia lá duas raparigas que gostavam muito de mim, andavam sempre atrás de mim, e eu não lhes passava cartão nenhum, nem sequer eram giras. E havia outra que eu gostava mesmo, só que essa não me passava cartão a mim. Foi uma frustração para mim, não conseguir... Pronto, eu depois também não conseguia fazer os movimentos, não sabia como é que havia de fazer. Depois, no ciclo, havia lá sempre umas raparigas que gostavam de mim, e andávamos sempre a jogar ao bate pé, essas coisas, andávamos aos beijinhos. No liceu arranjei uma namorada, que era das namoradas mais bonitas do liceu, só que eu era tímido, não sabia como é que havia de fazer as coisas. No terceiro ano, no sétimo unificado andei a meter-me com as raparigas e depois tive lá essa namorada, só que eu queria era andar na cobiada, não queria estar ali com a namorada e não sei quê, pronto, não tinha muito interesse. E nesse liceu acho que não fui suspenso, embora os problemas disciplinares continuassem e andava sempre na rua e a fazer porcaria. Acho que

arranjava sempre facilmente um grupo de amigos, que eram aqueles mais baldas como eu, rejeitava os outros, os certinhos, aqueles que estudavam e que se esforçavam e que eram certinhos, eu rejeitava-os, pronto, nem sequer ligava, eram meus colegas, mas eu praticamente não falava com eles e no ano a seguir, se os encontrasse e eles não fossem da minha turma nem sequer lhes falava, nem sequer me importava com isso.

Ao mesmo tempo, a educação que os meus pais me deram foi mais ou menos rígida. Pelo menos em Lisboa, tinha que andar sempre... eles tinham de saber sempre o que é que eu andava a fazer, com quem é que andava. O que eu geralmente fazia era estar na rua onde morava, lá com os meus amigos da rua, andava sempre a jogar à bola. Só que tudo o que fosse sair dali da zona para ir para qualquer lado era difícil, os meus pais diziam que não... Então comecei a mentir, a fazer as coisas sem lhes dizer. E o meu pai foi coisa que nunca gostou, foi de mentiras, só que eu estava-lhe constantemente a mentir, para poder fazer as coisas... andar por aí. Claro, depois tinha os castigos. A minha mãe batia mais, o meu pai era mais os castigos, embora também me desse uns tabefes. Com a minha mãe as coisas foram bastante difíceis. Lembro-me de apanhar muitas tarefas dela. Ainda quando andava na primária, lembro-me duma vez, duma tarefa que ela me deu por eu ter ficado com uns trocos, sete e quinhentos, talvez, naquela altura... dava para comprar um gelado e comprei um gelado e ela perguntou-me pelo dinheiro, eu não sei lhe menti ou se lhe disse que tinha comprado um gelado, sei que apanhei uma tarefa daquelas, pôs-me piri-piri na boca e não sei o quê... Prontos, os meus pais... sempre senti uma certa protecção do lado do meu pai, o meu pai a tentar parar a minha mãe, porque a minha mãe é uma pessoa que se irrita com muita facilidade... e... prontos, era mais comigo porque entrava muito em choque com ela, não sei se também a desafiava, porque ela... eu sentia que ela abusava um bocado da autoridade que tinha, do poder que tinha sobre mim e... prontos, eu às tantas respondia-lhe, não lhe tinha respeito, à medida que fui crescendo, fui-lhe fazendo frente... Eu respeitava-a como minha mãe, sei lá, era incapaz de lhe levantar a mão ou fazer qualquer coisa desse tipo, mas não permitia que ela me batesse, agarrava-lhe nas mãos, prontos, enfrentava-a, levantava o nariz. Quando comecei a crescer era diferente, mas quando era miúdo era de colher de pau, era de chinelo, sei lá... O meu pai às vezes dava-me razão a mim, porque havia alturas em que a minha mãe não tinha razão, quando me batia, e o meu pai às tantas parava a minha mãe, isso enfurecia-a e às tantas era capaz de me dar mais poder a mim, porque via que o meu pai estava do meu lado. E sempre vi o meu pai um bocado como o bom da fita e a minha mãe como a má da fita. O meu

pai era também quem me dava o dinheiro, a minha mãe raramente me dava dinheiro. O meu pai é que autorizava que eu saísse ou não, a minha mãe dizia sempre "vai falar com o teu pai", o meu pai não queria decidir e mandava-me falar com a minha mãe, mas a minha mãe nunca decidia, o meu pai às vezes ia-me dar por exemplo quinhentos paus e a minha mãe dizia "isso é muito". Pronto, a minha mãe estava-me sempre a cortar e o meu pai... pronto, às vezes ia um bocado nisso. A minha mãe é uma pessoa que tem um sexto sentido muito apurado, é muito desconfiada, o meu pai já não é tanto, é um bocado como eu, despassarado, acho que confia nas pessoas, ou faz um esforço para confiar... pronto e a minha mãe é muito emotiva e expressava os seus sentimentos muito facilmente, fosse o carinho ou a zanga, o ódio, sei lá... Pronto e o meu pai é uma pessoa que esconde as emoções, esconde muito as emoções, não gosta de mostrar que está a sofrer. Na relação que eu tive com o meu pai... sei lá... acho que ele sempre soube que eu gostava muito dele e eu sempre soube que ele gostava muito de mim, embora ele não o demonstrasse, não fosse de dar muitos afectos, não fosse muito efusivo... eu também não era assim com ele, pronto, lembro-me de brincar com ele, de ele me levar a passear e... é um bocado como eu sou com todas as pessoas: gosto das pessoas mas não entro muito nelas, não deixo que elas entrem em mim. Embora eu goste dessa pessoa e saiba que ela gosta de mim... pronto, ele nunca se expôs muito comigo e eu também nunca fui capaz de me expor com ele... Sempre que havia chatices ele tentava não perder a cabeça, tentava manter a calma, telefonava-me, dizia-me que queria ir almoçar comigo ou dizia "preciso de falar contigo" e pronto, eu já sabia que ele tinha descoberto alguma coisa... e tentava falar comigo, perceber porque é que as coisas tinham acontecido... pôr as coisas em claro antes de falar com a minha mãe, fosse o que fosse... tentar resolver as coisas. Só que eu nunca fui capaz de corresponder áquilo que ele esperava de mim.

Q- O que é que pensa que ele esperava de si?

Sei lá...o que ele queria era que eu traçasse uma vida certa, com aproveitamento na escola, queria que eu fosse alguém... o objectivo dele foi proporcionar-me as ferramentas para eu conseguir ter uma vida digna, como deve ser, como a dele... por isso é que ele investiu tanto em mim e no meu irmão. Acho que ele fez tudo para que eu pudesse ser feliz... eu não consegui... ele também não conseguiu... e agora está no estado em que está... (o pai do Manuel está gravemente doente).

E pronto, a minha vida foi decorrendo assim, em que eu fazia o mínimo que me era exigido, que era estudar... eu só me interessava era passar... às tantas o meu pai costumava-me dar uma prenda de passagem, a mim e ao meu irmão... E há aqui outra coisa com o meu irmão: a minha relação com o meu irmão. Acho que sempre houve uma relação de grande competição entre nós os dois, a nossa diferença de idade é muito pouca, é de 22 meses. Isso quando era pequenino notava-se um bocado a diferença, mas fomos crescendo e essa diferença foi-se esfumando... pronto e o meu irmão agora, fisicamente, embora tenha algumas parecenças é diferente de mim, tem cara de miúdo, diziam que ele tinha cara de menina quando era pequeno e pronto, acho que eu sempre senti que ele era o preferido da família, que as atenções se voltaram muito para ele. E sempre me senti o mal amado. Toda a gente achava que eu era mau aluno... E as coisas que eu fazia, não me portava bem, só fazia asneiras, desencaminhava-o a ele. A minha mãe conta uma história, duas histórias, quando éramos muito pequeninos. Eu devia ter para aí quatro ou cinco, nem sei se tanto, em que a minha mãe foi encontrar a mim e ao meu irmão na varanda, eu a dizer "atira António, atira António" e ele estava com bananas ou laranjas, ou o que era, a atirar para cima dos carros e eu ria-me e dizia "atira António". A minha mãe gostava de contar isto e cada vez que contava eu ria-me imenso. Havia outra em que eu tinha mandado um relógio do meu pai para a sanita ou tinha feito o meu irmão mandar... não sei. Pronto e eu sempre fui o desencaminhador, o que fazia as asneiras, andávamos os dois sempre, as asneiras aconteciam e eu é que apanhava. Às tantas eu e o meu irmão entrávamos em competição, havia sempre aquelas coisas em que um dizia "eu faço isto melhor do que tu, sou melhor que tu" e o que é certo é que começámos a crescer e eu comecei a sentir-me ultrapassado por ele... Ele tinha mais namoradas do que eu. Tínhamos mais ou menos as mesmas notas... ele às tantas começou a ter melhores notas que eu... Ele sempre foi mais certinho do que eu, mais aplicado, pronto, a relação dele com a minha mãe ele conseguia dar a volta à minha mãe, sabia levar a água ao moinho dele. Eu entrava em conflito com ela, em picardia e... a minha mãe tratava-o de uma maneira que a mim não me tratava. Eu tinha a sensação que a minha mãe preferia o meu irmão e que o meu pai me preferia a mim. Nunca senti o amor deles por igual em relação a nós os dois. Lembro-me de uma vez, estava a minha mãe e eu estava no quarto e não sei porquê comecei a chorar e dizia que as pessoas não gostavam de mim. Não sei porque é que isso aconteceu. Fui crescendo com esse sentimento. No entanto havia pessoas que gostavam de mim.



Quando passei do sétimo para o oitavo ano... Ía sempre de férias para o Algarve, todas as férias do Verão, tinha lá uns amigos também. Lá a liberdade era maior... Aquilo é um meio pequeno e a minha avó não nos controlava tanto, deixá-los fazer mais ou menos aquilo que queríamos. É evidente que o meu pai e a minha mãe diziam à minha avó para nos impôr regras e horas de entrada em casa (nós podíamos sair à noite e tudo). E lá até nem fazia muitas asneiras. Andava a jogar à bola, ía para a praia. Lembro-me que uma vez... havia lá um cinema ao ar livre e uma vez eu e o meu irmão dissemos que íamos para o jardim, que era ao pé de casa da minha avó, onde nós costumávamos jogar à bola e encontrávamos lá os amigos... e o meu irmão teve a ideia de irmos para o muro do cinema. Dava para ver sem pagar... e fomos. Claro que nos demorámos, a minha avó às tantas andou à nossa procura, quando aparecemos andava preocupadíssima deu-nos uma tarefa... e prontos, o Manuel é que foi o culpado, e o Manuel é que foi para Lisboa e o António ficou lá em baixo. Eu é que tinha levado o irmão mais novo, eu é que tinha desobedecido à minha avó, eu é que fiquei de castigo e ele não.

Por outro lado também havia os meus tios, a minha tia que é minha madrinha também. Eles tinham uma casa no campo, em que estavam lá os meus primos que são pouco mais velhos do que nós. E os primos dos meus primos, que é de outra família que não tem nada a ver comigo... é o irmão do marido da minha tia. E eles juntavam-se e íam sempre passar férias para lá, é no campo e é perto da praia e eu muitas vezes ía para lá também, passar uns dias com eles. E eu acho que sempre me senti tratado de maneira diferente deles, sempre me senti tratado de maneira inferior... eles estavam em casa, estavam lá na família, eu era o sobrinho. Acho que o meu tio era um bocado assim, a minha tia nem tanto... e mesmo os meus primos era aquela, eram estranhos, só nos víamos no Verão eu às vezes sentia-me um bocado com isso. Eles iam fazer coisas e não se importavam comigo. Depois fui crescendo. Continuava a ir para o Algarve, já não andava tanto com os meus primos, fui arranjando outros amigos. Eu gostava de lá estar... Adorava o Algarve e quando era pequenino queria ir viver para lá. Ainda hoje ponho essa hipótese. Acho que... não sei... gosto muito de estar na praia, gosto do mar... e aquilo é perto... é diferente. Pronto, o prémio era passar as férias no Algarve. Havia sempre uma prendazita e tal... mas se as coisas não corressem bem não ía para o Algarve, ía quando os meus pais fossem, porque eles também íam passar férias para lá, mas sózinho nunca ía.

Houve uma vez, também, estávamos lá com a minha avó, isto devia eu andar no sétimo ou no oitavo... não devia andar no sétimo porque eu nessa altura ainda não...

ah, não, já, já... devia ser logo no princípio do oitavo ou talvez no nono, nessa altura já fumava os meus charrinhos e fomos acampar para ao pé da praia da Rocha, eu o meu irmão mais uns amigos. E houve uma noite em que queríamos fazer uma directa e fomos para a Praia da Rocha e havia uns restaurantes cá em baixo na praia. E então nós começámos a mandar pedras para o restaurante, para o telhado, o homem vinha cá fora mandar tiros de caçadeira... claro, depois fomos apanhados, fomos todos para a polícia, o meu irmão ficou, o carro da polícia estava cheio e o meu irmão ficou... A gente chegou lá, o homem não nos tinha visto, porque o homem foi esperto, tinha-nos visto num sítio diferente, mas descaímos-nos e dissemos que tínhamos estado naquela zona onde era o restaurante dele. Então mais tarde viu-nos lá e apanhou-nos. Então quando chegámos à esquadra: "Não, claro que não fomos", o homem não tinha visto. Então a polícia voltou para ir buscar o meu irmão, ele feito parvo devia-se ter ido embora mas ficou lá à espera, e então... ah e eles interrogaram-nos separados... nós putos... sempre a dizer que não. Então o meu irmão ingénuozinho: "Então tu não atiraste? Eles já disseram que atiraram pedras" "Eu atirei, mas eles não", dizia o meu irmão. Prontos, claro... Pouco tempo depois veio o meu pai, além de ficarmos de castigo, dessa vez, apanhámos uma tarefa de todo o tamanho... o meu pai teve de pagar não sei quantos contos, um balúrdio por coisas que partimos. Apanhámos uma tarefa enorme e ficámos fechados no quarto, só saíamos... acho que nem saíamos para comer. Depois passado um dia ou dois, já a porta do quarto não estava fechada, estava o meu pai a dormir à tarde, já não sei quem é que estava em casa, mas estava o meu pai a dormir, à tarde, a minha mãe tinha saído com a minha avó, e eu disse para o meu irmão: "embora lá, vamos fugir, então o que é isto, estamos aqui fechados". Lembro-me que escrevemos uma carta, não sei se eles leram ou não... íamos ter com esses amigos que sabíamos que estavam acampados. Então partimos logo de manhã, fomos ao congelador arranjar comida... roubar comida e fugimos. Fomos para a praia da Rocha ter com esses nossos amigos. Portanto, isto era em Portimão e nós fomos para a praia da Rocha. Só que eles tiveram de vir a Portimão e nós viemos e o meu pai depois encontrou-nos, andava ali de carro à nossa procura. Entretanto, quando estávamos a apanhar a camioneta a minha mãe viu-nos, começou-nos a chamar e eu "Embora António, embora", começámos a correr feitos malucos... Pronto, depois fomos apanhados e foram umas férias estragadas. Eu era sempre o mau da fita.

Mas voltando à minha vida no Liceu, quando passei para o oitavo ano passei para o D. Pedro V. E foi aí que começou o meu percurso de drogas. Já no sétimo ano havia lá um que tinha falado disso e eu interessei-me logo, não sei porquê, acho que

sempre tive um bocado a atracção pelo proibido, o fruto proibido. Mas ele disse que custava 500\$00, na altura 500\$00 era o que eu roubava ao meu pai de cada vez e dava-me para mais de uma semana, portanto 500\$00 era muito, ele também disse que era difícil, não se mostrou muito interessado e eu também não... No oitavo ano tinha uma turma mais ou menos calminha, bastante calminha até, então era o único que sobressaía pela negativa. Nessa altura acho que era o único que fazia porcaria naquela turma. Nesse ano acho que não fui suspenso... ah, fui fui, fui suspenso por andar lá a mandar ovos e farinha no Carnaval. Eles revistavam-nos à entrada, mas havia lá um sítio que estava em obras e eu entrei por aí, para não ter de passar na porta e não me revistarem e depois o contínuo apanhou-me a mandar ovos e foi dizer à Direcção e prontos, fui suspenso. Nesta altura não me drogava. Havia lá um rapaz que eu conhecia que andava no rãguebi comigo... Ah, ainda não tinha dito, ao longo do meu percurso na escola sempre fiz desporto, pronto, jogava à bola na rua e fui para o rãguebi, já não sei por intermédio de quem, mas fui. Andei lá dois anos. Gostava daquilo. E este rapaz que andava comigo no rãguebi... pronto, havia lá uns matulões no liceu e ele dava-se mais ou menos com eles... E eu via-o muito ir sempre com uns lá para trás do ginásio... fiquei um bocado intrigado, porque achei aquilo um bocado suspeito e um dia perguntei-lhe e ele disse: "Ah, é fumar um charrinho" "Ah é?", disse eu ... e pronto, no dia a seguir já estava a comprar um charrinho para fumar.

Pronto, a partir daí todas as minhas companhias eram pessoas ligadas à droga... Eu não sei bem o que é que ia à procura naquilo, sei lá... a primeira vez que fumei não deu nada, dizem que é habitual, toda a gente diz que a primeira vez que fuma não sente efeito nenhum. Eu estava muito nervoso... eu não sabia o que era aquilo... sabia que era droga. A minha mãe, quando fui para o liceu "Vê lá, não te metas na droga...". Ela hoje diz que já sabia que eu me ia meter nisso. Nessa altura já se falava alguma coisa de droga. Não a nível de heroína, mas de haxixe. Eu em casa sempre dividi o quarto com o meu irmão, não sentia que ali alguma coisa fosse meu. A minha mãe revistava-me as roupas, revistava-me tudo, sentia que me invadia totalmente... pronto, aquilo era o meu segredo, sei lá... Fumava aquilo, ficava com uma grande pedra... Pronto, era mau, era um bocado mau, mas às tantas também me sentia superior aos outros: os outros eram os caretas, eu já não era careta. Era assim que se tratavam os que não se drogavam. E pronto, toda a gente... sei lá, aquelas pessoas que toda a gente conhecia eu também conhecia, eu também pertencia áquele grupo. Aquele grupo toda a gente conhecia, toda a gente ouvia falar e os outros

passavam um bocado incógnitos, ninguém sabia quem eram. Nós reuníamos todos, fumávamos umas ganzas, ríamos-nos um bocado, íamos para aqui e para ali.

Entretanto no Algarve um dos meus amigos com quem eu me dava muito começou a fumar na mesma altura que eu e quando nos encontrámos nas férias do Natal ele perguntou-me, eu perguntei-lhe e dissémos: "Ah já? Então olha, vamos já ali comprar". Era uma maneira como outra de nos divertirmos...

Q- E como corria a vida escolar no resto? Porque entretanto você passava, não era?

Pronto, no oitavo tinha negativa a português. Português sempre foi o meu fraco, nunca consegui ter boas notas a português. Não ligava a Português, ter de interpretar textos, não ligava para aquilo: "interprete-me lá este texto, diga lá o que ele quer dizer com isto". "Sei lá o que é que ele quer dizer", era qualquer coisa que eu não ia nada à bola com aquilo. No oitavo ano não me consigo lembrar quem era o meu professor de português... acho que era uma velha muito chata. Eu não sei, mas eu conseguia passar a Português. Eu tinha uma ou duas negativas durante o ano lectivo, mas chegava ao fim passava sem negativas. E passei esse ano. Depois, no nono ano, acho que em termos de liceu foi o ano mais maluco que eu tive. Não chumbei por faltas por mero acaso... Quando eu comecei a fumar charros o meu irmão também começou a fumar, pouco tempo depois. E o meu irmão aí... eu andava no nono e ele andava no oitavo... o meu irmão também se descontrolou um bocado, e acho que ia chumbando por faltas e os meus pais pegaram nele e puseram-no num externato. Não sei o que é que ele andava para lá a fazer... Pronto, andava na mesma vida que eu, faltava às aulas e não sei quê. E o meu nono ano... eu sei que cheguei ao fim do primeiro período e estava quase tapado de faltas a quase tudo. Estava numa turma em que quase metade eram repetentes, quase tudo mais velho que eu. Aquilo era uma cobiada pegada, não se conseguia fazer nada daquelas aulas. Tínhamos uma directora de turma de Inglês, foi o primeiro ano em que eu tive negativa a Inglês. Ela era um bocado lixada... Passava... de manhã, até que saía do liceu passava os dias quase todos no liceu, a fumar charros constantemente. Acho que foi aí que os meus pais começaram a aperceber-se que eu me drogava. Não sei bem como é que eles descobriram ou quando é que descobriram, mas foi um choque tremendo para eles. Entretanto, a partir do momento em que comecei a fumar charros acho que foi a partir daí é que me desinteressei completamente das raparigas. No oitavo ano acho que não tive nenhuma namorada e no nono ano também não. O que eu queria era andar com os amigos, a curtir. As notas... No nono dispensei do exame...

dispensei porque... a minha opção tinha sido desporto e a desporto o professor deu-me um cinco... talvez eu não merecesse cinco, ele ía-me dar quatro, mas eu falei com ele, só precisava de um cinco e três quatros. Tive um quatro a Português. Tinha um professor que era um pitosga e não via nada... Não, não foi a Português, foi a História. De História também nunca gostei: tinha de decorar aquela porcaria toda e... desde o ciclo preparatório, tive História no ciclo preparatório e nunca gostei de História, não atinava nada com aquilo. Era das coisas que mais embirrava: tinha de estudar muito, de empinar muita coisa... Ainda hoje não acho piada nenhuma aquilo.

Pronto, acho que o meu objectivo, o único interesse que eu tinha na vida era ir ter com os meus amigos, fumar um charro. Ía às aulas porque tinha de ir às aulas, porque não podia chumbar... Pronto, porque eu também não queria trabalhar. O meu pai incutiu-nos a ideia de que para uma vida de sucesso era preciso ter estudos e tirar um curso para ser alguém na vida. Embora ele nunca o tenha tirado, ele estava a tirar o curso no isef, de Educação Física e teve de desistir a meios, acho que porque partiu um braço ou qualquer coisa e acabou por não tirar curso nenhum. E ele dizia às vezes, "se não queres estudar diz que não queres estudar, vais trabalhar, vais fazer qualquer coisa, mas se estás a estudar ao menos esforça-te" e perguntava-me, muitas vezes: ""mas queres estudar mesmo?" e eu "quero, quero estudar". A vida de estudante era a melhor, não é? Tinha uma semanada que era sempre curta e tinha tempo livre. Tinha que estudar mas não estudava e pronto, andava sempre aí...

Mas voltando ao meu professor de História, ele era uma pessoa que gostava imenso de História, ele vivia aquilo, adorava dar aulas... quer dizer, não sei, porque eu não percebia nada do que se passava nas aulas. Mas ele vivia, porque começava a explicar e fazia-me lembrar um maestro a dirigir uma orquestra, porque ele punha-se com gestos e falava e vivia aquilo que estava a dizer. E depois tinha uma particularidade: para além de não ver andava sempre com a mesma roupa e deitava perdigotos. Então nas primeiras filas nunca tinha ninguém, vinha tudo cá para trás. Naquelas aulas era assim: cá atrás estava tudo na galhofa, ele não se apercebia ou não queria perceber, não sei, podia entrar naquela de eu estou aqui a dar aulas, quem quiser aproveita quem não quiser não aproveita. Mas ele como era tão distraído e ficava de tal maneira envolvido a dar a aula, a gente ía lá para o fundo, havia a janela, aquilo era no rés do chão, saíamos pela janela, porque acho que ele fazia a chamada no fim... voltávamos antes de as aulas acabarem. E ele dava a matéria toda, que dava nas aulas, em fotocópias, feitas por ele, não sei, se ele tinha uma fotocopiadora em casa. Ele dava as fotocópias... nunca gastei um tostão nas aulas de

História. Nos pontos as respostas vinham chapadas nas fotocópias. Então, resumindo, no ponto de História, nas últimas filas juntávamos as carteiras do meio, quatro ou cinco, ele não podia passar no meio porque as carteiras estavam todas juntas. Então era: pergunta um, fotocópias, onde é que está a matéria? Está aqui. Lê em voz alta. Um lia e tudo a copiar. Depois a dar as notas um tinha suficiente mais, outro tinha bom, era assim. Eu tive quatro a história, não sei como. Depois tive quatro a educação visual, que eu nunca tive geito para desenho, mas tive quatro, não sei porquê, daquela vez as coisas até me correram bem. Embora no terceiro período, também não sei porquê, tinha tido quatro no segundo período, depois no terceiro período pus-me à sombra da bananeira e tive que ir falar com ela no fim, tive que fazer um bom último ponto para subir a nota para quatro. Pronto, mas não deixou de ser um quatro mínimamente merecido. Depois tive outro quatro a francês. Não sei quanto tive a inglês, não me lembro. E tive outro quarto, não me lembro a quê. E foi uma coisa que a minha mãe nunca sonhou, foi que eu fosse capaz de dispensar, claro. Todos os anos aquilo era uma coboiada; "E vais chumbar, e vais chumbar..." Mas eu não dava grande conversa: passava sempre. Eu achava que passava sempre. Às vezes havia algumas disciplinas em que no fim estava um bocado aflito...

Ah, mas agora voltando um bocadinho atrás, estou-me a lembrar de uma situação que foi gira também. No nono ano eu tinha Física e Química também e era uma excelente professora e ela deu-me um três. E sei que durante o último período houve uma altura em que a minha mãe esteve em casa, não sei porquê, estava de férias ou de baixa ou qualquer coisa e pronto, era um amok quando a minha mãe estava em casa, não podíamos sair, tínhamos de justificar tudo o que fazíamos e obrigá-los a estudar. Pronto, eu até estudava um bocadinho para depois ir até à rua e não sei quê. Pronto e eu estudava um bocadinho por dia, não me matava a estudar e comecei a tirar boas notas. Eu fiquei... fiquei parvo... porque eu às tantas até estudava aquilo só para a minha mãe não me chatear, lia os livros... às vezes só lia um bocadinho até... Eu sempre tive muita facilidade em... quando era para estudar qualquer coisa me distraía, nunca era capaz de me concentrar a fundo naquilo que estava a fazer. Às vezes tinha mesmo de estudar, claro. Quando digo que não estudava nada... pronto, só estudava nas vésperas dos pontos e ficava aquilo tudo muito mal sabido. O suficiente para tirar positiva. E nessa altura não, estudava um bocadinho todos os dias, lia a matéria que era e não sei quê e isso obrigava-me a na altura dos pontos não ter de estudar muito, pronto e ia participando nas aulas e ia percebendo alguma coisa daquilo. Aí já tinha boas notas. Quando isso acontecia tinha boas notas. Pronto, então no nono ano dispensei dos exames. Foi uma alegria que eu tive. Foi o

meu melhor ano no liceu, foi o ano que me diverti mais, em que tive colegas muito malucos e andávamos sempre a inventar coisas e... foi giro... foi giro, eles eram divertidos. Fumava ganzas e fumava muito. A partir daí sempre fumei. Foi um espanto para os meus pais. A minha mãe então ficou super satisfeita e toda babosa. Acho que foi daquelas alegrias que eu dei aos meus pais. Mas a partir daí foi quando eu comecei a fumar charros mais a sério. Nessa altura comecei-me a dar com um colega meu que não era da minha turma. Era da turma do meu irmão e começou por ser amigo do meu irmão, ia lá a casa e o meu irmão entretanto passou para o tal colégio e eu comecei-me a dar muito com ele, íamos para casa um do outro e começámos a andar muito juntos e a fumar charros juntos. Pronto e nessa altura já os meus pais sabiam destas coisas e eu tinha que esconder tudo. No Algarve era a mesma coisa, já começava a ser problemático, pronto os amigos que eu tinha lá em baixo era a mesma coisa, andávamos sempre a fumar charros. No nono ano, em relação às namoradas também não tive nenhuma namorada e depois foi no décimo ano que eu... pronto, depois tive de mudar de liceu porque aí tínhamos de fazer nova opção e eu queria seguir desporto. Nessa altura fui fazer testes psicotécnicos para saber para que tinha vocação... fui fazer testes para saber para aquilo que eu dava e aquilo não deve ter dado nada, porque lembro-me que eu dizia que queria ir para desporto e lá a mulherzinha que me fez esses testes disse-me "sim, sim, pode ir para desporto" e pronto. Não me disse assim mais nada de concreto, que eu tinha jeito para isto ou para aquilo. Deve ter achado que eu não tinha jeito para nada ou que podia fazer um bocadinho de tudo, não sei. Eu disse então que ia para desporto. Não, isto foi no nono ano, assim é que foi.

No décimo ano era para seguir desporto, só que o meu pai veio-me com uma histórias, não sei quê, informática, os computadores, é o futuro, não sei quê... e eu lá fui na conversa dele e então fui para informática. Tive que ir para um liceu no Alto de Sto. Amaro, a Ferreira Borges, fui lá parar. Prontos e Informática foi um buraco de todo o tamanho. Para já entrei naquilo e para variar era o mais mal comportado da turma. Havia lá mais dois ou três que faziam umas asneiradas grandes e andávamos todos e era um forrobodó por causa das aulas. O primeiro teste de informática que eu tive "Introdução ao Estudo da Informática", era a história da informática e dos computadores, como é que os computadores surgiram, tirei catorze, lembro-me perfeitamente. Peguei naquilo e decorei aquela porcaria toda. Catorze! Essa cadeira era uma cadeira muito teórica. Depois havia outra... Não, essa cadeira também era a introdução à linguagem informática, binária e não sei quê. Essa parte ainda fui acompanhando mais ou menos. Só que eu às tantas ia para as

aulas e fazia quase tudo menos prestar atenção áquilo que estava a ser dito. Andava sempre para lá na cobiada e na conversa, embora com este professor eu não fizesse muita farinha, metia um bocado de respeito. E havia outra disciplina de informática, aí é que já era fazer programação em basic. Pronto era uma professora e eu mais uma vez não prestava atenção ao que ela dizia e claro, quando chegou ao fim eu não pescava um boi daquilo, nem sabia o que eram as funções, o que é que se tinha de fazer, aquilo dos triângulos e dos losangos, nem sabia o que era aquilo.

Nesse ano arranjei uma namorada. Eu ainda era virgenzito. Tinha para aí uns dezasseis anos e que raio, nunca mais arranjava uma namorada que quisesse ir para a cama comigo. Era uma frustração enorme. Eu pensava: "antes de ter dezoito anos tenho de ir para a cama com uma mulher". Meti isso na cabeça. Tinha de arranjar uma namorada que fosse para a cama comigo antes de fazer dezoito anos. Havia amigos meus, mais novos do que eu, que já tinham tido a primeira experiência... que raio, eu também queria saber como é que era aquilo, diziam que era tão bom. E então comecei a andar com aquela. Ela tinha andado, já há uns tempos atrás, com um lá da minha rua. Eu fui lá perguntar. Ele disse: "Ah, sim, sim." E eu pensei logo: "É com esta". Não era aquele amor, nem paixão, nem nada disso, mas... E prontos, demorou três meses até conseguir convencer a rapariga. Lembro-me perfeitamente que foi na cama dos meus pais. Combinámos o dia e tudo. Ela foi lá para casa. Lá aquilo aconteceu. Prontos, depois pouco tempo depois acabei com ela. Tinha conseguido aquilo que queria. Ela tinha ficado completamente apaixonada por mim, não sei bem porquê, até nem estava muito tempo com ela. Eu andava noutra liceu, ia ter com ela quando ela saía, à tarde, estava um bocado com ela antes de ela ir para casa e vinha-me embora. E houve lá um dia... porque ela andava de tarde e eu andava de manhã. E havia um dia em que eu não tinha aulas de manhã, acho eu. Havia um dia em que dava para ela ir para minha casa. E era nesse dia que nós estávamos mais tempo. Depois de eu acabar com ela, ela ficou completamente... continuou a gostar de mim. E às tantas só lá ia a casa quando eu queria. Muitas vezes ela ia para casa dela e eu ia para a minha. Tirando o tal dia em que podíamos estar mais tempo. Prontos, isto durou um certo tempo, dava-me bastante jeito.

Isto foi no décimo ano. Depois na Ferreira Borges arranjei outra namorada. Essa aí eu tinha dezasseis anos e ela tinha vinte e poucos. Tinha pedal demais para mim. Eu não tinha mesmo pedal para ela. Depois constava que ela era um bocado insaciável. Eu ficava completamente esgotado quando estava com ela... E foi assim. Mas de qualquer maneira as mulheres acho que era para mim mais um ponto de honra do



que outra coisa qualquer. Foi essa conquista de meter na cabeça que tinha de ter uma mulher antes de ter dezoito anos. Ela chamava-se Carla. Curioso, já não me lembrava, ela chamava-se Carla (a actual namorada do Manuel chama-se Carla). Depois, de qualquer maneira o que eu via nas mulheres era uma fonte de satisfação, dar-me prazer. Era uma conquista. Esta primeira Carla foi o máximo que eu andei com uma mulher, três meses e pouco. Depois consegui aquilo que queria e nunca mais andei com ninguém tanto tempo. As coisas duravam sempre muito pouco tempo. Não tinha paciência para estar com as mulheres. Acho que gostava mais de jogar à bola, andar com os amigos, passear.

Mas fui passando. No décimo ano também passei, sempre no mínimo, a fazer só o necessário para passar. Havia algumas disciplinas em que não precisava mesmo de estudar, como inglês, por causa dos filmes, da música. Nas outras fazia o mínimo, bastava-me. Sei lá, a minha vida foi assim um bocado... em termos de interesse acho que nunca... nunca me interessei por nada em especial.

Q- Para que é que tinha jeito?

Para o futebol. Havia um clube que era os Económicos, que era onde jogava um amigo meu. No oitavo ano ele tinha sido meu adversário, tinha jogado com a equipa dele e depois começámo-nos a dar. Depois havia um da minha rua que também jogava nos Económicos. E eles disseram para eu aparecer lá. Houve uma vez em que... nós treinávamos no Estádio Universitário e eles também. E uma vez nós encontrámo-nos: "Ah, estás aqui" e tal... Então um dia fui lá, prestar provas e fiquei lá. E pronto, foi umas das coisas que eu mais gostei, embora também gostasse muito de râguebi. E se calhar devia ter continuado no râguebi... Mas naquela altura optei pelo futebol. Eu gostava de ter sido profissional.

Q- Depois desistiu do futebol. Porquê?

Porque não tinha jeito. Pronto, na minha equipa, lá na escola, até jogava umas coisas, mas não era o suficiente... Mas é a minha grande frustração... não ter sido jogador de futebol. Passava horas, a jogar futebol, mesmo depois de ter deixado os Económicos. Agora ainda jogo muito, sempre que posso.

Está a ver, este foi um interesse para o qual eu não tinha aptidões...

Houve uma coisa que eu ainda não foquei, ou foquei pouco, foi o meu relacionamento com as pessoas, na minha turma. Eu andava sempre com aqueles mais mal comportados, como eu e acho que rejeitava muito os outros, até ao nono ano, chamava-lhes caretas. Depois houve a mudança de escola e no décimo ano acho que as coisas mudaram um bocadinho. Pronto, era diferente, tinha uma turma mais ou menos, engraçada e como éramos poucos, os que se drogavam, era eu mais dois ou três, relacionei-me com pessoas que não tinham nada a ver com drogas, embora soubessem. Acho que eles encaravam aquilo um bocado como brincadeira, como eu. Eu nunca tinha conseguido saber onde é que estava a cair.

Q- Naquela altura só consumia haxixe?

Sim. Mas todos os dias tinha de fumar, nas aulas e tudo, era como se precisasse de alguma coisa. E desde muito cedo, desde os meus treze anos em que comecei a fumar haxixe, o meu relacionamento foi todo feito com pessoas que estavam drogadas, praticamente... a não ser os meus pais e familiares. Pronto, mas pessoas da minha idade não havia convívio com pessoas que não fossem como eu e no décimo ano as coisas mudaram um bocadinho, mas de qualquer maneira sempre fui um bocado inseguro na relação, não sabia o que é que tinha para dar às pessoas. Acho que fugia um bocado a relações mais íntimas. Nunca deixavam de ser relações de colegas. Naquela altura até era uma turma gira e que saíam muito, fora da escola. Eu geralmente fora da escola nunca fazia programas com eles. Tinha a minha vida à parte, o meu mundo. No liceu estava muitas vezes com eles e até era engraçado, havia lá umas raparigas que me achavam uma certa piada, pelas palhaçadas que eu fazia, talvez. Eu punha aquelas aulas todas a rir com parvoíces e aquilo dava-me gozo. Acho que tem que ver com eu gostar de fazer as pessoas rir. Mas nem sempre isso acontecia... Pronto, eu gosto de rir, gosto que as pessoas que estão ao pé de mim estejam a rir, só que acho que isso se foi perdendo. Pronto, passou-se mais um ano, com algumas dificuldades a algumas disciplinas, áquelas que eram mais exigentes, tinha que estudar mesmo. Para o fim andava sempre um bocado aos aflitos. Nas vésperas dos pontos tinha que estudar muito. Muito!... um bocado. E fazia umas cábulas. Às tantas tornei-me um bocado perito em fazer cábulas, era a maneira mais fácil. Olhava para aquela matéria toda e pensava "Ter que estudar isto tudo" e era mais fácil fazer cábulas e copiar. Eu cheguei a usar as técnicas todas, em harmónio, em rolo, fazia decalques para folhas de papel em branco, depois punha o índice na carteira, numerava as folhas e punha na folha um está a matéria tal, na dois a tal. Depois ía lá e consultava e conseguia ler aquilo.

Pronto, eu hoje começo a pensar nisso e arrependo-me, arrependo-me porque sinto que levei uma vida a fazer uma coisa que ocupou o meu tempo, em que para mim aquilo era uma maneira de andar na brincadeira e de andar na boa vida, nunca assumi uma atitude responsável perante a escola. O que estava ali em causa era a preparação do meu futuro e acho que nunca pensei nisso assim. Acho que o liceu era uma maneira de eu andar divertido, de aproveitar a minha juventude. Mas pensando nisso acho que foi mal aproveitada, acho que aproveitei mal a minha juventude, sei lá... E pronto e fui passando os anos com a sensação que não sabia nada daquilo que tinha andado a aprender, foi uma estupidez perfeita. Foi assim que fui para o décimo primeiro, continuámos com a mesma turma.

Q- Continuou na área de Informática?

Sim. Depois já não dava. Se quisesse mudar tinha de desistir e repetir o décimo ano e entrar noutra área. Só que aquilo era a área C que dava acesso a Economia e que, para lá do desporto era a área que mais me seduzia, embora houvesse uma outra área que também me seduzia um bocado, só que não enveredei por ela porque dava muito trabalho, que era Advocacia. Era qualquer coisa que... Eu quando era miúdo, foi uma coisa que eu nunca falei, gostava muito de ler, comecei a ler muito cedo. Quando era puto lia os livros dos cinco e dos sete, tudo o que fosse Enid Blyton, mistério e assim, gostava imenso de ler aquilo. Depois comecei a ler livros policiais, a Agatha Christie, o Rex Stout, o Erle Stanley Gardner, tudo o que fosse assim mistério. O meu pai também gostava e tinha lá as estantes cheias de livros e houve uns que eu gostei imenso. Devorava. Não conseguia... às vezes passava a noite inteira, não conseguia deixar de ler. Lembro-me de uma vez um livro do Jorge Amado que levei a noite inteira a ler. Só que depois apareceu a era das tecnologias e surgiu o vídeo e pronto, nunca mais peguei num livro. Há montes de tempo que não leio um livro a sério. Tenho saudades, mas não tenho encontrado disposição para ler. Últimamente só encontrava disposição para ler quando estava com uma grande "pedra". Deitava-me no sofá e lia tudo. Pegava num jornal e devorava aquilo, lia os artigos todos de uma ponta a outra. Só assim é que me conseguia concentrar e gostar de estar a ler. Doutra maneira, se estivesse normal e pegasse em qualquer coisa fartava-me depressa. Era uma das coisas que eu pensava quando estava lá em casa, em Linda-a-Velha, era que na minha casa não tinha praticamente livros nenhuns. Todos os que lá tinha eram livros que levei daqui, da festa de alta, que li quando estava na Casa de Saída, Mas faz falta, livros... Costuma-se dizer que um burro

carregado de livros não é um doutor, mas... Eu nunca fui bom aluno a português, posso não ser muito bom a expressar, mas acho que me consigo exprimir de maneira a que as pessoas me entendam, com uma certa ordem, com as ideias bem ordenadas mínimamente. Pronto, também acho que não tenho muito jeito para escrever, mas que consigo e acho que aprendi isso lendo. Os meus pais eram pessoas mínimamente cultas, todo o meio onde eu nasci e me desenvolvi foram sempre pessoas com cultura, com boa formação. Mas grande parte das coisas que eu aprendi foi lendo. Era uma diferença que os meus pais apontavam entre mim e o meu irmão, era a dificuldade dele em expressar-se, pelo menos em escrever. É que ele não lia... lia menos. Eu acho que ele depois ultrapassou um bocado isso, mas houve uma altura em que em relação aos estudos ele tinha mais dificuldade do que eu. Depois aplicou-se, empenhava-se nas coisas, coisa que eu deixei de fazer.

Então fui para o décimo primeiro ano, continuava com a mesma turma, em Informática, com as mesmas pessoas, saíram os mais insubordinados, fiquei só eu. Pronto e continuei, sempre na mesma coisa. No décimo primeiro ainda entrou um novo, de S. Pedro do Estoril, que era o Rogério, que tinha uma gargalhada que eu não conseguia... sempre que o ouvia rir desmanchava-me a rir e então passava as aulas a tentar fazer com que ele se risse, ele ria-se e ria-se a turma toda, era um pagode de riso. Eu adorava estar-me a rir. Nessa altura tinha um professor de Português que também era padre mas ele era um professor exigente. Ele tinha uma maneira muito peculiar de dar aulas e tinha algumas expressões... repreendia-me uma vez e à segunda vez já dizia: " O senhorito já lhe tenho dito..." e aquilo dava-me uma vontade de rir que eu não conseguia parar. Pronto, ele era assim muito esquisito... Só que as coisas tinham de ser feitas um bocado mais de surra porque ele punha-nos logo na rua. Então uma das coisas que nós fazíamos era em pontos estratégicos da sala começarmos a fazer "hummmm" e ele não conseguia perceber donde é que vinha o som, começava a ficar completamente à toa, não sabia o que havia de fazer. Às tantas virava-se lá para um que era um artolas, que eu não gostava nada, andava sempre em picardias com ele, e mandava-o para a rua. Ele ficava todo indignado e a gente ria-se, ria-se, era um pagode desgraçado. Claro que a Português chumbei, chumbei por faltas, andava sempre na rua. Ah, não, ele podia-me ter chumbado por faltas, só que ele não me quis chumbar por faltas e não me deu nota para passar. Em relação a ler, já não sei quando havia livros obrigatórios que eu nunca lia. Um deles era os Maias... Curioso, tínhamos que ler aquilo eu não li e nesse ano passei a Português, não sei bem como. E depois até fui ler o livro, mais tarde, quando não precisava e até gostei. Gostei do livro.

Nessa altura do décimo primeiro era os Lusíadas, com aquelas tretas todas, não atinava nada com aquilo. Depois em Matemática também comecei a ter grandes dificuldades. Era uma boa professora só que... não sei bem porquê... não acompanhava aquilo. Depois ela dava-me explicações e consegui passar. Mas acho que deixei de me interessar por Matemática. Às vezes punha-me a estudar matemática, punha-me a resolver os exercícios e dava-me um prazer enorme quando os conseguia resolver. Agora quando encontrava dificuldades que me obrigava estar ali a pensar eu desistia logo. Foi das coisas que mais me tornei preguiçoso, foi a pensar. Quando era puto o meu pai comprou-me um jogo de xadrez e passava muito tempo a jogar xadrez, às vezes com o meu pai. Não sabia jogadas, nem o nome daquelas jogadas, mas gostava. Mas depois deixei... acho que me tornei... tornei-me mesmo preguiçoso para pensar. Era uma estupidez, mas não estava para puxar pela cabeça. Acho que tinha medo de descobrir que não era capaz. E a Matemática passava-se um bocado isso. Pronto, mas havia alturas em que eu tinha mesmo de puxar pela cabeça. Lembro-me que houve um teste de Matemática em que a minha professora de Matemática estava mesmo naquela que me ía chumbar e então eu passei a noite inteira a estudar, fiz uma directa a estudar, às vezes fazia muitas directas a estudar, era na última noite antes do teste, não tinha estudado nada, tinha a matéria do ano todo para estudar então tinha de passar a noite toda a estudar. E tirei positiva, nesse. Lembro-me que havia lá um exercício que eu não sabia como é que se fazia mas a partir de certa altura tinha de se fazer lá uma mudança qualquer e eu olhava para aquilo e perguntava: "como é que isto agora passa daqui para ali?", não tinha lógica, eu não conseguia encontrar lógica áquilo. Acho que decorei que aquilo se fazia assim. Saiu aquele exercício, a professora foi lá ver: "muito bem, muito bem, esteve a estudar!" e eu "Pois estive!". E passei o ano. E por acaso deu-me gozo esse teste, porque na aula anterior, deixei-me dormir, acho que era Francês... Francês sempre tive dificuldades, no décimo ano. No décimo primeiro acho que era uma professora excelente, simpática, boa professora, sabia dar os dois lados, não era tipo fera, era exigente e obrigava-nos a estudar e acho que foi por isso que eu não tirei positiva, não tinha paciência para estudar os verbos, ela estava sempre a fazer testes de verbos, tinha de se saber os verbos na ponta da língua. Pronto, mas acabei por passar a Francês, também. Eu a Línguas acho que tinha sempre uma certa facilidade, Francês é que era mais complicado, tinha muito a ver com gramática e Português, era parecido com Português e eu não tinha paciência nenhuma para estudar gramática. Economia por acaso foi sempre uma cadeira que me agradou, embora no décimo primeiro tivesse chumbado, foi aquela história da mota que o

meu pai não me quis oferecer se eu passasse o ano e só me faltava aquele teste para passar o ano e eu disse "Se não me oferece a mota eu também não vou estudar para o teste e não quero saber" e pronto, não estudei. Fazia chantagens destas sempre, deste género e depois claro, tive as férias estragadas porque no meio das férias tive de vir para Lisboa para estudar, porque tinha um exame em Setembro para passar o ano. E passei a Economia, deixei o Português para fazer durante o décimo segundo. Mas o que é certo é que eu fui sempre conseguindo passar os anos. Andava de vez em quando no arame, em risco de chumbar... mas eu acho que brincava com aquilo. Acho que era assim... eu não me preocupava, só no final é que me preocupava. Mas acho que tinha quase sempre a certeza de que ia acabar por passar os anos...

Depois, no décimo segundo ano eu senti uma certa diferença, porque... pronto, no décimo e no décimo primeiro acho que tínhamos muitas disciplinas, umas dez ou onze, ou o que era. Então a matéria por cada disciplina não era assim tanta, só tínhamos duas aulas por semana, três no máximo, nunca acumulava assim tanta matéria, e para os pontos não era assim tanta matéria para estudar de cada vez. Dava para ir mais ou menos acompanhando. No décimo segundo vejo-me com três disciplinas, era uma bacanice. Três horas por dia, um dia que não tinha aulas, que era à segunda-feira, só tinha terça, quarta, quinta e sexta de manhã, das oito e meia até às onze, onze e tal. Então aquilo era uma bacanice. Tinha as tardes inteiras livres, não tinha aulas à tarde. Só que eram quatro horas por semana de cada disciplina. Então a matéria era muito maior. Dava-se muito mais matéria de cada vez e para os pontos era montes de matéria. E eu, quando dou por mim nos primeiros pontos, já tinha montes de coisas para dar e eu não percebia nada daquilo porque não estava com a mínima atenção nas aulas. E claro, Matemática do décimo segundo não é brincadeira nenhuma, eu já tinha vindo tremido do décimo primeiro, e para a Matemática do décimo segundo é as bases do décimo primeiro, para se fazer qualquer coisita e então, às tantas eu andava para ali ao papel e não estava a conseguir tirar notas... vi-me à rasca. Então aguentei até ao segundo período e cheguei ao segundo período, a meio do segundo período e... "pronto, não vale a pena, não estou para aqui para me matar" ... ainda não sabia o que é que queria escolher e tinha que optar, se queria entrar para a Universidade e se entrasse para onde é que eu queria ir. Estava na área C de Economia, à partida seria gestão de empresas, mas ainda não sabia. Pronto, Gestão de Empresas era um curso de cinco anos e eu já estava um bocado farto de estudar.

Pronto e foi durante o décimo segundo ano que eu comecei a dar no pó. Lembro-me perfeitamente quando é que foi a primeira vez. Estava lá na minha rua, lá com o pessoal lá da zona e de repente vejo virem lá uns com quem eu costumava estar "Então, onde é que vão, o que é que vão fazer" e tal... "Vamos ali para casa do...", "Embora aí", "O que é que vão fazer?", "Levamos aqui uma coisinha, vamos ali experimentar" e eu: "Embora aí, então". Pronto, aquilo era cavalo e vai de fazer umas chinesas e vai de fumar. O pessoal gostou todo daquilo. Rápidamente começou logo um a vender ali à porta da minha casa, era só andar trinta metros e havia logo cavalo. E pronto, ao princípio era só ao fim de semana, para irmos curtir, também na altura não tinha muito dinheiro, não me preocupava muito, continuava a fumar os meus charros no liceu, só que rapidamente começou a tomar proporções, o pessoal começou a ficar todo agarrado. Era bom, ao princípio com quinhentos paus apanhava-se grandes pedras, o cavalo também era bom, dava-se três, quatro passas e ficava-se com uma grande broa, ficava a noite inteira estendido na lua e pronto, rapidamente veio o consumo todos os dias. Tinha as tardes sempre livres, sem fazer nada, pronto, foi aí o princípio... dos meus consumos. Depois, nas aulas, entretanto, foi na Ferreira Borges que eu conheci um grande meu amigo, que era o Raul e que começou a fumar também comigo... um bocado depois. Fui um bocado eu que o desencaminhei, como desencaminhei esse tal Domba, os pais depois vieram culpar-me, que eu era um desencaminhador. Eu sou sempre mal visto pelos pais dos meus amigos, ninguém me pode ver... É verdade, os pais dos meus amigos não me podem ver, sou sempre corrido. E, pronto e tornou-se uma amizade muito forte, sei lá. Entretanto estava o fazer o décimo primeiro a Português, também, não percebia um boi daquilo... Ah... eu no décimo primeiro fui suspenso. Já tinha tido um conselho de turma, porque um professor mandou-me para a rua e eu disse que não ía: "Mas vou para a rua porquê? Eu não estava a fazer nada não vou para a rua". "Vai para a rua sim senhor!" "Não vou!" "Não vai?..." Pronto, foi um conselho de turma e corri o risco de chumbar. A minha sorte é que uma professora que eu não sei... ela não era minha professora, só que ela era amiga, era irmã, de um amigo meu do Algarve, que era muito amigo dos meus primos, que era mais velho, pronto e eu andava muito com o grupo do meu primo mais velho... eu agora tenho vinte sete e o meu primo tem para aí trinta e um ou trinta e dois. Pronto, eles eram todos mais ou menos dessa idade, a diferença de idades era mais ou menos essa, nós éramos os putos e achavam-nos piadas a nós todos reguilas e não sei quê... Eles gostavam de estar connosco e nós gostávamos de estar com eles, eram mais velhos e isso... pronto, também fumavam os seus charrinhos, quando vinham cá acima levavam sempre umas ganzas lá para baixo e pronto, aquilo era uma cobiada. Depois os meus pais

também tinham uma certa confiança e deixavam-nos sair até mais tarde com eles. Então essa irmã desse tal, que era o Carlos, dava aulas. Ela veio a saber, pôs um bocado de água na fervura e dessa vez não fui expulso... não fui suspenso. Eu lembro-me que... essa aí foi uma loucura... nós, na altura do Carnaval, eu o Rui Sérgio e mais um outro andávamos sempre a arranjar maneira de fazer partidas. Então estava na moda, não me lembro como é que era, mas havia uns produtos químicos que faziam uma reacção, misturando um pó com um líquido, aquilo dava uma reacção com um cheiro horrível, um fedor que era uma coisa horrorosa. Então nós queríamos era fechar a escola... Já no ciclo preparatório telefonei para a escola a dizer que ia lá rebentar uma bomba, evacuaram a escola toda. Estava o meu irmão a fazer um teste, pronto, acabou o teste, saiu a escola toda, andou para lá a polícia à procura da bomba, não encontraram nada. Fui eu que telefonei. Às vezes à tarde não tinha nada que fazer em casa inventava com cada história, punha-me a telefonar para as pessoas a dizer que era da Companhia dos Telefones a dizer que se tinha notado uma anomalia na linha telefónica e que achávamos que era do fio estar mal enrolado, se podia esticar o fio: "Estique lá um bocadinho", "Já está" "Então estique lá mais" "Já está? Já está todo esticado? Tente lá esticar mais. Estique lá mais um bocadinho." "Já está, já está todo esticado, não dá mais." "Não? Então..." Pronto, coisas deste género, e da Companhia das Águas, a dizer que ia faltar a água, para encherem as banheiras. E ria-me à brava com aquilo, adorava. Uma vez preguei um susto à minha mãe. Adorava fazer estas partidas assim. Uma vez, no Carnaval, cheguei a casa antes da minha mãe e então escondi-me, no quarto dela, atrás dos cortinados, à espera que ela aparecesse. Então ela chegou a casa, pensava que só lá estava ela e vai ao quarto, tira a roupa e vai para o meu quarto estender a roupa na varanda. Eu saio de surra e vou ao quadro da electricidade e apago a luz. A minha mãe viu que ficou sem luz mas ao lado havia luz, havia luz em todo o lado menos em casa, ela ficou assustada. Depois apareço eu assim a fazer "uhuhuuuh"... bem, a minha mãe começa a gritar, a pedir socorro e eu "Mãe, sou eu, sou eu"... Às tantas nem consegui saborear o prazer do susto que lhe preguei porque ela ficou de tal maneira assustada, eu fiquei com medo de apanhar ali uma tareia. Mais tarde é que me ri... Entretanto já tinha trocado o sal pelo açúcar, mas disse-lhe logo que tinha feito aquilo para não arranjar mais confusão. O meu feitio sempre foi um bocado este, sei lá. oscilava entre traquinas, rebelde e por outro lado, às vezes quando... Por exemplo, no meu grupo de droga não era tão efusivo e no outro lado acho que era sempre um bocado assim, na escola. Pronto, mas sempre com drogas. Acho que isso... sentia-me diferente dos outros, por estar assim.



Pronto, no décimo segundo desisti, a Matemática e desisti a Geografia. Também estava com nota dez ou onze e pensei: "agora também já não vou subir", isto era no segundo período, já não vou subir mais, eu vou ter de fazer Matemática, já agora em vez de andar só com uma cadeira sempre é preferível andar com duas, sempre ocupa mais um bocadinho o tempo. Fiz Inglês, não precisava de estudar. Na altura tínhamos de ler o Grande Gatsby, que eu não li em Inglês, li em Português e fiz o teste em inglês, sobre o livro. Acho que tirei quinze. Pronto, não copiei nada, aquilo que estava lá foi o que eu li, foi o que eu soube fazer. No décimo tinha uma professora de Inglês e no décimo primeiro tive outra. Ela já não me podia ver. Uma vez fui ao ponto de dizer: "olhe, professora, isto é assim..." Disse à turma toda: "Ficam todos cá em baixo, ninguém vai à aula que não vai haver aula hoje. Só lá vou eu e o Afonso, vamos falar com a professora para não haver aula." Fomos falar com a Professora: "Olhe Professora, a turma hoje não lhe apetece ter aula, é melhor não haver aula porque senão se há aula a professora já sabe, a gente cria aqui uma confusão tal que a professora não consegue dar a aula, por isso o melhor é não dar aula." "Ah, mas não pode ser, então o que é que eu ponho no livro de ponto?" "Olhe ponha conversa com os alunos, uma coisa qualquer, pronto, não há aula não há aula." A verdade é que ela acabou por não dar a aula, porque ela tinha tanto medo de nós, de mim e do outro, principalmente de mim, que pronto, preferiu não dar a aula. Uma vez até lhe dei réguas na mão. Ela pôs-me a dar a aula, a fazer o papel de punk ou qualquer coisa assim. Eu é que estava a coordenar mais ou menos aquilo e é claro, desatei logo na chaladaria, comecei a mandar um apagador aos outros que estavam a fazer barulho, tinha lá uma régua, uma daquelas réguas grandes de quadro e andei lá a dar réguas nos outros, a professora já não tinha mão em mim e disse: "Dê cá a régua" e eu dei-lhe com a régua na mão...

Então, no décimo segundo já andava no cavalo mas não era assim com muita frequência, depois tive de desistir e já não ia praticamente às aulas. Inglês fiz aquilo com uma perna às costas e tal... não ia às aulas nem nada. Comecei a consumir mais... só que também não tinha muito dinheiro e as coisas foram-se mantendo. Então tive de fazer o décimo segundo novamente. E só tinha duas disciplinas e não sei porquê, ou porque os meus pais quiseram ou porque eu também quis, decidi ir trabalhar de manhã com o meu tio no escritório, em part-time e tinha aulas à noite. Na Cidade Universitária. Acho que a partir daí começam as confusões todas. Entretanto... já tinha começado a dar no cavalo... as confusões... é que já tinha começado a consumir muito, já começava a haver grupinhos, já começava a haver muita droga a circular, já toda a gente tinha dinheiro, já toda a gente tinha pó,

mesmo quando não tinha dinheiro aparecia pó em todo o lado, e confusões em casa de um e confusões em casa de outro.

Entretanto... ah, eu no nono ano tinha dito que não namorei, mas apaixonei-me lá por uma rapariga e andava sempre com ela, passava horas com ela, a conversar e ía para casa com ela que ela morava lá ao pé de mim. Pronto, só que eu nunca tive coragem de me declarar, também nunca senti da parte dela houvesse mais alguma intenção que não fosse essa, era o que me parecia. Fiz assim duas ou três aproximações mas ela não me respondeu e eu preferi não me esticar mais para não levar uma tampa. Eu preferia estar com ela como estava do que levar uma tampa e estragar tudo. Acabou o nono ano e nunca mais a vi. Entretanto também conheci uns outros amigos, através de um colega meu de turma, isto no décimo primeiro ano, ali do Califa. Entretanto já parava lá mais ou menos, mas comecei a parar lá todas as noites, todas as noites ía para lá e sei que conheci muita gente, para além da que já conhecia. Claro, também toda a gente fumava charros, aqueles mais velhos do Califa também os comecei a conhecer e toda a gente fumava charros. E eu andava sempre lá numa... Mas ao princípio tinha um grupo giro, só fumávamos uns charrinhos e bebíamos uns copos, mas era um grupo saudável, era eu, o meu irmão, esse Zé Afonso e o Gonçalo e o Diogo. Esse Afonso era um crânio, era super-inteligente, era da minha turma, era um gajo porreiro, alinhava nas cobiadas e não sei quê... E nós começámos a passar férias juntos, na Páscoa, a ir para casa duns e para casa de... fizemos um género de clube. Às vezes durante a tarde não tínhamos nada para fazer então nós dizíamos que era o Celestina's group pau-uau. Pau-uau era uma conferência índia. Então no que é que consistia? Celestina era uma garrafa de litro de cerveja. Nós juntávamo-nos todos, cada um com a sua garrafa de litro de cerveja e era conversar, a fumar e a beber. Claro, às tantas já estávamos todos tortos... Mas passámos bons momentos, era engraçado. Aos fins de semana íamos sempre para aqui e para ali, íamos para a cervejaria, copos e... aquilo que é normal fazer-se. Dava-me imenso prazer fazer isso. Só que depois começou a aparecer o pó... Entretanto o David ía para lá também e começámos os dois a dar no pó e embora nesse grupo continuássemos, aos poucos fomos-nos separando, porque eles não... e fui-me separando deles e fui-me metendo cada vez mais no pó. E... pronto... comecei um bocado a viver para aquilo, para arranjar dinheiro para aquilo e... pronto...

Entretanto vou fazer o décimo segundo, estava a trabalhar para o meu tio, na altura ganhava uma miséria de um ordenado, dez contos por mês, que era metade do

ordenado mínimo, que o meu tio nunca pagou bem a ninguém e tinha aulas à noite na Cidade Universitária, Só que entretanto andava com o David, andávamos os dois no pó, andava sempre com ele, ele ia ter comigo, almoçar comigo à Baixa por causa do pó e de fumar e não sei quê, que eu tinha sempre. Ia para as aulas fumar pó e fui parar a uma turma que aquilo era muito exigente. Matemática do décimo segundo a primeira parte ainda percebi, que eram os grupóides, e ainda tirei uma nota não sei de quanto. Depois aquilo começou a apertar, eu não estudava nada e comecei a ver "Isto não pode ser, a Professora não dá abébias nenhuma" e eu entretanto no escritório do meu tio trabalhava uma filha duma prima dos meus pais e disse: "Ah, eu estou numa turma lá também, o professor é um gajo porreiro, um baldas..." "Ah é? Então espera lá, vou tratar disso e vou para o pé de ti." E comecei a pensar em arranjar maneira de mudar de turma. Arranjei uma história por causa dos horários e não sei quê e fui para a outra turma. O professor era um baldas desgraçado... Resumindo e concluindo: eu no segundo período tive acho que foi um dois e um três nos testes e o meu pai já andava desconfiado com as coisas todas porque entretanto neste percurso todo houve aquelas broncas todas porque eles souberam que eu fumava charros e por causa daquelas porcaris todas que eu fazia e às vezes chegava a casa e pronto, grandes complicações.

E pronto, quando eu comecei a fumar cavalo, chinesas, o meu irmão também chegou a experimentar uma vez e houve uma vez qualquer que o meu irmão ficou, eu não estava com ele não sei porquê e chegou com uma grande pedra de haxe a casa. Os meus pais encostaram-no à parede: "Tens de parar com isso, tens de parar", não sei exactamente do teor da conversa mas acho que o encostaram à parede e se calhar fizeram-no ver outras coisas, que eu nunca quis ver, ele abriu os olhos e começou a pensar se calhar duas vezes na vida dele e disse: "Sim senhora, vou deixar de fumar charros" e a partir desse dia nunca mais fumou um charro. Eu fiquei parvo. Pronto, às vezes continuava a ir lá para o Califa connosco, ele também andava sempre connosco, os amigos eram comuns... só que pronto, depois nós andávamos a fumar charros, ele não fumava deixou de andar connosco e começou a parar lá na rua, com uns amigos lá da rua. Pronto, começámo-nos a separar. Até aqui as nossas vidas foram assim mais ou menos juntas, os percursos de drogas, os estudos, depois o tempo foi passando, ele estava no Externato... O meu irmão... ele desde que foi para o externato começou-se a aplicar, ele era capaz de estudar e estava horas a estudar e empenhava-se.

O meu pai deixou de ter problemas com o meu irmão em relação aos estudos, em relação a problemas disciplinares, enquanto que comigo todos os anos tinha de lá ir, à minha directora de turma, porque o Manuel era assim, porque o Manuel dava muitas faltas, porque o Manuel portava-se muito mal nas aulas, porque o Manuel foi suspenso, pronto... Fui suspenso no décimo primeiro ano... ah, eu não lhe cheguei a contar aquela história, por causa daquela coisa do ácido com o pó que fazia um cheirete desgraçado na escola. Então vieram a descobrir que fomos nós e levaram-nos à Directora da Escola, deu-nos um grande sermão, um grande ralhete então o tal Rui Sérgio que tinha um riso que era assim "Iiimm", quando ele faz "iimmm", pronto, éramos três, desatámos os três a rir à gargalhada, pronto a Directora da Escola... Entretanto passei a Português, do décimo primeiro, quando estava a fazer o décimo segundo e tinha essa atrasada, porque arranjei logo maneira de passar áquilo. Havia lá uma amiga minha que tinha Português também com o mesmo professor e que fazia os pontos sempre antes dos nossos e então ela atinava com aquilo e então eu e o Raul falámos com ela para ela durante o intervalo nos dizer o que é que saía no ponto e o que é que tinha posto e o que é que não tinha posto. Então claro saía sempre mais ou menos aquilo que ela dizia, dava sempre para o dez, onze, doze. Sem perceber um boi daquilo, porque aquilo era tudo à base de poetas e... uns autores quaisquer... e acabei por passar. Mais uma vez passava os anos, algumas disciplinas, sem saber ler nem escrever. O que interessava era passar.

Q- Mas esses esquemas ainda lhe davam um certo trabalho, não?

Dava. E tinha de puxar pela cabeça e tinha que adivinhar um bocadinho e tinha de pensar um bocadinho. Mas era sempre a lei do menor esforço, está a ver. Pronto, acho que conseguia-me empenhar para fazer as coisas à margem da lei o que se calhar me dava o mesmo trabalho que fazer as coisas pela maneira certa, mas isso não acontecia, sei lá. Acho que sempre tive tendência para fazer as coisas... fazer as coisas... as coisas que não devia fazer. Eu quando era... tinha a mania dos cowboys, gostava de ser cowboy. Depois comecei-me a interessar pela Mafia, gostava de ser mafioso. Aquilo do poder e de ter tudo controlado... pronto... E acho que enveredei sempre pelo caminho à margem da lei. Acho que me dava um certo gozo fazer as coisas escondidas, as coisas que não devia, fugir aos pais, esquemas esquisitos para arranjar dinheiro, se tivesse alguém para fazer um roubo qualquer eu até ia. Pronto, nunca foi uma coisa que eu fizesse muito, mas sempre fiz alguma. E pronto, acho que nunca me consegui ver como uma pessoa certinha, acho que desprezava um bocado aquelas pessoas que eram certinhas. "Porra, estes gajos será que se

conseguem divertir?" Às vezes pensava nisso, pronto a minha ideia de diversão era fumar uns charros, beber uns copos, umas raparigas, pronto e então andava sempre alegre e contente. E era esta a minha maneira de achar que curtia... depois também achei que curtia fumando umas chinesas... pronto.

Mas quando acabei o décimo segundo a primeira vez e a turma separou-se e eu chumbei, só tinha passado a Inglês, já aí tinha tomado a decisão que ia fazer Gestão Hoteleira porque o Curso de Gestão de Empresas era cinco anos, eu estava farto de estudar, pronto, tinha chegado à conclusão de que não me apetecia estudar, o curso de Gestão Hoteleira eram só três anos, o turismo era bacano, era director de um hotel, conhecia umas raparigas engraçadas, boa vida, piscina e tal, pronto, foi um bocado assim que eu pensei. Tinha umas namoradas engraçadas... Ah, depois houve uma altura em que eu dizia que também gostava de ser playboy (ri-se).

Pronto, acho que foi mais ou menos nessa altura que eu escolhi que queria ir para Gestão Hoteleira. Ainda por cima a Universidade era ao pé de minha casa, eram 500 metros a pé e pronto, três anitos, universidade privada, na altura era a prova de acesso à universidade do estado... ah, pois, a advocacia, eu também tinha pensado... não escolhi isso porque tinha de se estudar imenso e marrar muito e não sei quê. Mas acho que era capaz de ter dado um advogado razoável, penso eu, ainda hoje... sempre gostei de ver filmes relacionados com advocacia, com advogados, mesmo os livros que lia do Perry Mason, gostava imenso do Perry Mason e pronto, o meu tio também era advogado e era um bom advogado e... mas acho que não podia ir por aí. Depois era a Gestão de Empresas porque o meu tio também era empresário, o meu pai também estava numa empresa e não sei quê e as coisas andavam um bocado aí à volta e Gestão Hoteleira tinha a ver com turismo, eu estava sempre na Praia da Rocha, no Algarve, era aquela altura em que o turismo estava a dar imenso e pronto, tinha a ver com gestão e com o turismo a bacanice, o que eu gostava, de ir para a praia, passei lá férias óptimas no Algarve...

Q- E o seu percurso na Universidade continuou parecido com o do liceu?

Sim, um bocado. Aliás era toda a gente. Bom, nunca vi ninguém copiar tanto. Na Universidade... salas de cinquenta pessoas ou mais, toda a gente com cábulas, uma coisa incrível. Nunca vi... Não havia controle quase nenhum. Cadeiras daquelas sem carteira, daquelas só com a base para apoiar os papéis para escrever, as pessoas ao lado umas das outras, se houvesse um espaço de uma cadeira entre duas pessoas era

fácil ver ou falar, numa sala grande, às vezes eram dois professores a controlar, mas de qualquer maneira dava sempre para... Eu cheguei ao ponto de... ao ponto de num exame de Direito... Mas é engraçado, no Direito que eu tive, Introdução ao estudo de Direito, não consegui tirar boas notas, até fiquei a pensar "olha eu que queria ser advogado e agora tenho aqui Direito..." Para já não me conseguia interessar por aquilo, era muito... e tinha chumbado e estava a fazer o exame e cheguei ao ponto de... tinha uma namorada que era a Ivone e disse "Vais lá, eu fico junto à porta, passo-te as perguntas por baixo da porta, fazes as perguntas, passas-me outra vez e eu copio". Pronto, eu arranjava esquemas e mais alguns, deixava as respostas na casa de banho e ia lá buscá-las, "deixa lá ver". Pronto, o que é certo é que eu também fazia muitas coisas por mim. Ao mesmo tempo que fazia cábulas também havia partes que estudava só que quando já estava farto de estudar, já não tinha paciência para estudar é que começava a fazer cábulas: "olha, o resto da matéria faço cábulas, isto já sei mais ou menos, o resto da matéria faço cábulas" e pronto, e era assim. Também perdia imenso tempo a fazer cábulas, dava imenso trabalho. A Ivone também me fazia cábulas. E quando entrei para a Universidade entrei agarrado ao pó. Já tinha feito uma cura com o Manuel Pinto Coelho. Foi quando o meu pai soube, a minha mãe apanhou-me com uma chinesa, ela já andava muito desconfiada, apanhava-me pratas e coisas assim, só que... Pronto, na altura andava a ressacar, já ressacava e levaram-me ao Mnuel Pinto Coelho. Isto foi... andava no décimo segundo, a estudar à noite, portanto foi quando eu tinha dezoito anos, para aí. O meu pai largou logo 75 pacotes só para me receitar os comprimidos para uma cura em casa, os catapresan todos, aquelas coisas todas, uma semana em casa, mandou contratar uma massagista para ir três vezes por semana dar-me massagens, era uma bacanice e depois, no fim de estar internado... internado em casa, duas semanas fechado sem sair, "então agora faça desporto duas ou três vezes por semana", porque ele acredita que a toxicodependência, "A Liberdade Começa no Corpo", foi o livro que ele escreveu, por causa das endorfinas produzidas pelo organismo a partir de determinado número de pulsações actuam no organismo como actua o cavalo ou qualquer coisa assim, não é? Então ele dizia para fazer desporto e eu na altura ia correr para a mata, vivia perto da mata de Benfica e então três vezes por semana ia sempre correr, umas vezes sózinho outras vezes acompanhado.

Pronto, houve aí um períodozinho que andei bem, relativamente bem, pronto, só que era um vazio desgraçado. Nessa altura já andava com essa tal Ivone, a tal que conheci no nono ano, por quem me apaixonei... Só que foi giro: uma vez estava em Torres Vedras numa discoteca com esses meus amigos do Califa, que nós tínhamos

a mania de ir para Torres Vedras de comboio para ir para o Túnel e depois vínhamos às tantas da manhã e íamos para o 2001 de comboio e depois tínhamos de ficar a dormir à porta da estação à espera que aquilo abrisse, pronto, essas cobiadas que até eram giras, eu adorava aquilo. E então estava nessa discoteca e aparece-me a Ivone e foi uma grande festa e não sei quê. E ficou, pronto. "Qualquer dia vem cá parar", pensava eu. Só que ela sempre morou ao pé de mim só que tínhamos vidas completamente diferentes. E foi giro que uma vez fui tomar café com a minha mãe, que a minha mãe também estava de baixa e então estava em casa e fomos tomar café ali a uma tasczinha onde a Ivone costumava ir tomar café também todos os dias com a mãe e então... isto foi em Janeiro, pouco tempo depois do fim de ano, não me lembro em que ano é que era, eu estava a fazer o décimo segundo à noite, acho eu... e pronto e vejo a Ivone, uma grande festa, "então o que é que é feito" e tal e ela "olha, telefona-me um dia destes" "Telefone-te? Não tenho o teu número de telefone." e ela deu-me o número de telefone e logo no dia a seguir ou no outro dia estava-lhe a telefonar e pronto, as coisas: "Olha, vem cá ter a minha casa" e pronto, começou aí a minha primeira namorada a sério. E a partir daí andava quase sempre com ela. Ao principio ela agarrava-se um bocado e eu ainda era um bocado independente em relação a isso e não gostava muito de andar sempre com ela, às vezes cheguei a estar com os meus amigos e ela estar e "Então, não dá para ir para casa" e eu "Hoje não, vou para aqui ou para ali" . Pronto, mas as coisas com o decorrer do tempo foram-se tornando mais sérias. Andei com ela quase três anos e a partir de certa altura era: eu tinha as aulas, ela tinha as aulas, de manhã também, ela estava no décimo segundo eu já estava na Universidade e à tarde estávamos sempre juntos e à noite depois também a seguir ao jantar, até ela ter de ir para casa e não sei quê, estávamos sempre os dois de um lado para o outro. Mas quando começámos a andar, eu já consumia, ela viu-me fazer uma chinesa: "então agora já fumas disso?" "Fumo, porquê, qual é o problema... é só de vez em quando" e pronto, ela ao principio não fumava, costumava fumar às vezes quando ia para Sta. Cruz, com a prima que tinha lá casa e a partir de certa altura ela ia lá ter comigo e eu à tarde ia comprar pó e geralmente aquilo às vezes tinha de se apanhar grandes secas. E ela, para não ir comigo, andar lá nas confusões, ficava à minha espera em casa, e pronto, às vezes ficava uma hora ou duas em casa enquanto eu ia comprar e depois ficava a consumir e ela à minha espera em casa. Pronto, ela às tantas começou-se a passar com aquilo tudo e disse: "olha, tens de escolher, ou me escolhes a mim ou escolhes a heroína". Eu nem pestanejei: "Então olha, azar o teu". Pronto, só que ela não conseguiu. Não conseguiu afastar-se de mim, não conseguiu acabar. E nessa altura sofreu bastante. Pronto, depois começou a fumar uma chinesa comigo de vez em

quando, e pronto, agarrámo-nos os dois áquilo. Depois era, andávamos os dois por todo o lado e aquilo era sempre a mesma coisa: era ver se arranjava dinheiro, eu ía arranjar dinheiro, íamos comprar, íamos fumar, ficávamos ali ou íamos para aqui ou íamos para ali, andávamos sempre nisto. Depois havia uma amiga dela que vivia só com o avô e tinha uma casa grande e a prima dela namorava com um gajo de Torres Vedras que também tinha boé de papel, tinha um negócio de cerâmica ou não sei o quê e então gastava aos noventa contos por fim de semana. Comprava não sei quantas gramas e passávamos os fins de semana na casa dessa amiga dela. E aí entra a Alexandra, que era amante dessa amiga da Ivone. Eu aí não era aquele Manuel que costumava ser: era um Manuel calado... Não sei se gostava muito da onda daquela gente, ía lá só porque a Ivone gostava de ir para lá e era um sítio onde nós podíamos estar à vontade, porque não dava para estar em casa dos meus pais, nem em casa dela, e à noite quando andávamos a fumar chinesas tínhamos que ir para os prédios. Havia um prédio lá ao pé de mim que era só gajos nos corredores todos. É um prédio grande que tem corredores e faz uns recantos... Pronto, andávamos sempre nisso e ali era um refúgio, era uma casa, estávamos à vontade, havia música, e isto e aquilo e havia droga. E estávamos juntos se fosse preciso dormíamos lá num fim de semana. E era assim. Só que eu às vezes entrava lá mudo e saía calado, praticamente, ou pouco falava, não me interessava muito.

Q- E entretanto como é que se desenrolava a sua vida profissional?

Lá no escritório do meu tio era um milongas desgraçado. Uma vez levei uma rabecada: o meu tio chamou-me lá ao gabinete dele, chamou lá os chefes daquilo e deu-me uma rabecada em frente dos chefes que eu fiquei pior que estragado. Às vezes faltava, outras vezes não me apetecia acordar cedo, a minha mãe acordava-me eu fingia que ía trabalhar e ía para casa do vizinho do lado dormir, que eram uns gajos do Algarve e... pronto, eram da minha idade e fumávamos uns charrinhos juntos, e então eu passava lá também muito tempo. Então eu ía para lá dormir e depois dizia o meu tio: "Eu depois logo compenso, faço um dia inteiro", pronto arranjava sempre esses esquemas. E nunca... também era trabalho de escritório, punha-me lá a arquivar resmas de papel, precisava de alguém para fazer aquilo, punha-me lá a fazer aquilo. Era um trabalho que não tinha responsabilidade, e claro, aquilo era sempre a mesma coisa e eu começava a passar com aquilo. O que eu fazia era levar todos os dias uma chinesinha, ía para a casa de banho mal lá chegava, fumava e pronto, ficava mais ou menos. Depois à hora do almoço a Ivone ía ter comigo, ía-me buscar e pronto. Só que entretanto houve essa tal cura com o Manuel



Pinto Coelho, o meu tio soube, o meu tio sempre soube do meu percurso de drogas, parei, depois continuei a trabalhar lá. Só que depois quando acabou o ano lectivo eu passei, passei a Matemática em que tive dez, no segundo período com um dois e um três e o último ponto não sei quanto é que tive. O meu pai foi comigo ver as notas, naquela de que eu ia ter negativa, quando viu que eu tinha tido dez a Matemática e não sei quantos a Geografia o meu pai até ficou assim de boca aberta, não sabia como é que era possível, não me via estudar nada, via-me andar sempre por aí, ficou parvo. No terceiro período fiz um ponto, nem sei quanto é que tive, não tive positiva de certeza absoluta e tive onze. E a Geografia, pronto, era fácil, não precisava de copiar nem nada. Eu nos pontos de Matemática também não copiava, nem estudava sequer. Mais uma vez passei o ano, o décimo segundo. E então entrei para a Universidade.

Só que esta minha cura que fiz com o Manuel Pinto Coelho foi perto do Verão e então houve esse período em que estive mais ou menos bem e depois meteu-se o Algarve, nas férias fui para o Algarve e lá no Algarve, inacreditavelmente, continuo sem perceber porquê, abstrai-me completamente da heroína. Pronto, era férias, era para divertir, era os copos, era umas ganzas, era as raparigas, era os amigos, as discotecas, as praias. E passava o tempo, gostava muito de lá estar.

Pronto e quando vim, vim mais cedo, porque fui concorrer à Escola Hoteleira... Ah, porque a ideia nem sequer era ir para a Universidade lá ao pé de casa. Era ir para o Porto, para a escola hoteleira que há lá, que só forma trinta pessoas por ano, que é uma escola extremamente bem conceituada, é estilo modelo das escolas suíças de hotelaria. Tinha lá estado um amigo do meu primo do Algarve e ele estava lá a estudar e aconselhou-nos vivamente, a mim e ao meu irmão que também escolheu ir para lá, não sei bem porquê. Então entrámos os dois naquela altura porque eu chumbei no décimo segundo e ele não chumbou e apanhou-me. E então entrámos os dois na mesma altura para a Universidade. Fomos concorrer os dois ao Porto, à escola do Porto, só que aquilo não bastava ter só boas notas, era preciso umas boas cunhas. Pronto e aquilo era por provas eliminatórias, até chegar à parte final que era a entrevista com o Director da escola ou com o Vice-Director, uma coisa assim desse género. Eu e o meu irmão chegámos à parte final, as provas também não eram nada de especial, ficámos bem classificados, acho que ficámos nos vinte primeiros ou nos quinze primeiros. Pronto, mas quando vim para cá para Lisboa para estudar para as provas, eu tinha arranjado maneira de roubar o cartão Multibanco ao meu primo, andei com o código dele na cabeça um ano até lhe conseguir apanhar o

cartão, antes de vir para cima apanhei-lhe o cartão e fui ao Multibanco e pronto, ia estudar e "deixa-me lá ir comprar uma chinesinha" e estudava e tal. Só que depois tive uma grande bronca com o meu pai também, porque a Ivone ia para as Berlengas e eu disse "Olha, vou ter contigo no fim de semana". Fui falar com o meu pai: "Vou para as Berlengas, passar só o fim de semana, aquilo é giro". O meu pai: "Nem penses! Então vimos nós mais cedo do Algarve para tu estudares para te preparares para aquilo e agora vais passar um fim de semana..." "É só um fim de semana". "Não vais nada!" E eu: "Vou, vou. Vou e vou hoje." Isto pelo telefone. "Se vais depois sofres as consequências daquilo que fizeres" Pronto, desliguei o telefone, agarrei na mochila e fui a caminho das Berlengas. Pus-me à boleia para Peniche, cheguei a Peniche já tinha saído o último barco, fui dormir para a praia, não tinha saco cama nem tinha nada. Entretanto encontrei lá uns gajos "Eh pá, vou dormir para a praia." "Pá, a gente está no parque de campismo, entras connosco, vais lá para o sítio dos tanques, onde se lava a roupa, estás lá melhor do que estás na praia. E fui. Entrei com eles, passei lá a noite, não dormi quase nada. No outro dia de manhã apanhei o barco para as Berlengas e fui lá ter com a Ivone. Passei o fim de semana e quando voltei fui para casa como se não fosse nada comigo: "O que é que o meu pai vai arranjar para me fazer?" É claro, não me fez nada.

Pronto, mas entretanto concorremos lá áquilo e só na entrevista é que não fomos apurados. Prontos, a cunha não era suficientemente boa, ou havia melhores cunhas que nós, ou se calhar também a entrevista não correu lá como eles queriam, se calhar, penso eu. Pessoas extremamente frias e distantes a fazer perguntas, encostaram-me um bocado à parede. Houve lá uma pergunta que eu acho que foi determinante. Foi: "Você é empregado num hotel, se o seu chefe lhe dá uma ordem em que você acha claramente que vai prejudicar o funcionamento do hotel o que é que você faz? Executa a ordem ou não executa?" Pronto, eu muito diplomáticamente tentei dar uma resposta que não satisfizesse nem um dos lados nem o outro. Mas eles queriam que eu dissesse ou sim ou não. Ou subia na hierarquia e ia falar com o director do hotel ou se executava a ordem do meu superior imediato, mesmo sabendo que estava a fazer uma coisa mal feita. Pronto e eu não lhe disse o que é que fazia. Ainda hoje não sei o que é que fazia, mas se calhar... não, acho que passava por cima do meu superior, ia falar com o director... acho que sim. E era o que mais me inclinava a fazer na altura, mas não sabia bem qual era a resposta que eles queriam ouvir e às tantas não arrisquei. E fiquei numa resposta um bocado evasiva. Disse que primeiro tentaria fazer ver ao meu superior e tal e depois se calhar iria falar, se ele não voltasse atrás com essas ordens. E pronto e não fomos,

Então fui concorrer à Universidade Internacional, que também tinha um curso de Gestão Hoteleira e tinha aberto para aí há dois anos ou o que era. Ainda estava no princípio e nem sequer estava ainda homologado. Mas de qualquer maneira havia de ter algum valor e depois também dependia de mim ou não, mostrar aquilo que valia e se fosse bom concerteza que não era por o curso não estar homologado que não iria arranjar emprego. isso também não era grande problema porque havia conhecimentos que me podiam encaixar em qualquer lado.

Então foi assim que eu entrei para a Universidade. Fui fazer um curso, que era uma maneira que eles arranjaram de chupar dinheiro ao pessoal, que era, das duas uma, ou se fazia as provas de admissão, através de exame, que consistia, uma delas, era uma palestra oral durante não sei quanto tempo e depois em meia hora sintetizar tudo o que fora dito e depois eram mais umas provas escritas, estilo PGA. Ou então fazia-se um curso durante quinze dias e se se passasse nesse curso tinha-se entrada imediata no curso de Gestão Hoteleira. Optámos por fazer esse curso. Aquilo eram umas aulas, davam umas fotocópias, os exames com consulta: um bocado de História Internacional, História de Portugal e mais qualquer coisa, já não me lembro em que é que consistia... uma grande tanga. Pagava-se não sei quanto, vinte e tal contos na altura, acho eu. E pronto, fui para a Universidade Internacional. Só que entretanto já tinha ido lá abaixo outra vez ao Algarve, voltei a apanhar o cartão multibanco do meu primo e dessa vez roubei-lhe na altura sessenta contos...

Q- Ele não tinha percebido, da primeira vez?

Nao. Da outra vez levantei-lhe só vinte, dez duma vez e dez de outra. Aquilo era uma conta que ele pouco utilizava, devia estar a poupar dinheiro ou qualquer coisa assim, tinha sempre montes de dinheiro, ele não percebeu... Mas depois então dessa vez foram sessenta contos. Comprei não sei quantas gramas de haxe e andava a vender haxe e pronto andava a consumir pó. Comprei o haxe para o dinheiro render mais. Ía para as aulas assim... Fumava ganzas... Ía para as aulas e se não havia faltas passava a maior parte das manhãs na Universidade sem fazer nada, lá com mais três ou quatro, dois de Viseu, um casal de Viseu e mais um outro cá de Lisboa, passávamos as manhãs a fumar charros, chegava à Universidade ía logo para a casa de banho consumir, depois ía para a conversa, chateava-me e dizia "vou para casa". Depois andava lá de volta... não, não andava lá de volta, o meu irmão é que ía às aulas e não sei quê, porque ele era de uma outra turma, porque havia duas turmas. Pronto ao princípio ía às aulas, só que depois comecei a perceber o esquema daquilo

e deixei de ir às aulas. E o meu irmão como era aplicado e tinha montes de apontamentos, ele tirava os apontamentos e "Dá cá, gordo..." , fotocópias e tinha ali a matéria toda se fosse preciso para estudar. E pronto... Na altura das frequências entrava-se em férias... entrava-se em férias para estudar. Claro que eu fazia tudo menos estudar, só estudava na noite antes dos testes. O meu irmão muito aplicado começava a estudar uns dias antes, começava a fazer resumos daquilo que estudava. E eu "Gordo, dá aí os resumos..." E eu lia os resumos, fazia algumas cábulas... Pronto, o primeiro ano foi uma maravilha, passei áquilo, não precisei de copiar nunca, pronto, aproveitei um bocado o trabalho que o meu irmão fazia, li algumas coisas, eu só pegava naquilo, lia e pronto... Dispensei aos exames quase todos. Fiz muito poucos exames. Aquilo eram frequências, no mínimo média de doze, dispensávamos aos exames, se tivéssemos média de dez, entre dez a doze íamos à oral e se mais do que doze dispensávamos o exame. Pronto, acho que dispensei aos exames quase todos, fiz uma oral ou duas e nunca chumbei a nada... Ah, chumbei a Direito, porque na oral... tinha de fazer asneiras, claro, não podia ser... Eu em Direito tinha uma professora que era assim um bocado snob e não sei quê, toda coisa. Eu não gostava muito dela então... eu não faltava às aulas todas, de vez em quando ia às aulas também. E fui a exame e chumbei no exame e então tive que ir à oral. Acho que fui à oral com oito. O que consistia era saber procurar no código civil... ela apresentava-nos casos: "um caso destes, o que é que você fazia?". "No código civil, o artigo tal..." e ela apresenta-me um caso de sub-arrendamento, qual era o artigo, o que é que acontecia... Eu: "Sub- arrendamento, sem conhecimento do senhorio, se ele tiver conhecimento disso e não tiver autorizado põe o sub-inquilino na rua e os inquilinos também." "Na rua!?" Pronto, tinha de dizer que accionava uma acção de despejo, e disto e daquilo, aquela lenga-lenga toda. "Ah, pois isso, isso." Comecei para lá a rir e dar um bocado de baile. Porque eu até nem fiz uma oral muito má. No cômputo geral fiz uma oral positiva, não respondi a tudo o que ela queria... pronto, só que ela não gostou da minha atitude e chumbou-me... claramente. Pronto e ela tinha-me visto poucas vezes. Uma vez estava eu - veja lá como ela fixou - estava eu aqui na Comunidade e tínhamos ido à Costa à praia, tínhamos ido à Costa apanhar a camioneta e estava lá ela na paragem e disse: "Olá Manuel". E eu: "Olá Professora, está boa?" Nunca mais se esqueceu de mim. Chumbou-me! Foi a única disciplina em que eu chumbei. O segundo ano... pronto e isto tudo com heroína pelo meio. Eu não estudava se não tivesse heroína. Só estudava à noite. De tarde nunca consegui estudar, não me conseguia concentrar, à noite com o silêncio ia lá para uma secretáriazinha que tinha lá na marquise, espalhava as coisas todas e passava lá as noites a estudar, até às tantas da manhã.

Como estava de férias para as frequências não tinha de acordar cedo e pronto. Claro, só começava a estudar lá para as tantas porque primeiro tinha de me ir tratar. E antes das frequências também, também consumia.

Q- Nessa altura você estava também a trabalhar, ou estava só a estudar?

Só a estudar. Só trabalhei enquanto estava a fazer o décimo segundo ano à noite. Pronto, depois no segundo ano era o costume, só ia a algumas aulas, o meu irmão continuava-se a empenhar, eu continuava a fazer o mesmo esquema, só que entretanto, pronto, nessa altura dos sessenta contos... isso foi no final do primeiro ano... não... agora não tenho a certeza se foi no primeiro se foi no segundo ano... Ah, entretanto também fiz uma que foi um trabalho. Houve umas férias que fui com os meus pais para Torremolinos e tinha pedido cinco contos emprestados lá a um gajo, na minha rua, tinha ficado de lhe pagar e não tinha dinheiro e entretanto fui para Torremolinos e eu e o meu irmão à noite fomos sair e fomos para uma discoteca. E eu naquela fígada, tinha falado ao meu irmão, estavam lá umas bifas e controlei as malas e disse ao meu irmão que ia roubar a mala. "Gordo, ficas aqui, que vou roubar a mala áquelas gajas, depois vais ter comigo lá fora". E assim fiz, roubei-lhes a mala, saí, fui lá fora e fiquei um bocado à espera do meu irmão. Só que o meu irmão demorou um bocado de tempo, porque elas também se aperceberam que tinham roubado a mala, ele não quis sair logo, para não levantar suspeitas e eu comecei a ficar um bocado assustado, o que é que teria acontecido para o meu irmão não vir, fui para baixo e voltei lá dentro. Elas, mal me viram, "foi este", bom, caem-me os espanhóis todos em cima, não me deixaram sair dali logo. Eu em vez de me mostrar assustado com aquilo disse: "Eu! Não! O quê, eu?!" e comecei a dizer que não é isto e aquilo. E a alemã a dizer que sim que tinha sido eu e eu a estrebuchar com a alemã e os espanhóis já me queriam bater "Foi o português? Ah, o português!" E uma grande confusão. E eu depois percebi que havia lá um que era mais ou menos o chefe daquilo, mandava mais ou menos nos outros, eu topei-lhe mais ou menos a pinta e disse "Quero falar contigo"... E eu na altura era puto, eles eram homens, já. Devia ter para aí dezanove anos. Eram homens de trinta e tal anos já. E eu comecei a bater um grande couro, um grande couro... e fui-o levando escada acima e não sei quê... o que eu sei é que passado um bocadinho estava na rua. Só que o borrego do meu irmão deixou-se ficar para trás... deixou-se ficar para trás e eles não o deixaram depois sair, ele não conseguiu sair. Entretanto tinham chamado a polícia, veio a polícia levaram o meu irmão. O Gordo... ele dizia que não tinha sido ele, também... só que não dizia que tinha sido eu. Só que

levaram-no à esquadra, pediram-lhe a identificação e isto e aquilo... E eu tinha conhecido uns marroquinos ou qualquer coisa assim, antes de entrar para a discoteca tinha comprado umas ganzas e tinha metido conversa com eles e tinha estado a fumar umas ganzas com eles e quando saí da discoteca para fugir já não tinha dinheiro e disse-lhes "Eh pá, empresta aí dinheiro para ir de táxi para o hotel e tal..." e não sei porquê eles emprestaram-me dinheiro. Fui de táxi para o hotel. Cheguei lá o meu irmão não tinha chegado ainda. Vou esperar para a praia que aquilo a praia é mesmo do outro lado da avenida. Pus-me lá atrás duma... não, não, quando cheguei lá disseram-me que tinha ido lá o meu irmão com um polícia. Fiquei à espera que o meu irmão aparecesse, entretanto aparece o meu irmão: "Então, já cá estás?..." "Não sei quê... tive de deixar lá o meu bilhete de identidade, ammanhã tenho de lá ir contigo porque senão fica lá o B.I. e não podemos ir embora." E os meus pais descansadinhos na cama... Nós vínhamos para Portugal no outro dia de manhã. Eu disse: "Então embora lá à esquadra, vamos lá dar a volta aos polícias." Está bem ao dar a volta! Tive de lá deixar o Bilhete de Identidade e dizer que amanhã tinha de estar no juiz de instrução.

Os meus pais quando nos foram acordar... aliás, eu nem dormi nessa noite. Cheguei lá e disse "Olha aconteceu isto e isto..." Lá fomos nós para lá. Pronto, nesse dia não fui ouvido. Eles disseram tem de cá deixar uma caução de dez mil pesetas, senão tem de cá vir para a semana. E nós não podíamos lá ficar... O meu pai deixou lá dez mil pesetas. E pronto e foi um pequeno exemplo do que tem sido a minha relação com os meus pais, há sempre qualquer coisa que os magoava profundamente. Apesar de na altura... Se houve uma altura em que eles diziam que não eu dizia que está bem e depois fazia, havia alturas em que eles diziam que não eu dizia que sim e ía-me embora e não queria saber. E andávamos sempre nisto. Desde que eles souberam a primeira vez que eu comecei a consumir, pronto, sempre houve destas coisas, era as aulas, era a droga, era isto, era aquilo... ou era as raparigas com que eu andava, fosse do que fosse.

Voltando à história dos sessenta contos, quando acabou esse dinheiro eu andava a consumir muito, aquilo ainda durou uns meses, eu conseguia fazê-lo render uns meses, com o tráfico do haxixe... e começou-se a aproximar a altura do Natal que para mim é sempre uma altura crítica. Era nessa altura que eu aproveitava... eu gostava muito de ir para o Algarve e aproveitava para parar de consumir... Pronto, muitas vezes sem os meus pais saberem, ía para lá a ressacar sem os meus pais saberem. Mas naquela altura ainda faltava um bocado para o Natal e para as férias...

isto já foi no segundo ano, no principio do segundo ano. Nessa altura até andei a vender heroína... ah, não, não, isso aí foi outra coisa: os sessenta contos acabaram ainda no primeiro ano e depois no segundo tive assim, tive uma fêzada de vinte e tal contos que eu também fiz render durante montes de tempo e então nessa altura foi quando eu fiz a minha segunda cura mesmo a séria. Aproximou-se a altura do Natal e dos meus anos, eu estava num curso na Associação dos Directores de Hotel de Portugal, um curso daqueles subsidiado e que eu fui fazer. Consegui entrar, já não sei como é que aquilo aconteceu mas sei que estava lá a tirar um curso e também todos os dias, antes de entrar para o curso ia para o cafézinho ao lado, fumava a minha chinesa e ... estava lá no curso, portanto perdia uma parte das aulas porque as aulas eram de manhã e depois ia assistir às aulas à noite. À noite também antes de lá chegar fumava a minha chinesa, a Ivone ia lá ter comigo nos intervalos para fumar também, porque eu é que andava sempre com aquilo. Às vezes ela guardava e ela era capaz de se conter, ela não mexia naquilo. Ela é que guardava às vezes o dinheiro, para os meus pais ter em casa qualquer coisa era arriscado, porque a minha mãe vasculhava tudo à procura... era muito desconfiada.

E... pronto, aquilo acabou-se e eu decidi abrir o jogo com os meus pais porque sentia que andava a consumir bastante e não estava em condições...pronto, tinha de arranjar mais confusão outra vez para começar a arranjar dinheiro e entretanto roubar dinheiro aos meus pais já não dava porque estavam de sobreaviso, andavam com o dinheiro contado, andavam com a carteira ou escondiam a carteira. E então estava-se a aproximar aquilo e eu fui falar com eles e disse que "estou outra vez assim e assado, preciso de me tratar..." Pronto e decidiu-se que eu ia às consultas nas Taipas para fazer uma desintoxicação. Mas até lá, eu não podia fazer já porque ainda estava no curso e faltava para aí uma semana ou duas... para aí uma semana... e foi a primeira vez que o meu pai me deu dinheiro para comprar heroína. Era só para eu me aguentar até começar a ressacar para ir para as Taipas. Pronto, o meu pai deu-me dinheiro, comprei meia grama de heroína, dividi aquilo por doses e era o meu pai ou a minha mãe todos os dias que me davam.

Q- Você queria parar, nessa altura?

Queria. Este foi o período em que consegui estar mais tempo sem consumir. Pronto, fui às Taipas só que aquilo foi uma experiência horrível para mim. Eu nunca fui muito de meter drunfos e fui à consulta e eles receitaram-me aquela catrefada de comprimidos todos e em casa tomar aquilo a horas certas... passei o dia dos meus

anos com uma grande drunfaria, na cama, nem me lembro como é que aquilo foi... Pronto, e só fazia asneiras, quem vinha ao pé de mim tratava mal, tratava mal os meus pais, tratava mal toda a gente. Pronto, a ressacar heroína, só chateava a Ivone para me ir comprar, mesmo com os comprimidos. Deixei a Ivone à toa, sem saber o que é que havia de fazer... É engraçado que ela conseguia-se aguentar, ela só consumia quando estava comigo... E eu era aquela treta. Então uma vez roubei dinheiro aos meus pais, só que eles deram logo por falta disso, naquela de a Ivone me ir comprar. Os meus pais apanharam-me, vieram ter comigo: "Dá cá o dinheiro", comecei primeiro a dizer que não, que não tinha sido eu, não sei quê não sei que mais... não sei se fui eu que lhes dei, se foram eles que descobriram onde é que estava o dinheiro, fiquei de tal maneira mal com aquilo... estava sob o efeito de comprimidos... Eu descontrolo-me um bocado com comprimidos. A partir daí acho que fiquei um bocado descontrolado emocionalmente, pronto porque dessa vez deu-me assim um ataque e espetei um murro num vidro da marquise parti o vidro completamente. Assim uma coisa mesmo... Pronto, acho que às vezes dão-me assim uns ataques em que eu me passo e não tenho controle sobre mim mesmo. É muito raro isso acontecer... E então pronto, decidiu-se... vieram as férias e lá foi o Manuel com os pais para o Algarve, debaixo de comprimidos, continuar o tratamento lá em baixo. Estive lá quinze dias, a tomar os comprimidos, a diminuir gradualmente as doses, até que para o fim só tomava ansiolíticos, género Olcadil, não me lembro qual era a marca. E... pronto, depois chegou a altura em que eu tinha de vir para Lisboa, eu lembro-me que quando estava lá em baixo no Algarve arranjava sempre dinheiro para vir para cima e mais uma vez arranjei dinheiro para vir para cima, para trazer para cima. O meu pai foi-me buscar à camioneta e... pronto, eu vinha extremamente assustado, sabia qual era a experiência... por acaso aconteceu uma coisa curiosa, fui sair uma vez à noite, ainda andava a tomar os comprimidos, já nessa altura só tomava poucos, mas à noite bebi duas imperiais ou três e no outro dia acordei e aquilo tinha-me provocado uma reacção esquisitíssima que eu fiquei... eu não consegui dar um passo, porque caía. Estava consciente mas não me aguentava em pé, estive assim um dia inteiro. Pronto e acho que essa experiência toda acho que me traumatizou um bocado, fiquei um bocado assustado com aquilo, embora no dia em que tivesse chegado fui logo consumir. Tinha dinheiro... dei a volta à Ivone, pronto, ela não tinha dinheiro, eu é que tinha o dinheiro, mas não queria fazer aquilo sem ela estar de acordo, dei-lhe a volta: "só hoje, depois a gente pára com isto." Fui logo consumir... E o que é certo é que pronto... dei daquela vez e estive mais não sei quanto tempo sem dar.



Entretanto andava nas consultas nas Taipas com um doutor que é o António Costa. Nunca mais o vi... Conhece-o? Pronto, ia lá às consultas de vez em quando, fui lá ter consultas, umas vezes ia lá... Estive uns tempos sem consumir... Entretanto as frequências eram em Fevereiro e eu até às frequências estive bem sem consumir, pronto... podia eventualmente consumir uma vez ou outra... acho que estive para aí um mês seguido... sem consumir, depois de ter consumido aquela vez quando regressei do Algarve, fumava uns charros para dormir porque tinha dificuldade em dormir, mas estava a tomar ansiolíticos. Só que eu não gostava de tomar aquilo, não gostava de tomar os comprimidos... E houve uma vez que a Ivone me provocou de tal maneira que eu descontrolei-me e dei-lhe uma tareia desgraçada. Nunca lhe tinha batido... Dei-lhe uma vez uma tareia, pus-lhe um olho negro... Pronto, passei-me... Mas depois falei com ela e ela conseguiu... Aliás não sei como é que as minhas namoradas me conseguiram suportar, eu não suportava se calhar nem metade, quanto mais... Entretanto a relação não acabou aí mas as coisas começaram-se a deteriorar. Eu quando estava sem consumir acho que tinha receio de me tornar muito dependente da Ivone... Pronto, a relação era de uma maneira em que eu é que tinha o poder da relação, mas ela aos poucos e poucos foi ganhando poder em relação a mim, foi conseguindo ganhar ela o poder na relação, acho que dependia eu mais dela do que ela de mim... Antes era ela que não conseguia estar sem mim, depois era eu que já não conseguia estar sem ela... Pronto e acho que aquela cena toda dos comprimidos, pronto, não sei, descontrolaram-me um bocado. Emocionalmente fiquei um bocado perturbado. Perdia a calma com facilidade, não conseguia ter controle sobre mim... Tornava-me extremamente agressivo, partia coisas... Entretanto entrei para um estágio desse tal curso, da Ass. dos Directores de Hotel, um estágio de um mês que era para acabar o curso... Estive lá um mês, não andava a consumir nessa altura... nessa altura não consumia nada, até ao dia em que foi o fim do mês e pagaram o estágio. Foi na altura treze contos. Pronto e as coisas com a Ivone não andavam lá muito bem, e eu naquela noite peguei nela e "Vamos comprar uma chinesa.". E fomos comprar uma chinesa e a partir daí... no dia a seguir era o casamento da prima dela lá com esse tal gajo de Torres Vedras e depois fomos passar o fim de semana a casa da amiga e pronto, a partir daí comecei outra vez a consumir... Deixe-me lá situar...

Mas antes tinha aparecido o período das frequências que coincidiu com esse período em que eu não estava a consumir e lembro-me que fiz aquelas frequências com uma perna às costas... incrível. Foi a altura em que eu mais consegui fazer qualquer coisa. Chegava lá e não precisava de copiar, praticamente... E mais uma vez

dispensei... às cadeiras semestrais dispensei aos exames todos... Deixei uma só, que era contabilidade hoteleira, de resto... mas essa acho que era anual... Até houve uma altura em que comentei com o meu pai que tinha sido fácil, que não estava a consumir, as coisas entravam e eu conseguia apanhar as coisas com facilidade. Depois houve essa fase em que comecei a consumir novamente e depois no segundo semestre continuei a minha vida do costume até chegar às segundas frequências. Acho que foi nessa altura que... sei que houve uma altura qualquer em que eu fui para ir estudar para as frequências e não estava a conseguir estudar lá em casa, queria ver se me afastava um bocado daquele ambiente a ver se conseguia deixar de consumir, e falei com o meu pai para ver se ia para casa dos meus avós. Não estava a conseguir estudar, estudar para as frequências. E assim foi, fui para lá, só que não deixei de consumir... A seguir ao almoço metia-me no autocarro e ia comprar e só depois é que ia estudar e ficava sempre a estudar até às tantas. De vez em quando a Ivone ia lá ter comigo, ou telefonava-lhe a dizer: "vem cá ter comigo e traz dinheiro ou compra aí, vem cá, vamos consumir."

Depois ficava a estudar e depois só ia para lá na altura das frequências e depois voltava para casa dos meus avós. Entretanto... isto aqui acho que foi no final do segundo ano, em que eu também passei, deixei mais uma cadeira atrasada, não consegui fazer o Direito novamente, a professora embirrou de tal maneira comigo que eu havia testes em que tinha a certeza que tinha nota para aquilo e ela... pronto... isto digo eu... E fiquei com Direito e com Contabilidade Hoteleira para fazer.

Entretanto metem-se as férias e é quando surge essa ideia do meu tio de eu trabalhar porque a parte da L.-França tinha-lhe dito que devido à contrafacção excessiva que estava a haver cá em Portugal, da marca, com aquelas camisolas dos ciganos, o prejuízo que isso trazia para a L.. Nos outros países da Europa em que havia L. tinham uma pessoa que estava a acompanhar de perto esse assunto: investigar e informar as autoridades das coisas que se estavam a passar para eles actuarem. O meu tio achou que parecia um emprego giro para mim e falou comigo se eu estava interessado. Ia a uma entrevista com o Coordenador Geral dos assuntos da contrafacção, que era um suíço e depois aí se ele gostasse de mim aceitava-me, se não gostasse não me aceitava. O meu tio nem sequer disse que eu era sobrinho dele, já para não... por causa das coisas. Pronto, eu fiz essa entrevista com ele, falámos em Inglês, porque eu preferi, perguntou-me se eu era capaz de ler qualquer coisa em Francês ou perceber, eu disse que sim, mesmo que não soubesse havia lá quem soubesse na firma do meu tio. E ele admitiu-me e na altura perguntou-me... ele disse que ia em part-time, eu disse que estava a estudar e ele perguntou-me: "Então isso

não vai interferir com os seus estudos?" "Não... poderá eventualmente um dia ou outro ter necessidade de ir fazer um exame ou não sei quê, mas à partida não vai interferir." Como era só em part-time, não havia necessidade de faltar às aulas, não havia faltas... E ele "Sim senhor. Então quanto é que pagam cá em Portugal por um trabalho em part-time?" E eu: "O ordenado mínimo nacional são quarenta contos, metade são vinte contos." "Está bem, então olhe, nós oferecemos oitenta contos por mês e você trabalha quatro horas por dia." Eu fiquei assim de boca aberta. Perguntou-me se eu tinha carta, eu disse que não. Disse que tinha, mas não tinha. O meu pai disse que me oferecia a carta, só que eu depois não tirei logo a carta, entretanto com as confusões desistiu logo da ideia de me oferecer a carta...

E pronto, aquilo era a oportunidade da minha vida... era a oportunidade da minha vida. Comecei logo a fazer planos: oitenta contos por mês, e isto e aquilo, comprar um carro e não sei quê... montes de planos, deixar de consumir, ir para o Algarve e quando vier... Só que, azar dos azares, aquilo era para começar no dia 1 de Agosto e eu antes disso fui falar com o meu tio. Eu queria ir passar um fim de semana com a Ivone, porque tinha andado em frequências, tinha acabado tarde só tinha acabado no final de Julho, se ele me dava o dinheiro para ir passar um fim de semana com a Ivone antes de começar a trabalhar, porque não ia passar férias com ela... Deu-me vinte contos, sem problemas nenhuns e íamos para ao pé de Sesimbra, para um parque de campismo não sei aonde, lá para uma roulotte que o marido da prima dela tinha alugado. Então nós íamos todos para lá e eu quando pego nos vinte contos passo logo pelo Casal e comprei coca. Eu na altura não costumava dar na coca, mas comprei um bocado de coca, pronto, para dar um caldo de coca. Sei que dei aquele caldo de coca e comecei logo a ficar muito esquisito. Depois fomos para o fim de semana e eu continuei a ficar muito esquisito, logo ao jantar, enjoiei logo aquilo, o café nem consegui beber e andava assim meio adoentado. Tinha começado também a ressacar e eu pensava que também era da ressaca. Às tantas viemos para Lisboa, ainda fomos passar uma noite em casa dessa tal amiga, que era a João e pronto, quando cheguei lá tomei uma aspirina ou coisa desse género e aquilo passou-me. Nessa noite tinha consumido e o meu organismo rejeitou um bocado aquilo, fiquei assustadíssimo. Quando fomos comprar eu é que sabia onde é que era, levava o outro e fumava com ele e fumei logo um bocado e quando cheguei a casa dela, eu tinha comprado também um conto para mim e já tinha fumado e começámos a fumar o conto, eu dou duas passas e disse "Toma lá." e dei à Ivone para fumar o resto. "Então porquê, não queres?" "Não, já estive a fumar, fuma tu." No dia a seguir acordo, antes de ir para casa passo no Casal, compro mais um conto, chego a casa

vou fumar aquilo, assim que dei duas passas naquilo comecei a vomitar e pronto, nesse dia comecei-me a sentir mal disposto, comecei a ficar amarelo e pronto...

Fui ao Hospital, Hepatite B. Pronto, tive de ficar em casa, o mês de Agosto todo. Ah, no dia que ia trabalhar para o meu tio fui lá, muito mal disposto, que tinha passado uma noite inteira a vomitar, tomei o pequeno almoço vomitei-o logo, cheguei ao pé do meu tio: "Olhe tio, estou assim, assim, estou doente, não sei o que é que tenho." Então olha, vai para casa, vai ver o que é que tens e a gente depois vê." Foi nesse dia que fui para o Hospital e tive de ficar o mês de Agosto todo em casa. Estive o mês todo em casa, entretanto a Ivone ia de férias, para Sta. Cruz, e eu passei-me um bocado. Ela estava lá longe, comecei a ficar um bocado inseguro em relação a isso, se ela andava lá sem mim... parecia eu que estava a adivinhar... Entretanto quando estava em casa não deixei de consumir, estive para aí dois ou três dias sem consumir, entretanto a icterícia passou, tinha de estar em repouso, a minha mãe não me deixava sair da cama, o Raul estava em Lisboa, também estava sem muita coisa para fazer ia para lá fazer-me companhia, eu às tantas começava a tirar dinheiro à minha mãe e ele ia comprar ou ele arranjava dinheiro e fumávamos umas chinesas. A Ivone durante as férias veio visitar-me duas vezes, tínhamos combinado, porque eu já estava quase a sair: "Se sair no dia tal vou lá ter contigo a Sta. Cruz." Só que ela depois a partir daí não me telefonou e eu achei aquilo muito estranho. E naquele dia ela não disse nada e eu pego no Raul: "Raul, vamos a Sta. Cruz." Logo nesse dia fui consumir, fui para Sta. Cruz, quando cheguei lá: "Então a Ivone?" "A Ivone foi para Lisboa." Pronto... Quando eu chego a Lisboa telefono logo para casa da prima dela e ela atende o telefone, não estava à espera que fosse eu. E não sei quê, "O que é que se passa? Eu vou aí ter contigo." "Não, não venhas." Fui ter com ela... Tinha arranjado lá um gajo em Sta. Cruz. Eu chorava...

Não conseguia suportar a ideia do que tinha acontecido. Nunca nenhuma namorada me tinha feito aquilo, acho que era sempre eu que as abandonava e daquela vez... ela mostrou-se... Pronto, já tinha acontecido muitas vezes nós dizermos que íamos acabar, só que passado um dia ou dois já estávamos outra vez juntos e às vezes andávamos bastante mal um com o outro... às tantas eram joguinhos de poder, só que a relação vinha-se a deteriorar cada vez mais. Pronto, e eu aguentei aquilo muito mal, e é claro, passava os dias a pensar nela e a pensar naquilo e a sofrer, sofrer, sofrer... Sei lá, fiz assim coisas... Acho que jurei para nunca mais fazer isso em relação a nenhuma mulher. Pronto, só que entretanto estava bom e tive de começar a trabalhar. Comecei a trabalhar na L.. Pronto, aquilo era um ambiente porreiro,

faziam-se relações porreiras, era uma coisa que não dava muito trabalho. Comecei a ter dinheiro, mas só o trabalho não chegava. Eu não me conseguia esquecer daquilo que tinha acontecido com a Ivone.

Q- Conseguia fazer o trabalho que tinha para fazer?

Sim, eu em termos profissionais nunca deixei ficar nada mal, o pouco tempo que lá tive fiz aquilo que me era pedido, só que desde o princípio comecei logo a consumir, novamente. Curei-me da hepatite nem sei como, nunca mais tive problemas de fígado... Pronto, ao princípio estava entusiasmado, sei lá... Tinha um emprego muito porreiro, ganhava muito bem. tirei logo a carta em dois meses, arranjei logo maneira de tirar a carta em dois meses, tinha o carro da empresa quando precisava, às vezes pedia ao meu tio se podia ficar com o carro. Só que entretanto as coisas em casa começaram a piorar outra vez, o meu pai começou a querer tomar medidas drásticas e eu comecei a dizer que precisava de... gostava de sair de casa, que precisava de me sentir responsável por mim e pela minha sobrevivência. Pus a hipótese de ir viver para casa do meu avô e pagar eu as minhas coisas e isto e aquilo... O dinheiro que tinha, estando em casa dos meus pais era todo para gastar mal gasto. Falei com o meu tio e ele disse-me: "Porque é que não vais antes lá para casa. Passas lá um tempo, vêes como te dás e depois se quiseres vais para casa do teu avô." Pronto, ele não tinha razão de queixa nenhuma de mim, antes pelo contrário, estava satisfeito comigo.

Pronto, e fui para casa do meu tio. Apanhei-me lá em casa... o dinheiro do ordenado deixou de chegar, porque entretanto comecei-me a meter com um gajo... pronto, eu às tantas andava sempre de carro, arranjava maneira de ter sempre o carro para tudo e... arranjava sempre tretas e quando não arranjava tinha sempre trabalho para fazer e ia sempre de carro para todo o lado. E o dinheiro começou a deixar de chegar e comecei a meter vales e isto e aquilo, a pedir emprestado, aquelas tretas todas, pronto, aproveitei-me das pessoas. A L. é no Marquês e o escritório principal do meu tio é na Baixa e as pessoas da Baixa já me conheciam, já lá tinha trabalhado mais do que uma vez, e eu aproveitava-me disso e dava-lhes a volta e faziam coisas que não podiam, emprestar-me dinheiro, meter vales... E começou a entrar num corropio tão grande, que eu no principio do mês metade do ordenado era para pagar dívidas e a outra metade quando chegava ao dia dez já não tinha dinheiro. Cheguei ao ponto de dizer ao meu tio: "Paga-me metade declarado e metade sem ser declarado, para ter mais dinheirinho..." E claro, lá em casa do meu tio o meu tio não

se apercebia tão bem das coisas, o meu tio depois, pensava ele que me ia fazer bem, pronto, incentivou-me a comprar um carro: "Porque é que não compras um carro? Precisas de um carro. Dás o dinheiro de entrada e ficas a pagar o carro, passas umas letras... compras um carrinho em segunda mão..." E entretanto, agora aqui aparece uma outra namorada que eu tive. Uma vez eu entro na L. e chego lá à sala do chefe e vejo lá uma rapariga toda engraçada. Fui logo falar com a secretária do chefe: "Então quem é aquela rapariga?" "Não comeces já com coisas que é sobrinha do Jaime Neves e tem namorado, acho eu, por isso tira daí a ideia que não levas nada dali." "Não levo? A gente depois logo vê isso." Pronto, ela ia para lá trabalhar na altura das colecções, para fazer as guias de remessa, para mandar. Aquilo era um trabalho chato que tinha de ser feito à mão e os vendedores... aquilo era uma equipa pequena, só tinha seis ou sete pessoas a trabalhar ali, não havia ninguém com disponibilidade, nessa altura ela ia para lá fazer aquilo. Estava lá os períodos, na altura das colecções que era três vezes por ano. E eu comecei a estar muito com ela, a passar montes de tempo no escritório de volta dela... Ela tinha namorado, embora as coisas andassem a ficar um bocado mal entre eles, ela disse-me. Ela tinha na altura dezanove anos, e andava com um namorado que tinha alguns trinta anos, e andava com ele há três anos e nunca tinham tido relações sexuais. E pronto, o namorado andava-a a pressionar cada vez mais e ela cada vez a fugir mais e então às tantas acabou com o namorado e entretanto já eu andava a sair com ela e punha-me a jeito para ir tomar cafés com ela... E às tantas, aos poucos fui-a conquistando, mas sem que ela soubesse... não eu depois contei-lhe. Acho que lhe contei no dia em que me declarei a ela. Fomos comer um gelado em Belém, ao pé da fábrica dos pasteis de cerveja e ela disse que precisava de tempo, logo no dia a seguir convidou-me para ir jantar e para ir ao cinema ou para irmos a uma discoteca... e pronto, no dia a seguir começámos a namorar. Pronto, ela quando me disse que era virgem até fiquei assim... E entretanto já estava eu em casa do meu tio. Depois comecei lá a andar com o outro gajo que dava muito na "branca"... Eu acho que neste momento tenho mais medo da cocaína do que da heroína, porque fiquei completamente agarrado a ela... E pronto, e a Sílvia dizia-lhe sempre que ia acabar com aquilo, que ia acabar com aquilo... E essa relação durou um ano e tal. Entretanto as coisas com o meu tio acabaram. Não sei quanto tempo é que cheguei a estar na L.... pronto, o dinheiro acabava-se e então comecei a roubar dinheiro lá na casa do meu tio. E o meu tio sempre a ter conversas comigo e a tentar ajudar-me...

Q- Saíu da L. porque foi despedido?

Sim... Não porque tenha falhado, profissionalmente, mas porque de facto não dava, o meu tio não estava para se sujeitar a isso. Depois ainda trabalhei, mas coisas de pouco tempo. Estive no Algarve a trabalhar como empregado de mesa. Depois de ter saído da L. fui com o meu pai, pela primeira vez vim aqui ao "36", em que me levou ao Dr. Vilhena, um de óculos e de barba. Estava lá com uma câmara de filmar, tinha... e por fim já estava bem, já não ressacava. E tinha de fazer umas análises e viemos a Lisboa fazer as análises. Então veja lá, eu comecei logo na noite, comecei logo a engendrar maneira de quando cá chegasse sacar o carro ao meu pai, de maneira que ele não fosse comigo e para eu poder ir consumir, pensei logo na maneira como é que havia de arranjar dinheiro. Então comecei logo com coisas... "O pai vai comigo às análises?" "Vou..." Depois à noite quando chegámos a casa comecei a dizer que queria ver como é que me sentia aí na rua... O médico tinha passado montes de análises, montes de exames. Então, pronto, arrisquei demasiado aí, mas também conheço o meu pai um bocadinho. Ele foi na conversa e emprestou-me o carro e mandou-me ir às análises sózinho. Era num dia em que havia greve dos médicos e tudo... Claro, depois fui ao café lá ao pé, dei um grande "couro" ao homem para me trocar um cheque, sem cobertura, claro... Pronto, o meu pai, depois ao outro dia fomos fazer os outros exames, eu não sei como é que arranjei maneira de lhe roubar cinco contos enquanto estávamos a fazer o outro exame, ele descobriu logo a falta disso ainda estávamos lá na clínica quando me perguntou pelos cinco contos. "Eu sei lá dos cinco contos!" Não sabes? Então vou-te levar à polícia."

Entretanto já tinha comprado um carro, também. Fui falar com o meu pai para ele me emprestar para dar entrada do carro, era preciso 500 contos, o meu pai não quis, disse que não me emprestava o dinheiro. E então o meu tio emprestou-me. Nunca lhe cheguei a pagar nem um tostão, desses quinhentos contos. Ele disse-me: "Vais-me pagando, quando puderes, cinco contos, dez contos do teu ordenado, logo vês, passas letras..." Eu ganhava oitenta contos, tinha uma letra de dezassete contos e quinhentos para pagar e depois havia a outra dívida ao meu tio, que não me cobrava juros, nada disso. Dava-lhe dinheiro... Só que... o meu carro deixou de ser o meu carro quando eu saí da L. e foi o meu irmão para lá trabalhar, para a L. e ficou o meu irmão com o meu carro e o meu irmão foi pagando os encargos do carro. E eu nesse dia o meu pai queria-me levar para a polícia e eu "Não vou, não vou... Então olhe, vai à Polícia? Vai sózinho." Aquilo era na Infante Santo, estávamos na Pedro

Nunes, quase a chegar ao Rato, era perto do Casal, o meu pai parou na bicha: "Então vá sozinho." Fui comprar, dormi à noite em casa de uns amigos, cheguei a casa fiz a mochila, peguei num casaco: "Gordo, toma lá este casaco e dá-me aí dez contos." Deu-me os dez contos, peguei em mim, fui comprar um bocado de pó e fui para o Algarve. Fui para o Algarve, fui para Albufeira, arranjar trabalho. Cheguei lá, sózinho, sem conhecer ninguém, já não tinha quase dinheiro nenhum, pronto, fui gastando em muitas coisas, na viagem... Ah, entretanto ainda fui a casa da minha prima mas a minha prima pôs-me logo a andar, não te quero aqui... Ainda me emprestou mais algum dinheiro, mas muito pouco, tinha para aí cinco contos... Não tinha casa, não tinha emprego, em Albufeira para arranjar emprego tinha lá aqueles bares todos... depois era arranjar quarto. Arranjar quarto a mulher queria logo os quinze contos, que era quanto ela queria pelo quarto, a minha prima... fui ter com ela disse-lhe: "Olha, passa-se isto e isto e isto, empresta-me aí dinheiro." Ela emprestou-me dinheiro, só que depois ela disse que já não tinha o quarto... Isto ainda se passou uma ou duas noites a dormir numa pensão. Depois acabei por arranjar um outro quarto, em que já não era preciso pagar adiantado... e arranjei emprego lá num bar. Pronto e lá as coisas correram bem... mas, ainda tive problemas, porque havia lá um empregado, que não sei se era novo lá, que roubava dinheiro e o patrão pensava que era eu. Pronto, entretanto tive que vir a Lisboa à inspecção da tropa. Vim a Lisboa, comecei logo a fazer outra vez asneiras...

Q- Que idade é que tinha nessa altura?

Vinte e dois. Só fui à inspecção nessa altura por causa do adiamento por causa dos estudos. Nesse dia parti o carro todo ao meu irmão porque me deixei dormir na auto-estrada, tinha-me deitado às quatro da manhã com uma grande pedra e acordei à seis para ir para a inspecção, parti o carro todo. E depois os poucos dias que estive em Lisboa só fiz asneiras. Voltei lá para baixo para o Algarve, entretanto já tinha perdido os empregos todos que tinha lá em baixo, porque fiquei cá em Lisboa mais tempo do que podia ficar, então eles arranjam outras pessoas. Só que voltei a arranjar emprego, mas onde quer que estivesse... nunca tinha trabalhado como empregado de mesa, nunca tinha servido ninguém à mesa, nunca tinha carregado com uma bandeja, mas sempre me dei bem, nunca estive muito tempo lá no mesmo sítio... Depois quando voltei estive uns dias sem trabalhar, tinha um dinheiro a receber, arranjei emprego num outro bar, um que era dos melhores bares lá de Albufeira, tinha uma esplanada enorme, tinha de se trabalhar imenso, em que se ganhava imensas gorjetas e o que se ganhava era para nós. Tínhamos sempre cinco



contos, tudo o que pedíamos ao balcão pagávamos, depois recebíamos do cliente e ao fim do dia tínhamos que entregar os cinco contos e o que sobrava dos cinco contos era para nós. Pronto e eu sem experiência nenhuma, sem nada, havia lá dois que sacavam montes de gorjetas e eu era logo o terceiro, não sacava tanto como eles, mas... Eu conseguia sacar para aí entre três, cinco contos todos os dias, mais cinquenta contos de ordenado, mais refeição... Só que depois, entretanto encontrei lá uma gaja que tinha visto uma vez no Casal, tinha lá entrado numa picardia com ela, comecei logo a falar com ela, ela tinha pó, um amigo dela tinha pó, pronto, a partir daí comecei outra vez a entrar nos esquemas e comecei a consumir novamente, embora me fosse aguentando... ía trabalhar e ía consumir... ía trabalhar e ía consumir... e aguentava-me e continuava a ganhar. Entretanto entrou para lá para esse bar um gajo para o balcão, e eu arranjei logo maneira de ele me passar coisas sem eu lhe pagar, por fora, depois dizia que dividíamos a meias, mas o que sobejava era sempre pouco dinheiro e aí eu ficava com o dinheiro. Pronto, aí então já era sete ou oito nove contos por dia. E foi assim... Entretanto andava lá e havia dias em que me baldava e ía comprar pó, depois entretanto encontrei um gajo cá de Lisboa que conhecia e também dava no pó... Começou a haver confusões... Depois conheci outro que conhecia outros cá de Lisboa... Entretanto aparece o Raul lá em baixo, estava de férias com a namorada, eu já estava a ficar farto, já estava a ficar muito agarrado ao pó, as coisas já estavam a fugir um bocado do controle e despedi-me do bar. Eles estavam numa casa, duma amiga da namorada dele e passei lá uns dias com eles e deram-me boleia para cima.

Entretanto isso coincidiu com uma fase em que os meus pais estavam separados, o meu pai não estava em casa e estava só a minha mãe... Pronto, eu acho que passei aqui um bocado por cima disso, os meus pais separaram-se porque a minha mãe dizia que o meu pai tinha uma amante. O meu pai dizia que não, mas uma vez eu ía de carro com uns amigos e ele passou por mim e a mulher que ía lá dentro não era a minha mãe. Nunca se falou disso. Embora não tivesse gostado muito... o meu lado de machão: sempre enganei as minhas namoradas todas... E embora a minha mãe estivesse a sofrer muito com isso eu não conseguia recriminar o meu pai... só. A minha mãe tentou jogar connosco, pôr-nos contra o meu pai, para nós o pressionarmos o meu pai... Nunca fui capaz de o pressionar, não me queria meter nisso, queria por todos os meios que isso não acontecesse. E é curioso, eu agora não sei situar bem isto no tempo, quando é que foi... aquilo começou, porque a minha mãe saiu de casa, primeiro foi a minha mãe que saiu de casa e depois eu fui com a Ivone passar uns tempos... e foi numa altura em que eu também andava bem, andava

sem consumir... pois, foi nessa altura que estive sem consumir, numa Páscoa qualquer, numas férias pequenas, porque eu desde aquela cura que fiz no fim de ano até mais ou menos o princípio do Verão, embora não tivesse deixado de consumir, só consumia esporadicamente, de vez em quando, andava a tentar sair das coisas e foi nessa altura que os meus pais se desentenderam e que a minha mãe saiu de casa e ficámos nós com o meu pai. Correram bem, a nível de relacionamento com o meu pai, o meu pai tinha a vida dele e nós tínhamos a nossa vida... Entretanto nós fomos passar uns dias com o meu irmão a uma quinta duns amigos dele... fui com a Ivone, depois nós voltámos mais cedo, eu e a Ivone e o meu pai tinha ido não sei para onde... ou tinha ficado cá, não sei... pronto, mas eu vinha naquela de chegar cá e encontrar o meu pai. Qual não é o meu espanto quando chego cá e encontro a minha mãe, a minha mãe. A minha mãe tinha chegado lá a casa na nossa ausência e acho que tinha posto o meu pai a correr. O meu pai saiu de casa e então aí... com a minha mãe as coisas tornaram-se insuportáveis, a minha mãe andava muito mal, andava com calmantes, toda nervosa, a pressionar-nos imenso para nós falarmos com o meu pai e isto e aquilo e aqueloutro... e pronto e...depois impunha regras, não nos deixava fazer nada... pronto, como sempre foi o feitio dela, as coisas tinham de ser à maneira dela, porque: "Isto é assim porque eu quero! E se não estás bem vais-te embora."

Q- Você falou aí algumas vezes em a sua mãe estar de baixa. Porque é que ela estava de baixa?

Não sei, ou porque estava constipada, ou porque... não sei, ela de vez em quando tinha assim umas gripes e não ia trabalhar... Isto que se passou com o meu pai e a minha mãe foi antes de eu ter a hepatite. Quando eu voltei desses dias na quinta a minha mãe estava em casa, as coisas tornaram-se insuportáveis, comecei a consumir novamente, entretanto tive a hepatite só estava a minha mãe em casa, entretanto o meu pai começou a ir lá a casa para nos ver, para ver se estávamos todos bem, a ver se era preciso alguma coisa, se não era. E durante esse período eles voltaram a reconciliar-se, mas depois mais tarde voltaram outra vez a separar-se. Eu não me lembro muito bem como é que as coisas se passaram. Sei que quando voltei do Algarve, de ter lá estado a trabalhar como empregado de mesa, só já estava a minha mãe em casa, em que foi logo o pânico total.

O meu pai separou-se da minha mãe depois de eu ter ido para o Algarve. Foi logo o pânico total... e a minha mãe não me queria em casa. Eu mais uma vez bati um

"couro", que agora desta vez é que era, que isto e que aquilo... Andei assim uns tempos, acho que sem fazer nada... entretanto acho que o meu pai voltou outra vez para casa... pois, acho que o meu pai voltou outra vez para casa. Espere aí... eu fui preso em Maio... fui preso em Maio... eu voltei do Algarve em Julho ou Agosto ou assim, fui preso em Maio de ano a seguir, quando saí estive um mês cá fora e entretanto entrei para a Comunidade. Mas entretanto já os meus pais estavam novamente juntos. Pronto, o processo todo foi esse.

Q- Esteve quanto tempo preso?

Três meses. Quando vim do Algarve, até estar preso é que eu não sei o que é que andei a fazer, não fazia nada. Acho que não fazia nada. Sei que o meu pai antes de eu ser preso pôs-me fora de casa. Estava-me a pagar o quarto, disse para eu me fazer à vida para arranjar dinheiro, arranjar emprego, tinha-me dado um prazo para eu arranjar emprego, depois ir à minha vida. Só que quando estava quase a arranjar emprego novamente, ia para uma empresa de time-sharing, e tinha também outras propostas...

Durante esse tempo todo andei com a Sílvia, também. Quando fui para o Algarve não disse nada à Sílvia, estive lá uns tempos sem dizer nada, depois uma vez fui ter com ela porque eu sabia que ela estava no Algarve, quando voltei recomecei a andar com ela outra vez, depois as coisas nunca mais atavam nem desatavam, e ela acabou comigo. Pouco tempo depois o meu pai pôs-me fora de casa...

Q- Qual acha que é o papel da droga no meio disso? Desde os treze anos, pelo que percebi, você nunca mais deixou de se drogar...

Não sei... Acho que era uma maneira de estar na vida, talvez... Uma necessidade de afirmação no meio em que estava inserido... Sei lá... Os outros eram caretas e eu não era, aquelas pessoas com quem eu me dava não eram e eu era como elas. Não sei, acho que desde muito cedo me senti um bocado marginal, não sei porquê... desde cedo. Acho que todo este meu comportamento, todo este meu percurso acho que era uma forma de chamar a atenção, de as pessoas verem que eu estava lá. Acho que nunca me soube adaptar à vida... Eu sabia...Perante uma situação difícil eu adapto-me... sei lá... essa ida minha para o Algarve, foi assim uma coisa que eu tive de tomar uma decisão em segundos, porque não conseguia voltar para casa e chegar ao pé do meu pai depois do que lhe fiz. O que é que eu iria dizer, o que é que eu ia

fazer? Sei lá, não podia acontecer, senti que tinha passado os limites e então decidi fazer-me à vida. O que é certo é que eu cheguei lá, a uma situação totalmente nova em que nunca me tinha confrontado com ela, cheguei lá e consegui adaptar-me e consegui fazer as coisas conforme eu queria. E foi difícil... Agora o que é certo é que a droga, assim em alturas da minha vida e parece-me que não é por causa de não ter droga que eu deixo de conseguir coisas, mas também não é por causa de ter que deixo de conseguir. Às tantas deixo de conseguir porque a droga é de tal maneira... enreda-nos numa série de situações que... pronto, não é possível... às tantas uma pessoa perde cada vez mais a lucidez. Mas acho que a usava um bocado como uma muleta. Acho que nas alturas que estava sem droga sentia um vazio muito grande. Acho que... pronto... sempre senti que tinha poucas coisas para dar às pessoas... acho que tem um bocado, qualquer coisa a ver com isso.

Q- Naqueles meses em que você esteve efectivamente sem consumir, a seguir a ter alta da Comunidade Terapêutica, o que é que aconteceu? Nessa altura você tinha um projecto, parece-me.

Tinha. Só que se calhar era um projecto demasiado longo, não sei. Se calhar foi isso, não sei. Fui conseguindo as coisas por etapas, comprometi-me a fazer uma coisa, consegui, comprometi-me a fazer outra, consegui, comprometi-me a fazer outra e consegui... Depois acabou. E acabou numa altura em que o passo seguinte era um compromisso para toda a vida... Pronto, eu comecei a trabalhar com aquela pressão toda que havia na Ergológica, às tantas andava um bocado baralhado com aquilo. No entanto não deixava mínimamente de atingir os objectivos e foi sempre sem droga. Aquela pressão toda e lidar com ela... Às tantas fui de férias, a Marrocos e quando vim voltei para a Ergológica e voltar a trabalhar foi difícil. Pronto, eu desde que comecei a trabalhar, até ir de férias, com o seguimento do trabalho que eu fui fazendo ao longo desse tempo, que começou com prospecção, ainda não havia perspectivas de negócios tive de fazer muita prospecção, para arranjar negócios, para concretizá-los e às tantas já tinha muitas perspectivas e não precisava de fazer tanta prospecção e sim tentar concretizar os negócios. Depois fui de férias, cheguei ao principio das férias com os negócios quase todos concretizados ou perdidos... pronto. Quando vim de férias tinha de fazer novamente prospecção, criar novas perspectivas de negócios. No Verão, quente, pouca motivação, uma pressão enorme. Aí comecei a lidar mais com essa pressão outra vez. Comecei a sentir-me saturado, a fugir um bocado a essa pressão e a não conseguir fazer prospecção outra vez...

Entretanto surgiu a ideia de fazer uma empresa. Falei com o meu colega Zé, a ideia já vinha alinhavada há muito tempo, já tínhamos preparado o terreno com o meu tio, já lhe tinha dado o toque e consegui interessá-lo pela ideia. Então decidimos ir falar com ele e quando vimos que as coisas estavam mais ou menos alinhavadas para irmos para a frente mandámos a Ergológica à fava, porque aquilo exige-se muito ali dentro, exige-se muito! Pronto, depois entrei numa fase em que não tinha nada para fazer. Pronto, havia alturas em que tinha, andávamos a tratar de coisas, havia outras alturas em que não estava a fazer nada e pronto, foi num desses períodos em que não tinha nada para fazer que eu recaí. Pronto, não sei... Repare, eu estava na Ergológica e tinha um ordenado quer vendesse quer não vendesse. No entanto havia um objectivo que me impunham que eu tinha que cumprir, que era dois mil e quinhentos contos, que era o valor que eles achavam que um vendedor tinha de atingir para se tornar rentável à empresa, pronto podia não se atingir um mês ou outro porque havia sempre altos e baixos, mas tinha mais ou menos de se manter essa média de vendas, por mês. E claro, havia interesse em nós atingirmos porque ganhávamos mais com isso. Depois, a empresa, era a responsabilidade total. Era uma coisa minha, dependia de mim que corresse bem ou mal. Acho que não aguentei nada bem essa responsabilidade. Eu estava muito assustado e cada vez mais. É assim que eu entendo essa recaída. Voltou tudo ao mesmo rapidamente, ainda tentei manter as aparências durante uns tempos, mas depois disse "Que se lixe tudo!" e nunca mais consegui parar.

Quando fui para a tropa aí voltei novamente a parar. Só consumia quando vinha a casa aos fins de semana. Arranjei aquele emprego no bar do Monumental, aos fins de semana. Eles gostaram de mim. Quando saí da tropa propuseram-me ficar lá como gerente do bar. Mas eu entretanto já tinha tirado dinheiro da caixa, já andava completamente agarrado. Não podia mais. A minha família estava farta, a Carla também (é a namorada actual do Manuel). Fiz-lhes novamente coisas que nem gosto de pensar, não sei como é que eles me aturaram. Quando recomecei achei que podia ser só de vez em quando, que ia poder controlar, mas rapidamente, mais rapidamente ainda do que antes perdi o controle. Não queria, mas a partir de certa altura percebi que só podia voltar para a Comunidade Terapêutica. Não tinha alternativa.

